



CRIMINAL INTENTIONS

SEASON TWO EPISODE THREE

"COLD CALCULATION"

COLE MCCAIDE

Blue Bloods

INTENÇÕES CRIMINAIS

SEGUNDA TEMPORADA, EPISÓDIO TRÊS

– CÁLCULO FRIO

COLE MCCADE



AVISO DE CONTEÚDO

CONSIDERANDO QUE *INTENÇÕES CRIMINAIS* SÃO *serializadas* na forma de romances episódicos semelhantes a uma série de televisão, acho que é seguro classificar isso usando os padrões de televisão da FCC dos EUA e marcá-lo como TV-MA. As *Intenções Criminais* seguem várias investigações de homicídio e, às vezes, podem representar graficamente o ato ou resultado de uma tentativa ou assassinato bem-sucedido.

Embora seja certo que uma série de investigações de homicídios descreva homicídios reais, pode ser prudente revisar os avisos de conteúdo referentes às especificidades dos casos descritos em cada episódio.

Particularmente para a segunda temporada, você pode achar que os crimes foram cometidos de maneira mais gráfica e pavorosa do que muitos dos crimes da primeira temporada, embora em muitos casos eu possa optar por desbotar devido à natureza semelhante da violência de um único autor, e apenas mostre o resultado. Esse resultado ainda pode ser bastante gráfico; deixe isso servir como seu aviso.

Os avisos de conteúdo para a segunda temporada, episódio três, – Cálculo a frio incluem:

- Representação de uma vítima em potencial aterrorizada na frente de seus filhos menores.
- Menção à morte por ataque cardíaco, acidente de avião, guerra nuclear e acidente de carro.
- Referências a uma pessoa com possível demência.
- Descrição de vários tipos de tortura na água.
- Uso de imagens infantis de maneira a assustar.
- Menção da morte de um animal de estimação.
- Implicações de possíveis danos às crianças.
- Implicações da morte por afogamento.
- Implicações do desmembramento via ferramentas elétricas.
- Representação de sonhos representando ideias estilizadas / fantasiosas de fatores de trauma, além de recordar a sensação de uma injeção de drogas e a subsequente alta.
- Discussão sobre abstinências de dependência.

- Representação de vários corpos, masculinos e femininos, que foram dissecados e desmembrados de acordo com os padrões de matança estabelecidos nesta temporada, com uma vítima sendo uma mulher de cor mais velha.
- Representação de corpos envoltos em gelo. (Este é um medo / paranoia crônica para alguns; raro, mas se apenas uma pessoa precisar de um aviso para isso ...)
- Representação de transferência / projeção psicológica em uma psique altamente perturbadora.
- Representação de várias crianças que sofreram trauma emocional ao testemunharem assassinatos gráficos e violentos de entes queridos; isso inclui o trauma inerente à participação em um interrogatório policial.
- Representação de crianças que sofrem de desidratação, desnutrição, exposição e ferimentos leves.
- Representações de relacionamentos problemáticos, incluindo conflito de relacionamento na página, questões de confiança e retenção / mentira.
- Representação de um acidente de carro a partir do ponto de vista do motorista, com sugestões de possível intenção suicida / falta de cuidado com a segurança e a vida.
- Gráfico na página sexo penetrante cis masculino / cis masculino sem camisinha e incluindo a troca de fluidos corporais.
- Representação de um caráter aromático que reage com aversão a relacionamentos românticos (o que pode ser compreensivo para alguns, mas algumas pessoas preferem não ver outras pessoas forçadas a interagir com o conceito de amor romântico).
- Representação de um personagem autista que negocia internamente com escolhas difíceis em relação às interações sociais alísticas.
- Mencione o comportamento transmísico em relação a um personagem masculino, fazendo especificamente acusações falsas sobre o uso de testosterona.
- Um momento em que um personagem com deficiência autista parece indicar sua deficiência e diagnóstico a tornaria inadequada como parceira romântica, quando ela está realmente se referindo à sua personalidade e gostos peculiares e mercuriais.
- Representação de um personagem principal bebendo.
- Implicação de um personagem principal fumando.

- Auto dano leve (puxar o cabelo) como uma forma de punição emocional.
- Mais de um personagem transgênero referenciou ou discutiu sua terapia hormonal, incluindo a discussão de agulhas e implantes (novamente, AGULHAS MAU, SCALPELS ASSUSTADOR).
- Representação de possíveis interferências externas em um relacionamento de uma fonte externa não confiável.

Os avisos de conteúdo para o posfácio incluem:

- Discussão de hábitos tóxicos e controladores de relacionamento.
- Discussão de questões de confiança / insegurança.
- Discussão de parceiros não confiáveis.

Leia a seu critério e tome as decisões melhores para você com relação a conteúdo que pode ou não ser seguro para você.

Cuide-se, amores.

_C

NOTA DA LEITURA

O personagem Sade Marcus usa os pronomes eles / eles / seus como seus pronomes neutros quanto ao gênero para uma pessoa que gosta de gênero e dois espíritos da nação Lumbee. Eles também usam o honorífico “Mx” neutro em termos de gênero, em vez do “Sr”. “Ms”. ou “Mrs”. , como quando Seong-Jae se refere a eles como Mx. Marcus.

o: OH, COMO NUNCA SEREI

Blake Harold não quer morrer na frente de seus filhos.

De todas as maneiras pelas quais ele imaginava morrer, em um acidente de carro, em um acidente de avião, guerra nuclear, o marido de uma das mulheres com quem ele dormia em suas viagens de negócios e finalmente o caçando com uma espingarda, ele sempre pensou que seria algo mundano, algo comum, talvez até algo embaraçoso. Puxe um Elvis e faça uma parada cardíaca total no cagador deixando cair uma carga enquanto seu coração decide simplesmente desistir.

Sua mãe, abençoe sua alma geriátrica, ainda acredita que Elvis está vivo.

Mãe vive em um mundo de faz de conta, metade do tempo.

Mas nada que seja capaz de convencê-la de que isso não é real, se eles encontrarem o corpo dele.

Ele tenta gritar, mas não consegue tirar nada além do quadrado medido com precisão e cortado da fita adesiva que *aberração* coloca sobre a boca. Blake está aqui em seu maldito gramado em um *banheira*, dentro da banheira, congelando suas nozes em sua própria banheira de pés de garra arrancada do chão e arrastada pelo buraco esse maldito esquisito com uma máscara de coelho quebrada em sua parede, pó de gesso em todos os lugares e esse maldito doente saindo pelas nuvens de poeira como uma merda O pesadelo de Freddy Kreuger perseguindo a névoa, enquanto Blake gritava e dizia para seus filhos: *corre* e rezou para que sua esposa não voltasse para casa do trabalho antes que tudo isso acabasse.

Ele nunca deveria ter construído essa maldita casa.

Esta maldita *casa*.

Esta maldita casa isolada nas colinas de Oregon e tão longe da civilização que nem sequer tem um endereço adequado da cidade em Portland, por um caminho sinuoso na floresta, iluminada por locais cuidadosamente posicionados pelos quais ele se orgulhava por sua *atmosfera*, mas agora odeia quando eles apenas iluminam todo esse maldito cenário como uma espécie de pesadelo, a iluminação gritante do filme de terror

deixando tudo preto e branco, horrível e surreal e seria quase uma merda *risível* se ele não estivesse terrivelmente aterrorizado.

E nem um único vizinho perto o suficiente para ouvir seus gritos abafados ou os gritos horrorizados de seus filhos, tudo porque ele tinha que ter a sua *privacidade* e pensou que tinha maldito *feito isso*.

Sim.

Tornou muito difícil conseguir ajuda quando algum idiota retorcido invadiu sua casa, o perseguiu com uma porra *de máquina de gelo elétrica* vibrando em sua mão, rindo e gritando e chamando-o pelo nome.

Essa foi a pior parte.

Aquele que estava por trás daqueles grandes olhos de desenho animado

...

Eles sabiam o nome dele.

E o chamara em uma canção cantante enquanto ele corria pela sala, derrubando os móveis em seu rastro, gritando para seus filhos correrem, *corre* saia da casa e *corre*.

Blaaake, o homem da máscara de coelho havia chamado, pulando alegremente, praticamente pulando sobre a estante de livros, sofás e cadeiras jogadas em seu caminho. *Eu te disse que não tinha acabado. Eu te disse que você perdeu a conta. Eu disse a você. Eu disse a você. Eu disse a você. Você.*

Eu não sei do que você está falando. Blake gritou. *Eu não conheço você. Eu não contei nada!*

Mas você feeetz!

Blake olhou para trás, então.

E esse tinha sido seu erro.

Aquele pesadelo zumbindo, alto e estridente, tinha ficado cada vez mais alto e mais alto. *Mais alto*, horrível e se aproximando, e ele olhou para trás para ver o quão perto estava aquela aberração, o quão perto Blake estava de ter sua garganta aberta em uma explosão de vermelho quando a lâmina vibrante estalou sua jugular como uma fruta madura demais.

Ele bateu na mesa de café.

O pé esmagou através do vidro, lanças esfaqueando sua perna e cortando-o todo para *Porra*, e ele estava sangrando bem, sangrando por mil cortes minúsculos enquanto descia *Difícil* e aterrisou em golpes brilhantes de dor de rubi, cacos de vidro nos braços, esfaqueando nas costas, *Porra* ele pensou que apenas perfurou um rim, *sabia* ele acabou de bater a cabeça contra a armação de metal e deus *Droga* se ele não estava na lista, respirando com dificuldade, olhando através dos olhos enevoados e lutando para não gritar com a pura agonia ardente de uma dúzia de feridas abertas e jorrando.

Tão dormente. Essa foi a pior parte; era como se as linhas de combustível de seus membros tivessem sido cortadas e elas de alguma forma doessem como se estivessem foddidamente estúpidas ao mesmo tempo, o pior dos dois mundos e nenhum dos melhores.

E eles não se mexiam quando ele tentava se levantar.

Correr

Ele não conseguia nem mexer um braço para cima, quando a criatura do pesadelo se inclinou sobre ele, orelhas de coelho de borracha caindo, bigodes de arame se contorcendo, olhos frios e brilhantes o observando através da malha sobre as órbitas oculares enquanto o coelho inclinava a cabeça devagar, tão lento.

– *Obrigado* você, Blake, disse o coelho, com uma espécie de alegria excitada e sem fôlego. Muito obrigado. Você fez isso muito mais fácil para mim. *Agora*.

O coelho levantou a cabeça e sua voz estridente ecoou pela sala, em direção à porta da frente aberta onde os filhos de Blake haviam desaparecido apenas um minuto antes. *Por favor* Deus, que eles estejam seguros ...

– Olly-olly-todos-livres, o coelho cantou, rangendo para cima e para baixo com um estranho suspiro ofegante. – Se você não quer que nada aconteça com o papai querido ... saia, docinhos. Saia e brinque de rosado comigo.

Blake tentou balançar a cabeça, tentou gritar, tentou exigir *não*, mas as palavras simplesmente não saíam. Tudo estava ficando nublado e escuro, mas ele sabia muito bem as formas daqueles pezinhos que vinham arrastando-se, arrastando-se, os gemidos de seu bebê mais novo, Brendt, os sons suaves de Tasia, sua filha mais velha, sua filha mais velha que era uma boa irmã mais velha e ele sabia, ele apenas *sabia*, ela estava indo para protegê-los onde ele não podia, porque ela era uma boa garota e sua boa garota era inteligente e atenciosa e, portanto, tão boa para sua irmã e irmão.

Não meus filhos, ele tentou dizer. *Não são meus filhos. Não se preocupe comigo, bebês, queridos, meus pequenos.*

Apenas corra.

Então ele se perdeu.

Ele se perdeu por um bom tempo, parecia, e ele não sabe o que aconteceu até que ele acorda engasgado, se afogando em água gelada e olhando para a lua turva através do líquido oscilante que transforma a noite céu em um mar de azul embaçado.

Ele tenta disparar, mas seu corpo não vai obedecer. Ele mal consegue mais sentir a dor de seus cortes, mal consegue sentir nada, quando a água é

congelada no ar do inverno e libera a vida de seus membros, deixando-o quebrado, quebrado, imóvel e desamparado.

Mas ele consegue colocar a cabeça acima da água.

Consegue obter a sua *face* acima da água, tenta abrir a boca para respirar ...

Apenas para o coelho aparecer, pairando sobre ele, preenchendo sua visão enquanto ele corta um pouco de fita de papel cartão e a encaixa bem na boca de Blake.

Blake desenha em suspiros desesperados por suas narinas, olhando, tremendo.

O coelho balança um dedo para ele. – Agora, agora, diz ele. Mais nenhum grito. Não queremos incomodar os pequenos.

Ele olha por cima do ombro devagar, como se estivesse compartilhando um segredo, depois de volta para Blake tão devagar.

O olhar de Blake passa por ele.

Para onde seus filhos, suas filhas e seu filho estão descalços no concreto do caminho, encolhidos contra o carro, tremendo nas roupas de dormir e agarrados um ao outro enquanto soluçam.

Apenas a visão deles dá a Blake força, força suficiente para se debater, fazendo a água espirrar; força suficiente para lutar, sacudir a cabeça, olhando ao redor para perceber:

Ele está no gramado.

Fora em seu gramado, em sua própria merda de *banheira*, e há um maldito buraco de marreta desmoronado na parede de sua casa de um ponto e dois milhões de dólares exatamente onde costumava estar a parede do banheiro, o azulejo dentro rachado em lajes azuis pálidas e pó branco.

E ele foi marcado.

Onde ele não é cortado, ele estava *marcado*, por todo o corpo, linhas desenhadas sobre ele como se ele fosse fazer uma cirurgia plástica, escrita nele no Magic Marker.

Não...

Não.

Eles não se parecem com linhas cirúrgicas.

Não é verdade.

Eles parecem...

Ele engole em seco. Ele já viu esse tipo de coisa antes, considerando sua linha de trabalho.

Parece que ele foi diagramado para dividi-lo nas partes mais suculentas.

Divida-o em seções, embalando-o para venda.
Como um animal esperando pelo matadouro.
Linhas para mostrar ao açougueiro onde *cortar*.
Aqui, porquinho, porquinho.

Sua força o deixa no momento em que a realização afunda, e ele cai contra o lado congelante da banheira, respirando tão rápido que ele está quase desmaiando. Ele ... ele é ... *porra* quanto sangue ele perdeu? Ele pode ver um dos cortes no braço flácido e sem resposta, profundo o suficiente para poder ver ossos. Osso brilhante de marfim amarelo, carne branca-rosada, a camada gordurosa sob a pele, esse pesadelo diagrama anatômico que ... que não está sangrando, a carne pálida e vazia.

Quase como se ele não tivesse mais sangue nele.
Ou a água congelou no lugar.
Ou talvez essa merda doentia tenha drenado isso dele.
Aquele *zumbido* vem de novo.

Aquele zumbido horrível, mil abelhas de pesadelo, o brilho de prata, aquele barbeador elétrico de gelo subindo novamente na mão do coelho, a cabeça da máscara inclinando-se para ele quase de maneira fofa, e Blake poderia ter *rido* se ele não quisesse soluçar.

Essa merda deve ter uma bateria infernal, para continuar sendo tão forte.

– Blake, o coelho diz suavemente, quase com ternura, enquanto se inclina sobre Blake. – Eu vou pedir para você fazer algo por mim.

Foda-se Blake fala contra a fita, mas não consegue sair mais do que um gemido baixo. Seu coração tenta bater mais rápido, bater mais forte, bater com um terror terrível e cintilante, tão prateado, frio e brilhante como a ponta daquela faca de barbear trêmula. Mas na verdade não há sangue suficiente para bater, para fazer mais do que apenas uma espécie de arrepio superficial no peito, tremulando tão fracamente quanto o peixinho dourado de Tasia quando ele caiu de barriga na semana passada na tigela e depois ... morreu. .

É assim que ele se sente agora.
Como aquele peixinho dourado.

Suspenso e moribundo, impotente para fazer qualquer coisa, exceto torcer os dedos como barbatanas impotentes e sem vida enquanto a água o carrega.

Mas o coelho parece tomar isso como consentimento, porque soltou uma risadinha. – Eu quero que você conte para mim, diz ele. Conte de um a treze. Foi isso que você estragou, não é? Um a treze. Não é nem um *grande* número, Blake ... e você entendeu tudo errado.

É quando Blake entende.

Ele conhece esse filho da puta.

Ele sabe quem está por trás dessa porra de máscara.

Ele não consegue se lembrar de um nome. Ele não consegue se lembrar de nada além de ombros caídos, e uma expressão de cão de guarda que sempre parecia irritá-lo. *Muito* mesmo quando esse filho da puta estranho sorriu. E ele sempre esteve *sorridente*, sempre como algum tipo de palhaço, como a merda do escritório do Wal-Mart, e assim como os cumprimentos do Wal-Mart que você apenas tentou passar por ele sem ser sugado.

Ele não via esse bastardo há anos.

Nem sabia o que aconteceu com ele, apenas um dia Blake entrou no trabalho e ele não estava mais lá, e nem valia a pena prestar atenção, porque ele tinha sido como ... tipo ...

Como porra de papel de parede.

Você notou quando o escritório arrancou o papel de parede, mas contanto que não deixasse nada feio para trás, você simplesmente não se importava muito se ele se fora.

Que porra ele *quer*?

O que diabos Blake fez para ganhar isso?

Nada, a lógica racional tenta dizer a ele. *Nada*, porque ninguém merece isso, ninguém, isso é ... é isso que acontece quando alguém ... quando alguém ...

Mas o Coelho ainda está falando, inclinando-se, aquela lâmina vibratória chegando tão perto, tão *perto*, deitado no ar sobre a bochecha de Blake e de repente ele pode *sentir*, tudo bem, sinta sua pele tremendo e formigando, sinta suas bolas se arrastando de terror gelado enquanto a porra da máscara de pesadelo de carnaval chega perto dele e de um de seus filhos, ele não sabe dizer o que, soltou um pavor, grito estridente.

– Você vai *contar* para mim, Blake? O coelho assobia. – Você vai acertar?

De olhos arregalados, Blake lança o olhar para a esquerda, direita.

Mas não há salvação, porra.

Seus vizinhos estão a quilômetros de distância, a estrada estreita em espiral ao redor da montanha vazia a essa hora da noite.

Apenas ele e seus filhos.

Encenado no gramado da frente como se aqueles pontos de corrida fossem luzes de teatro.

Seu coração dá uma sacudida triste e pesada, uma tentativa desesperada de continuar batendo, e ele tenta levantar os braços, tenta alcançar o pescoço desse filho da puta, mas eles estão com chumbo, cordas cortadas, balançando frouxamente na água.

Ele não sabe o que fazer.

E ele não pode contar nada com essa fita na boca, e ele tenta falar, tenta fazer um último pedido desesperado.

O coelho ri, então agarra o canto da fita com os dedos enluvados, arrancando-o com força o suficiente para deixar os lábios de Blake ardendo. Bem, Blake? *Comece a contar.*

Blake respira mais algumas respirações, puxando mais oxigênio, arrastando uma voz rouca. N–não Porra, sua garganta está entrando em colapso, seu peito está pesado, dói tanto *muito de*. – Não ... na frente dos meus filhos. Não ... não faça isso comigo na frente dos meus filhos. Não os faça assistir.

Imóvel, o coelho considera, cantarolando baixinho, algo que soa como *anel ao redor do rosado*

Então ele encolhe os ombros, se esforçando e se virando para olhar por cima do ombro novamente, o sorriso suave em sua voz como o sol morno filtrado pela urina obsoleta.

– Você ouviu seu pai, querida, ele diz. – Desvie o olhar, queridos filhos; desviar o olhar. Seu pai não quer que você *veja*. Cubra seus ouvidos. Não veja o mal, não ouça o mal.

Então ele volta ... e oh, além daquela máscara, além daquela malha, que *sorrir* está lá, tudo bem, medonho e refletindo como todo terror que Blake já conheceu naqueles olhos semicampeados.

– Porque o mal está prestes a ser feito, ele sussurra, apertando os dedos ameaçadoramente contra o barbeador enquanto ele se inclina, se inclina sobre o rosto de lua branca de uma máscara que preenche a visão de Blake. – Agora ... *Contagem.*

Blake não consegue desviar o olhar da lâmina vibratória. Não consegue tirar os olhos dele, como se fosse a personificação viva do medo que rasteja dentro dele e o transforma terrivelmente de dentro para fora.

Mas enquanto esse caralho doente deixar seus filhos sozinhos, ele fará o que lhe for pedido.

E, com a boca tremendo, ele encontra forças para assentir, respirar fundo para alimentar sua voz novamente.

– Um, ele sussurra. — Um. 2.

Não há *três*.

Quando três se torna um grito, a lâmina quente e derretida brilha para tirar seu primeiro pedaço de carne deliciosa.

A última coisa que ele vê é vermelho, enlameando a água em um tom rosado.

Ah, ele pensa vagamente, enquanto os soluços de seus filhos desaparecem cada vez mais na escuridão onde ele não pode alcançar.

Há tanto ... muito vermelho.

Bem, então ele supõe.

Talvez...

Ele ainda tem um pouco de sangue, afinal.

1: ESTAMOS BEM

Seong-Jae não podia lembrar da última vez que ele realmente dormiu.

Não.

Não estava bloqueado.

A última vez que ele realmente dormiu foi na última noite antes de seu telefone lhe convocar, atraindo-o para o escritório da capitã Anjolie Zarate e Salazar.

Na teia do assassino da proporção áurea.

E de volta à órbita de Aanga Joshi, para melhor ou para pior.

Todas as noites desde então pareciam uma espiral constante em torno da borda de um poço terrível.

Fique acordado e deixe que seus pensamentos o consumam, o peso deles o inclinando cada vez mais perto desse limite, a sensação de vertigem rolando por ele sem parar, tremendo e aterrorizado por uma escuridão caindo para sempre sem fim.

Ou dormir ...

... e mergulhe, sem ter ideia de quanto tempo ele iria cair para baixo e para baixo e *baixo* até que ele colidiu com o negro que estava se afogando, sem esperança de libertação, até que seu corpo o sacudiu o suficiente para libertá-lo.

Como naquela noite, puxando-o de um sonho sem forma que não passava da sensação de metal frio deslizando nas veias de seu cotovelo interno, a sensação de gelo quente em seus membros, e a sensação era tão sedutora, tão flutuante e doce etéreo, que poderia até não ter sido um pesadelo.

Se não fosse por aquela voz em seu ouvido, sussurrando suave e sedosa, estimulante, *lá ... você não se sente melhor?*

Você não se sente melhor, minha libélula?

Aquele nome.

Libélula.

Jamjali.

Ele acordou com aquelas sílabas suaves sufocando-o como um laço, seu corpo inteiro acordou com uma camada de suor terrível, cada um de seus

músculos tão tensos que ele *doeu* com isso, doendo, seus dedos apertados em garras, suas respirações entrando em calças rasas tão rápidas que quase ultrapassaram seu coração correndo, caindo e mergulhando.

Sombras ...

Cama estranha.

Horizonte da cidade através das janelas do chão ao teto, a noite ainda profunda o suficiente para ver um vislumbre das estrelas passando pela neblina pesada de fumaça e poluição luminosa.

Los Angeles.

O Hotel

E Malcolm na cama ao lado dele, respirando aquele estrondo baixo e profundo que não era um ronco; mais o som de um animal selvagem em hibernação, meio resmungando consigo mesmo em um rosnado ininteligível.

Seong-Jae virou a cabeça em direção a Malcolm, levando-o, *aterramento* ele mesmo em Malcolm. O velho lobo estirou-se de bruços, um braço segurando um travesseiro praticamente no estrangulamento, o outro envolto no peito de Seong-Jae, seu rosto completamente escondido sob a extensão desarrumada de seus cabelos cinza-metalizados e tocados em prata. Aquele braço, esculpido, pesado e bronzeado, marcado por cicatrizes e sua tatuagem da unidade do Exército dos EUA, arrepiado de cabelos escuros ao longo do antebraço ...

Segurou Seong-Jae no chão.

Isso o lembrou de qual era sua realidade, seu presente, seguro, quente e protegido.

Tão diferente do toque de dedos pálidos, pele macia, lábios rosados, olhos verdes e azuis de um gato persa rindo sem uma única palavra.

Eu não quero mais pensar em você.

Então, por que você não deixa meus sonhos?

– Pare de me encarar, Malcolm murmurou no travesseiro, e Seong-Jae não pôde evitar uma risada rouca e cansada, assustando-o rapidamente.

– Isso é *minha* linha.

– Porque geralmente sou eu quem está olhando para você.

Bocejando, Malcolm se acordou com a força de um leão preguiçoso, seu corpo densamente puxado e fluindo em ondas lânguidas de músculo quando ele rolou para o lado, o braço apertando contra Seong-Jae, persuadindo-o a se aproximar. Afastando os cabelos do rosto com um golpe pesado da outra mão, Malcolm apoiou a bochecha nas juntas, olhos azuis ardósia escurecidos pelo sono observando Seong-Jae na escuridão, exigente e suave e curioso.

– Pesadelos de novo? Malcolm perguntou, colocando uma mão quente e áspera na cintura de Seong-Jae.

— Sim. Seong-Jae forçou seu corpo a relaxar o suficiente para se mover, suas articulações de madeira e rígidas e frustrantemente sem resposta. Mas ele conseguiu se virar de lado, encarando Malcolm e descansando a bochecha manchada de suor na frieza da fronha. – Sinto muito por ter acordado você de novo.

- Tá tudo bem. Estou acostumado com isso.

Seong-Jae torceu o nariz. – Isso não me faz sentir melhor.

- Ei, é uma ligação ou ...

Não.

Malcolm soltou uma risada sonolenta, com os olhos vincados e inclinando-se, esfregando a barba áspera e os lábios quentes na bochecha de Seong-Jae. – Prefiro estar acordado para lhe fazer companhia do que adormecido e alheio.

– Você está se oferecendo para ser minha distração? Perguntou Seong-Jae.

– Eu sou muito bom em distrair. Malcolm soltou um pequeno rosnado no fundo da garganta, um sorriso arrogante cruzando os lábios. – E você sabe, estamos um pouco cansados à noite ...

— Tsk! É difícil ficar de bom humor depois de doze horas examinando os dados acumulados até meus olhos se cruzarem, e ainda não ter um fim construtivo, disse Seong-Jae secamente ... mas ele não pôde deixar de sorrir.

Porque Malcolm estava certo.

Ele era muito bom em ser uma distração.

E era muito difícil para Seong-Jae se lembrar de lembranças lamentáveis quando ele pensava em como isso fazia seu coração inchar e doer com um calor calmo, constante e interminável toda vez que Malcolm era tão ... tão ...

Uma merda insuportável no *mínimo*.

Ele se levantou o suficiente para olhar além do ombro de Malcolm para o relógio na mesa de cabeceira, depois se jogou contra os lençóis, arqueando uma sobrancelha.

– Você está tentando me seduzir às quatro da manhã? Ele perguntou.

– Pode ser a única chance que eu tenho. Malcolm bufou, mas seus olhos suavizaram, seu polegar traçando carícias lentas e rítmicas ao longo do mergulho na cintura de Seong-Jae. – Honestamente, parece que nunca mais temos tempo para nós mesmos. Estamos no escritório ... ou tão cansados, enojados e desanimados, voltamos para casa e desmaiamos.

Seong-Jae fez uma careta. – Não chame assim.

— O quê?

- Para casa. Colocou a mão no peito de Malcolm, enfiando os dedos nas cerdas rijas dos pelos do peito. – Este não é o lar. O lar é em Baltimore.

— ... sim. Desculpe. Já faz mais de uma semana, eu meio que me acostumei. Demitido. As sobrancelhas de Malcolm se uniram. – Nós não estamos chegando a lugar nenhum, Seong-Jae. Quanto tempo Joshi vai nos manter em espera, olhando para as telas dos computadores?

- Até que outro corpo apareça, respondeu Seong-Jae. – Não acho que ele pretenda se concentrar em mais nada até que este caso termine, ou seja obrigado a admitir a derrota.

- Tem que dar muito a esse bastardo, disse Malcolm secamente. – Ele é teimoso como o inferno.

- Você diz que isso é uma coisa boa.

- Pode ser, desde que ele não seja um bulldog sobre *tudo*.

Seong-Jae olhou para Malcolm, mas Malcolm apenas sorriu aquele sorriso suave que dizia que ele queria dizer exatamente o que Seong-Jae pensava que estava pensando.

- Você, ele disse categoricamente, – está *com ciúmes*.

Isso evocou uma risada curta e rosnada, e a mão de Malcolm se aperta possessivamente contra sua cintura. – O ciúme é um pouco forte. Cuidadoso, porém ... sim. Sim, sou cauteloso. Não posso evitar. Ele olha para você como um falcão atrás de um rato.

Ele estreitou os olhos. – Eu não sou um *rato*.

- Não, você não é! A voz de Malcolm suavizou, rouca. – Seus dentes são um pouco afiados demais para isso.

- *Não*. Seong-Jae rosnou e pressionou a mão sobre a boca de Malcolm.

- Você não tenta flertar comigo depois de me chamar de rato, e ser uma piada sobre o meu ex-namorado.

- Não?

A voz de Malcolm estava abafada contra a palma de Seong-Jae, mas depois de um momento ele virou a cabeça, aconchegando a mão, antes de traçar a ponta da língua ao longo do dedo indicador de Seong-Jae ... e deslizar a ponta do dedo na boca de Malcolm.

Um calor escorregadio se fechou sobre a pele de Seong-Jae, a aspereza da língua de Malcolm provocando com um movimento sugestivo contra a ponta, sua boca tão *quente*, seu puxão suave e puxado tão perfeitamente rítmico que Seong-Jae não pôde deixar de senti-lo por todo o corpo, pulsando

nas coxas e chegando mais fundo em uma pulsação carente e dura que começou na boca do estômago e afundou até o fim para baixo em seu pênis.

Porra.

Malcolm, certamente, sabia como ser uma distração.

E a mente de Seong-Jae não estava em seus sonhos, em seu passado, em nenhum de seus ex-namorados enquanto Malcolm enfiava o dedo em sua boca, mordiscando suavemente ao longo de seu comprimento, aqueles intensos olhos azuis ardósia olhando-o com intenção ardente a cada longo e persistente golpe de língua, cada carícia que roubava os fôlegos que Seong-Jae tentava inalar e os deixava presos em sua própria língua, incapazes de se mover.

Até Malcolm recuar devagar, deixando o dedo ir com um último beijo até a ponta e um sorriso lento e preguiçoso que fez seus olhos brilharem com pura maldade.

– Estou autorizado a flertar com você agora? Ele brincou baixinho, e Seong-Jae fez uma careta.

– Idiota, ele murmurou.

Antes de dobrar os dedos contra a nuca de Malcolm e puxá-lo para um beijo.

Malcolm o encontrou no meio do caminho, colidindo com ele, bocas se encontrando em uma guerra momentânea de imprensa e escorregando, escorregando e mordendo antes de encontrarem aquele ângulo perfeito, a menor inclinação da cabeça de Seong-Jae que os trancava em um selo aquecido de umidade e fogo e línguas emaranhadas que acariciavam e mergulhavam em sugestões, trocadas entre suas bocas até que Seong-Jae tinha gosto de Malcolm e Malcolm tinha gosto de Seong-Jae e ainda mais ...

Eles tinham gosto de cada um, *um do outro*.

Como o que eles fizeram um com o outro, quando se reuniram assim.

Os lençóis estavam apenas no caminho, quando Seong-Jae se aproximou de seu velho lobo, e ele os empurrou, empurrou-os para baixo, para poder deslizar seu corpo contra o de Malcolm sem nada o impedir, aquela pele áspera como uma carícia tocando-o da cabeça aos pés e provocando-o à sensibilidade.

Ele amava o que Malcolm sentia; o peso dele, a gravidade dele, a maneira como ele irradiava calor que assava sua pele para aquecer até as partes mais frias do coração sombrio de Seong-Jae. E sua respiração ficou presa, enquanto Malcolm beliscava e brincava com a boca, afirmando aquele pequeno toque de domínio que dizia a Seong-Jae exatamente em que humor

Malcolm estava, lhe dizia a qualquer momento que Seong-Jae estaria de costas com aquele corpo pesado preso embaixo e separando as coxas.

Sim, porra, sim, ele precisava disso agora, precisava desistir do controle e deixar Malcolm assumi-lo completamente até que ele não estivesse mais tão envolvido dentro de si mesmo, expulso de sua mente, de seus pensamentos e de suas memórias até que houvesse apenas carne e necessidade e *amor*. Especialmente quando a mão de Malcolm deslizou ao longo da linha do seu corpo, arrastando arrepios ásperos de sensação em seu rastro, as pontas dos dedos deslizando ao longo de sua cintura, estômago, peito, subindo até a garganta ...

... e circundando.

Polegar contra seu pulso, dedos contra seu pescoço, pressão que ele *ansiava*, todo o seu corpo empurrando com um *quente* estremecer de profundo prazer, sacudindo e antecipação, seu intestino apertando mais ou menos como um punho violento. Ele não conseguia respirar, e não queria respirar, apoiando-se nele, implorando por aquela pressão, aquele toque de controle, aquele desamparo que vinha com aquele aperto contra sua traqueia, sons famintos engatando no fundo de sua garganta enquanto os dedos de Malcolm fechado ainda mais.

Então parou.

Relaxado.

E caiu, deslizando por cima do ombro de Seong-Jae para descansar contra suas costas.

O beijo de Malcolm se suavizou, suavizou, golpes mais profundos e lentos, quase apologético, o roçar dos lábios um suspiro arrependido, e Seong-Jae diminuiu a velocidade, tentando se recompor. Ele sentiu como se tivesse sido pego alto apenas para ser jogado abruptamente ... mas ele entendeu.

Não era a primeira vez, desde aquela noite da semana passada, que Malcolm começara a *fazer* alguma coisa, possivelmente machucar Seong-Jae da maneira que Seong-Jae implorava ... depois hesitar, parar, recuar.

E beijou Seong-Jae como se Malcolm tivesse falhado com ele, de alguma forma.

Apenas para tocá-lo com tanta delicadeza, Seong-Jae sentiu como se ele fosse frágil, tão facilmente quebrável.

E talvez ele estivesse ...

Mas ele não achava que iria quebrar nas mãos de Malcolm.

Embora ele também não quisesse empurrar Malcolm, e quando o beijo de Malcolm ficou tão triste, Seong-Jae se inclinou para ele, colocando a palma da mão na bochecha de Malcolm e acariciando o polegar contra a linha áspera

e áspera da barba, provando-o suavemente, provocando seus lábios para acariciar os espaços íntimos de sua boca.

Se ele faltasse palavras, como sempre faltasse palavras ...

... ele poderia pelo menos mostrar a Malcolm, à sua maneira, que estava tudo bem.

Que Seong-Jae o queria exatamente como ele era, e não havia mais nada necessário.

Esse experimento único pode ser exatamente isso.

Um experimento, e nada mais, esquecido e deixado no passado.

Malcolm soltou um estrondo baixo nos lábios de Seong-Jae, seus olhos se abriram quando suas bocas se abriram, a esquerda de Malcolm ficou vermelha e brilhando de uma maneira que Seong-Jae sempre achou muito, muito atraente.

E quando os olhos azuis ardendo passaram pelo rosto de Seong-Jae, Seong-Jae percebeu ...

Malcolm estava *incerto* de si mesmo.

Questionando a si mesmo, mesmo agora.

Seong-Jae exalou suavemente, inclinando-se para ele, apoiando a sobrancelha na de Malcolm. – ... omr-an ... você não precisa fazer nada que não queira.

Malcolm sorriu levemente, enrolando a mão no pulso de Seong-Jae e virando a cabeça para beijar a palma da mão. – Eu fiz algo para fazer você pensar que não quero beijar você?

Droga.

Não desvie por orgulho, seu velho lobo teimoso.

– Não foi isso que eu quis dizer, disse Seong-Jae. - E você sabe disso. Você ...

Ele desligou quando seu telefone vibrou na mesa de cabeceira.

O zumbido mais irritante do zangão que ele conseguiu encontrar, atribuído ao tom de texto de Aanga.

E meio segundo depois, Malcolm seguiu, um estridente irritante e agudo, com um jingle dolorosamente alegre.

Quase como um, eles gemeram, caindo um contra o outro com tanta força que suas sobrancelhas bateram juntas, e Seong-Jae estremeceu com a batida do impacto.

– Como isso continua acontecendo mesmo *aqui*? Ele rosnou.

– Perigo do trabalho. Malcolm soltou uma risada cansada e sem fôlego.

– Porra, eles deveriam ter colocado um risco em nossos contratos por isso.

– Eu não acho que o FBI estaria aberto a negociar uma cláusula de intimidade, mas eu posso estar disposto a trazê-la quando estivermos em casa com o BPD novamente.

– Eu pagaria para ver o olhar no rosto de Anjulie, se você tentar.

Suspirando, Seong-Jae soltou Malcolm, rolando de costas e estendendo o braço sobre os olhos, observando por baixo do antebraço Malcolm se levantar e ficar em pé, polegares circulando para ajustar a cintura da calça do pijama e soltá-los. Seu pênis claramente duro, delineado contra o algodão fino. Seong-Jae permaneceu na linha dos quadris de Malcolm, o poder sensual em cada movimento que fazia Malcolm parecer pedra, dada a vida.

Eles realmente não haviam feito amor desde aquela noite?

Não, uma vez. Uma vez, cansado, quieto e desesperado, apenas um momento de prazer para distrair-se da dor e do horror inerentes a cada dia; o desgosto e a desesperança desanimada enquanto outro e outro dia se passavam sem uma única pista sobre o homem que, sozinho, remodelara suas vidas com sua mente atroz e violenta.

Seong-Jae se lembrava de como eles haviam se agarrado um ao outro, como se fossem as únicas coisas que se mantinham à tona em um mar negro agitado.

Como o modo como Malcolm surgiu nele trouxe lágrimas aos olhos de Seong-Jae, não de dor, mas pura emoção oprimida, algo construindo entre eles que não tinha palavras.

No entanto, eles quase pareciam outras pessoas naquela noite.

Estranhos no escuro. Sombras...

Banido pela luz do dia e esquecido.

Malcolm andou a passos largos para o armário, abrindo-o em uma série de ternos que ele guardara, ainda em suas sacolas para lavagem a seco, antes de olhar para Seong-Jae. – Você quer tomar banho primeiro? Se vamos chegar a tempo, você sabe que não pode confiar em mim.

— Eu sei. Seong-Jae sorriu levemente, levantando o queixo em direção à porta do banheiro enquanto se sentava, pegando o telefone na mesa de cabeceira. – Você vai primeiro. Vou ver o que Aanga quer.

– O que ele sempre quer, disse Malcolm secamente. – Para tornar nossa vida um inferno.

Ponto justo, Seong-Jae pensou enquanto passava o dedo na tela do telefone e examinava ociosamente o texto. Em mais de um sentido ... mas ele pensou, quando eles tiveram uma chance ...

Ele e Malcolm precisavam conversar sobre aquela noite.

A vida sexual deles.

E todos os outros pontos de intimidade entre eles, antes que uma coisa silenciosa e silenciosa se transformasse em uma cunha que os separava.

Mas ele franziu a testa, enquanto lia o texto novamente, desta vez mais devagar, deixando as palavras processarem seu cérebro sonolento e realmente afundarem.

– ... você pode não querer tomar banho ainda, disse ele. – E você pode querer fazer as malas.

Malcolm se inclinou para fora do armário, erguendo as duas sobancelhas. – Por quê?

– Porque, disse Seong-Jae, inclinando a cabeça, apertando os olhos para o telefone. – Estamos aparentemente voando para Portland.



PORTLAND.

Malcolm mastigou isso no caminho antes do amanhecer para o escritório de campo do FBI em Los Angeles; melhor do que mastigar o fato de que, mesmo às cinco da manhã, o tráfego de Los Angeles ainda era um engarrafamento completo e absoluto *inferno* que os mantiveram quase parando por dez minutos por vez.

Ele supôs que uma viagem a Portland fosse melhor do que outro dia em uma mesa.

Ele não foi feito para trabalhar na mesa.

Se ele quisesse se aposentar do campo, ele poderia ter feito isso três malditos anos atrás.

Ele não fez o seu melhor trabalho olhando para a tela do computador, reunindo lentamente os perfis dos suspeitos restantes e sentindo que oitenta por cento desse esforço foi desperdiçado quando apenas um dos homens desaparecidos foi o assassino.

Mas não havia mais nada até que um novo corpo apareceu.

E o fato de estarem voando para algum lugar disse que provavelmente tinham uma nova cena de crime.

Ele pode odiar a monotonia do trabalho de mesa, mas...

Condenação

Outro cadáver.

Outra vítima.

Outra pessoa ou possivelmente várias pessoas se foram reduzidas a nada além de mais uma pista nessa espiral confusa de evidências.

Quando chegaram ao imponente edifício branco do campus do FBI e subiram as escadas para o andar deles, a sala de guerra já estava viva e ativa - vários analistas atrás das telas de seus computadores, com olhos sonolentos e segurando suas xícaras de café, mas tocando e assistindo os dados rolares atentamente.

Aanga Joshi, como de costume ultimamente, parecia que ele estava acordado há horas ou não tinha dormido, andando entre as mesas ocupadas com uma inquietação quase possuída, com o cabelo bem penteado perfeitamente no lugar, mas os óculos à beira de caindo. Ele tirou o paletó e o jogou sobre uma cadeira vazia, afrouxou a gravata e arregaçou as mangas.

Mas suas calças estavam, como sempre, perfeitamente vincadas com uma obsessão quase maníaca.

Quando Malcolm e Seong-Jae entraram, ele olhou para cima, os olhos escuros e angulosos brilhando, antes de gesticular bruscamente.

– Não há muito tempo para resumir, disse ele, cortando as palavras com rapidez cafeinada. – Eu já tenho seus voos reservados. Os tempos de voo estão diminuindo. Dê uma olhada. Temos uma estranha.

Ele cutucou uma das analistas de lado e roubou o mouse dela para clicar e imediatamente um dos maiores LCDs pendurados na parede oposta se acendeu.

Com uma fotografia de um gramado da frente, centrado...

...uma banheira?

– Isso, disse Seong-Jae categoricamente, – não é um corpo.

– Na verdade, Joshi respondeu, – é.

Ele clicou e outra fotografia apareceu, desta vez olhando de cima para a banheira, que estava cheia de água congelada em um bloco sólido. Lá dentro, nebulosa, passando pela superfície irregular, a imagem distorcida...

Membros

Malcolm mal conseguia identificá-los, confusos pelo gelo, mas não havia dúvida de que ele estava olhando para um corpo humano, cortado em pedaços

e suspenso em um bloco de gelo, congelado dentro de uma banheira. Eram principalmente impressões de tons de pele caucasianos e o vermelho dos tocos cortados ... mas ele conseguia distinguir as partes dos braços, a cabeça e o tronco, como um boneco Ken que havia sido separada e deixada para flutuar ali.

Na água que havia se tornado um rosa enlameado antes de congelar em um bloco lamacento, manchado com o turbilhão de sangue, mais escuro e vermelho perto das áreas do corpo que ainda deviam estar vazando quando o gelo endureceu.

Mas o que chamou sua atenção não foram as impressões sombrias de uma forma humanoide além da superfície congelada.

Era algo que tinha sido esculpido *para dentro* da superfície, arrancada como se estivesse com um picador de gelo ou um barbeador, depois pintada de vermelho, como se alguém tivesse ido atrás com a ponta do dedo ou com um pincel.

Dois números, separados por uma barra.

3/5

– Que diabos? Ele falou. - O que isso significa? Três, cinco

– Nenhuma pista maldita, Joshi disse, boca afinando sombriamente.

– Mas isso, mais o corpo desmembrado, foi o que o envio. Honestamente, pode até não ser o nosso cara. O gelo está dificultando a leitura das proporções para ver se ele se encaixa no padrão. E ninguém foi capaz de tirar cara ou coroa dos filhos.

A cabeça de Seong-Jae levantou bruscamente, seus olhos se arregalaram, enquanto o estômago de Malcolm despencou em um carço pesado.

– Seus filhos testemunharam sua morte? Seong-Jae disse, a ponta esfarrapada em sua voz refletindo a sensação esfarrapada no peito de Malcolm.

– Parece que sim, Joshi respondeu. Seus braços cruzaram o peito, e seu olhar seguiu em direção à tela, e aquela única foto condenadora. – Eles aparentemente estavam tropeçando nas colinas, nos limites de Portland, perdidos na floresta por alguns dias. A mais velha conseguiu dar seu endereço e dizer algo sobre ‘O papai morreu’ antes de desmaiar. Os policiais se aproximaram, e o que encontraram não foi bonito.

Putá merda! Isso causaria um milhão de problemas. As crianças como testemunhas em potencial, traumatizadas ... e se fosse o caso, teriam que confiar?

Malcolm já sabia que ele iria odiar isso.

E ele não pôde deixar de pensar em Theo Carmichael, forçado a encontrar o corpo desmembrado de sua mãe, forçado a conversar com Malcolm sobre tudo o que tinha visto em uma pequena esperança de pegar o homem que matou Sindy Carmichael e Duvonne.

Malcolm não conseguiu trazer a mãe daquele garoto de volta.

Mas ele poderia pelo menos tentar rastrear aquele filho da puta doente.

– Este é o segundo caso com crianças envolvidas, disse ele, esfregando o polegar contra a mandíbula na barba, deixando o leve som de arranhar os pelos da barba abafar seus pensamentos caídos e acelerados. – Acha que isso é significativo?

– Ainda não tenho certeza, disse Joshi. – Pode ser apenas a idade das vítimas. Mais provável que tenham se estabelecido, iniciaram famílias. Mas vale a pena observar.

– Três, cinco, disse Seong-Jae suavemente, balançando a cabeça. – Pode ser um marcador. Isso faz parte da sequência de Fibonacci. Zero, um, um, dois, três, cinco.

– Sim, disse Joshi. – Isso é o que me preocupa ... isso se encaixa na sequência e provavelmente é ele, mas se for, ele está fora de padrão. Ele nunca foi atingido em Portland, pelo que sabemos ... então o que diabos o levou lá?

– Esse é o nosso trabalho para descobrir, disse Malcolm. – Vamos dar uma olhada e informar novamente.

Joshi deu um sorriso fraco e cansado. – Sempre fiéis, ele disse secamente, depois se inclinou sobre uma das mesas e puxou uma pasta de arquivo azul escuro, folheando-a brevemente antes de oferecer a eles. – Ingressos, relatório preliminar da polícia. Seu voo sai em duas horas, mas você provavelmente terá que seguir o trânsito. Já liguei para o TSA para deixar você passar sem pesquisas.

– Vantagens do FBI, Malcolm murmurou, pegando a pasta e abrindo-a, escaneando algumas fotos da cena do crime e depois pausando no relatório, as cartas datilografadas. – ...uma *marreta*?

– A casa aparentemente foi fortemente vandalizada no ataque, disse Joshi, e deu de ombros. – Você obterá mais informações no terreno. Mexa-se!

– Sim, *Senhor* Malcolm disse secamente, e Seong-Jae deu uma cotovelada nele.

– Você só me chama assim, Seong-Jae sibilou pelo canto da boca quando, juntos, eles voltaram para a porta, apenas para a voz de Joshi desviar atrás deles.

– Mais do que eu precisava saber sobre sua vida sexual, disse ele suavemente.

Malcolm revirou os olhos.

Enquanto Seong-Jae jogou o dedo médio por cima do ombro.

Porém, quando Malcolm abriu a porta, um dos analistas levantou a voz bruscamente. – Temos outra bandeira aqui em Los Angeles, disse ela. – A polícia de Los Angeles recebeu a ligação de um vizinho que viu o corpo cerca de uma hora atrás, mas parece que a hora da morte foi em algum momento ontem à tarde.

Malcolm parou, a atenção ondulando através dele e olhou para trás. Ontem à tarde...? Ele sacudiu os números em sua cabeça rapidamente; Portland estava a apenas duas a três horas de avião de Los Angeles. E se essas crianças estivessem perdidas na floresta por dias ...

Então o Assassino da Proporção Áurea poderia facilmente matá-lo em Portland, depois voltar para Los Angeles para acertar outro alvo.

Ou Portland pode ser uma diversão.

Um de seus sócias, um imitador...

Ou o suspeito deliberadamente os desviando para que ele pudesse fazer seu trabalho aqui com seus olhos atentos voltados para outro lugar.

E interrompendo seu padrão, para torná-lo ainda mais difícil de rastrear.

Malcolm captou o olhar perturbado de Seong-Jae, depois olhou de volta para um Joshi tenso, quase eletrificado.

– Você precisa de nós aqui para isso? Malcolm perguntou. – Isso tem prioridade?

– Eu entendi, Joshi disse, quase estalando, mas sua atenção claramente não estava neles; ele já havia assumido a mesa do analista, percorrendo as informações na tela, antes de ficar de pé e andar de um lado para o outro da janela, puxando o telefone do bolso - depois voltando um olhar afiado para eles, os olhos estalando. – Você sentirá falta do seu voo. *Vão*.

Malcolm levantou as duas mãos. A gente vai...

Mas algo disse a Malcolm que não deveriam estar.

Não deixe pedra sobre pedra. Ele sabia disso agora.

Mas ele pensou que a história real estava aqui em Los Angeles.

E essa viagem a Portland já parecia estar levando-os pelo caminho errado.

2: *SALVE-ME DE TODOS*

Malcolm estava feliz que Seong-Jae sugeriu que fizessem as malas antes de partirem, porque mal chegaram ao aeroporto, deixando o Nissan alugado em estacionamento pago e correndo para o terminal, a tempo de serem atingidos pelo portão e admitidos no voo.

Secretamente, ele ficou surpreso por Joshi ter conseguido reunir os lugares, em vez de separá-los e alegar que não tinha escolha em comprar passagens de última hora.

Mas talvez Malcolm fosse um pouco mesquinho, onde Joshi estava preocupado.

Quando ele realmente não precisava dar mais espaço para o homem.

Ele ainda estava pensando em Joshi, quando eles se sentaram em seus lugares. Algo estava incomodando Malcolm; algo mais que o caso. A energia agitada de Joshi quase lembrava Malcolm de um drogado, no alto de algum tipo de excitação, nervoso e irritante. Endorfinas poderiam fazer o mesmo, mas...

Não.

Ele estava pensando demais e deixando sua aversão ao homem colorir suas percepções. Ele tinha que estar.

Mas quando eles se sentaram em seus assentos, Malcolm olhou para Seong-Jae. – Joshi parecia estranho para você?

Seong-Jae terminou de enfiar a mala rolante surrada no compartimento de bagagem, seu corpo comprido esticando-se em um desenho felino de músculos elegantes contra o puxão apertado de sua camiseta e calça jeans pretas, sua jaqueta de couro preta pendurada de maneira indecente sobre ele quando ele alcançou sua cabeça. Um forte aperto de tendão fez com que a tampa se fechasse, antes de, com um suspiro, Seong-Jae se sentar no banco ao lado de Malcolm, soprando seu cabelo bagunçado nos olhos.

– Estranho como? Ele perguntou, empurrando o apoio de braço entre eles sem um pedido de ajuda e pegando a pasta com as informações do estojo da mão de Malcolm. – Ele é sempre estranho.

Sim, mas... Malcolm balançou a cabeça. – Eu não sei. Provavelmente estou lendo muito sobre as coisas. Ele é sempre assim *com fio* em um caso?

– Aanga tem ... *interessantes reações* ao estresse, disse Seong-Jae, distraído, com os olhos baixos enquanto folheava o relatório do Departamento de Polícia de Portland, olhando de um lado para o outro sob o leito escuro e emplumado de seus cílios. – É como uma fonte de energia para ele, de certa forma, mas ele tende a queimar um pouco quente e rápido demais quando alimentado muita energia. Isso o faz ...

- Volátil. Malcolm fornecido.

– Um idiota, Seong-Jae terminou, tricotando sobrancelhas escuras. – Mas sim, também volátil. Ele se acalmará depois que apreendermos o suspeito.

Malcolm abriu a boca e depois fechou novamente.

No momento, ele realmente não queria levantar nenhuma pergunta sobre Joshi e qualquer outra coisa.

Como sugestões de abuso de substâncias. Álcool, ou pior.

Não quando pode ser um assunto delicado para Seong-Jae, considerando sua própria história.

Em vez disso, ele se inclinou ombro a ombro com Seong-Jae, olhando os arquivos do caso. – Então, estamos pensando que é ele?

– Se for, ele está mudando seu método de matar de novo, disse Seong-Jae, franzindo a testa, a luxuriante exuberância de sua boca vermelha e macia puxando para os cantos. – Parece que ele está se exibindo quase. Se é ele, ele não está de forma alguma preocupado com subterfúgios.

– O que implica que ele estava durante sua série de assassinatos anterior, com a maneira como ele encenou os corpos?

Seong-Jae inclinou a cabeça com um som cético. — É diferente, Suzu. Nas suas matanças anteriores, ele exibia os corpos, sim, mas era como a diferença entre uma exibição na galeria de arte e um teatro de marionetes vulgar. Isso é ... muito mais ostensivo. Ele aparentemente está bastante interessado em ser *conhecido*, desta vez, e está muito menos preocupado em se transformar em uma vida normal e em ser esquecido entre as mortes.

– Talvez ele não queira, Malcolm apontou, e os ombros de Seong-Jae se enrijeceram, sua cabeça levantando quando ele olhou para Malcolm estranhamente. – Seja esquecido, é isso.

– O que quer dizer?

– Quero dizer, disse Malcolm, – talvez ele não esteja pensando em aterrisar depois disso. Talvez ele só queira continuar matando ... até que seja pego, ou até que algo o mate.



Seong-Jae não podia parar de pensar sobre o que Malcolm havia dito no voo.

Nem mesmo depois de terem ficado quietos, inclinando-se um para o outro para procurar o breve voo da Califórnia para o Oregon, sentindo que mal haviam decolado antes de aterrissar, arrastando a bagagem da esteira e saindo pelo terminal na Portland International para pegar o carro alugado que Aanga havia reservado para eles.

Talvez ele só queira continuar matando ... até que seja pego, ou até que algo o mate.

Foi por isso que o suspeito estava escalando seu ciclo de mortes e não seguindo mais um padrão de anos entre mortes, contado pelos números da sequência de Fibonacci?

Ele estava em uma última tentativa de suicídio e levando o maior número de vítimas possível antes de encontrar seu fim?

Isso tornaria a segmentação de Sindy Carmichael ainda mais plausível, com essa linha de raciocínio.

O assassino não estava apenas amarrando pontas soltas.

Ele estava tentando terminar seu corpo de trabalho e terminá-lo rapidamente.

Traga-o ao fim, antes que ele encontre seu fim.

Encostado na janela do Honda alugado uma coisa irritantemente vermelha, ele *perdia* o Camaro de Malcolm, Seong-Jae franziu o cenho, enquanto observava ociosamente as ruas arborizadas de Portland passarem sob a luz do sol da manhã.

– Quando voltarmos, ele murmurou, – devemos revisitar as histórias suspeitas. Procure pessoas com uma história de projetos inacabados, vidas inacabadas ... coisas que foram cortadas. Carreiras, educação, relacionamentos, sonhos. Podemos encontrar um padrão lá.

Malcolm olhou para ele do banco do motorista. – Ah. No que você está pensando?

– Ainda não tenho certeza, disse Seong-Jae. – Mas o que você disse sobre não querer se misturar ... não posso esquecer. É como um músico fazendo o último grande concerto de sua carreira.

– Ele quer sair com um estrondo, disse Malcolm. – Mas por que você acha? Ele não é tão velho assim. Ele ainda tem muitos anos para esticar sua aposentadoria. Se ele fosse um pouco mais discreto, poderia se divertir por algum tempo.

– Talvez, disse Seong-Jae, mas não parecia certo. *Nada*, disse parecia certo. – Mas existe o fato de que, mesmo que ele não tenha uma idade particularmente avançada, ele ainda está envelhecendo o suficiente para ser menos capaz fisicamente de agredir suas vítimas. Você apontou isso como o motorista por trás de escalar seu ciclo.

– Um possível motorista, respondeu Malcolm. – Pode não ser o único. Ele é inteligente. Ele é inteligente o suficiente para entender matemática complexa, para descobrir como usar torque e fricção para cortar ossos em linhas limpas com ferramentas extremamente simples, para encenar cenas de crimes para que respingos de sangue imitem padrões fractais, para passar por vários estados desconhecidos. Alguém inteligente seria capaz de continuar matando bem até a velhice, alterando seus métodos para explicar a enfermidade física, em vez de apenas ... não matar de jeito nenhum.

– Matar mais esperto, não mais difícil?

– Algo assim, disse Malcolm.

– O que há de inteligente em matar um homem e depois suspender seu corpo em um bloco de gelo? Perguntou Seong-Jae. – Que ponto isso serve, além de fazer um espetáculo?

– Ele queria deixar um recado, disse Malcolm. – E ele queria ser criativo ao fazê-lo.

Com um murmúrio, Seong-Jae afundou-se no banco do passageiro. – Estou cansado de pessoas deixando mensagens de sangue em nossas cenas de crime.

A expressão de Malcolm escureceu, carrancuda. – Se essa merda loira aparecer aqui, vou precisar que você se vire e convenientemente não perceba nada do que acontecer nos próximos cinco minutos.

– Malcolm, disse Seong-Jae, atordoado. – Você parece ter a impressão de que eu não *ajudaria*.

— Engraçado? Com um sorriso fino e achatado, Malcolm olhou para ele, antes que os olhos azuis ardósias voltassem à estrada. – Você tem algum outro

ex-namorado obsessivo sobre o qual quer me contar, ou Sila e Joshi são os únicos?

– Aanga não é *obcecado* comigo, Seong-Jae bufou, e Malcolm arqueou uma sobrancelha.

– Tem certeza?

Não.

Não, Seong-Jae não era.

E assim ele apenas fechou a boca e manteve seus pensamentos para si mesmo enquanto eles passavam pelas ruas de Portland.



O GPS e o endereço no boletim de ocorrência, os atirou do lado de fora de um longo edifício coberto de arenito, com uma entrada de vidro e janelas decorativas em forma de arco segmentado. O nome que eles haviam dado para um contato era detetive North, e uma rápida consulta na recepção os mandou percorrer um saguão movimentado até encontrar o andar dos homicídios.

Toda vez que eles tinham que lidar com a polícia local em algum lugar que não fosse Baltimore, Malcolm ficava com mais saudades de casa só de ver as diferenças entre a delegacia de sua casa e esse lugar estrangeiro; onde o local de homicídios no BPD era um piso aberto com mesas e quadros brancos por toda parte, eles saíram da escada para um corredor escuro, alinhado com portas afixadas nas placas de identificação.

– Acha que poderíamos ter nosso próprio escritório? Malcolm murmurou e Seong-Jae bufou.

– Se você se sentir corajoso o suficiente para perguntar a capitã se está dentro do orçamento, sem dúvida ela ficaria grata por tê-lo atrás de portas fechadas e fora de vista.

– *Ei.* Ela não me odeia tanto.

— Está certo disso?

Estou vida! Então, ela ainda tem um pouco de carinho, se não muito. Malcolm parou diante de uma porta com uma placa de bronze que dizia *Det. Tenente M. North*, olhando a gravura brilhante. – Se ele conseguir o posto, é melhor você me apoiar.

– Se ele se posicionar, disse Seong-Jae suavemente, levantando a mão para bater com as juntas dos dedos contra a porta, – provavelmente estarei do lado dele.

- Idiota.

- Tsk.

- Idiota.

- *Hmm*.

- Você me ama.

– Continue dizendo a si mesmo, respondeu Seong-Jae, antes de ficar em silêncio quando a porta se abriu.

Um homem pequeno e magro com um bigode arenoso e acinzentado se inclinou; o terno era um pouco grande demais, a gravata um pouco longa demais, mas ele era elegante e arrumado o suficiente, e os olhou de cima a baixo.

- Vocês são os federais? Você está atrasado. Sua voz era imensamente profunda, grande demais para seu corpo, vibrando como se abalasse todo o seu corpo esbelto. Ele olhou de soslaio por trás dos óculos de aro de ouro enquanto estudava Seong-Jae. – Você não parece alimentado. Ele virou aquele olhar estreito para Malcolm. – Você parece meio alimentado.

Malcolm pegou seu distintivo laminado de dentro do casaco e ofereceu-o com um sorriso pesaroso. – Porque sou apenas meio alimentado, emprestado pelo BPD. Sargento detetive Malcolm Khalaji. Ele ofereceu a mão. – Meu parceiro, detetive tenente Yoon, ex-FBI BAU, atual BPD. Você terá que perdoar se ele estiver um pouco arrumado hoje.

North lançou um olhar estranho à mão de Malcolm, antes de sacudi-la brevemente; ele tinha uma palma dura, como se sua mão fosse esculpida em madeira, ossos pressionando contra as áreas mais finas da pele. – Marvin North, disse ele, depois ofereceu a mão a Seong-Jae.

Seong-Jae não aceitou.

E North encolheu os ombros sem parecer particularmente incomodado; em vez de convidá-los para seu escritório, ele se recostou no pequeno espaço, que vislumbre dele Malcolm teve um pouco de caos de confusão organizada; pegando as chaves e a carteira em cima da mesa, North fechou a porta atrás de si.

– Vamos lá, disse ele, espremendo-se entre eles e saindo para o corredor. – Você pode seguir meu carro. Forense estão na minha bunda desde o nascer do sol. Eles querem colocar a banheira em uma unidade fria antes que o gelo derreta completamente. Hoje a temperatura está cerca de nove graus mais quente do que ontem.

– Que inoportuno, murmurou Seong-Jae, – pelo advento da primavera interferir na sua cena do crime.

North atirou em um olhar por cima do ombro dele. — ... sim. Você fala como um alimentado. Ele deu de ombros, sacudindo os dedos para eles. – Mova essas pernas longas mais rápido, pólo de feijão.

Os olhos de Seong-Jae se arregalaram e ele lançou um olhar para Malcolm que rapidamente se transformou em uma careta.

Pau de feijão? Ele murmurou e Malcolm deu de ombros.

Rola com isso, ele disse, e se deu bem com Seong-Jae, enquanto eles seguiam os passos do detetive North pelo corredor e pela garagem.

Somente quando eles estavam seguindo o velho Ford da Ford, cor de champanhe, para a estrada novamente, Seong-Jae falou mais uma vez, um bufo suave e ofendido.

– *Pau de feijão.*

– Você é alto, disse Malcolm, e mordeu o sorriso. – Os paus de feijão são altos. Quero dizer, faz sentido.

– Espero que, quando ele decida atribuir um apelido a você, ele o chame de *tijolo*.

– Melhor do que algumas das outras coisas que me chamaram, disse Malcolm. – No ensino médio, eles costumavam dizer que eu fui construído como um galpão de tijolos.

Seong-Jae torceu o nariz, desgosto cintilando em olhos negros. – Por que os idiomas ingleses são tão grosseiros?

– Porque você é um esnobe da linguística.

– Eu *não* sou. Seong-Jae se sentou profundamente no banco do passageiro, emburrado, olhando pela janela. – ... talvez um pouco.

Malcolm apenas manteve o sorriso para si mesmo.

Mas foi bom, pela primeira vez, diminuir um pouco o peso entre eles; algumas das nuvens negras que seu suspeito esquivo constantemente escondia sobre eles se afastaram para deixá-los brilhar juntos mais uma vez.

Mesmo brilhante, para eles, geralmente envolvia puxar o gato molhado do rabo do namorado até ele sibilar e encostar as orelhas.

Ainda assim, quando o carro do detetive North os levou para fora da cidade e para estradas sinuosas que levavam por encostas cobertas de

coníferas altas e verdes em meio a casas que se agarravam às encostas como pássaros estranhos, era quase fácil esquecer que eles estavam a caminho ver outro corpo; determinar se a evidência macabra que os esperava era outra mensagem do assassino ou algo deixado para trás por um assassino de um tipo diferente. O céu lá em cima estava limpo e azul, a luz do sol do final do inverno prometendo o calor do início da primavera em suas manchas douradas, caindo entre as árvores para salpicar a estrada sinuosa de luz.

Um dia, Malcolm pensou.

Um dia, quando suas vidas eram mais do que assassinatos e as mentes retorcidas dos assassinos e a constante ladainha do pesar, um dia em que eles podiam jogar fora suas capas como precursores da morte ...

Ele gostaria de dar uma volta assim, com Seong-Jae.

Não importava onde.

Malas no porta-malas, sem destino em mente.

Os dois e a estrada aberta, a consciência limpa e nada esperando por eles, a não ser a terra ondulante e o céu azul claro.

Ele olhou para Seong-Jae, a pergunta: *O que você acha de uma viagem quando chegamos em casa?* Nos lábios dele.

Mas o olhar de Seong-Jae estava desviado pela janela, aquela escuridão particular nas profundezas de seus olhos que dizia que ele estava em algum lugar distante, muito distante, aquela minúscula ruga entre as sobrancelhas, perturbada, fazendo sulcos minúsculos na cicatriz irregular e irritada cortada na diagonal. Entre os olhos dele.

Malcolm observou o modo como a luz caiu sobre ele, fazendo padrões contra a pele dourada pálida, antes de desviar o olhar e voltar para a estrada sem dizer nada.

Talvez mais para frente.

Mas ele se perguntava quando começaria sempre esperando até *mais tarde*, para perguntar a Seong-Jae sobre as coisas.

Talvez quando ele começasse a recuar, constrangido, toda vez que tentasse ...

Porra, ele costumava não ser capaz de tirar as mãos de Seong-Jae.

E agora, toda vez que tentava, ficava pensando no que Seong-Jae realmente queria, se Malcolm pudesse *fazer* isso, se ele simplesmente estragasse tudo, entendesse tudo errado e deixasse seu omr-an um insatisfeito.

Ele não podia estar pensando nisso quando eles estavam prestes a conferir uma cena de crime.

E ele tirou isso de sua mente, quando o Ford do detetive North deu uma volta quase escondida em uma estrada pavimentada menor, sem sinal de sinalização, subindo mais alto nas árvores por um caminho mais íngreme. Malcolm captou luzes piscando e dicas de branco e preto por entre as árvores, enquanto o caminho contornava em círculos, antes de saírem de árvores grossas na frente de um terreno isolado, cercado e cercado por pessoal da polícia de Portland. Carros de polícia e vans forenses alinhavam-se na estrada. Uma casa fora construída dentro de uma alcova pequena e aconchegante, uma coisa baixa de madeira escura com terraços projetada para parecer muito cara rústica, tão bem cuidada quanto o gramado.

Exceto pela banheira cercada por marcadores de provas, estacionada no meio do quintal e protegida sob uma lona montada às pressas em postes de barraca, lançando-a na sombra.

E o caminho mastigado de grama e sujeira levando de volta para casa.

O enorme buraco bateu na parede, a madeira lascada, o estuque se desfez, o azulejo quebrado.

E um enorme buraco surgiu no chão e na parede onde a banheira foi arrancada, o cano dentro ainda pulverizando água que se acumulava em um pequeno lago na fundação de concreto, cercada pela margem dos ladrilhos restantes do banheiro.

Malcolm xingou baixinho quando parou no meio-fio e matou o motor.

– Puta merda. Fale sobre ostentação.

Seong-Jae olhou, seus olhos um pouco arregalados. – Um dos nossos suspeitos fez *aquilo*?

– Você ficaria surpreso com o que uma marreta poderia fazer com impulso e alavancagem suficientes, disse Malcolm. – Essa é a questão. Você não precisa ser o Incrível Hulk para bater contra uma parede, se você sabe como acertar.

– Mas *porquê*?

– Descobrir isso é o motivo de estarmos aqui.

Seong-Jae hesitou, seus dedos se curvando lentamente até estarem apertados contra as palmas das mãos. – Eu não gosto, disse ele. – Ele está mudando suas metodologias. Como você perfila um assassino que muda seus métodos várias vezes até que finalmente perdemos sua trilha?

– Ao descobrir que um ponto em comum ele está muito concentrado em deixar ir. Malcolm puxou as chaves da ignição, bateu levemente os nós dos dedos contra a coxa de Seong-Jae e depois abriu a porta do motorista. – Vamos lá.

Eles saíram do Honda e entraram em um frio intenso de alta altitude que praticamente bateu no rosto de Malcolm e mordeu o terno, fazendo-o desejar ter trazido sua jaqueta de inverno mais grossa de lã; North já estava fora do carro, parado na beira do gramado, com as mãos nos quadris, o paletó bege de tweed empurrado para trás dos pulsos até que ele explodisse atrás dele como asas. Ele balançou os sapatos de salto alto.

– Merda estranha, disse ele. – *Esquisita* merda. E aqui é Portland, então isso diz muito.

Malcolm arqueou uma sobrancelha. – Você pega muitas pessoas matando pessoas em banheiras?

– Temos muitas pessoas fazendo o que você pode pensar, mas geralmente os assassinatos e a destruição arbitrária de propriedades com objetos contundentes acontecem separadamente. North bufou pelo bigode.

– Honestamente, se não fosse pela bandeira do FBI, eu realmente não teria pensado muito nisso.

Seong-Jae cruzou os braços sobre o peito; ele estava na beira do gramado com os dedos das botas de motociclista apenas tocando a grama, como se isso fosse uma linha sacrossanta que não deveria ser cruzada.

– Além de uma conexão em potencial ao nosso caso em andamento, ele disse, – você tem algum possível suspeito ou motivo?

– Não muito. North enfiou a mão no bolso interno do terno e pegou um pequeno bloco de notas, folheando. – A esposa tem um alibi, mas é um pouco estranho que ela não relate as crianças desaparecidas por três dias. Você vai querer falar com ela, especialmente porque as crianças estão com ela agora e são suas testemunhas.

Malcolm desviou o olhar de observar as equipes forenses pegando a grama. – Onde estava a esposa?

– Com o namorado, disse North maliciosamente. – E, aparentemente, eles têm muitos amigos que estavam com eles e podem dar conta de cada minuto.

– Trapaça ou não monogâmica? Malcolm perguntou.

– Considerando que ela não nos diria onde estava até que disséssemos que seu marido estava morto, provavelmente trapaceando. E honestamente, se ela estivesse em seu ninho de amor e confiando no marido com os filhos, provavelmente explicaria por que ela não notou a falta deles. North bateu a língua nos dentes. – Mas como o namorado é o suspeito mais provável e ele estava com ela, isso provavelmente o excluí. Talvez alguém que ele irritou no trabalho?

– Ou, disse Seong-Jae, – alguém que viu um local isolado como este como o local ideal para cometer um crime sem ser interrompido. Pelas minhas observações sobre o caminho, o vizinho mais próximo fica a pelo menos três quilômetros de distância.

– Isso também, disse North. – Mas a pergunta é se esse cara era o alvo deliberado, ou se algum idiota o seguiu até em casa e decidiu dar um pequeno golpe quando viu sua chance. Ele fez um pequeno movimento brusco com o queixo. – Vamos lá.

Eles pisaram na grama, movendo-se cuidadosamente em torno dos marcadores de evidências e de alguns pequenos lugares que haviam sido completamente isolados com fita adesiva em pequenas lanças de metal presas no gramado. North os levou até a banheira, com um leve movimento de dedos enviando as três pessoas em jaquetas forenses se espalhando. North se abaixou sob a lona, fazendo uma careta.

– Eles colocam a coisa tão baixa, ele murmurou, depois se agachou e espiou dentro da banheira. – Mas não parece estar derretendo muito ainda.

Malcolm se curvou embaixo da lona, estendendo a mão para levantá-la um pouco para dar mais espaço, então fez uma careta quando olhou mais de perto o corpo e pegou o *cheiro*.

Classificação Familiar.

Mas com uma ponta invernal nítida que tornava o cheiro de sangue velho ainda mais nauseante.

A banheira inteira estava cheia de um único bloco sólido de gelo, a superfície molhada quando começou a derreter lentamente, apesar da lona que protegia o sol, o vermelho daquele **3/5** começando a se infiltrar um pouco na superfície do gelo. Tinha sido esculpido com tanta nitidez que parecia quase profissional, limpo.

Mas não havia nada limpo sobre o que havia por baixo da superfície.

Assim, Malcolm pôde ver o que não era aparente nas fotos que capturavam e refratavam luz suficiente na superfície irregular:

O rosto do homem.

Seus olhos estavam bem abertos; sua boca também, o gelo congelou ao redor dele, mantendo sua expressão paralisada, rígida. Seus olhos eram de um tom pálido, azul ou cinza, difíceis de distinguir sob o gelo e as sombras. Malcolm estimaria sua idade entre quarenta e poucos anos, talvez um pouco mais tarde. Ele provavelmente era bonito enquanto estava vivo, mas aquele grito congelado havia trancado seu rosto em uma massa de cumes. Seus cabelos castanhos claros haviam congelado em um choque permanente ao redor do rosto, visível mesmo depois do toco do pescoço.

Outra coisa que Malcolm pôde perceber também, que não tinha sido visível nas fotos ...

Os fios.

Fino, prateado, mas *há*, amarrados dentro da carne da vítima para puxar seus segmentos juntos, para que se mantivessem em suas posições aproximadas depois que pedaços dele fossem cortados.

Ou o assassino cortou espaços para alongá-lo novamente ...

Ou os pedaços do corpo desse homem se separaram lentamente, flutuando na água e se afastando de onde haviam sido conectados no lugar enquanto ele congelava lentamente.

Ele quase odiou ter visto isso o suficiente para não ter mais gosto de ácido doente no fundo da garganta.

Mas ele ainda estava doente, como se tivesse engolido algo sujo e o deixado descansando pesado na boca do estômago.

Seong-Jae se agachou ao lado dele, olhando para o banho com os olhos inescrutáveis, a boca tensa, antes de virar a cabeça, espiando por cima do ombro. Malcolm

Ele assentiu brevemente, e Malcolm seguiu sua linha de visão até um pequeno monte de grama e terra e ...

Rosa

Carne Pele

– Suas devoluções, disse Malcolm, com a boca seca, a língua de madeira.
– Então ele ainda está seguindo o mesmo método. Encurtando em vez de alongar. Fechar lacunas é melhor do que espaço vazio.

North lançou-lhe um olhar estranho. – Do que você está falando?

– Métodos de matar, respondeu Malcolm. – Nosso assassino segue um padrão matemático ao desmembrar suas vítimas, para ajustar proporções humanas defeituosas para atender ao que ele sente ser um ideal com a proporção áurea.

– Ele remove segmentos do corpo, acrescentou Seong-Jae, – até sentir que eles são do tamanho adequado, antes de amarrar o cadáver novamente.

Malcolm olhou por cima do ombro, um hábito instintivo, mesmo sabendo que não havia ninguém lá, antes de soltar a voz e se inclinar para Seong-Jae, escolhendo palavras em seu desajeitado coreano. – *Deveríamos estar dizendo o caso na frente dele?* Ele não sabia a palavra para *liberação*, então ele mudou para o inglês e sussurrou: – Sem autorização?

Tanta coisa para tentar ser sutil.

Ele realmente precisava praticar mais.

Mas ele podia pelo menos entender o fluido coreano nativo de Seong-Jae quando ele virou a cabeça para murmurar no ouvido de Malcolm, voz profunda rouca e suave. – *Não há mais detalhes do que foi distribuído no boletim para todas as agências. Mas sim, você deve ter cuidado com a divulgação de informações classificadas para agências externas.*

– Pode deixar.

Ser do FBI, mesmo que temporariamente, era *estranho*.

– Merda estranha, repetiu North, nem parecendo notar que eles estavam conversando sobre sua cabeça. – *Esquisito.*

– Inteiramente, Seong-Jae brincou, voltando o olhar para a vítima suspensa e inclinando a cabeça. – Você tem a identidade completa da vítima?

– Blake Harold, quarenta e quatro, recitou North. – Casado, três filhos, trabalha para a ShowPlayTec.

– ShowPlayTec? Malcolm perguntou.

– Empresa local. Eles fazem diagramas anatômicos e moldes de figuras para fins industriais e educacionais. Você sabe, como as coisas da fábrica de embalagem de carne dizendo para você cortar? North cortou com as mãos como se quisesse ilustrar. – E esses laminados escolares e modelos separados, você sabe, com as seções transversais do corpo para biologia e outras coisas.

As sobrancelhas de Seong-Jae se ergueram. Malcolm fez o mesmo, e ele olhou para seu parceiro.

– Um cara que diagramas de como cortar as pessoas para ganhar a vida, Malcolm murmurou.

– Alguém com maior probabilidade de ser suspeito que como vítima, rebateu Seong-Jae. – Mas essa é uma conexão potencial. Olhos negros dispararam para o norte. – Qual foi o papel dele nessa empresa?

– Vendas, respondeu North. – Acho que ele viajou muito.

Malcolm se agachou, franzindo a testa para aquele número gravado e pintado no gelo. **3/5.**

– Então isso me faz pensar, ele murmurou, e Seong-Jae se inclinou ao lado dele.

– Perguntar o que?

– Se nosso vendedor ambulante, disse Malcolm, – já teve um motivo para acabar em Phoenix.

3: *EU DEIXEI VOCÊ ENTRAR NO MEU CÉREBRO*

Seong-Jae precisava encontrar a sequência.

Para ele, não bastava simplesmente olhar o corpo e juntar as coisas; ele precisava ver a cena inteira, andar por onde o assassino andava, *ver* em sua mente o que aconteceu em uma sequência clara de eventos e reuniu, a partir disso, exatamente o que aconteceu e como o corpo de Blake Harold acabou no gramado da frente, desmembrado e congelado dentro de sua própria banheira.

Especialmente porque não havia sangue suficiente.

Não havia sangue suficiente na banheira, a água só tinha um tom translúcido de rosa e quase nenhum outro respingo ao redor da grama que circundava a banheira, o que disse a Seong-Jae ...

Ou ele havia sido cortado em outro lugar, drenado e limpo e colocado no banho antes do congelamento.

Ou ele havia perdido muito sangue antes de ser colocado na banheira para massacrar.

Ele ficou do lado de fora do buraco aberto e irregular da parede exterior da casa, deixando-se simplesmente desfocar para observar os detalhes primeiro como um todo, antes de se concentrar um após o outro, deixando a imagem crescer em sua mente.

— O que você vê? Malcolm perguntou em seu ombro - suave, inquisitiva, uma pergunta tão familiar quando isso se tornou parte de sua rotina, de muitas maneiras; embora a empatia e a perspicácia de Malcolm muitas vezes abrissem janelas, Seong-Jae não podia entrar na vida das vítimas, foi Seong-Jae quem entrou no lugar do assassino para recriar para os dois como isso aconteceu.

– Onde isso começou?

– Ainda não tenho certeza, murmurou Seong-Jae, sacudindo o olhar para frente e para trás - a direção dos escombros espalhados. As pegadas no azulejo quebrado ... vermelho. Apenas um par. – Não, isso está incorreto. Começou aqui.

Ele se aproximou do buraco, agachando-se. Fios elétricos pendiam em emaranhados rasgados entre camadas de gesso e as bordas de vigas expostas.

– A maior parte dos escombros está espalhada para dentro, disse ele, passando os dedos pelas bordas lascadas da madeira sem tocar, perto o suficiente para que as pontas dos dedos formigassem com a proximidade de bordas afiadas. – As tábuas quebradas também seguem o padrão de ruptura de um golpe externo. Ele atacou do lado de fora. O que significa que a conclusão mais lógica é que ele começou aqui e terminou aqui também.

Malcolm se agachou ao lado dele, ombro a ombro, coxa a coxa, aquele calor aterrador que lembrou Seong-Jae que ele era *Seong-Jae* e não a mente violenta cujo caminho ele refez.

– Bem entre os pernos de sustentação de carga, disse Malcolm, gesticulando dois dedos entre as vigas de madeira parcialmente expostas em ambos os lados do buraco quebrado. – Ele escolheu este local de propósito. Studs teria sido mais difícil de romper. Ele queria usar o mínimo de força possível.

– Um teste de batida teria sido um indicador simples para dizer a ele onde acertar, disse Seong-Jae. – Bata na madeira e ouça os sons ocos. Mas, olha. Ele inclinou a cabeça para trás, olhando para o topo da abertura mais ou menos triangular e gesticulou para as pranchas de madeira horizontais quebradas forçadas para fora como se estivessem em uma explosão. – Mas isso, aquilo, e os escombros de esgoto ao redor do limiar, é onde ele voltou.

Malcolm esticou a cabeça, seguindo a linha de visão de Seong-Jae antes que sua respiração suavemente induzida indicasse o momento em que ele entendeu. – Ele aumentou a abertura, acrescentou. – Eu diria que é grande o suficiente para um homem de um metro e oitenta e cinco e um metro e meio enquanto arrasta uma banheira, não é?

– Só assim, disse Seong-Jae. – Exatamente assim. Ele pressionou as mãos contra as coxas e se preparou, levantando-se. – Venha.

Ele passou pela abertura, quase dobrando ao meio para encaixar, com cuidado para evitar tocar as bordas, os fios e colocando os pés precisamente para não deslocar um único pedaço esfarrapado de gesso, espalhar até uma lasca ou borrar até a borda de pegada escarlate seca; ele evitou a água de pulverização, as poças que ele podia rastrear por toda parte. Malcolm o seguiu com o mesmo cuidado, dobrando seu grosso corpo pelas bordas irregulares da abertura, sem prender nem um fio do paletó ou uma mecha solta do seu cabelo bagunçado e meio desarrumado.

Seong-Jae levou outro momento para simplesmente apreciar o interior. – Então, ele procurou o elemento surpresa, ele disse, entrando no banheiro

arruinado, dando uma longa olhada de um lado para o outro enquanto se movia.

Trilhas calcárias na fundação de concreto exposto mostravam onde a banheira havia sido arrastada, levando a azulejos arrojados, quebrados em estilhaços irregulares e fazendo trincheiras seguindo em direção ao buraco. Ele sentiu como se estivesse fazendo uma dança estranha através da cena do crime, delicados degraus e movimentos intrincados para não perturbar os dados forenses, mesmo enquanto seguia as linhas invisíveis que traçavam o caminho que o suspeito havia percorrido, retrocedendo seus passos. Movimentos.

Uma sinfonia inédita, guiando-o.

Notas silenciosas no sangue.

– Primeiro, ele quebrou a parede do lado de fora, ele murmurou. – Ele entrou pela abertura que fez e bateu na porta do banheiro, arrastando a marreta atrás dele. No ar, ele desenhou uma linha de trajetória seguindo as marcas visíveis em vários dos segmentos fragmentados de ladrilhos. Então ele avançou, sobre outra pilha de escombros, para o corredor onde essas marcas arranhavam os painéis de madeira do chão, formando um caminho mais claro. – No corredor, onde ele encontrou Blake Harold vindo investigar ... *aqui*.

Ele parou, olhando fixamente em uma marca de borrão no estuque branco da parede do corredor, exatamente na altura certa para a ponta de uma maçaneta de marreta suja.

E exatamente onde os trilhos no chão de madeira pararam, os arranhões arranhados terminaram.

– Ele deixou a marreta, disse ele, ciente de Malcolm em sua visão periférica, movendo-se para ficar na porta do banheiro, uma audiência intensamente atenta. A atenção de Seong-Jae, no entanto, estava na sinfonia silenciosa que se repetia em sua mente, a cadência de movimentos projetados preenchendo os espaços em branco pelo que as evidências diziam. – Mas não há sinal de luta. Ou Blake Harold escolheu a rota prudente ... ou o suspeito brandiu uma arma óbvia o suficiente para levá-lo a fugir. A vítima provavelmente pediu que seus filhos fugissem.

Seong-Jae girou nos calcanhares, evitando as marcas de arranhão no chão, percorrendo o corredor. Portas abertas, até o fim, arremessadas às pressas. Três deles. Aanga havia dito três filhos, não tinha?

Portanto, um quarto deve pertencer à vítima. E então, Seong-Jae adivinharia ... um quarto para duas crianças pequenas o suficiente para ainda dividir um quarto e outro para uma criança com idade suficiente para afirmar sua independência.

Ele andou pelo corredor, olhando para cada quarto, sim. Uma cama de solteiro, tudo amarelo, babados e bolinhas por toda parte; do outro lado do quarto, duas camas de solteiro, cada uma decorada de maneira muito diferente, uma de azul e vermelho e de elefante, a outra de mantas cor de rosa e verdes, uma miríade de brinquedos espalhados por toda parte. A outra porta aberta estava além desta, mas com as crianças aqui...

Seong-Jae voltou-se para Malcolm sem realmente vê-lo, o olhar fluindo da esquerda para a direita.

– Ele teria feito uma posição momentânea aqui, disse ele. Ele podia vê-lo preparando-se para tornar seu corpo um escudo, e por um momento, em vez do assassino, ele entrou no lugar da vítima, nos pensamentos da vítima, naquela onda de adrenalina aterrorizada e, ainda assim, com uma determinação trêmula e sensata de ficar entre suas pernas. Crianças e uma ameaça iminente. – Apenas o tempo suficiente para lhes dar tempo de correr. Mas...

Seu olhar de vaivém encontrou o que procurava, quase paralelo ao ombro, na parede à esquerda.

Uma marca de queima, cortou a parede em um ângulo de arco descendente, cortada com algo que poderia queimar e cortar o reboco para deixar uma vala irregular.

– ... o suspeito atacou. O levou de volta. Virou e fugiu.

Seong-Jae também se virou, girando rapidamente, sentindo-se atraído agora, movendo-se na velocidade de um coração acelerado pela endorfina, movendo-se no ritmo de um homem fugindo do que deve ter parecido uma morte certa. Depois daquela outra porta aberta de um quarto decorada com cores adultas mais suaves, uma cama queen-size dominando-a, as cobertas se abriam às pressas como se seu ocupante tivesse pulado da cama em choque.

Através de uma pequena anti-sala de conexão. As prateleiras caíram. Retratos de família espalhados pelo chão, o vidro nas molduras rachava como se por um salto de bota.

Nenhum sangue.

– Descalço, disse Seong-Jae, quase falando mais consigo mesmo, ou talvez com o espectro da vítima, mesmo que ele pudesse sentir Malcolm atrás dele, esse ponto de calor em sua visão periférica, esse portal de volta à realidade esperando para ancorar, ele e puxe-o para fora deste meio espaço onde sua mente flutuou entre o passado e o presente. – Ele bateu nas prateleiras, talvez as tenha jogado, mas se tivesse pisado nessas fotografias haveria sangue; ele estaria descalço, acabando de sair da cama. Tudo caiu em

seu rastro, e o suspeito passou por cima dele na pressa de pegar a vítima. Até

...

Sala de estar

Caos.

Desastre

E o primeiro derramamento de sangue vermelho.

Muito disso, ele pensou.

Todo o sangue que faltava no corpo era exibido lá fora.

Seong-Jae parou no limiar, deixando cair a mão erguida, lembrando-se finalmente de expirar enquanto observava a destruição da sala; finalmente deixando o aperto em seu peito diminuir. Ele ignorou o pessoal da polícia de Portland que se deslocava perto da porta aberta, mergulhando dentro e fora da luz do sol e, em vez disso, concentrou-se na história apresentada diante dele nos padrões de destruição; no aroma actínico de sangue seco.

– Aqui, ele disse lentamente. – Aqui é onde tudo deu errado. Aqui é onde ele perdeu a esperança.

A mesa de café era o ponto focal.

Vidro dentro de uma armação de metal.

Vidro quebrado, moldura esmagada, dobrada na forma de um corpo, e os cacos de vidro dentro e espalhados por toda parte...

Derrubado em sangue.

Suas bordas estavam vermelhas, secas agora e ainda assim um vermelho tão brilhante, como se o sangue ainda estivesse muito, muito fresco.

– Ele tropeçou, Malcolm murmurou.

– Ele tropeçou, confirmou Seong-Jae, e se moveu para ficar sobre a mesa de café em ruínas.

Exatamente onde o assassino teria ficado olhando para a vítima e observando enquanto ele lutava e se debatia apenas para se cortar ainda mais, chicoteando os membros, os dedos cobertos pelo próprio sangue e deixando os traços que até agora faziam arte tão terrível do sofá de linho cinza em forma de L.

Marcas de mãos.

Seong-Jae esticou a cabeça.

Marcas de mãos perfeitas nas almofadas.

E, se deixasse os olhos desfocar, podia ver aquela expressão em branco e congelada no rosto de Blake Harold, não mais distorcida pelo gelo, mas clara como o dia e tão viva, suas narinas dilatadas, seu rosto coberto de suor do medo e pontilhado com sangue, os cabelos emaranhados com espinhos.

– Ele chutou, disse Seong-Jae, demorando-se na desordem de uma seção de cacos de vidro, como se alguém tivesse arrastado algo através deles. – Mas fracamente. Ele já estava perdendo sangue, com medo, confuso ...

– E ganhando tempo, disse Malcolm. – Se ele desistisse da esperança aqui, ele poderia ter comprado tempo para seus filhos fugir mantendo o suspeito ocupado.

– Ele pode ter tentado, respondeu Seong-Jae. Eu acho que não.

– Não?

– Não.

Havia algo comendo em Seong-Jae, tentando acariciar as bordas de sua mente, deslizar para dentro e sussurrar para ele em notas sensuais que pintavam quadro após quadro após quadro. Ele afundou mais uma vez, demorando-se nas manchas no chão, nas poças de vermelho, as formas varridas nelas como se Blake Harold tivesse tentado fazer anjos da neve em seu próprio sangue.

– Ele precisava das crianças aqui, ele respirou, enquanto tudo se reunia para ele, clicando dentro dele com uma *retidão* isso veio a ele como se fosse seu próprio pensamento, sua própria mente conjurando isso. – Ele precisava deles aqui para manter Blake dócil. Ele pode ter conseguido machucá-lo, subjugá-lo, mas considerando que o suspeito já havia se exaurido com a marreta e a perseguição, e não tem mais as reservas de energia ou a força de sua juventude ...

Sim.

Ele viu isso.

Ameaça matar o pai querido, se os pequenos não voltarem.

Chame-os na mesma voz que gostava de cantar *anel ao redor*, venha pequeninos, venha, venha ...

E depois lembre ao pai quão facilmente ele poderia machucá-los, se a vítima não obedecesse.

– A vítima não gostaria que as crianças o testemunhassem assim, disse ele, movendo-se devagar pelo chão, seguindo o caminho do sangue. As trilhas riscavam a madeira, em direção à porta, as linhas muito retas, muito uniformes, sem sinal de chutes ou pancadas. – Então ele não teria lutado. Tornando isso muito fácil, muito *fácil* arrastar a vítima por um braço, apenas peso morto.

Algo roçou seu ombro.

Ele se encolheu, todo o corpo tenso, um assobio subindo no fundo da garganta enquanto ele se afastava, apenas lembrando-se de não perturbar a

cena do crime com um giro descuidado de seus calcanhares quando ele levantou um braço para bloquear, bloquear.

Malcolm

Malcolm, estendendo a mão para o ombro com a mão estendida, as sobrancelhas desenhadas em linhas espessas de preocupação e pergunta. O coração de Seong-Jae deu uma batida estranha e trêmula, saindo de sua confortável casa para tremer fora do lugar por alguns instantes antes de voltar para onde pertencia; ele engoliu em seco, apertou a garganta e mexeu o braço erguido para pegar a mão de Malcolm, entrelaçando os dedos.

— Minhas desculpas, Malcolm, disse ele. Sua respiração tremia e fez sua voz tremer também. – Eu ... fiquei bastante envolvido em visualizar o cenário. Ele pigarreou, olhando de volta para as manchas de sangue. – Dos padrões de estrias, ele tentou dizer clinicamente, – apenas uma mão seguia atrás do corpo. Tornando razoável dizer que o suspeito provavelmente o arrastou pelo outro braço.

- Isso é razoável, disse Malcolm calmamente, mas aquela voz profunda e rosnada estava preocupada, sombria de preocupação e dedos ásperos se entrelaçaram mais com os de Seong-Jae, puxando. – Ei. Vem cá.

Seong-Jae olhou por cima do ombro, para as pessoas ainda vasculhando a sala; Malcolm fez o mesmo, olhando para ele, antes de puxá-lo de volta para o corredor e sumir de vista.

E imediatamente puxando Seong-Jae em seus braços.

Seong-Jae fechou os olhos, apoiando a testa no ombro de Malcolm, enquanto a respiração do velho lobo corria em seus cabelos em carícias quentes, aquelas mãos largas nas costas. Com Malcolm abraçando-o, ele sentiu como se estivesse derretendo de volta a si mesmo, voltando à forma de Seong-Jae, em vez de qualquer coisa distorcida em que ele se encaixasse, a fim de esfolar a psique de um suspeito.

Malcolm emitiu um som baixo e reconfortante, agitando os dois. – Fui um pouco profundo demais, hein?

— Sim. Seong-Jae molhou os lábios, curvando os dedos na frente do paletó de Malcolm e segurando-o com força. – Ele teve prazer nisso, uma alegria quase infantil ... e tentando entender isso, traçar seu curso de ação é quase ... hipnótico.

Imagino também assustador murmurou Malcolm.

– Mais do que você pode saber.

E, no entanto, o mais assustador foi que, naqueles momentos, quando Seong-Jae saiu de si mesmo para ver as cenas de crime através dos olhos de outra pessoa ...

Medo não era a emoção que ele sentia.

Não até que ele saiu e percebeu o quão fácil tinha sido dessa vez.

Como tinha sido fácil entrar no lugar do suspeito, como se o assassino fosse apenas um eco do próprio Seong-Jae.

Não.

Ele se inclinou mais forte em Malcolm por alguns momentos, depois respirou fundo e se afastou, levantando a cabeça, olhando para aqueles olhos azuis ardósia que brilhavam com tanta gentileza e cuidado.

– Eu estou bem, ele prometeu, e ofereceu um leve sorriso, estendendo a mão para traçar o polegar ao longo da cicatriz que cortava a testa, a pálpebra e a bochecha de Malcolm, fazendo os olhos de Malcolm se encolherem de diversão. – Devemos terminar nossa avaliação.

– Mm, Malcolm concordou, mas seus braços demoraram a deixar Seong-Jae ir.

E foi mais do que o dia de inverno deslizando pelas portas abertas que deixaram Seong-Jae frio, sem elas.

Ele se virou para dar uma olhada mais clínica na cena do crime e depois balançou a cabeça. – Sangue na grama lá fora, disse ele. Era claramente visível pela porta aberta, seca contra as pontas de lanças verdes bem cuidadas. E a varanda. O suspeito arrastou a vítima para fora, provavelmente com as crianças vigiando, e depois o deixou lá, fraco demais para correr, enquanto voltava para recuperar a marreta, quebrar a banheira dos acessórios e arrastá-la pelo buraco no buraco parede, no gramado.

– Onde ele fazia seu trabalho sujo com o que fazia a barra na parede do corredor, disse Malcolm, sombrio. – O gelo ainda me deixa estranho, no entanto. Qual é o *ponto*?

Seong-Jae cruzou os braços sobre o peito, batendo com a ponta do dedo no lábio inferior, percorrendo seus pensamentos. – Preservação, possivelmente, disse ele. – No final, se esse é certamente o nosso suspeito e estou convencido de que é, seu objetivo final é mostrar sua arte. Embora exista algum inchaço e degradação em ser suspenso na água, ele deve ter percebido que levaria algum tempo para a cena ser descoberta neste local remoto. O congelamento preservou o corpo para exibição.

– Mas é isso que não faz sentido para mim?

Seong-Jae inclinou a cabeça. – Por quê?

– Deixe-me perguntar uma coisa primeiro.

Malcolm contornou Seong-Jae e atravessou os escombros da sala; Seong-Jae seguiu, curiosidade picando dentro dele. A luz do sol ardeu em seus olhos quando eles saíram do interior sombreado e saíram para a luz do dia.

Malcolm levantou a mão e chamou: – Detetive North.

North se escondeu debaixo da lona, onde ainda estava olhando de soslaio para o corpo. – O que?

Malcolm contornou vários marcadores de evidência na grama, depois parou na frente de North, olhando de soslaio para o corpo e a banheira antes de voltar o olhar para o detetive. – As noites costumam ficar abaixo de zero por aqui?

– Normalmente não, não. Meados dos anos trinta foram os mais baixos, mas a altitude alta fica um pouco mais fria depois da meia-noite. Os últimos invernos foram muito frios, no entanto. Tipo, o mais frio já registrado. Neve Pessoas em Portland *dirigindo* na neve. Ele emitiu um som amargo, apoiando os nós dos dedos nos quadris finos. – E eles dizem que a mudança climática não é real.

– Isso é o que me está incomodando. Malcolm apontou para Seong-Jae. – Venha ver.

Franzindo o cenho, Seong-Jae atravessou a grama para se abaixar com Malcolm mais uma vez, olhando para o retrato estranho e terrivelmente suspenso de desmembramento, como se Blake Harold tivesse sido preservado atrás de vidro fosco.

– Veja como o gelo está nublado, apontou Malcolm. – Não está claro.

Seong-Jae balançou a cabeça. — Não entendo.

– Em um bloco de gelo tão grande, se tivesse congelado rapidamente em uma noite, estaria parcialmente limpo em algumas áreas, nublado em outras, disse Malcolm. – Mas está nublado o tempo todo. Ele é tão distorcido quanto um espelho de um parque de diversões. Demorou várias noites para congelar completamente. Parece que congelaria parcialmente, depois derreteria parcialmente durante o dia e depois congelaria novamente a cada noite até finalmente ficar totalmente sólido.

Quando *bateu*, isto *bateu* como um golpe no plexo solar, colidindo com Seong-Jae com a realização. Ele apertou a mandíbula, encarando os números esculpidos no gelo.

– O assassino voltou, disse ele. – Ele poderia estar aqui recentemente, na noite de ontem, para examinar seu trabalho final e deixar os números como sua mensagem. Esse era o próprio objetivo do gelo.

– Ele provavelmente voltou na noite anterior, se tivermos uma nova cena em Los Angeles da noite passada, disse Malcolm. – É quase um dia inteiro de carro entre aqui e Los Angeles, e não acho que ele arrisque um voo.

Seong-Jae levantou a cabeça, examinando por cima do ombro. – Não há carros na estrada.

Malcolm acenou para o detetive North, que parecia pairar ao redor deles constantemente como se estivesse esperando para ser convidado para o seu espaço. – Você tem dados DMV de veículos registrados neste endereço e em Blake Howard?

North apontou os dedos para um dos oficiais que circulavam ao redor da cena, um jovem atarracado segurando pilhas de pastas e papéis; o jovem se arrastou e North filtrou as pilhas antes de puxar uma pasta e vasculhá-la.

– Um BMW registrado para a esposa, ela estava dirigindo quando veio buscar as crianças. Ele franziu o cenho. – E um novíssimo Subaru Forester em marrom musgo. Ele torceu o lábio superior, o bigode tremendo. – Quem compra um carro novo em *musgo marrom* neste século?

– Sua preocupação com a cor do carro é devidamente notada, Seong-Jae assobiou. Ele não gostava de North, ou de sua bobagem, mesmo que Seong-Jae o reconhecesse como mais um dos muitos mecanismos de enfrentamento que todos usavam para sobreviver. – O veículo foi visto desde que você descobriu a cena do crime?

North torceu os lábios e o bigode antes de balançar a cabeça. – Não.

Seong-Jae pegou o telefone no bolso e passou o dedo sobre a tela. Vou ligar para Aanga. Vamos querer colocar um APB nesse veículo. Ele estendeu a mão para a pasta. – Licença e dados da placa, por favor.

North passou a pasta, mas Malcolm franziu a testa, erguendo a mão; Seong-Jae parou, o polegar pairando sobre o contato de Aanga.

– As crianças, disse Malcolm. – Ele deixou as crianças irem embora o virem. Se pudermos conversar com eles e obter algo coerente deles, eles provavelmente poderão descrevê-lo. Por que ele os deixaria escapar? Especialmente se houvesse três deles?

– Eu não sei, disse Seong-Jae. – Três teriam se encaixado no padrão. Um, um e dois, somados para formar quatro.

– É estranho, disse Malcolm. – E fora do personagem.

– Ou definição de caráter, ressaltou Seong-Jae. – Ainda não sabemos muito sobre vários aspectos do perfil dele. Seu olhar desviou para a banheira, o corpo congelado ... o corte vermelho **3/5**. – E não está claro o que esses números significam.

– Esta é a terceira cena que encontramos, contando a pausa na prisão. Malcolm amarrou os dedos na barba. – Isso pode significar três em cinco. Que ele pretende atacar mais duas vezes.

Seong-Jae entregou isso e disse: – Também temos cinco suspeitos. O que poderia significar que ele se vê como o número três dos cinco que ainda

procuramos. E há também o fato de que, como observamos antes, três e cinco fazem parte da sequência.

OU as sobrancelhas de Malcolm se ergueram, seus olhos se arregalaram. Que dia é hoje? Segundo de março?

A respiração de Seong-Jae ficou presa.

Oh, *Porra*.

- 5 de março, ele disse, e digitou o número de Aanga, colocando o telefone no ouvido. – O que significa que ele poderá atacar novamente daqui a três dias.

– Ou pode não significar nada, disse Malcolm.

– Prefiro não arriscar. Seong-Jae ouviu o toque da linha e rezou em silêncio para que Aanga atendesse mais rápido. – No mínimo, Aanga deveria saber. Prefiro estar alerta e estar errado ...

– ... do que ignorá-lo e estar certo, Malcolm terminou.

Enquanto Blake Howard, olhando para eles de seu caixão congelado ...

Nada mesmo.

4: COMO EU JÁ O VI EM ALGUM LUGAR ANTES

Anga Joshi tinha que para ter o endereço errado para esta cena do crime.

Exceto que ele não poderia ter, quando havia seis carros de polícia do DPLA estacionados do lado de fora da pequena cabana de adobe, bem como dois carros pretos não marcados da piscina de automóveis do FBI. Fita da cena do crime em toda parte. Van forense. A câmera pisca apagando.

Mas ele já tinha visto essa casa antes.

Apenas em vislumbres, dicas de paredes tiradas em ângulos baixos, e ele quase pensava que estava imaginando se não fosse o endereço.

Ele nunca esteve aqui antes.

Mas ele *conhecia* esse endereço.

E ele não achava que jamais esqueceria isso agora.

Especialmente quando a casa era tão distinta, pintada em azul e verde misto, azul pálido no topo, mas dividida em uma linha diagonal curva e esteticamente atraente em verde-joia na parte inferior, como se alguém tivesse usado o exterior para um projeto de arte. O teto também era estranho, plástico ondulado, grosso e resistente como vidro, translúcido e o mesmo verde esmeralda que a tinta nas paredes, permitindo que a luz penetrasse de fora.

E transformando a sala inteira em tons de verde ondulado e tremulando contra as paredes azuis pastel como se Aanga cruzasse o limiar da porta da frente e entrasse naquela casa, estaria entrando em um mundo subaquático estranho.

Onde uma mulher com cabelos escuros e grisalhos e pele marrom-dourada estava nua no chão em poças de seu próprio sangue, seus olhos vazios olhando para cima, seus braços e pernas e tronco alinhados em costuras vermelhas como as partes ajustadas de um boneco.

Cortar à parte.

Coloque de volta juntos.

E saiu exatamente onde Alicia Duvonne havia sido exibida, há mais de quinze anos atrás.

Com o mesmo dano colateral deixado para trás também; filhos, como Sindy e Seth Duvonne. Dessa vez, três deles, de três a nove anos, dois meninos e uma menina, atualmente embrulhados em cobertores de emergência nas costas de uma ambulância e soluçando quase catatônicos.

Aanga não podia culpá-los.

Filho de uma ...

Aanga chamou a atenção de um dos detetives da polícia de Los Angeles um homem chamado Shane Luxe com quem ele havia trabalhado em alguns outros casos. Acenando para Luxe, Aanga se inclinou, nunca tirando os olhos do corpo. Me diz...

– Melina Hermosa, quarenta e sete, disse Luxe, rápido e sem sentido; era por isso que Aanga gostava dele. Ele não perdeu tempo prevaricando, seus olhos azuis pálidos fixaram em seu bloco de notas quando ele folheou. – Estamos estimando a hora da morte em algum momento ontem à tarde. As crianças são seus sobrinhos e sobrinhas. Eles estavam escondidos no quarto principal, até que um dos vizinhos notou um buraco no quintal e, nas palavras dele, veio perguntar se ela estava ‘tendo problemas com esses malditos esquilos também’. Luxe arqueou uma sobrancelha branca-cética, lendo as palavras em tom monótono. – Ele disse que a porta estava destrancada e se abriu quando ele bateu, e foi quando ele viu o corpo. Ele nos chamou, nós te chamamos, e aqui estamos nós.

Aanga olhou por cima do ombro, examinando as pessoas que passavam dentro e fora da cena da cena do crime que estavam penduradas na calçada do lado de fora da cerca da casa. – Qual é o vizinho?

Luxe apontou o queixo em direção a um homem baixo e careca, com orelhas grandes e sardas escuras nas bochechas marrons, o branco dos olhos começando a amarelar com a idade; ele estava conversando com outro oficial, conversando animadamente com mãos castanhas e nodosas. Seus olhos estavam molhados, com a borda vermelha.

– Gregory White, disse Luxe. – Ele disse que ele e Melina sempre foram bons amigos. Chorou um pouco. Mas não viu nada.

– Então, nossos filhos são as únicas testemunhas?

– Siim.

– Fodendo Jesus Cristo em um pula-pula. E precisamos acabar com isso antes que os repórteres entrem. Aanga suspirou, recuando do limiar por enquanto; com os fotógrafos forenses trabalhando duro, ele não queria atrapalhar. Ele desceu da varanda da frente, olhando para Luxe. – Algum significado para o buraco?

- Talvez. Eu não acho que eram esquilos. Parece que alguém desenterrou algo.

- Mostre-me.

Luxe o levou pelo lado da casa; o quintal pequeno e arrumado estava pontilhado de brinquedos para crianças e com pequenos degraus brancos embutidos na terra e na grama, formando uma trilha divertida e sinuosa.

Mesmo fora do caminho, emoldurado por vários marcadores de evidência, havia um buraco na terra, outro trampolim separado da trilha deslocado para um lado e deixando para trás uma cavidade na terra com um formato bastante preciso, cerca de um pé e um metade por um pé de largura e comprimento, talvez cerca de dois pés de profundidade.

Não havia terra suficiente amontoadada em ambos os lados da grama arrancada para preencher esse buraco.

Aanga se agachou, franzindo a testa, estudando as bordas - parecia que tinha sido varrido com os dedos. - Algo estava aqui, disse ele. - E nosso suspeito veio recuperá-lo.

- É assim que parece, disse Luxe, e Aanga xingou, passando a mão na boca.

Merda.

Foda-se, foda-se, *porra*.

- Você está bem? Luxe perguntou.

- Na verdade não. Aanga fechou os olhos, levantando os óculos e esfregou as pálpebras com o polegar e o indicador. - Me dá um minuto? Quero andar na cena, tirar algumas fotos e depois vou tentar conversar com as crianças. Se eles virem o rosto dele, essa pode ser nossa única chance de obter uma descrição.

- Claro, disse Luxe em dúvida. - Você conhece o protocolo.

- Eu sei o que não tocar. Mas se eu estiver certo sobre algumas coisas, essa será nossa cena em breve. Vou levar meu pessoal aqui para assumir.

Fazendo uma careta, Luxe enfiou o bloco de notas dentro do grosso casaco de lã azul marinho. - Então, estamos escurecendo, classificados?

- Sim. Aanga tirou o telefone da calça, tocando no aplicativo da câmera. - Verifique se o seu pessoal não fala.

Com um som suave de afirmativa, Luxe se afastou, se misturando com o pessoal da polícia de Los Angeles. Aanga chamou a atenção dos dois funcionários do FBI, ternos e óculos de sol, *devo* eles são esses estereótipos espreitando nas bordas da cena e assistindo tudo atentamente.

Então virou-se para se misturar com a multidão de policiais, andando pela casa e tirando o máximo de fotos possível.

O pessoal da polícia de Los Angeles não precisava saber que essa era a mesma cena de crime de uma morte anterior nesse caso, a menos que eles mesmos fizessem essa conexão. Não quando quanto mais as pessoas sabiam, mais essas informações vazavam e no momento em que chegavam à imprensa, o Assassino da Proporção Áurea percebia que haviam juntado outra peça do quebra-cabeça para rastrear seus movimentos.

Mas Seong-Jae e Khalaji precisavam ver isso.

Não importa o que aconteceu em Portland ...

Esse site de assassinato era definitivamente o homem deles.

E Aanga sentiu que sabia exatamente por que o assassino havia voltado.



Anga não fez bom trabalho com crianças.

Ele tentou conversar com eles na cena do crime, enquanto eles se amontoavam na parte de trás da ambulância e se encolheram; os paramédicos que os vigiavam até que seus pais chegavam o encaravam como se ele fosse algum tipo de monstro, enquanto as crianças Eduardo, Nicholas e Adriana, choravam e não pronunciavam uma única palavra.

E ele não podia culpá-la.

Não poderia estar.

Mas isso não mudou que ele tinha um trabalho a fazer, e ele precisava das informações dentro de seus adoráveis pequenos círculos.

E ele não tinha a menor ideia de como tirar isso deles.

Ele quase desejou que Khalaji estivesse aqui.

Ele viu como Khalaji lidou com o garoto Carmichael, na semana passada; o garoto claramente o via como alguém seguro, alguém em quem confiar, alguém que o protegeria se o garoto simplesmente descarregasse seus medos e os horrores que ele testemunhara para que os ombros de Khalaji,

muito mais largos que os de um garoto tão jovem, pudessem carregar seu peso.

Aanga não sabia como criar essa sensação de facilidade nas pessoas.

– Ele tentou...

Foda-se, ele *experimentou* e uma vez, ele pensou que talvez tivesse conseguido fazer pelo menos uma pessoa se sentir segura, até que tudo deu errado e, de repente, ele voltou para uma cama vazia e sem explicação.

Mas ele estava perdido com essas crianças malditas.

E este não era exatamente o tipo de situação em que ele realmente gostava de fazer as pessoas chorarem.

As crianças se acalmaram, pelo menos, quando os pais chegaram. Quando a minivan parou em pânico do lado de fora do cordão policial, muitos policiais da polícia de Los Angeles deixaram o local, substituídos por mais funcionários do FBI de Aanga, e entre vans e corpos não identificados, formaram um muro bloqueando a cena do crime, a rua.

Com a sorte de Aanga, agora, no entanto ...

Haveria um sobrevoo de helicóptero a qualquer momento, de uma das estações de notícias.

Quanto mais extravagante o assassino se tornava, mais difícil manter esse caso em segredo.

E Aanga estava apenas esperando o primeiro imitador aparecer.

Todo mundo teve seus fanboys.

Serial Killers.

E para alguns, a imitação era a melhor forma de lisonja.

Os pais disseram que seus filhos estavam com a tia há uma semana, enquanto os pais trabalhavam no fracasso do casamento; com a mãe e o pai ali, as crianças se acalmaram o suficiente para Adriana balançar a cabeça, de olhos arregalados, quando Aanga perguntou se o homem mau usava uma máscara de coelho.

– Ele era apenas um homem, disse ela baixinho, fungando e esfregando o nariz molhado e brilhante. – Ele tinha um rosto feio.

Aanga não sabia se isso lhe dava esperança ou desespero.

Nenhuma máscara significava que isso poderia *já* ser o imitador deles, mas ele duvidava.

Não com aquele buraco no quintal.

E não com o assassinato que ocorreu aqui em 2001.

Esses arquivos de casos não estavam prontamente disponíveis ao público.

As únicas pessoas que saberiam sobre Alicia Duvonne morrendo aqui eram o próprio Aanga, Seong-Jae, Khalaji, os oficiais que haviam trabalhado no caso pela primeira vez há tantos anos ...

... e o próprio assassino.

A menos que Seth Duvonne tivesse decidido aparecer de repente, depois de todo esse tempo.

Não.

Ele tinha que acreditar que aquele era o homem deles.

E que ele veio aqui sem a máscara para cavar aquele buraco no quintal. Melina Hermosa chegou em casa no momento errado, o pegou em flagrante ...

Então ele a descartou.

Mas deixou as crianças vivas, apesar de terem visto o rosto dele.

Aanga franziu a testa, virando isso.

Estranho.

Ele conseguiu convencer os pais a levar as crianças para o escritório, no entanto, para conversar com um desenhista enquanto suas memórias ainda estavam frescas, o pesadelo ainda impresso tão real como se tivesse acontecido segundos atrás.

Porra, ele era todo tipo de idiota, fazendo isso com essas crianças, não era?

É para o bem maior, ele disse a si mesmo quando estava do lado de fora do banco das salas de interrogatório de segurança média no quinto andar, olhando cada uma das crianças conversando com um desenhista separadamente - as duas caçulas com um de seus pais, a garota mais velha com um assistente social que segurava sua mão enquanto falava com a artista com os lábios trêmulos. *Tem que ser feito para o bem maior*.

Era onde ele estava quando seu telefone tocou, o suave sussurro de notas que ele havia atribuído a Seong-Jae há muitos anos e apenas ... nunca mudou.

Ele nem tinha certeza de que conseguiria falar com Seong-Jae agora. Lidar com fingir que apenas o som daquela voz sensualmente rouca, desapaixonada, mas inteiramente pecaminosa, não o machucava toda vez que a ouvia, especialmente dirigida a ele com um desinteresse tão atordoado, quase descongelando de vez em quando por um momento de irritação sardônica.

Ele pensou que era melhor em compartimentar do que isso.

Talvez ele estivesse rachando na velhice.

Ele amaldiçoou bem *sentiu* como se estivesse rachando, enquanto observava os desenhistas rabiscando com mãos apressadas, sem nem mesmo vê-las, e ponderou em deixar o telefone tocar até chegar ao correio de voz.

Mas Seong-Jae provavelmente precisava de algo para o caso de Portland.

E assim, suspirando, Aanga pegou o telefone e atendeu no último toque, tocando a ligação e colocando-a no ouvido.

- Fale comigo!

- Temos duas pistas em potencial, disse Seong-Jae, iniciando sem nem um *Olá*, nenhum preâmbulo, como ele costumava fazer e Aanga não pôde evitar um leve sorriso. - Primeiro, nosso suspeito pode ter pegado o carro da vítima. Considerando a linha do tempo e os detalhes da cena do crime, acreditamos que ele dirigiu durante a noite de Portland para voltar a Los Angeles dias após o assassinato aqui, e provavelmente cometeu o próximo assassinato em LA imediatamente depois. Vamos precisar de um APB no Subaru Forester, vigésimo nono ano de Blake Howard, número da placa do veículo ...

Aanga mergulhou no bolso para pegar o bloco de notas e uma caneta, rabiscando as informações que Seong-Jae recitava rapidamente; isso quase parecia com os velhos tempos, jogando dados um para o outro enquanto circulavam suspeitos de casos como predadores de caça, fechando um detalhe de cada vez.

- Entendi, ele murmurou. - Entregarei as informações a todas as agências policiais da costa oeste. Qual é a outra pista?

- Os números. Três, cinco, disse Seong-Jae. - 5 de março. Hoje é dois de março. Ele pode estar nos dando a linha do tempo de sua próxima morte.

Putá merda! Aanga respirou fundo. - Então agora ele tem rodas e uma data de vencimento. De dois a três dias para dirigir ... ele poderia chegar até o outro lado do país.

- Ou ele poderia permanecer em seu campo de matança preferido, ressaltou Seong-Jae. - Ainda não temos como saber.

- Então, eu tenho dois dias para coordenar uma operação de vigilância nacional.

— Sim.

- Eu odeio como você diz 'sim' como se fosse algo que eu deveria ser capaz de fazer sem ao menos suar, Aanga murmurou.

Ele quase podia ver o elevador zombador das sobrancelhas de Seong-Jae; aquele olhar inexpressivo e inexpressivo. — Você não pode.

- Vá para o inferno, pr ...

Ele se deteve.

Ele quase disse *priyasi*.

Ele quase tinha escorregado, como se fosse realmente aquela época todos aqueles anos atrás, e chamou para Seong-Jae *meu amor*.

Merda.

Ele fechou os olhos, levantando os óculos e beliscando a ponta do nariz. Aquele silêncio do outro lado da linha dizia que Seong-Jae também sabia - sabia e não tinha resposta para isso.

Os tempos mudaram.

E Seong-Jae era o *priyasi* de outra pessoa, agora.

Porra, Aanga nem estava mais apaixonado por ele.

O estresse estava chegando nele, e ele estava escorregando.

Respirando fundo, ignorando a agitação do coração, Aanga seguiu rapidamente. – Idiota, ele terminou sem jeito. – Vou ter que ligar para o telefone e aumentar isso alguns níveis. Possivelmente ligue para Washington. Mas se eu conseguir, vou tentar. Eu posso ter algo para facilitar. Poderemos identificar o suspeito em breve.

— O quê? Seong-Jae perguntou bruscamente. – Como?

– Testemunhas sobreviventes, disse Aanga. – A mulher que foi morta aqui tinha sobrinha e sobrinhos com ela. Ele não tocou nas crianças ... e a sobrinha disse que não estava usando máscara. Eu tenho todos os três filhos com artistas de esboço agora. Podemos ser capazes de prender esse filho da puta para que pelo menos saibamos quem estamos procurando.

Ele não sabia o que esperava. Não elogios, mas pelo menos surpresa, ou algum tipo de comentário.

Em vez disso, houve apenas um pesado silêncio, antes de Seong-Jae dizer, estranhamente abafado: – Isso é bizarro. Temos uma morte adulta e três crianças deixadas vivas em dois casos sequenciais? O paralelo não lhe parece estranho?

– É estranho. Seriamente esquisito, mas se isso nos deixar com evidências, então estamos a um passo de fechar o laço em volta do pescoço, vou ficar esquisito, disse Aanga e sua própria veemência o assustou, as palavras saindo em um silvo antes que ele parou, se conteve. – Mas essa não é a única coincidência estranha. Só que não acho que seja uma coincidência.

– Ah?

– Nossa vítima mais recente, Melina Hermosa? Também é o atual morador da casa onde Alicia Duvonne foi morta, Sindy Carmichael nee Duvonne foi atacada e Seth Duvonne desapareceu.

A respiração de Seong-Jae aspirou, fazendo um barulho estranho através do microfone do telefone. – *Que?*

– Sim. Pelo jeito que li, ele enterrou seus troféus naquela casa. Há um buraco no quintal com algo claramente faltando. Aanga ajustou os óculos. – Acho que Hermosa chegou em casa na hora errada e acabou com uma vítima de circunstâncias.

– Crime de oportunidade, em vez de um alvo selecionado, disse Seong-Jae.

– Exatamente. Você acha que Blake Howard foi um alvo selecionado?

– Ele deve ser, para que nosso suspeito faça uma viagem deliberada a Portland apenas para retornar a Los Angeles, disse Seong-Jae. – É possível que eles tenham história. Especialmente considerando o trabalho do Sr. Howard.

– E o que é?

– Um vendedor ambulante de uma empresa que faz diagramas e moldes anatômicos para referências de açougue e dissecação, disse Seong-Jae quase sem graça.

– ... Isso está acumulando muitas coincidências, sim. Me dê um segundo, no entanto. Estou enviando as fotos da cena do crime do assassinato de Hermosa para você e Khalaji.

Aanga ouviu um murmúrio quando Seong-Jae afastou o telefone, a voz recuando; ele deve estar conversando com Khalaji. Curvando o lábio superior, Aanga juntou uma rápida mensagem de grupo, anexou as fotos que ele tirou da cena e as enviou antes de levantar o telefone no ouvido novamente a tempo de captar o som de um toque de texto altamente desagradável vindo através do outro lado.

– Diga-me que não é o meu toque e é apenas o seu padrão, ele murmurou.

– É seu, respondeu Seong-Jae. – Dê-nos um momento.

Sua voz retrocedeu novamente; murmura, antes de Seong-Jae simplesmente ... *parado*. Aanga não sabia dizer o que Khalaji estava dizendo, sua voz curiosa ... mas depois ficou quieta, mais longe, como se Seong-Jae estivesse se afastando dele.

Antes que a voz de Seong-Jae voltasse à linha.

Duro.

Urgente

Esse vazio inexpressivo se afastou para deixar algo quase como *raiva*.

E falando nepalês ...

... o que significava que ele não queria que Khalaji ouvisse.

Mantendo segredos, não é? Aanga pensou.

Logo antes de Seong-Jae rosar, – *isso é algum tipo de piada?*

Aanga olhou por cima do ombro para os agentes uniformizados do FBI vigiando as portas das salas de interrogatório, depois deu um passo para longe, movendo-se casualmente, como se estivesse indo para o fim do corredor para esticar as pernas e dar uma olhada na janela.

E ele manteve a voz suave quando respondeu: *Por favor, explique-me como as fotografias da cena do crime são uma piada.*

Seong-Jae soltou um silvo frustrado, depois não disse nada.

– Seong-Jae?

– *Nada*, respondeu Seong-Jae, rápido demais. – *Não é nada. Deixa pra lá.*

– *Você está mentindo para mim*, Disse Aanga. – *Você sabe que eu não gosto disso.*

– *Não*. De volta ao frio, cortada novamente ... mas desta vez com uma ponta mais escura de frustração. – *Não tome esse tom excessivamente familiar comigo. Você não tem mais o direito de meus assuntos particulares.*

– *Eu faço se eles impactam este caso.* Aanga parou na janela, olhando para o campus ensolarado do escritório de campo, os prédios baixos anexos se estendendo em direção à estrada; ele franziu a testa. – *Como seus assuntos pessoais estão ligados ao assassinato de Hermosa?*

– *Eles não são*, disse Seong-Jae friamente.

E essa simples repressão fria disse a Aanga tão claro quanto o dia, quando ele conheceu as deflexões de Seong-Jae e também todos os desvios e contornos de seu corpo ...

Seong-Jae estava escondendo algo dele.

E mentindo sobre isso.

Como Seong-Jae sempre fazia.

Mas antes que Aanga pudesse dizer mais alguma coisa, Seong-Jae seguiu em frente rapidamente, voltando ao inglês com a mesma eficiência vazia e desapaixonada, apenas transmitindo informações e nada mais.

– Eu tenho que ir, disse ele. – O corpo está em condições delicadas e ainda não terminamos de avaliar a cena do crime. Mas ... você acha que poderia proteger um caminhão refrigerado grande o suficiente para segurar uma banheira?

– Sim, disse Aanga, e reprimiu um gemido. O que vocês podem nos contar desta história?

5: ISSO É O QUE ACONTECE

Malcolm pretendia manter os olhos em sua tela, mas observava, de lado, o rosto de Seong-Jae empalidecer, sua expressão cortada profunda e severa e ferida, seus olhos arregalados e planos, pretos sem reflexos, lábios enrolados em algo quase como ...

Nojo

Nojo, mas Malcolm pensou ...

Choque também.

Não.

Não é choque.

Se ele não soubesse melhor ...

Ele pensaria que o que Aanga Joshi dissesse do outro lado da linha tinha *assustado* Seong-Jae.

Especialmente considerando o que Malcolm sabia de seu omr-an.

Particularmente essa sua primeira reação ao medo?

Era conseguir *bravo*.

E Malcolm pegou um lampejo dessa raiva, logo antes de Seong-Jae dar as costas para ele, nem mesmo reconhecendo seu curioso – Seong-Jae ...? E dando vários passos para longe, baixando a voz.

No entanto, esse tom rouco e agudo ainda era suficiente para Malcolm perceber que estava falando em nepalês.

O que significava que ele estava mais uma vez conversando com Joshi sobre algo que ele não queria que Malcolm ouvisse ou entendesse.

Malcolm rangeu os dentes e se forçou a desviar o olhar.

Ele não conseguia suportar.

Não suportava como bastava um pouco de segredo para fazê-lo duvidar, e fazê-lo se perguntar se esse inferno estava começando tudo de novo.

Especialmente quando a última vez que Seong-Jae mantinha segredos com Joshi?

Ele estava escondendo Sila, tentando manter Malcolm fora da vista de Sila, pouco sabendo que Sila já havia se inserido na vida de Malcolm e na cama de Malcolm.

De alguma forma, Seong-Jae só ficou irritado por apenas alguns momentos depois que Malcolm *dormiu com seu ex assassino*.

Embora Malcolm não pudesse lidar com isso, se Joshi olhasse para Seong-Jae por muito tempo, e todos os dias que passavam em Los Angeles pareciam tornar essa irritação e sensibilidade dez vezes pior.

Continue assim e ele acabaria se transformando em um neandertal.

Ele odiava isso.

Odiava esse lado feio e ciumento de si mesmo; um lado que ele juraria não existir antes de Seong-Jae.

Talvez fosse algo sobre namorar aquele corvo sombrio e inescrutável. Algo sobre seus segredos que apenas fez um homem precisar saber *mais*.

Mesmo que isso significasse ficar com ciúmes. Possessivo

Obsessivo.

Malcolm suspirou para si mesmo, forçando sua atenção para folhear seu telefone, verificando as fotos que ele salvou das últimas cenas de crime. Talvez eles tivessem esquecido alguma coisa, com números nas cenas anteriores. Talvez o assassino da proporção áurea também tivesse deixado marcadores de sangue ali, mas não haviam captado os números pintados na carnificina. Talvez

Ele parou quando a voz de Seong-Jae se elevou em um silvo venenoso, depois caiu e se suavizou, achatando.

Ignore isto.

Ele não iria confrontar Seong-Jae sobre isso. Não neste momento. Não quando ambos estavam sob tanto estresse.

Então ele poderia muito bem ignorá-lo.

Eu estou realmente fazendo isso?

Fingir que isso não está acontecendo de novo?

Sim.

Sim, ele fez.

Porque com tanto medo de perder Seong-Jae ...

Ele estava com mais medo *para* Seong-Jae, agora. Por suas bordas cruas e bagunçadas; pela maneira como esses casos o usavam. Lá atrás, na sala, ele enervou Malcolm profundamente, do jeito que se afastou e por um segundo ...

Houve algum *outro* há.

Olhando através dos olhos de Seong-Jae, mas ...

Isso não tinha sido Seong-Jae.

Malcolm não tinha certeza de como descrever o sentimento, como explicar o calafrio que o atravessara quando Seong-Jae o olhava com olhos negros, desprovidos de reconhecimento, com os lábios entreabertos em

respirações quase carnívoras as linhas ao redor de suas sobrancelhas e órbitas oculares. Focado. Fixado.

Mas Malcolm estava começando a entender cada vez mais como os casos da BAU haviam levado Seong-Jae ao limite.

Ele não queria ser mais uma coisa empurrando Seong-Jae para longe de si mesmo, e possivelmente para aquela fome sombria dentro dele. Esse desejo. O vício dele.

E ele não podia exercer mais pressão sobre Seong-Jae quando Seong-Jae mais precisava dele; não quando Seong-Jae poderia rejeitá-lo por princípio bem no meio de um momento de crise.

Mas quando eles voltaram para Baltimore?

Eles estavam indo para ter uma *conversa* sobre Seong-Jae e seus segredos.

Ainda assim, uma parte dele rezou para que, talvez, quando Seong-Jae mudasse para um murmúrio em inglês, desligasse o telefone ...

Talvez desta vez estivesse tudo bem.

Talvez desta vez, Seong-Jae se virasse e apenas *contar a* Malcolm, o que o perturbava tanto.

Mas suas orações não deveriam ser respondidas.

Hoje não.

Porque quando Seong-Jae voltou-se para ele, guardando o telefone dentro da jaqueta de couro preta, sua expressão se suavizou em uma neutralidade cansada.

Ele olhou para Malcolm por vários segundos quietos, contando segundos, e Malcolm quase o viu ponderando a decisão.

E seu coração afundou com aceitação cansada quando Seong-Jae se aproximou e simplesmente disse: – Aanga está enviando um caminhão refrigerado para recuperar o corpo antes que o gelo derreta ainda mais. Não sei se ele quer fazer a autópsia em uma instalação local ou transportar o corpo para Los Angeles, mas nós dois concordamos que é melhor controlar como a vítima é removida do gelo para evitar mais danos aos tecidos e destruição de evidências.

– Sim, disse Malcolm, esforçando-se para manter a voz calma, lutando para fingir que não tinha notado, mesmo que comesse dentro dele como terríveis dentes. Faz sentido. Embora eu não tenha certeza de que evidências forenses lhe serão tiradas, depois que ele estiver na água e congelar lentamente por dias.

– Isso parece ser um padrão. Seong-Jae franziu a testa, enfiando as mãos nos bolsos da calça jeans e se abaixando sob a borda da lona para

estudar o corpo novamente. – Ele danifica tanto os corpos que é quase impossível obter qualquer evidência utilizável deles, além do padrão em seu estado.

Condenação

Voltando à recitação cuidadosa de informações leves, nada além do caso. Como se eles tivessem tocado uma harmonia em sincronia antes, mas agora estavam discordantes, dissonantes, desafinados um com o outro, e Malcolm não sabia o que dizer que não começou com: *Conte-me* e termine com *o que você está escondendo de mim agora*.

Ele estava sendo irracional.

Não era?

Ele não tinha o direito de todas as conversas ou pensamentos particulares de Seong-Jae, mas ...

Merda.

Ele não sabia.

Talvez Seong-Jae estivesse fazendo a coisa certa, concentrando-se no caso e apenas no caso.

Malcolm não podia deixar que esse relacionamento interferisse em seu trabalho.

... mais do que já tinha.

Mas Seong-Jae o salvou de ter que pensar no que dizer, quando ele continuou friamente: – Esse não é o único paralelo.

Malcolm franziu a testa. – O que quer dizer?

– A cena do crime mais recente em Los Angeles também deixou um adulto morto e três crianças vivas, embora um padrão de assassinato de quatro se encaixasse em sua metodologia.

Os olhos de Malcolm se arregalaram e ele xingou baixinho. – Quantos anos as crianças tinham no caso de Los Angeles?

– Verifique seu telefone. Aanga enviou um relatório inicial de caso.

Malcolm ignorou o pequeno carrapato no fundo de sua mente naquele familiar *Aanga* e digitou suas mensagens, franzindo a testa enquanto seu telefone se arrastava. – Foda-se a minha vida, preciso de um novo cartão microSD. Essa coisa está prestes a entrar em colapso sob o peso de toda a merda que eu tenho.

Seong-Jae olhou por cima do ombro, permanecendo nele com um olhar tão melancólico, um sorriso tão cansado e melancólico. Ludismo

– Eu não sou tecnologicamente deficiente, estou apenas sem capacidade de armazenamento.

– Mhm. Seong-Jae recuperou seu próprio telefone novamente e, em dois toques rápidos, leu: – Três, quatro e oito. As crianças no caso Howard são cinco, sete e nove. Igualmente espaçados, parece.

– Eu me pergunto se ele tem algum problema com crianças feridas.

Os lábios de Seong-Jae se enrugaram e ele inclinou a cabeça para um lado, depois para o outro. - Isso é possível. Pode ter algum significado para a escolha das vítimas.

– Parece mais do que isso. Parecia a cenoura que eles estavam perseguindo há semanas, pendurados fora do alcance, mas talvez se Malcolm fizesse isso. *Salto* ... ele arrastou o polegar sobre a tela do telefone e esperou que o pergaminho chegasse em um atraso de quase trinta segundos, depois tentou novamente. – Foda-se isso, quão jovem é sua vítima mais jovem em toda a sua história de assassinatos?

Seong-Jae arqueou uma sobrancelha, dando-lhe uma olhada plana, depois olhou para a tela do telefone novamente, pequenas janelas quadradas refletindo em miniatura perfeita contra os olhos negros quando ele bateu.

– Treze, ele disse depois de um momento. – O garoto Grisham em sua primeira matança documentada.

Isso estava pingando alguma coisa.

Malcolm deixou seus olhos desfocarem, permitindo que sua mente se desviasse por um momento, esperando que, se ele permitisse que seus pensamentos vagassem para onde eles quisessem, eles tropeçariam no que estivesse roendo o fundo de sua mente e o levassem à tona onde ele podia ver.

Algo sobre quem era e não era mais criança, independentemente da idade legal para a vida adulta.

Algo sobre o vinho

Ah.

Ele respirou fundo, piscando até seus olhos focarem e se fixarem em Seong-Jae. – A era da responsabilidade, disse ele. - É bíblico. Os pecados do filho são os pecados do pai, até que o filho complete doze anos. Nesse ponto, a criança não é mais uma criança e é responsável por suas próprias ações. Talvez ele não mate ninguém abaixo da idade da prestação de contas.

– Isso implica que ele acredita naqueles que *faz* matar são culpados de algo pelo qual devem ser responsabilizados, enquanto as crianças não são responsáveis. Seong-Jae franziu o cenho, depois balançou a cabeça. – Não rastreia, para mim. Esse limite de idade é baseado em um padrão altamente desatualizado de milênios atrás, quando os seres humanos amadureceram a uma taxa muito mais rápida. Além disso, qualquer simbolismo religioso até agora tem sido incidental e não intencional. O posicionamento de Cindy

Carmichael como Madonna na cruz foi na verdade uma tentativa de organizar seu corpo para alcançar os padrões de fluxo sanguíneo e respingar que nosso assassino queria. Assumir motivações religiosas pode ser enganador.

Normalmente, quando Seong-Jae rebateu as teorias de Malcolm com lógica oposta, Malcolm *apreciava* colocando sua mente contra a de Seong-Jae para desafiar suas perguntas e negações.

Hoje, no entanto ...

Hoje, apenas o fez ranger os dentes.

Ele respirou fundo. Controle. Pare de deixar que pequenas coisas entrem em sua pele.

Ele amava Seong-Jae.

... ele simplesmente não gostava muito dele agora.

Ao exalar essa respiração controlada, Malcolm disse: – Pode não ser uma tentativa deliberada de conferir significado religioso. Às vezes, você apenas absorve as merdas como truques e nem se lembra de onde veio. Talvez em algum momento ele tenha entendido a ideia de que doze anos é a idade da prestação de contas, e ele nem se lembra. Isso não faz parte de sua patologia, é apenas um fato da vida em que ele não pensa ao aplicá-lo na seleção de vítimas.

Seong-Jae não disse nada, seus olhos se estreitando pensativamente, seu polegar batendo ritmicamente no lado do telefone.

Malcolm deu-lhe silêncio, tempo para pensar, mas quando Seong-Jae apertou a boca vermelha e macia e abriu os lábios como se quisesse protestar, Malcolm deixou escapar rapidamente: - Quantos anos Seth Duvonne tinha quando sua mãe foi assassinada?

Algo estranho cruzou o rosto de Seong-Jae, quando ele saiu de trás da lona.

Seus olhos se afastaram de Malcolm, rompendo o contato visual para passar por ele e varrendo o gramado e ele quase parecia estar procurando uma avenida de fuga ou algum lugar para se esconder no espaço ensolarado e aberto do relvado alastrando. Sua boca se fechou bruscamente e ele não respondeu.

Mas Malcolm juraria que sua pele estava um pouco mais pálida, sob as manchas douradas da luz do sol caindo sobre sua pele âmbar.

Por que perguntar sobre Seth Duvonne o incomoda?

Condenação

Ele estava analisando as reações do namorado como se ele fosse um suspeito. Um *Criminoso*.

E lembrou-se de parar quando Seong-Jae finalmente respondeu lentamente, uma palavra desenhada, cuidadosamente neutra.

- Doze

Então, ele deveria ter trinta e poucos anos agora, presumindo que estava vivo.

Malcolm xingou, afastando-se de Seong-Jae, deixando a mão segurando seu telefone irritantemente lento cair para o seu lado, passando a outra mão pelo cabelo, arrastando-o para fora do rosto e apenas olhando pelo gramado, parando um momento para se recompor. Para se controlar.

Ele não podia deixar-se fugir com o viés de confirmação apenas porque isso validava sua teoria do animal de estimação, e ele estava tão nervoso que aceitaria *qualquer coisa* para fazê-lo se sentir um pouco melhor com esse sentimento estranho envenenando o ar entre eles.

Ele olhou rapidamente para o buraco quebrado na parede da casa e tentou não pensar muito em coisas quebradas e bordas irregulares, enquanto dizia: - Isso deve ser significativo. Ele desapareceu. Estamos assumindo que o assassino o deixou ir, e o fato de que ele estava à beira da era principal ...

- Isso apenas analisa, disse Seong-Jae suavemente em suas costas, - se ele realmente sobreviveu, ao invés de seu corpo simplesmente não ser descoberto.

- Sim. Malcolm suspirou profundamente. — ... sim. Eu sei. Mas é uma possível avenida de exploração. Se assumirmos que os filhos são de alguma forma significativos para ele, como isso muda os perfis que temos agora?

- Diz que ele tem um código, disse Seong-Jae. - Uma linha que ele não cruzará. O que diz que ele acredita que seu trabalho tem algum propósito nobre e que, desde que ele siga seu código, ele não estará cometendo o mal. Ele está apenas cumprindo seu propósito.

- E temos suspeitos com conexões com crianças, apontou Malcolm. - Finalmente... *um* suspeito.

- Neil Samson, Seong-Jae preencheu rapidamente, um toque de interesse finalmente despertando naquela voz morta para dar vida e tom. - Ele era professor substituto de matemática em meio período e trabalhava na cozinha de sopas. Ele fez uma pausa. - Não dissemos que ele era potencialmente óbvio demais?

- Às vezes as coisas são óbvias. O problema anterior era que eram apenas conexões de superfície, mas isso é mais profundo e cria suspeitas razoáveis. Malcolm voltou-se para encarar Seong-Jae; Seong-Jae o observava com franqueza, como se aquele lapso momentâneo nunca tivesse acontecido, olhos negros noturnos curiosos e afiados. - Realmente poderia ser tão simples

assim. Especialmente com a conexão de Blake Howard, ele teria vendido em escolas, em sua linha de trabalho.

— Hmm! Seong-Jae cruzou os braços sobre o peito, batendo o telefone no queixo com uma careta. – É um retrato convincente. Samson foi preso por obstrução da justiça, não foi?

– Porque sua filha sacrificou ritualmente as cabras do vizinho, disse Malcolm secamente. – E ele interferiu na investigação para protegê-la. Ela saiu com o serviço comunitário por vandalismo, enquanto ele tinha anos por obstrução. É devoção paterna.

– O que fazemos pelas pessoas que amamos, disse Seong-Jae com um toque estranho de amargura cínica, antes de suspirar, revirar os ombros e esticar a mão para esfregar a base do pescoço. – Ele é obcecado pela perfeição matemática, então ele ensina matemática parte do tempo. Talvez ele também seja obcecado pela anatomia humana, ou anatomia em geral, o que causa um interesse indevido em Blake Howard nas visitas de vendas ... e possíveis atividades privadas que podem ter influenciado sua filha, fazendo com que ela interprete o que ela absorveu dele quando mutilou o gado do vizinho. Talvez ele também tenha matanças precoces que não conhecemos, com seu trabalho na cozinha de sopa, proporcionando fácil acesso a uma população desabrigada desprotegida.

Malcolm olhou para o telefone novamente e tentou abrir o perfil parcial que ele salvara em Samson e pela primeira vez, seu telefone realmente respondeu rapidamente. Ele examinou a história de emprego de Neil Samson.

Apenas para o coração dele pular, e ele se sentiu quase culpado pela *excitação*. Apressando-se enquanto dizia, – Samson foi demitido do trabalho em um distrito escolar de Phoenix em dois mil, quase um ano antes de sua prisão no caso de obstrução.

Seong-Jae não disse nada, com os olhos desfocados, o telefone ainda batendo no queixo, mas depois diminuindo até parar até que ele descansou no queixo enquanto olhava para ...

Nada.

Ele não disse nada e Malcolm percebeu que estava em outro lugar agora.

– Seong-Jae? Ele falou. Nada. – *Seong-Jae*.

Seong-Jae estremeceu, seus olhos clareando, e ele piscou para Malcolm.

– Ah?

— Você ouviu o que eu disse?

Uma longa pausa, antes de Seong-Jae dizer: - Você disse que Samson foi demitido. O que faz dele nosso suspeito mais provável.

— ... sim. Você quer voltar ao telefone com Joshi? Malcolm mordeu.
– Parece uma coisa importante a saber, se vamos fazer uma pesquisa antes da quinta.

As sobrancelhas de Seong-Jae escureceram, seus lábios afinando. – Existe uma razão para você estar usando esse tom comigo?

– Eu tenho um tom?

– Você parece chateado por eu estar momentaneamente distraído. Peço desculpas se eu, pensando no caso, tirei minha atenção de você por um breve momento, Malcolm.

O desapego silencioso com o qual Seong-Jae falou não apagou a porra do sarcasmo.

Ou quanto isso *picado*.

Malcolm fez uma careta. – Eu não me importo se você está prestando atenção em *mim*, mas quando estamos trabalhando em um caso, sim, seria bom se você mantivesse seu foco nisso e não ...

Não no que Aanga disse que fez você se desligar assim.

Seong-Jae olhou para ele friamente. - Malcolm?

– Nada. Ele rangeu os dentes. – Deixe Joshi saber. É possível que Blake Howard tenha sido o motivo pelo qual Neil Samson foi demitido e, nesse caso, essa poderia ter sido outra tentativa de amarrar pontas soltas. Vingança.

– Sim, *Senhor* Seong-Jae retrucou escandalosamente.

Malcolm apenas ... fechou os olhos, respirou lentamente mais uma vez, apertando os dedos contra o telefone.

– Não podemos fazer isso? Ele disse, abrindo os olhos. – Eu não sei por que nós dois estamos tão nervosos, mas podemos simplesmente ... não discutir o caso um com o outro?

A mandíbula de Seong-Jae trabalhou de um lado para o outro, e ele olhou furioso para Malcolm, antes de desviar o olhar bruscamente, murmurando um leve *Tch*, antes que o conjunto apertado de seus ombros lentamente se abrisse. - Sim. Eu ... foda-se. Você também deve saber que o suspeito removeu algo da cena do crime em Los Angeles. É muito provável que tenha sido onde ele escondeu seus troféus, e a vítima foi vítima de pegá-lo recuperando-os. Veja as fotos que Aanga enviou.

Malcolm se forçou a desviar o olhar daquela expressão de pedra e, em vez disso, olhou para o telefone, examinando os textos até atingir um buraco na sujeira do gramado. A casa em si era estranha, pintada estranhamente nas cores verde e azul, e por um momento um tique sob seus olhos se contorceu quando uma voz flutuou em sua mente, uma lembrança dura.

Um verde, um azul.

Se ele nunca mais visse essas duas cores emparelhadas, seria muito cedo.

– Qual é o significado da localização? Ele murmurou. – Por que ele escolheria esta casa para esconder seus troféus até que ele pudesse voltar para eles?

Seong-Jae não respondeu.

Com um som frustrado, Malcolm ergueu a cabeça apenas para que as palavras estalantes em seus lábios desaparecessem, desmoronando em nada quando avistou uma forma grande e volumosa que descia lentamente pela íngreme inclinação da estrada. — Que porra é essa? Seong-Jae virou a cabeça, olhando na mesma direção, depois soltou várias maldições suaves em coreano, baixinho.

Enquanto uma pintura extravagante *Mr. Sof-Freez* o caminhão de entrega de sorvete entrou rastejando na entrada, passando pela entrada antes de reverter em um ritmo alto e rítmico *beep-beep-beep* para começar a recuar.

As sobrelanceiras de Seong-Jae se ergueram lentamente, o lábio superior se curvando em uma careta. – Suponho que é o melhor que Aanga poderia obter em pouco tempo.

– Porra. Malcolm sibilou. – Graças a Deus os parentes mais próximos não estão aqui para ver isso.

Eles ficaram juntos, observando o caminhão ridículo manobrar no lugar; o lado estava estampado com logotipos coloridos em fontes gordas e saltitantes em rosa, roxo e azul, emoldurando um sorvete antropomórfico excessivamente excitado que servia de sorvete que acenava alegremente do lado metálico do compartimento traseiro principal do caminhão.

Pode ter sido o melhor que Joshi conseguiu reunir no último minuto, mas...

Não mudou o que parecia *desrespeitoso*.

E não mudou que Malcolm se sentiu doente, enquanto observava o pessoal da perícia começar a mexer na banheira com o corpo congelado de Blake Howard na parte de trás do caminhão.

– Eu odeio isso, disse Seong-Jae suavemente ao seu lado, e por um momento sua mão mudou até as pontas dos dedos roçarem as de Malcolm.

Apenas um breve e breve contato, de *calor* ...

Mas aliviou parte da crueza dentro de Malcolm.

E o fez se sentir menos *sozinho* com esse sentimento frustrado e desamparado.

Ele virou a mão até pegar as pontas dos dedos de Seong-Jae na palma da mão, observando-o de lado enquanto Seong-Jae encarava pensativamente o caminhão e as pessoas que o rodeavam.

– Odeio o que ...? Malcolm perguntou.

– Ele fez um show de palhaço da morte, disse Seong-Jae amargamente. Tudo. A máscara de coelho, o canto infantil, o espetáculo extravagante em suas mortes. Sua boca abaixou ferozmente nos cantos. – É como se ele estivesse vivendo um desenho animado, sendo ele mesmo o personagem de animação de assinatura, assim ... *atrocidade*. Ele acenou com a cabeça em direção à casquinha de sorvete antropomorfizada no caminhão. – Odeio isso. É preciso algo sombrio, a perda de vidas, e ilumina isso de maneiras que não posso perdoar.

– Eu não acho que perdoá-lo já foi uma pergunta, disse Malcolm ... e a mão de Seong-Jae se contorceu dentro do cacho solto da palma de Malcolm. Os olhos de Seong-Jae se fecharam, mas ele não desviou o olhar do caminhão de sorvete.

– Isso também me faz pensar, disse ele, tão baixinho que quase estava em voz baixa, e Malcolm franziu a testa.

– Perguntar o que?

Ele sabia que estava chegando, sabia com aquele sexto sentido que tinha por Seong-Jae, por todas as suas dicas sutis tão pequenas e tão familiares que Malcolm podia ler nelas uma linguagem de coisas não ditas, avisos, sussurros.

Mas ainda doía, quando Seong-Jae se afastou dele, aquela mão quente e áspera se afastando de seus olhos escuros se afastando, as costas de Seong-Jae viraram-se para ele enquanto seu parceiro se afastava, sua voz fluindo por cima do ombro dele andaram a passos largos pela grama e em direção aonde seu aluguel ficava no meio-fio.

– Onde traçamos a linha em quem perdoamos e por que atrocidades.

Malcolm ... Malcolm não entendeu.

E ele sentiu como se seu coração estivesse partido, enquanto olhava para Seong-Jae, alguma coisa terrível dentro dele, torcendo-o para o lugar onde ele não podia seguir.

– Seong-Jae ...?

Por um momento, Seong-Jae parou.

– Verifique as anotações de Aanga. Cortado, destacado, tão destacado quanto o único olho roxo que girava sobre o ombro de Seong-Jae. – A cena do crime mais recente também é a cena da morte de Alicia Duvonne.

Aquilo atingiu Malcolm como um tapa na cara. – Você não poderia me dizer isso antes? Mas Seong-Jae só se virou mais uma vez, caminha silenciosamente na grama e Malcolm cerrou os punhos. – *Seong-Jae!*

– Venha, foi tudo o que Seong-Jae disse, distanciando sua voz cada vez menor, cada vez mais calma a cada passo. – Devemos recolher as informações que podemos das crianças de Blake Howard.

Então ele abriu a porta do Honda alugado e deslizou para dentro, as janelas escuras o transformaram em uma sombra ilegível, apenas sugestões de movimento quando ele levou o telefone ao ouvido, presumivelmente ligando para Joshi novamente.

Deixando Malcolm parado no gramado, cercado por dezenas de pessoas que pareciam seguir em frente, sempre focado no próximo passo...

Enquanto Malcolm estava preso no lugar.

E imaginando como diabos tudo havia mudado tão rapidamente entre eles.

6: INDEFESO, ESPERANDO PARA COLIDIR

Malcolm não podia lembrar a última viagem tinha sido tão tensa, tão silenciosa entre ele e Seong-Jae - desde que eles se uniram como parceiros, e mesmo assim, entre o orgulho e a inimizade fervilhante, havia uma espécie de curiosidade cautelosa entre si, algo quase como a adrenalina do desafio na maneira como eles cercaram um ao outro.

Havia um prazer estranho nisso, ele percebeu.

Mas não havia prazer na maneira como Seong-Jae se retirara dele agora, com os olhos fixos no para-choque do carro do detetive North, enquanto Malcolm lutava consigo mesmo a cada quilômetro de volta à cidade. *Dizer qualquer coisa.*

Ele não confiava em si mesmo agora.

Se ele dissesse uma coisa, ele iria dizer tudo, e com o ar fervendo entre eles, poderia se tornar explosivo.

Ele não podia agora.

Ele precisa da cabeça no jogo, especialmente se eles vão lidar com crianças traumatizadas.

Como também esta noite...

Essa noite.

Ele prometeu a si mesmo, mesmo que isso significasse criar problemas com os quais ele não sabia se poderia lidar, tão longe de casa e à deriva no meio de um ataque constante de horror.

Isso não seria distorcido?

Seja arrastado até aqui neste caso infernal que o assustaria pelo resto da vida, só porque Seong-Jae precisava dele.

Apenas para o caso ser o fim de seu relacionamento.

Não seria o caso e você sabe disso.

Seria o fato de que, no fundo, você não confia mais nele.

Aquela voz em sua mente ...

Aquela voz na mente de Malcolm parecia muito com Sila.

Aquele tom zombeteiro e terrível, e ele sussurrou para si mesmo, apertando o volante com mais força, até que o couro causou uma fricção dolorosa nas palmas das mãos e as articulações de sua mandíbula estalaram com o quão duro ele estava cerrando os dentes.

Ele recusou.

Aquele pequeno *merda* fizera tudo o que podia para separá-los; para transformá-los um no outro.

Malcolm não o deixou ter sucesso depois do fato.

– Por favor, lembre-se, disse Seong-Jae suavemente, sem nunca olhar para cima, diante de sua contemplação silenciosa da cabeça do carro, – que este é um veículo alugado e, se você o danificar, o FBI é responsável por quaisquer custos.

Malcolm deu um leve sorriso, mas relaxou o aperto no volante e forçou o corpo a se soltar quando percebeu que também estava chegando ao limite de velocidade, apenas porque suas pernas estavam tão tensas e o pé aplicando um pouco mais de pressão no acelerador.

– Desculpe, ele disse firmemente. – Mas acho que eles têm uma apólice de seguro muito boa.

Seong-Jae olhou para ele pelo canto do olho, olhando-o com um olhar penetrante. – Algo está incomodando você.

Malcolm quase riu.

Merda.

Como poderia Seong-Jae ser tão perspicaz, mas ainda não perceber que o que estava incomodando Malcolm era *Seong-Jae*, agora mesmo?

– Não é nada, ele desviou. – Eu sou apenas ... eu não posso. Este caso é demais, o dia todo, todos os dias. É esmagador, e acho que estou sentindo um pouco mais o estresse hoje.

Não era mentira.

Mas ainda fazia dele o pior hipócrita.

Ele não esperava nada, para ser honesto.

No entanto, depois de um momento, Seong-Jae simplesmente ofereceu sua mão, descansando entre eles no porta-copos, dedos enrolados, palma para cima, convidando silenciosamente.

Agridoce, para Malcolm puxar uma mão do volante e enfiá-la no calor grosseiro da palma de Seong-Jae.

Agridoce, ainda que seu peito estivesse apertado e pesado ...

Ele não conseguiu virar a mão.

E ele se confortou apesar de *tudo*, como Seong-Jae entrelaçou os dedos e apertou suavemente.

– Sinto muito, Seong-Jae murmurou. – Eu estava preparado para o preço psicológico disso. Você não estava.

– Eu não sei como você *pode* ser, Malcolm admitiu. – Não sei como alguém pode se preparar para isso.

— Eu... Seong-Jae vacilou. Seu aperto na mão de Malcolm afrouxou por um momento de constrição do coração - depois apertou novamente. – Talvez ‘preparado’ fosse uma palavra ruim. Suponho que mais ... renunciou a isso.

– Renúncia, nessa situação, é apenas mais uma palavra para C-PTSD, apontou Malcolm, e Seong-Jae encolheu os ombros, os lábios se curvando amargamente.

– Você não está ciente de que não discutimos essas coisas no cumprimento do dever? Ele zombou, autodepreciativo e com uma ponta cruel o suficiente para cortar, e Malcolm se perguntou por que estava voltando aquela nitidez para si mesmo. – Um agente de campo adequado nunca discute seus sentimentos. As únicas coisas que importam são capturar nossos suspeitos e fatos concretos.

– Talvez seja por isso que sinto que não me encaixo, toda vez que entro naquele prédio, disse Malcolm. – Porque eu resolvo casos com meus sentimentos. Confio nos meus palpites, ele hesitou; quando ele começou a adivinhar dizendo coisas abertamente para Seong-Jae? – ... e eu confio na sua.

– Mas é por isso que trabalhamos tão bem juntos, não é?

Temos? Malcolm se perguntou. *Ultimamente, estamos fazendo alguma coisa, mas atacar cabeças ruins?*

Mas Seong-Jae continuou: – Você contraria minha lógica com seus sentimentos, e juntos encontramos equilíbrio.

– Sim, Malcolm disse fracamente, e apertou a mão de Seong-Jae. – Algo assim.

Eles não disseram mais nada, pelo resto do caminho até a estação central de Portland PD. O detetive North telefonou muito antes de partirem, arranjando a viúva do suspeito que estava hospedado em um hotel próximo sob forte guarda policial, depois que seus três filhos foram tratados no hospital por exposição e desidratação e liberados sob seus cuidados de manhã, para encontrá-los lá com as crianças.

Seria difícil, pensou Malcolm, mas lamentavelmente necessário.

Malcolm pensou que estava pronto para isso.

Estava enganado.

O detetive North mostrou-lhes uma sala de observação que significava menos para os suspeitos e mais para colocar as testemunhas à vontade; a mesma janela de mão única com um espelho do outro lado, como uma sala de

interrogatório, mas esta tinha sofás, cadeiras, mesas e até um pouco de água. Uma caixa de brinquedos estava em um canto, para testemunhas mais jovens ou filhos de testemunhas.

Os brinquedos ficaram intocados.

Enquanto as crianças, todas as três, se aconchegavam no canto do sofá maior, agarradas uma à outra com um nó emaranhado, como um bando de gatinhos se juntando para se aquecer.

Todos eles tinham cabelos castanhos e olhos castanhos, claramente perseguindo a mãe, uma mulher atlética com os cabelos arrepiados, a pele bronzeada e lavada, brilhando completamente, combinando totalmente com o olhar ferido em seu rosto e nos olhos avermelhados. Ela parecia ter alguém dentro dela e adquirido sua própria capacidade de *lidar*, deixando-a sentada entorpecida com a boca parcialmente aberta, como se tivesse esquecido de fechá-la.

Mas sua linguagem corporal, a maneira como ela se posicionou, de modo a colocar seus filhos no canto seguro deles enquanto se apegavam um ao outro e *dela* e tremeu?

Disse tudo.

Não importa onde ela poderia estar quando o marido foi assassinado ...

Ela estava aqui agora, com seus filhos.

Malcolm estava do lado de fora da janela com Seong-Jae à direita e North à esquerda; A mandíbula de Malcolm doía, a dor lentamente se filtrava para fazê-lo perceber que estava apertando até que seus dentes se arrastaram dolorosamente.

Merda.

– Um conselheiro de trauma já os viu? Ele perguntou. – Ou eles ficaram sozinhos com isso desde que ela descobriu?

– Ela insistiu em ficar sozinha. Disse para ficar longe dos filhos e não tentar nada, ela cuidaria deles. O bigode eriçado de North se contraiu. O nome de Mama Bear é Daria Howard. As crianças são, em ordem de idade, Tasia, Ninette e Brendt. Devo avisar que a mãe é um pouco cruel.

– Ela não é cruel, Seong-Jae apontou imediatamente. Seus olhos estavam presos na janela de observação, a cena dentro. – Ela está se culpando. Seja pela morte de seu marido ou pelo trauma de seus filhos, ela sente que, se ela estivesse lá versus com seu amante, talvez ela pudesse ter poupado um, outro ou ambos.

North fez uma cara estranha. – Você pode dizer isso apenas olhando para ela?

– Ele é bom assim, Malcolm murmurou. – E acho que ele está certo.

Se apenas por Malcolm, fazia sentido.

E seria exatamente como ele poderia se sentir nessa situação.

Ele desviou o olhar do rosto vazio de olhos de Daria Howard. – Ela viu o corpo?

North estremeceu. - Infelizmente. Precisava que ela confirmasse que era seu marido.

E o namorado?

– Segurando-o para interrogatório, mas eles têm outras pessoas para apoiá-los, para que não possamos mantê-lo por muito tempo. O detetive North aspirou ar entre os dentes. – Além disso, pela maneira como vocês dois estão agindo, você já sabe quem fez isso e não é nenhum dos meus possíveis suspeitos.

– Hmm, disse Seong-Jae sem compromisso.

– Estamos seguindo um padrão, disse Malcolm. – Um com um suspeito em particular por trás disso. Ou não estaríamos aqui, interferindo na jurisdição local.

Seong-Jae bateu com força no braço de Malcolm com o cotovelo, sem olhar para cima; Malcolm estremeceu, depois suspirou.

Certo.

Informação confidencial.

Deus, ele estava feliz por nunca ter trabalhado para uma agência federal.

Ele estava acostumado a jogar coisas perto do peito para proteger os detalhes críticos do caso e impedir que os suspeitos usassem informações contra ele ou a BPD, mas...

O FBI levou a um nível totalmente diferente.

O detetive North mal pareceu notar, apenas dando a Malcolm um olhar avaliador e avaliando-o de cima a baixo. – Veja, agora eu acredito que você foi um policial de rua, porque os malditos federais com certeza não sabem o que é uma dor quando eles entram e atrapalham nosso processo.

A cabeça de Seong-Jae subiu bruscamente, seus olhos estalando, seus dentes mal conseguiam passar pelos lábios entreabertos, uma linha branca cerrada, mas agora era a vez de Malcolm lhe dar uma cotovelada. *Estabeleça-se.* Malcolm inclinou o corpo para bloquear parcialmente o detetive North e Seong-Jae da visão um do outro.

É melhor evitar outro cisma entre agências, como o que impedia o FBI de conhecer o caso de Alicia Duvonne por quase vinte anos, enterrado nos arquivos de casos da polícia de Los Angeles.

Ele olhou para Daria Howard e seus filhos novamente, depois voltou para o detetive North. – Olha, eu fui treinado em psicologia comportamental, não apenas criminologia. Há algo que eu deva saber antes de entrar lá?

– Eu acho que ‘ser gentil’ é um dado, disse North, um toque de algo genuíno saindo sob sua sarcástica e impetuosa fala franzida, as sobrancelhas abaixando, a voz esvaziando-se para uma espécie de peso grave e preocupado. Ele balançou a cabeça. – Mas, honestamente, não acho que você vai tirar muito proveito deles. A única coisa que conseguimos aprender antes de Mama Bear nos interromper é que o suspeito fez as crianças darem as costas e taparem os olhos.

Malcolm fechou os olhos, segurando as maldições na ponta da língua pelo fio mais fino.

Sim.

Isso se encaixa, tudo bem.

Ele abriu os olhos novamente e inclinou a cabeça para o detetive North.

– Se eu pudesse ter um momento para conversar com meu parceiro, por favor?

North apenas bufou, levantando a mão e se movendo pelo corredor até o outro lado da janela enquanto Malcolm tocava levemente o braço de Seong-Jae, sacudindo a cabeça.

Seong-Jae estremeceu, tirando os olhos duros da janela, com a boca sombria; ele lançou um olhar interrogativo a Malcolm, seguido por um aceno de cabeça enquanto seguia Malcolm a alguns metros de distância do North.

Malcolm se inclinou, baixando a voz. – Segue a teoria atual, disse ele. – Ele veio buscar o pai, mas tentou proteger as crianças.

O pequeno e desdenhoso arremesso da cabeça de Seong-Jae, fazendo seu cabelo deslizar pela testa, fez Malcolm pensar em um cavalo ferido. – Forçá-los a ouvir o desmembramento do pai dificilmente os protege, ele rosnou.

– Deixado desamparado e sem visão, ouvindo seus gritos e os sons de açougue, incapaz de fugir.

– Não estamos lidando com uma mente operando na socialização básica aqui, lembrou Malcolm. – Você sabe que a ideia dele do que constitui ‘misericórdia’ provavelmente é extremamente distorcida. Ele pode até pensar que estava fazendo um favor a eles.

Seong-Jae emitiu um som gutural no fundo do peito. — *Como?*

– Ao deixá-los sentir-se perto do pai nos últimos minutos da vida, suponho.

Mas Seong-Jae não respondeu; ele apenas cruzou os braços sobre o peito, encostando-se na parede e olhando para algum lugar além de Malcolm,

com os olhos distantes, a boca em linhas conturbadas. Malcolm franziu a testa, inclinando-se, tentando chamar sua atenção.

– Estou lá fora? Ele perguntou. – Normalmente você é quem intui essas coisas, não eu.

— Eu ... Seong-Jae estremeceu, o olhar se afastando da busca de Malcolm. – Eu tenho tentado não pensar nisso, ele admitiu, sua voz já baixa escorregando para um murmúrio, menos secreto e mais ...

Envergonhado, Malcolm percebeu, enquanto observava o conjunto dos ombros de Seong-Jae, o modo como sua boca se apertava, relaxava e se apertava novamente em trabalhos desamparados; o modo como sua garganta flexionou e apertou com uma andorinha.

– Há um lugar dentro de mim, sussurrou Seong-Jae, – que parece uma pequena sala onde nosso suspeito mora, e a cada novo detalhe essa sala ganha mais substância ... assim como ele. Um tremor sutil apertou seu corpo, fez os músculos de sua mandíbula apertarem e pularem. – Mas ... é muito desagradável abrir essa porta. Ver os pesadelos macabros pintados lá dentro. Sua voz captou, depois suavizou, antes que ele continuasse rigidamente. – Sinto muito. Estou falhando no meu dever de fornecer a você clareza que você precisa.

– Você não está falhando em nada. Malcolm se aproximou. – Você está se protegendo.

Mas Seong-Jae permaneceu silenciosamente amotinado e Malcolm suspirou.

– Seong-Jae. Nada. Malcolm hesitou, depois levantou uma mão, encostando-a no braço de Seong-Jae; através da camada da jaqueta de couro, a tensão em seu corpo deixou seu bíceps tão duro quanto o aço forjado. – *Seong-Jae.*

Com um som quase sombrio, Seong-Jae desviou o olhar de volta para Malcolm, encontrando seus olhos emburrados, e Malcolm quase sorriu.

Teimoso. *Idiota.*

– Não há problema em se colocar diante do caso, ele acalmou. – Não há problema em se proteger.

— É? Seong-Jae respondeu. – E se alguém morrer porque eu não posso suportar mais de um minuto me projetando em sua mente?

– Isso não é culpa sua, respondeu Malcolm com firmeza. – É nosso trabalho detê-los, sim. Isso não significa que podemos *controlar* eles. Ou nos responsabilizamos pelas coisas que eles fazem.

Seong-Jae olhou para ele. – Negligência e supervisão ainda são uma questão de responsabilidade.

– Você estaria negligenciando mais do que esse caso se se esgotasse. Você não pode ajudar ninguém se você se quebrar, omr-an. Malcolm se aproximou, até que o calor de Seong-Jae o tocou e ele tentou devolver o calor, soltando o braço de Seong-Jae e enrolando a mão na bochecha de Seong-Jae, descansando a palma da mão contra a suavidade do queixo barbeado. – E se *ele* quebra você.

Depois de alguns momentos congelados, com uma respiração irregular ... Seong-Jae fechou os olhos, virando a cabeça e pressionando a palma de Malcolm, e o nó de dor dentro de Malcolm relaxou parte de seu domínio.

Talvez as coisas estivessem entre eles, agora ...

Mas neste momento, isso era tudo o que importava.

Que quando ele alcançou Seong-Jae ...

...Seong-Jae alcançou de volta.

– Eu não posso ir lá com você, disse Seong-Jae com pesar, seus lábios se movendo contra a mão de Malcolm. – Sinto como se minha presença os machucasse. Ele parou, depois admitiu: – ... e me machuca.

– Tudo bem, disse Malcolm, e sorriu levemente. — Deixa comigo.

Os olhos de Seong-Jae se abriram, a dureza frágil e obsidiana deles suavizando para poças escuras da noite. — Está certo disso?

– Sim. Malcolm passou o polegar pela crista alta e bem definida da bochecha de Seong-Jae. - Então descanse um pouco. Deixe-me saber se alguma coisa que você pegar enquanto estiver nos assistindo lhe der alguma ideia.

– Ah. Seong-Jae assentiu. – Eu direi.

Malcolm permaneceu por mais um momento, deixando as pontas dos dedos tocarem na franja do cabelo na nuca de Seong-Jae, acariciando o polegar contra a pele, antes que ele se afastasse com relutância.

Quando ele voltou, o detetive North os observava com franca curiosidade; Malcolm arqueou uma sobrancelha interrogativa quando se voltou para a janela, olhando para Daria Howard. As crianças ainda estavam uma bagunça, mas Daria se moveu, virando-se para elas, inclinando-se sobre elas em um arco protetor e murmurando algo para elas enquanto colocava o cabelo da menina mais velha atrás da orelha.

– Você vai entrar sozinho? North perguntou.

– Sim, disse Malcolm. – Meu parceiro precisa de ... *um terapeuta* - um minuto.

Seong-Jae não era o único, mas ...

Alguém tinha que fazer isso.

– Entendi, disse North, depois olhou por cima do ombro para Seong-Jae, enquanto se inclinava para Malcolm com um murmúrio quase conspiratório.
– Vocês dois...

– Sim. Malcolm ficou tenso, olhando-o com cautela. – Será isso um problema?

— Não. Estou com ciúmes. North bufou com um sorriso sem humor que fez seu bigode tremer de um lado e ergueu o queixo na direção de Malcolm.
– Quero dizer, não dessa maneira. Eu sou hétero. Vocês dois são homens muito atraentes, mas não estou interessado. Esse sorriso se transformou em um sorriso de zombaria. – É só para que seu parceiro seja *aquela pessoa*, também. Ser capaz de confiar na pessoa de que você mais precisa quando você está no pior, sabe? O sorriso dele desapareceu; seu olhar foi para a janela, mas sem foco, como se ele não estivesse vendo a mulher e os filhos lá dentro. – ...Eu mataria para ter isso.

– Isso me salvou algumas vezes, disse Malcolm, neutro, enquanto ajeitava a gravata e puxava os óculos de leitura do bolso, deslizando-os; ele descobriu que os óculos o faziam parecer mais velho, mais suave, mais acadêmico do que um detetive policial ríspido e achava que as crianças poderiam responder melhor a isso.

Mas ele quase sentiu como se estivesse vestindo uma armadura, aqueles óculos um escudo o protegendo também.

Porque agora, ter Seong-Jae aqui não o salvava, por mais que ele odiasse admitir.

Agora, o erro entre ele e Seong-Jae estava apenas fazendo a perspectiva de interrogar *crianças* mil vezes pior, inquieto e terrível dentro de Malcolm.

E ele precisava de todas as defesas que pudesse reunir.

– Tudo bem, disse ele, alisando o paletó e, em seguida, puxando o elástico do pulso para fora do manguito da camisa e amarrando o cabelo em um nó confuso, puxando-o do pescoço. — Aqui vou eu! Me desejem sorte!

E rezar como o inferno, eu não traumatizo essas crianças ainda mais.



Disse tudo para ele que no segundo ele abriu a porta da sala de interrogatório ...

Todos os três filhos se encolheram.

Malcolm hesitou na porta, então suavemente a fechou atrás dele. Sem sons altos, sem movimentos bruscos, e ele evitou mesmo olhar para as crianças, em vez de se concentrar na mãe. Daria Howard olhou para ele com desconfiança, instintivamente inclinando seu corpo para colocá-la mais diretamente entre ele e seus filhos.

- Está tudo bem, disse ele, mantendo a voz baixa, firme e suave. Ele levantou as duas mãos, os dedos abertos - *olhe você pode ver minhas mãos, eu não farei nada, não vou machucá-lo.* - Daria Howard, certo?

Ela engoliu; seus lábios tinham aquele olhar particularmente seco e enrugado para eles, que vinham de um choro intenso. - Sim? Você é outro policial?

- Sim. Meu nome é detetive Malcolm Khalaji. Malcolm deixou cair as mãos. - Estou no Departamento de Polícia de Baltimore, mas estou trabalhando neste caso como um complemento provisório ao FBI.

Assim como ele esperava, a estranheza chamou sua atenção, dando-lhe algo diferente de tristeza, medo e choque em que se concentrar; ela olhou para ele, as sobrancelhas arqueadas.

- Você é de Baltimore? O que você está fazendo em Portland?

- Rastreado um caso muito especial. Ele hesitou e disse: - Achamos que seu marido pode ter sido vítima de um suspeito de alto nível.

Daria soltou um som magoado, frustrado, estridente. - Quem faria, por que alguém faria algo assim. Blake nunca machucou ninguém! Ele era um bom pai, ele ...

Ela parou quando o filho mais novo, Brendt, lembrou Malcolm, choramingou, encolhendo-se atrás das irmãs. Daria abaixou a voz, torcendo para eles, esticando a mão para acariciar seus cabelos e puxá-lo para perto.

– Shhh, ela sussurrou. – Shh, está tudo bem, querido. Mamãe sente muito por gritar.

Brendt fungou, enterrando o rosto no lado dela. Malcolm

Malcolm teve que desviar o olhar por um momento.

Ele odiava o modo como sua mente trabalhava.

Odiava como ele podia ver, naquele instante, os anos de luta que viriam com a tentativa de dormir à noite sem medo, com a tentativa de lidar com um mundo que pudesse deixar algo tão atroz tirar o pai deles; a raiva, o ataque contra um universo que prometia justiça existia e coisas ruins aconteciam com pessoas más e coisas boas aconteciam com pessoas boas e pessoas más eram punidas por magoar pessoas boas.

De uma só vez, o Assassino da Proporção Áurea ensinou a essas crianças que as pessoas más nem sempre eram punidas.

Que pessoas boas nem sempre sobreviveram.

E se você acreditou que eles se machucaram e foram feridos, então você deve ser mal e deve merecer.

Malcolm nem tinha certeza de que uma vida inteira de aconselhamento pudesse reverter isso e restaurar a fé dessas crianças no mundo novamente.

Ele respirou fundo, forçou a picada em seus olhos a diminuir e levou um momento para se recompor, mantendo as mãos ocupadas ajustando os óculos e alisando a gravata.

Então ele perguntou: – Senhora, posso fazer perguntas aos seus filhos sobre o que eles viram?

Daria ficou tensa, um degrau por causa de suas cerdas, os dentes cerrados. – Eles não foram machucados o suficiente?

– Sim, Malcolm concordou. – E se você disser não, eu vou embora. Não quero mais machucar seus filhos. Não quero fazê-los reviver isso. Ele segurou os olhos dela, sem tentar convencê-la, sem tentar forçá-la. Apenas tentando ser honesto com ela. Deixá-la ver que suas intenções eram genuínas. – Mas se eles puderem me dizer algo que possa levar ao suspeito, podemos impedir que isso aconteça novamente.

Daria não disse nada. Seus lábios tremeram, antes que ela os apertasse; as bochechas dela se contraíram como se ela estivesse segurando um soluço pela menor medida.

Mas não foi Daria quem falou.

Era a garotinha mais velha, Tasia.

Sua voz estava tão falsa que ela devia estar chorando sem parar por horas, e seus braços estavam cortados com arranhões curativos, passando por

sua camisa de manga curta, que e a fraca brancura em seus lábios, o legado de quanto tempo ela estava na floresta, exposto aos elementos.

– Eu posso te dizer, disse ela, áspera, e ele teve que se aproximar para ouvi-la completamente. – Não ... não pergunte a Nini e Brenny. Eu cobri seus ouvidos. Eu ... eu não deixaria eles ouvirem. Eles não sabem.

Mas ela descobriu.

Ele podia ver naquele rosto doce, redondo e macio; como seus olhos estavam tão assombrados e arregalados como se estivessem congelados daquele jeito, trancados por tanto tempo que suas pálpebras haviam esquecido como abaixar; como sua boca era uma coisa pequena e sombria que parecia que nunca mais se moveria de sua frouxidão inexpressiva.

Ela não sabia.

Ela experimentara cada minuto daquele horror, para que seu irmão e irmã não precisassem.

Malcolm deu um passo cuidadoso para mais perto, olhando para Daria pedindo permissão, depois se agachou na frente do sofá, colocando-se ao nível dos olhos de Tasia.

– Tasia, certo? Ele disse e sorriu levemente. – Eu sou Malcolm.

Ela não sorriu de volta. — Eu sei.

– Sim. Desculpe, eu sei que você estava aqui. Ele cruzou os braços sobre um joelho. - Você quer me contar tudo o que aconteceu, Tasia? Tudo o que você lembra? Comece do começo.

Os lábios dela se dobraram para dentro. – Quando o coelho ruim entrou em casa? Ela sussurrou, e Malcolm assentiu.

– Quando o coelho ruim entrou em casa.

Ela inclinou a cabeça para trás, olhando para a mãe interrogativamente. Daria assentiu, passando um braço em volta dos ombros.

– Vá em frente e diga a ele, disse Daria. – E me diga, querida. Conte-me tudo o que aconteceu com você, para que eu possa mantê-la seguro e garantir que isso nunca aconteça novamente.

Tasia mordeu o lábio, olhando para baixo; o cabelo dela ainda estava úmido, provavelmente depois de ser lavado no hotel depois de dias na floresta e depois de um tempo no hospital, e ela estendeu a mão para brincar com uma mecha marrom escura e grudenta.

– Eu estava dormindo, disse ela, depois de alguns momentos. – Eu tenho meu próprio quarto e durmo sozinha. Nini e Brenny dormem juntos. Mas então houve um grande barulho, uma explosão, e eu pensei ... eu estava tendo um pesadelo, até ouvir Nini e Brenny chorando. Então saí da cama e olhei para o corredor.

Seus olhos dispararam para o lado, como se ela estivesse vendo de novo, e olhando para longe da imagem em seus olhos. Ela parou por alguns segundos, sua respiração muito alta, o peito arfando.

Reações de pânico, pensou Malcolm, e desejou estar *junto da* criança para que ele pudesse segurá-la em seus braços e segurá-la até que a pequena vibração rápida de seu pulso contra sua garganta se acalmasse.

Mas Daria a segurava, apertando forte, murmurando sons encorajadores, e depois de várias respirações mais, Tasia se acalmou o suficiente para falar novamente.

– Papai ... Papai estava no corredor, e eu não conseguia ver tudo, disse ela. Apesar de rouca sua voz tinha a calma clareza que só poderia vir com a dormência do choque, drenando a emoção para deixar apenas lembranças e fatos. – Mas vi um homem com cabeça de coelho. E ele tinha um martelo muito grande. As luzes eram como ... relâmpagos, no banheiro atrás dele. Ligar e desligar como se estivesse quebrado. Papai estava parado na frente dele e gritou comigo para pegar Nini e Brenny e correr.

Malcolm assentiu encorajadoramente. – Então você fugiu?

Ela respondeu rapidamente com o seu, com os cabelos caindo contra os ombros e o queixo. – Apertei bem as mãos deles e corri para a sala e saí pela porta. E ouvi papai correndo atrás de nós, e o coelho ruim também. E então papai caiu na mesa de café e se machucou, e o coelho mau disse olly-olly-todos livres como se estivessemos brincando de esconde-esconde, e disse que se eu não voltasse, ele machucaria papai.

– E você voltou? Malcolm perguntou.

Ela balançou a cabeça novamente e fungou, antes de esfregar o nariz ferozmente, quase com raiva, como se estivesse frustrada, ela ainda tinha lágrimas para chorar.

– Papai era in-inco ...

– Inconsciente, Malcolm forneceu.

– Sim. Ela olhou para ele com tristeza. – E Nini e Brenny continuaram chorando. Ele nos fez ficar ao lado do carro e assistir enquanto levava papai para fora, o colocava na banheira e enchia com a mangueira.

Hmm. Estranho. Malcolm franziu a testa, passando os dedos pela barba. – Ele disse por quê?

... Tasia balançou a cabeça. – Mas ele estava gritando com o papai por ter errado algo quando acordou. E ele o fez contar até treze. Mas papai disse que não contaria a menos que não tivéssemos que assistir. Então o coelho malvado nos disse para nos afastarmos. Cobri as orelhas de Brenny e Nini também e fechei os olhos. Os olhos dela brotaram calorosamente, o lábio

inferior tremendo. – Ele ... ele tinha uma coisa, uma faca grande que tremia e zumbia, e então papai começou a *gritar* e ... e eu fiquei com medo e corri e levei Brenny e Nini comigo e nos perdemos e nós ... nós ... nós, nós *deixamos papai lá atrás com o coelho m-mau* ...

Ela parou em um lamento quebrado e piedoso que cortou como uma foice em seu coração, em seu intestino, e ele não conseguia respirar, como se aquela borda estridente tivesse cortado suas vias aéreas.

Merda.

Enquanto Daria segurava Tasia com mais força, apertando a boca nos cabelos e apertando-a tão perto, Malcolm pegou as mãos, envolvendo aquelas pequenas coisas arranhadas que eram um sinal de sua bravura - bravura que uma criança nunca deveria saber - seu próprio.

– Ouça-me, Tasia, ele persuadiu. — Você fez bem. Você protegeu seu irmão e irmã. Ele apertou as mãos dela. – Correr era a coisa certa a fazer.

– M-mas ... mas *papai* ... - ela fungou, a ponto de subir novamente em um lamento, pressionando a testa no ombro da mãe.

Ele apertou mais as mãos dela e disse, firme o suficiente para ser convincente e tranquilizador sem pressioná-la com aquele tom que dizia *autoridade, cuidado...* – Seu pai queria que você estivesse seguro. Ele disse para você fugir, ele a lembrou. – Você fez o que ele mandou. Você fez tudo certo. Não foi sua culpa.

Ele honestamente não tinha certeza do que esperava. Com crianças traumatizadas, poderia ser de qualquer maneira.

Mas definitivamente não era Tasia deixando sua mãe.

E arremessando-se diretamente para ele.

Ele mal a pegou, um suave estalo no fundo de sua garganta quando o leve peso dela caiu contra ele; ela colocou os braços em volta do pescoço dele em um estrangulamento de membros magros, enterrando o rosto no pescoço e na barba dele.

E soluçando com força suficiente para fazer todo o corpo tremer como uma folha, preso no terrível vento tempestuoso de sua dor.

Após um momento hesitante, ele passou os braços em volta dela, segurando-a suavemente. Ele entendeu, então, o que ela precisava uma figura para substituir seu pai, um homem que não a fazia se sentir ameaçada e insegura como o coelhinho ruim, alguém que ela podia segurar por apenas alguns momentos enquanto lamentava.

Alguém a quem ela poderia se apegar como substituto.

Enquanto ela se despedia.

Doeu. Doe u o suficiente para roubar o ar de seus pulmões para estar aqui, impotente para fazer qualquer coisa por essa criança, mas deixá-la chorar, mas ele não estava se mexendo até que ela o deixou ir. Mas por cima da cabeça dela, ele chamou a atenção de Daria, impotente.

Desculpe, ele murmurou.

Ela negou com a cabeça. - Tá tudo bem. Está tudo bem, eu só ... ela sussurrou, interrompida, parando, e enquanto os outros dois filhos se escondiam atrás dela, ela segurava os braços sobre o estômago enquanto lágrimas úmidas e gordas brotavam e derramaram sobre as pálpebras inferiores para derramar trilhas por suas bochechas, seguindo caminhos secos deixados para trás antes, brilhando e descamando na pele.

- Também não foi sua culpa, prometeu Malcolm, mantendo a voz baixa para não incomodar a garotinha, enquanto segurava Tasia com mais força. - Deve sabê-lo. Não importa com quem você estava ou o que acha que fez de errado. Este não foi o seu castigo. Ou para qualquer coisa. Não é culpa de ninguém, mas da pessoa que fez isso.

Daria ofereceu-lhe um sorriso aguçado. – Obrigado.

Malcolm permaneceu assim por algum tempo, até Tasia gritar; até que ela estava quase dormindo nos braços dele, esgotando-se com o resto de sua energia. Ele gentilmente a devolveu à mãe; ela estava mole e quieta, mas parecia mais leve, sem um pouco de sua miséria, e o observou com os olhos arregalados enquanto ele se afastava com um sorriso e um último toque, enfiando o cabelo atrás da orelha.

Ela não tinha mais nada para ele; o que se seguiu foi um borrão de se perder nas árvores enquanto corriam, bebendo água da chuva capturada nas folhas, dizendo ao irmão e à irmã para não comerem nada, porque pode ser veneno, dores de fome, choro, dormir em pequenos trechos no caso do coelho mal os perseguia, caindo e se arranhando, mas nunca desistindo até encontrar a estrada e outras pessoas.

Aquela garotinha, pensou Malcolm ao sair, tinha mais força nela do que metade dos homens adultos que conhecia.

Ele só esperava que nunca fosse testado dessa maneira novamente.

Ele se sentiu pesado até os ossos, pesado em sua alma, enquanto entrava no corredor e depois se afundava na parede, inclinando a cabeça contra ela com força.

– Isso não ajudou, ele murmurou.

Seong-Jae estava parado na janela ao lado do detetive North, os braços cruzados sobre o peito dessa maneira firme e contida, como se estivesse

segurando tudo em um só lugar, mas agora ele se virou para Malcolm, dando um passo mais perto.

– Agora podemos confirmar uma arma do crime, observou ele. – O que ela descreveu é provavelmente um barbeador de gelo. Alinharia com a marca cortada na parede do corredor.

– Sim, disse Malcolm, e colocou os óculos de leitura nos cabelos. E os números. Esculpido no gelo. Com o mesmo barbeador de gelo que ele costumava ... Ele cobriu os olhos com uma mão. – *Porra.*

Seong-Jae manteve o silêncio por alguns momentos, os nós dos dedos batendo em sua mandíbula, olhar feroz, calculista, processando. – Contando até treze, disse ele então. – Qual você acha que é o significado? Que erro Blake Howard cometeu?

Malcolm virou a cabeça em direção a Seong-Jae. – Não sei ainda. Eu preciso ... não pensar nisso.

Olhos perspicazes e penetrantes passaram por cima dele. – Você está bem?

– Não. Mas Malcolm não podia falar sobre isso agora, não podia, nada. Ainda não. Ele se afastou da parede, estendendo a mão para ajustar a manga de Seong-Jae. – Vamos. Vamos conversar com os colegas de trabalho da vítima.

Mas Seong-Jae hesitou, olhando para ele, consternação piscando em seu rosto. — Você tem certeza? Você claramente não está bem.

– Sim, disse Malcolm. — Eu só... *Preciso continuar andando, ou vou entrar em colapso.* – Eu preciso estar em algum lugar *não aqui*. Ele se inclinou em torno de Seong-Jae, chamando o olhar sombrio do detetive North. – Voltaremos em breve.

North assentiu gravemente. – Vá. Faça o seu trabalho, ele disse. – Deixe-me fazer o meu.

Malcolm deixou o olhar voltar para dentro, onde Daria e seus filhos se agarraram, lágrimas escorrendo por toda parte.

– Você vai ter certeza de que eles são cuidados? Ele perguntou baixinho.

– Você tem a minha palavra, prometeu North. – Se eu nunca fiz outra coisa certa no meu maldito trabalho ... prometo que vou fazer isso.



Seong-Jae não devemos estar aqui.

Essa era a única coisa que ele conseguia pensar quando saiu do carro alugado no estacionamento de um prédio marrom alto e indescritível, uma torre de vários andares com janelas uniformes e uma face suave, letras de aço sobre a porta da frente proclamando *SHOWPLAYTEC*.

Ele não estava apto para fazer seu trabalho, no momento.

E ele não deveria estar aqui.

Ele não merecia estar aqui, quando Malcolm claramente não estava bem e Seong-Jae tinha pouco mais a oferecer do que sua mão enrolada no joelho de Malcolm, descansando ali para manter contato durante toda a viagem silenciosa.

Ele sentiu...

Ele não sabia o que sentia agora.

Como um vampiro, se consolando com Malcolm, mas incapaz de devolvê-lo, no momento em que Malcolm estava perto de quebrar. Seong-Jae sabia, ele *conhecia* Malcolm não conseguia lidar com crianças envolvidas em casos de assassinato, mesmo que fosse muito melhor do que Seong-Jae. Crianças traumatizadas deixaram Malcolm sangrando com a dor desamparada de não serem capazes de apagar o dano de suas memórias.

Seong-Jae deve ser capaz de...

Alguma coisa.

Mas, naquele momento, sua mente era um lugar de ruído branco e vazio, mal funcionando o suficiente para mantê-lo avançando e focado nos detalhes dos casos clínicos.

Se ele se permitisse reconhecê-lo ...

Ele estava em choque e provavelmente regredindo. No mínimo, dissociação e despersonalização.

Ele ficou em choque desde o momento em que viu as fotos da cena do crime de Los Angeles e fez a conexão entre a casa onde Alicia Duvonne morreu, a casa onde Melina Hermosa morreu ...

E a casa onde ele passou grande parte da adolescência.

Sonhando com uma mangueira de borracha no braço e uma agulha no braço, olhando através de plástico corrugado como vidro verde do mar, enquanto uma voz rouca sussurrava pesadelos sedutores em seu ouvido e ele nunca tinha certeza se as coisas o tocavam, acariciando seu corpo e fazendo-o tremer de repugnante prazer, eram as mãos de seu amante ou os produtos de sua imaginação, conjurados da escuridão dentro dele.

Aquela escuridão bocejou embaixo dele enquanto olhava para o telefone com o mundo inteiro virado de cabeça para baixo.

E a única maneira de não cair fora era completamente e completamente desligada.

Retirar. Coloque suas barreiras defensivas e mantenha todo mundo, inclusive Malcolm, do lado de fora deles.

Mesmo que não fosse Malcolm, ele precisava de proteção.

Era ele mesmo.

Mas ele precisava de tempo, tempo e um momento de espaço livre para tentar descobrir isso. Para entender o que isso poderia significar, perseguir as possibilidades e realizações provocando nos cantos de sua mente. Trabalhar até falar com Malcolm sobre isso, confessar o que pode ser terrivelmente condenatório ou pode não significar nada, mas ele não poderia viver sozinho com isso dentro de sua cabeça, mesmo que não pudesse suportar a ideia de sobrecarregar Malcolm com isso, ou.

Ele não tinha esse tempo, agora.

Nem que isso possa, de alguma forma, ser relevante para o caso.

Ele tinha apenas a investigação à sua frente e a capacidade de ser o parceiro de Malcolm ou seu amante. Não lhe restava o suficiente agora, todo o resto era pequeno e forçado a sair, para ser qualquer outra coisa.

E ele odiava isso.

Muitas vezes, Malcolm estendeu a mão para ele quando ele estava lutando.

No entanto, aqui estava Seong-Jae, vendo Malcolm sofrer com um silêncio sombrio.

E não fazendo nada para voltar.

Era como se ele não soubesse; como se ele não soubesse como ativar os sinais em seu cérebro que lhe diriam o que fazer, como estar lá para Malcolm, como confortá-lo.

Mas quando Malcolm passou por ele, pisando na calçada do lado de fora do prédio ...

Seong-Jae tentou.

Ele *tentou*, pegando Malcolm por trás, passando os braços pela cintura e inclinando-se contra ele, pressionando a bochecha contra as costas largas e apenas ... *segurando*.

Segurando seu calor, até que parecia que Malcolm era a única coisa quente do mundo, batendo o frio de inverno com a borda fina da carne e coração de Seong-Jae.

Malcolm parou, quase dando gorjeta aos dois, depois emitiu um som confuso, recostando-se em Seong-Jae, olhando por cima do ombro. – Omr-an ...?

– *Mmph*, disse Seong-Jae enfaticamente, enterrando o rosto entre as omoplatas de Malcolm e ligando as mãos sobre o peito. E então, mais uma vez, para uma boa medida, – ***Mmph***.

Malcolm soltou uma risada cansada e seca, enrolando uma palma quente e dura contra o pulso de Seong-Jae. – Eloquente. O que há de errado, Seong-Jae?

– O que está errado, Seong-Jae bufou, resmungando nas costas de Malcolm, – é que eu sou muito ruim nisso.

– Ruim no que ...?

– Tentando... *esta*. Ele fez uma careta, depois se relaxou, respirando fundo o perfume pedregoso e terroso de Malcolm e aquela sugestão de selvageria lupina. – Você está chateado. Eu quero te confortar. Mas estou chateado. Então, meu cérebro parece que se esqueceu de como confortá-lo.

Desta vez, quando Malcolm riu, ainda estava tão cansado, mas mais quente, mais gentil, quando ele inclinou seu peso de volta para Seong-Jae apenas o suficiente, apenas *certo*, compartilhando calor entre eles.

– Isso está ajudando, ele murmurou. – Prefiro que você me diga quando está lutando do que me calar completamente. Às vezes isso vai acontecer, Seong-Jae. Às vezes, nós dois estamos quebrados demais para segurar o outro, e simplesmente não temos isso em nós. Então nós apenas ... passamos.

– É isso que estamos fazendo agora? Passando?

– Espero que sim, disse Malcolm suavemente, depois se virou nos braços de Seong-Jae, capturando seu rosto nas palmas das mãos, e Seong-Jae estava tão bagunçado agora, mas ele precisava disso tão desesperadamente: o toque de Malcolm, a aceitação de Malcolm, sua compreensão. Seu velho lobo se inclinou, apoiando as sobrancelhas naquele gesto familiar que parecia

envolvê-los em um mundo próprio. – Um de nós encontrará seu caminho primeiro, amor. E então nós apenas ... procuramos um pelo outro.

– Esse é o problema, disse Seong-Jae, engolindo em seco, pressionando com mais força Malcolm. – Às vezes eu sei como contatar você. Mas às vezes é como se tudo dentro de mim se apagasse, e eu sou esse ... autômato que perdeu sua programação, e quero saber como ajudá-lo, mas de alguma forma perdi a capacidade.

— Eu sei. Eu sei, Seong-Jae. Às vezes, flashbacks, traumas ou resíduos atingem você e apenas ... estraga tudo, e você perde toda a capacidade. Eu *conheço* isto. Também acontece comigo, respondeu Malcolm fervorosamente. – E quando é assim ... basta saber que você quer. Você não precisa se esforçar para tentar se isso te machuca. Não posso machucá-lo apenas para atender às minhas próprias necessidades, omr-an.

Mas você pode me deixar machucá-lo para cumprir o meu?

Seong-Jae olhou para Malcolm desesperadamente, e se perguntou quanto tempo levaria até ele usar a bondade e a bondade desse homem e deixar uma casca oca como Seong-Jae.

– Como você pode suportar isso? Ele sufocou – ... estar comigo, quando eu não te der nada?

– Você me dá tudo, Seong-Jae, Malcolm prometeu, a voz grossa, aqueles olhos azuis ardósia tão quentes sob a palha grisalha de suas sobrancelhas. – Se não o fizesse, você não seria meu omr-an. É isso que *significa*.

Seong-Jae queria acreditar nele. Muito.

Mas mesmo agora, Malcolm estava consolando Seong-Jae.

Quando Malcolm mais precisou desse conforto.

Seong-Jae não sabia o que dizer. Então ele não disse nada, apenas se apoiando em Malcolm, compartilhando com o toque, com a *presença*, o que ele não poderia dar em palavras.

E Malcolm sorriu, mesmo que não chegasse a seus olhos, quando ele se afastou e pegou a mão de Seong-Jae, entrelaçando os dedos.

— Vamos lá, falou Malcolm. – Vamos ver o que o empregador de Blake tem a nos dizer.

7: AS MESMAS FERIDAS PROFUNDAS QUE VOCÊ

Após muitos anos dentro de uma cela tão pequena, havia algo a ser dito para o céu aberto. A estrada aberta. Ar fresco e frio, estrelas cintilantes, o aroma ardente de sempre-vivas, a emoção de um veículo poderoso vibrando e vibrando e rosnando ao seu redor.

Realmente, os carros eram tão *legais* agora.

Os assentos são macios, todos os sinos e assobios no painel. Ele nem sabia o que eles *fazem*, na verdade não, embora tenha sido delicioso quando ele pressionou o botão OnStar e um botão e uma voz muito real saiu, embora ele não tivesse respondido quando ela perguntou *OnStar, o que posso fazer por você? Oi? Olá?*

Às vezes, ele não precisava responder.

Ele só precisava de uma voz humana, falando diretamente com ele.

E seus filhos falaram com ele, agora, enquanto ele descia a interestadual, cantarolando junto com essas *deliciosas* novas músicas no rádio, tão alegres e animadas quando falavam da desgraça do mundo, a ironia das novas crianças capturadas em pequenos bops cheios de desesperança e fatalismo e aceitação resignada.

O mundo estava quebrado, tão quebrado.

Pobres coisas.

Pobres coisas, nascidas em uma vida que lhes tirava tanta beleza.

Mas os filhos dele ...

Ah, seus filhos seriam lindos para sempre. E ele os amava tanto; amou-os como a si mesmo, amou-os como sempre amou todos os seus pequenos.

E eles também o amavam.

O amava o suficiente para sussurrar palavras de sabedoria; avisá-lo, dizer-lhe exatamente o que fazer.

O SUV, eles disseram. Seu brinquedo novo e brilhante, tão bonito, tão poderoso, com aquele cheiro interior que dizia que ainda era um pouco novinho em folha e muito, muito adorável.

Isso tinha que ir embora.

Porque aquela pessoa que falava com ele do nada seria capaz de dizer à polícia, ao FBI, a todos os caçadores felizes e felizes em seus ternos escuros e nítidos, exatamente onde ele estava.

Os números nas placas nas costas eram de uma marca, rastreando-o através de pedágios e cruzamentos.

A caixa compacta e brilhante no painel com o mapa, que animava sempre em movimento absolutamente fascinante *mapa*, estava enviando ondas para perfurar os pensamentos das pessoas e interceptar dispositivos e marcar sua posição.

Eles estão te observando, seus filhos silvaram, da caixa no banco do passageiro, a tampa de madeira abafando e silenciando suas vozes, mas ele ainda podia entendê-las; ele sempre os entendeu, e eles entenderam *ele*. *Tantos olhos, rastejando por você, procurando.*

Procurando por suas rachaduras.

Procurando por suas imperfeições.

Procurando por você.

Não, não, isso não faria muito em *todos*.

E assim, enquanto o céu noturno era realmente adorável, passando por cima com a lua tão alta, tão brilhante, e ele adorava o som que o vento fazia deslizar como seda sobre o teto aerodinâmico do SUV ...

Ela tinha que dar.

E enquanto havia, de fato, algo a ser dito por ficar sentado tão quieto enquanto este animal se enfurecia, rosnava e agitava-se ao redor dele, levando-o adiante como um rei no ventre de seu corcel ...

Também havia algo a ser dito sobre a emoção da adrenalina.

A pressa da velocidade, enquanto ele apertava os dedos enluvados no volante e pressionava o acelerador.

Não havia ninguém na estrada, a essa hora da noite. Apenas algumas luzes traseiras distantes à frente, tão pequenas que eram apenas pontos microscópicos e ninguém no espelho retrovisor. Ele perseguiu aqueles pontos como se estivesse tentando pegá-los, cada vez mais rápido, a agulha laranja no painel sacudindo em ondas fortes, oscilando para baixo, para cima, para baixo, marcando, *correndo*, contando o metrônomo irregular de seu coração, e ele *riu* como seu corpo estremeceu e emocionado com medo.

Ah, medo.

Ele pensou que tinha esquecido, como sentir isso.

Foi uma delícia saber que ele podia novamente.

E o medo saltou brilhante e quente em seu peito quando ele tirou o pé do acelerador, cortando aquela corrida de velocidade, deixando-a começar a descer.

Depois, puxou o volante, enviando o SUV em direção à barreira ao lado da estrada antes que pudesse perder muito impulso.

Ele sabia alegria, então.

Terror conhecido.

Sabia maravilha.

Sabia como era bonito sentir-se vivo e vivo naqueles poucos momentos em que ele ficou entre morrer e sobreviver a isso, uma aposta que jogou seu destino ao vento e o deixou dançando com seus dedos inconstantes quando o SUV desviou, bateu na barreira.

E virou para o ar.

Ah, cambalhotas de ponta a ponta, e o cinto de segurança o segurava no lugar, mas a caixa de seus filhos estava voando e, quando o carro girou em torno dele, ele os arrancou do ar e os agarrou ao peito, *mantido*.

E preparado.

O SUV pousou sobre o nariz na encosta gramada do outro lado da barreira, um impacto chocante que bateu com os dentes *estalido* sacudindo a mandíbula, provou seu próprio sangue, seu próprio *sangue*, tão puro e quente, picante, salgado e perfeito, escorrendo pelo nariz e enchendo a boca, ele havia mordido algo, fatiado de maneira maravilhosa *dor* e seu corpo estremeceu e seu pescoço estalou em agonia de chicote contra o cinto de segurança enquanto o capô do SUV se dobrava, amassado, *triturado* para dentro.

Ele teve um único momento, sem fôlego, espiando através do sangue escorrendo pela testa, olhando através da arte de quebrar estilhaços do para-brisa destruído.

Apenas um momento enquanto o SUV estava na balança ...

Antes de tombar.

Caído de costas como uma tartaruga virada.

E então começou a *deslizar*, descendo a encosta da colina e em direção às árvores agrupadas no fundo.

Ele soltou um pequeno grito, *grito* de pura emoção, endorfinas pulsando através dele como se ele tivesse injetado um doce alto, como trenó na neve quando ele era menino, assim como andar de montanha-russa, e quando o SUV ganhou velocidade, ele levantou uma mão como em uma montanha-russa, o outro ainda segurando seus filhos.

E juntos, ele e seus preciosos gritaram de alegria, enquanto o SUV arava a terra e a grama e se lançava na direção da parede de baús esperando para impedir sua queda de uma vez por todas.

O estrondo, quando veio, bateu nele como o golpe de um martelo, seu corpo inteiro reverberando com ele, jogado contra o cinto de segurança e depois recuou. A respiração irrompeu de seus pulmões, deixando-o ofegante. A cabeça dele nadou, e por um momento ...

Por um momento, ele desmaiou.

Apenas alguns segundos de silêncio feliz, escuridão.

Onde ele nem podia ouvir seus filhos.

Mas eles não o deixaram dormir por muito tempo.

Eles choraram e choraram e *chorou*, gemendo de dentro de sua caixa, e ele acordou com um suspiro, respirando o ar com cheiro de gasolina e fumaça, seus uivos minúsculos rastejando em seus ouvidos.

– Calma, bebês, ele sussurrou, ofegando, com a garganta crua, e ele pensou que um dos dentes poderia estar solto, mexendo fora do lugar. Ele sondou com a língua, depois se levantou, ignorando a dor em seu corpo, procurando o cinto de segurança e soltando-o.

Antes de ele sair, no entanto ...

Ele apoiou a caixa no colo e levantou a tampa de madeira brilhante.

Os gritos de seus filhos explodiram, uma explosão estridente de som, e ele recuou por um momento, apertando a mão no ouvido. Mas ele olhou para trás, apesar da dor e acalmou – Shh, shh, está tudo bem agora, estamos seguros agora, enquanto ele os olhava, todo o brilho de mechas perfeitamente escovadas enroladas, torcidas e trançadas com os fios esqueletos para torná-los tão amáveis, tão amáveis de fato.

Eles diminuíram com murmúrios emburrados, e ele sorriu.

– Não se preocupe, disse ele. – Depois disso, teremos um tratamento especial ... e você terá novos irmãos e irmãs.

Então ele fechou a caixa, acariciando gentilmente o lacre e a trava.

Antes de girar no banco do motorista, apoiando os pés contra a porta e *empurrando*.

A porta destruída e trancada quase se soltou das dobradiças, tão destroçada quanto o resto do SUV; de algum modo, aterrissou de um lado para o outro e a fumaça subiu por baixo do capô amassado, subindo para o dossel imenso de árvores verdes e frondosas e bloqueando os vislumbres do céu.

Ele se levantou, cambaleando em uma perna que parecia dolorida, a dor disparando quando ele colocou seu peso nela, mas nada que ele não pudesse suportar. Ele teve seus filhos para segurá-lo e continuou andando *por eles*.

Sim.

Por eles

Tudo para eles.

Ele caiu na grama, levando alguns momentos para respirar, para examinar os danos que havia causado. Uma trincheira inteira de terra havia sido levantada para baixo e, quando ele inclinou a cabeça para trás, ele conseguiu distinguir a barreira danificada, o aço amassado e dobrado para fora em um ponto irregular.

Perfeito sim.

Perfeito.

Mas as sirenes, o clarão e o grito estariam chegando em breve, e com eles mais caçadores de uniforme.

Não há muito tempo, não.

Não muito

E assim, sorrindo, ele se levantou, deixando a adrenalina comer sua dor até que mal a sentiu quando mancou em direção ao SUV e circulou seu para-choque para abrir a escotilha traseira.

A mochila dentro continha todas as suas posses terrenas, suas ferramentas, suas coisas preciosas, suas roupas. Ele abriu o zíper e colocou seus filhos em segurança com um último tapinha na superfície da caixa, aninhando-os nos contornos de borracha branca de seu rosto.

Depois, pegou uma caixa de toalhetes antibacterianos, sacudindo um punhado, antes de pegar um pequeno frasco de spray de vinagre branco.

E foi trabalhar.

Oh, ele estava sangrando bastante.

Mas ele conhecia esse jogo.

Ele se arrastou de volta para o banco da frente arruinado e esfregou e esfregou e *lavado*, limpando todas as superfícies. Nenhum pedaço dele poderia ser deixado para trás, oh, nenhum *pedaço*, e talvez fosse apressado, mas ele tinha prática, experiência, *perícia*, e ele conhecia todas as fendas e fendas, todos os lugares onde uma queda perdida poderia pousar. Ele podia vê-lo nos olhos de sua mente como uma repetição instantânea em câmera lenta, e com alegria absoluta, ele localizou cada pedacinho de sangue.

E erradicou completamente.

Quando terminou, porém, ele podia ouvir - o grito, o grito, a baía dos cães de caça, subindo e descendo repetidas vezes em uivos artificiais, animais soltos na noite.

Hora de partir, antes que eles capturassem seu perfume.

Ele recuou e examinou sua obra com um sorriso.

Sim.

Ele achava que isso contava toda a história.

Bastante a história *de fato*.

E com um último tapinha no joelho do cadáver no banco de trás, deixado pela metade, fora do estofamento com os braços no quadril, ele pegou sua bolsa e a jogou por cima do ombro, sentindo-se bastante *maravilhosamente* como um vagabundo antigo com a bolsa no palito.

Então se virou e, sem olhar para trás, se afastou para deslizar sob o dossel das árvores.



Aanga disse-se que sempre pensou melhor quando estava sozinho.

E isso, ele se convenceu, era por que ele ainda estava na sala de guerra longas horas depois que todo mundo tinha passado o tempo.

Não porque ele simplesmente não queria voltar para o seu showroom vazio e perfeitamente polido, e encarar sem sentido sua ilusão de vida vazia e perfeitamente polida, sem dormir e sozinho, com seus pensamentos girando em círculo após círculo.

Ele esteve no telefone o dia todo. Retransmitindo mensagens, chamando grandes armas, puxando cordas, ganhando alguns favores políticos. Montar uma rede de arrasto do tamanho da América do Norte com quase nenhuma informação para continuar, exceto a foto de Neil Samson e uma ideia geral de que talvez, apenas talvez, a necessidade de ocultação mantivesse o suspeito em algum lugar na metade ocidental dos Estados Unidos.

Ele poderia dirigir facilmente até a costa leste, no dia 5 de março.

Mas isso exigiria longas horas de viagem, dirigindo um pouco rápido demais, sendo visto em muitas paradas para comida, gás, higiene, descanso.

Mesmo que ele estocasse os dias de comida e apenas saísse da estrada para dormir no SUV roubado de Blake Howard, mijava nas árvores ...

Ele ainda corria o risco de ser visto, em seus momentos desprotegidos.

Ele ainda precisaria parar para abastecer, onde teria que rodar uma gama de câmeras de segurança.

Não, pensou Aanga, olhando para a tela principal do LCD contra a parede oposta e as imagens espalhadas por ela.

Ele gostaria de evitar isso.

Deseja evitar totalmente a atenção, o que também significava se livrar totalmente do SUV de Howard. Talvez roubar outro carro ou continuar a pé.

De qualquer maneira, Aanga teve um palpite de que seu alvo ainda estava muito perto de casa. Ele tinha seu território e, se ainda não pudesse voltar para Phoenix, ficaria em Los Angeles. Considerando que a Cidade dos Anjos tinha sido seu local de matança por tanto tempo ...

Aanga tinha a sensação de que o assassino ainda tinha negócios inacabados aqui.

Mas ele também tinha a sensação de que Neil Samson não era o homem deles.

Os desenhos dos desenhistas produzidos pelas crianças de Hermosa o encaravam com o brilho branco do LCD. Três homens; três rostos completamente diferentes, quase nenhuma semelhança entre eles, exceto um certo fundo pálido e afundado ao redor dos olhos que combinavam com todos os suspeitos.

Embora nenhum outro detalhe esteja alinhado.

Não um com o outro, e não com seus suspeitos.

Nenhum dos esboços lembrava remotamente os cinco possíveis alvos restantes e eles com certeza não se pareciam com Neil Samson.

Porra.

Isso levantou três possibilidades.

Opção um: ele não podia confiar nas memórias defeituosas de crianças traumatizadas que viam tudo através de uma lente espelhada de terror e elementos sobrepostos, elementos alinhados com coisas que significavam *medo* em suas próprias imaginações na realidade do que aconteceu. Os artistas de esboço eram tipicamente treinados em superar isso para produzir conceitos precisos a partir de descrições muito vagas, muitas vezes estranhas, mas em casos extremos, nem mesmo os artistas mais talentosos conseguiam entender o fato de que, para a visão distorcida de uma criança assustada, o que eles descreviam foi o que eles realmente viram.

Resultando em três esboços suspeitos muito diferentes.

Todos eles inúteis.

A opção dois seria que, de alguma forma, seus cinco homens não fossem o verdadeiro Assassino de Proporção Áurea. Que ele de alguma forma

escorregou sob o radar deles, um sexto suspeito que eles nem sequer consideraram, habilmente os girando em círculos correndo atrás de chamarizes sem a menor pista de quem poderia ser o verdadeiro mestre de marionetes.

Aanga juntou os dedos, entrelaçando-os e pressionando a boca nos nós dos dedos, encarando aqueles desenhos de olhos mortos.

Não.

Como isso poderia ser possível? Todos, exceto seus fugitivos, eram contabilizados, vivos ou mortos, presos ou funcionários, incluindo os dois presos fugidos agora sob custódia depois de serem presos novamente, interrogados, contando muito pouco.

A única maneira seria se o suspeito não fosse um fugitivo.

Se ele era alguém que quebrou *para dentro* a prisão, não fora.

Um visitante, um amigo de um membro da equipe ...?

Aanga não achou que fosse isso, apesar de ter feito uma anotação mental para voltar às evidências das instalações de Phoenix e revisar os registros dos visitantes nos três dias anteriores ao ataque. Só porque o assassino usava laranjas da prisão em vídeo não significava que ele era realmente um preso; ele poderia ter roubado o macacão.

Coloque um alfinete nisso para mais tarde, ele pensou.

Assim.

Terceira Opção

Um imitador, que tinha visto os assassinatos na TV e já estava tentando imitá-los por seus escassos segundos de fama.

De jeito nenhum.

Porque Aanga continuava voltando ao fato de que o assassino era o único que sabia sobre aquela casa.

Aquela casa azul e verde, onde Alicia Duvonne morreu.

A menos...

Opção quatro.

Ou talvez a opção dois seja revisada.

Aanga se inclinou para frente em sua cadeira, olhando fixamente para aqueles esboços, como se pudessem falar com ele de alguma forma. Revele os segredos deles, dê a ele *alguma coisa*.

Não, ninguém mais sabia sobre a cena do crime repetida.

A menos que a pessoa que matou Melina Hermosa fosse o próprio Seth Duvonne.

Eles estavam lidando com dois assassinos?

Possivelmente dois trabalhando em conjunto para jogar fora da trilha?

E se Seth Duvonne não tivesse desaparecido, mas estivesse esperando sua chance de libertar o Assassino de Proporção Aurea da prisão?

Não seria inédito.

Vítimas de criminosos violentos chegando a simpatizar com as pessoas que os brutalizaram, considerando-as familiares como uma maneira de se fundamentar e recuperar algum tipo de identidade depois de ter sido horivelmente arrancada delas. Um mecanismo de sobrevivência também - *se eu me juntar a você, tornar-se como você, seu protegido, seu filho, então você não fará comigo o que fez com minha família.*

Não se fosse para acreditar nos esboços.

Seth Duvonne seria bem jovem e, apesar de todas as discrepâncias, os homens nos três esboços eram mais velhos, rostos sulcados e começando a enrugar.

Ainda assim, Aanga não pôde deixar de sentir que estava de pé à beira de algo importante.

Algo crítico.

Ele apenas...

Ainda não conseguia montar tudo.

Ele estava sentindo falta de alguma parte essencial do quebra-cabeça, para descobrir qual imagem estava formando.

Isto *deve* ser Samson.

No momento, não havia outra escolha.

Suspirando, o desapontamento percorrendo-o e fazendo-o sentir-se tão pesado quanto um saco de areia molhada, afundou-se na cadeira, esfregando os olhos doloridos e olhando ao redor da sala escura.

Ele realmente deveria ir para casa.

Pelo menos fingir que estava dormindo, mesmo que ele simplesmente ficasse ali, olhando para o teto e se preocupando com a operação.

Não ficaria bem se não acontecesse nada, honestamente.

Se eles tivessem entendido mal o significado de *três cinco*.

Melhor prevenir do que remediar.

Ele prefere desperdiçar milhares de dólares em recursos nacionais e tempo errado ...

... do que escolher políticas de orçamento e frugalidade que deixariam mais pessoas mortas se estivessem certas.

Ele suspirou, esfregando a parte de trás do pescoço, deslizando os dedos para cima para empurrar os pontos de pressão na base do crânio, aliviando uma dor de cabeça de tensão crescente, depois inclinou a cabeça

enquanto o telefone vibrava e tremia na mesa ao lado dele. Empurrando a cadeira, as rodas rolando ruidosamente, ele olhou para a tela.

Khalaji.

Aanga disse a si mesmo que sua careta era apenas exaustão diante da perspectiva de mais uma coisa que exigia sua atenção.

Não para o próprio Khalaji.

Ele pegou o telefone, olhando o texto, apertando os lábios.

Huh.

Trabalhei algumas teorias, Khalaji disse. Queria pensar antes de executá-lo por você. Sabemos que as crianças são importantes para o nosso suspeito, mas e as crianças dos nossos suspeitos restantes? Eles poderiam levar isso em consideração?

Aanga trabalhou seus lábios juntos, virando isso. Ele ainda não conseguia esquecer a cena do crime na instituição correcional, os recortes todos encadeados em pele humana, pequenas crianças em silhueta todas de mãos dadas como no Red Rover, um jogo inocente que se tornou horrível e macabro. Se Neil Samson, o ex-professor, *foi* suspeito, a conexão com as crianças era parte essencial do perfil dele, mas...

Porém...

Ainda assim *alguma coisa*.

Aquilo que não parecia bem com Aanga, sem outra explicação além da sua intuição.

E ele não teve vontade de explicar sua intuição a Malcolm Khalaji.

Ele hesitou, depois bateu, ***é possível. Vou investigar isso...***

Ele esperou o tempo suficiente para que a pequena marca de seleção azul dissesse que o texto foi enviado com sucesso.

Antes que ele desligasse completamente o telefone, deixando-o na mesa.

E voltou para a tela LCD, deixando seu brilho branco frio queimar em seus olhos até que ele não podia nem ver o escuro emoldurando-o.

Fale comigo, ele pensou. Só me diga.

Quem é você?

Você é mesmo um homem?

Ou um monstro nascido, criado e verdadeiro?

8: EU TOQUEI NO FOGO, EU ME QUEIMEI

A visita Showplaytec, na opinião de Seong-Jae, foi totalmente inútil.

Primeiro, houve as reuniões confidenciais com o gerente de Blake Howard a portas fechadas, informando-o da morte de Blake e da necessidade de manter os detalhes em sigilo. As perguntas sobre há quanto tempo ele trabalhava lá como funcionário ao longo da vida que havia começado sua carreira lá, se alguém do final dos anos noventa ou do início deveria ter um motivo para odiá-lo, dentro ou fora da empresa.

O gerente, um homem baixo e grisalho chamado Baldwin, deu de ombros; ele não parecia particularmente incomodado ou surpreso com a morte de Blake Howard, aparentemente mais preocupado com a pilha de faturas de pedidos em sua mesa desarrumada em um escritório cheio de diagramas e modelos anatômicos bastante terríveis.

E ele continuou folheando as páginas, marcando-as com um marcador, preocupado enquanto dizia: *Não, ninguém o odiava mais do que odeia a maioria dos tipos de vendas. O trabalho sempre ganha uma certa personalidade, sabe? Um idiota arrogante, mas ele sabe como dominar e encantar as pessoas certas. Não havia nada que se destacasse.*

E quando ele viajou, Malcolm pressionou? Houve algum incidente no passado com clientes, principalmente em Phoenix?

Quero dizer, merda com os clientes acontece? Tão longe ... quero dizer, porra, nem temos registros voltando tão longe. E Blake estava sempre em Phoenix, era como sua segunda casa. Não me lembro de nada, exceto como ... foda-se. Baldwin coçou o queixo. *Tipo, lá no milênio, talvez, um cara. Não lembro qual cliente. Mas Blake estragou um pedido e o cara perdeu o emprego, pegou o calor pelo excesso de custo.*

O homem era professor? Perguntou Seong-Jae. *Você se lembra se havia alguma conexão com o número treze?*

Os arranhões de Baldwin subiram à cabeça, pelos cabelos ralos e até a coroa, enquanto ele apertava o rosto e depois encolheu os ombros.

Não tenho nada, mas deixe-me ver se conseguimos, verificações antigas de faturas ou alguma merda.

Ele sacudiu através de seu computador, uma besta de uma máquina tão desajeitada e velha que ainda tinha um monitor CRT real com uma moldura naquele plástico bege que era tão popular nos anos 90, a torre sibilante estalando e zunindo, a maior parte do tempo o barulho saindo de uma fenda que levou Seong-Jae por um momento para realmente ser processado como uma unidade de disquete.

Aparentemente, no entanto, seus sistemas digitais não eram velhos o suficiente para ainda ter registros de tanto tempo atrás, e Baldwin franziu o cenho, balançando a cabeça.

Não. Muitas coisas foram fragmentadas quando mudamos para os sistemas e bancos de dados de computadores. Muitos idiotas preguiçosos não queriam digitar tudo, então eles apenas jogaram fora.

Malcolm respondeu com um eloquente *Porra*, que Seong-Jae ecoou silenciosamente.

Eles haviam conversado com a equipe de vendas e, embora alguns veteranos tivessem boas histórias sobre a vítima, nenhum deles poderia fornecer informações úteis.

Horas perdidas.

E ainda outro beco sem saída.

Mas também lhes dera alimento para reflexão. Tal como o fato de a vítima ter passado bastante tempo em Phoenix e de ter sido responsável por alguém demitido do emprego.

Instalado em sua cama bastante irregular, em cima de um edredom de padrão marrom e vermelho imensamente feio e imensamente feio em seu pequeno e sujo quarto de motel em Portland, Seong-Jae passou os dedos pelos cabelos de Malcolm com uma mão, enquanto com a outra anotou notas em um bloco de anotações, simplesmente anotando detalhes básicos quando eles o procuravam para ver aonde seu processo de pensamento o levou.

Malcolm se esticou de costas, com a cabeça apoiada na coxa de Seong-Jae, o paletó descartado e a gravata jogada sobre a cabeceira da cama, a camisa aberta na garganta para revelar mechas arrepiadas de pelos no peito cinza-ferro, um de seus suspensórios meio torcidos do ombro contra o branco nítido da blusa. Ele também tinha um bloco de anotações, fazendo o mesmo que Seong-Jae, sua caligrafia inclinada e rabiscada pela página em tinta azul com frases como *coelho ruim* e *performances encenadas e pré-planejadas*.

Eles ficaram em silêncio por algum tempo, cada um seguindo seus próprios caminhos de pensamento, mas Seong-Jae circulou uma nota em seu

próprio bloco, apenas o número 13 em vermelho pontilhado e disse, quebrando o silêncio,

– Considerando o que Tasia Howard transmitiu sobre o ‘coelho ruim’, acusando o pai de um erro, seria lógico que Neil Samson é nosso suspeito. Ele arranhou algumas linhas em ziguezague ociosas na lateral da página. – Com uma identidade positiva, rastrear e encontrá-lo será muito mais fácil. A vigilância nacional proposta por Aanga no dia 5 de março pode produzir resultados.

Malcolm inclinou a cabeça o suficiente para olhar para Seong-Jae de cabeça para baixo, batendo a caneta contra o topo do bloco. – O relógio, disse ele lentamente. – Neil Samson foi demitido em dois mil, motivos atualmente desconhecidos. Blake Howard fez alguém em Phoenix ser demitido por um erro com uma ordem. Agora Blake Howard está morto por um de nossos condenados fugitivos e, aparentemente, em vingança por um erro que nosso suspeito sentiu que precisava punir.

- Mas...

Malcolm fez um som confuso. — Mas...

– Existe um, mas, Seong-Jae apontou, e bateu sua própria caneta bem entre os olhos de Malcolm. – Sempre há um, ‘mas’ quando você escolhe suas palavras com muito cuidado.

– Vou lhe contar agora e continuarei dizendo pelo resto de nossas vidas naturais: pare de me psicanalisar. Malcolm emitiu um som repugnantemente divertido, mordendo a caneta antes de desaparecer. – Eu sempre sou cauteloso com qualquer teoria que valide o que eu mais quero.

Seong-Jae traçou a ponta da caneta ao longo de uma das sobrancelhas de Malcolm. - E que é?

– Para ir para casa, disse Malcolm, com um desejo tão melancólico que fez sua voz ser tão irregular quanto os limites das emoções de Seong-Jae. – Eu nunca pensei que amava Baltimore tanto quanto amava até não poder voltar.

– Talvez não seja Baltimore que você ame tanto, Seong-Jae apontou suavemente. – Talvez seja simplesmente um lugar que você criou, não importa onde esteja.

Malcolm sorriu meio torto e torto. – Então você está dizendo que *devemos* arrumar um apartamento em Los Angeles.

– Absolutamente não, porque não vamos ficar, disse Seong-Jae com firmeza. – Se você quiser, podemos nos mudar para a cidade de Nova York. Para Houston. Para Dublin, Ohio, não me importo, mas não vamos ficar em Los Angeles.

– Você simplesmente não quer ficar na mesma cidade que seu ex-namorado e ex-chefe irritante.

– *Você está absolutamente correto.* Seong-Jae sibilou e Malcolm riu, os movimentos de seu corpo sacudindo a cama suavemente.

– Eu também não quero ficar aqui. Muita poluição. Ele acalmou com um suspiro pesado, ombros subindo e descendo; seu cabelo estava uma bagunça emaranhada, caindo sobre a coxa de Seong-Jae em uma cachoeira para se acumular em seu colo, há tanto tempo que começava a combater a bagunça desgrenhada da juba indisciplinada do próprio pai de Malcolm e Malcolm soltou um ruído estridente e satisfeito som como Seong-Jae acariciou seus dedos mais fundo, os olhos do velho lobo se fechando. – Apenas pense, Seong-Jae. Se essa coisa no quinto der certo, poderemos estar em um voo de volta para casa no sexto.

– Só posso esperar, disse Seong-Jae. – *Nós só podemos esperar.*

Tão desesperadamente.

Para que ele pudesse deixar a cidade onde se sentia como se todo o peso do mundo estivesse tentando pressioná-lo no buraco que havia deixado para trás quando escapara, e ajustá-lo à forma que ocupava antes de fugir daquilo e se refez como outra pessoa em Baltimore.

Alguém que pudesse amar Malcolm com segurança, sem quebrá-lo.

Seong-Jae não achava que ele poderia ser essa pessoa aqui.

Ele arrastou sua mente para longe desses pensamentos. Ele só ficaria rígido, desligado ... e ele não queria quebrar isso. Onde, se ele não soubesse o que dizer para confortar Malcolm, ele poderia pelo menos estar com ele em toques suaves e contato ocioso, nas pequenas coisas quentes que fizeram Malcolm relaxar e liberar sua tensão até que ele fosse um animal selvagem preguiçoso descansando sob os dedos de Seong-Jae.

Então, em vez de deixar sua mente vagar pelos caminhos errados, ele apenas continuou acariciando os cabelos de Malcolm, enquanto olhava as anotações no bloco de anotações de seu velho lobo.

— O que isso quer dizer? Ele perguntou, apontando para a página. – Sobre ‘apresentações encenadas e pré-planejadas’.

– Eu estava pensando no que você disse antes. Sobre o caráter caricato de tudo isso. Malcolm franziu o cenho, balançando a caneta para frente e para trás entre os dedos em um rápido tique-taque, até que a tampa e a ponta se alternavam contra o bloco de notas, deixando a ponta pontilhada de pequenos pontos azuis. – Eu acho que ele planeja isso com antecedência. Talvez não seja como uma performance de palco, mas mais como montar dominós. Organizando tudo certo, e então ele só precisa derrubar um dominó para

obter o efeito desejado. Ele sabe como ele quer que a situação aconteça, então ele planeja como ele executará seu ataque para fazer as pessoas reagirem da maneira que ele quer com um único evento de gatilho. Ele bufou. – Quero dizer ... como você reagiria se um homem com uma máscara de coelho atravessasse nossa parede com uma marreta?

Seong-Jae olhou para ele sem rodeios. – Lembre-se de que sou oficial da lei treinado e um homem com um temperamento altamente volátil, e minha reação provavelmente não ofereceria muita percepção da reação de um civil típico.

– Ponto justo, Malcolm murmurou, depois riu, explodindo pesadamente. – Mas você entendeu a ideia, não é? Ele é inteligente o suficiente para prever o comportamento humano.

– Nós também, Seong-Jae apontou. – Somos treinados nisso.

– Isso implicaria que ele teve algum tipo de treinamento psicológico? Ou um histórico de aplicação da lei?

– Isso se encaixa com algo em nossos perfis e suas histórias?

– Nem um, disse Malcolm. – São apenas dados estranhos. Ignore-me. Estou perseguindo mechas de dente-de-leão até que uma delas se transforme em desejo.

– Não é errado buscar possíveis processos de pensamento não-ortodoxos. Eles revelaram muitas revelações inesperadas em casos passados.

– Eu não sei disso. O olhar pensativo e pensativo de Malcolm se concentrou mais uma vez, fixando-se em Seong-Jae. – Mas e você? Onde seus processos de pensamento estão levando você? Em algum lugar estranho o suficiente para ser útil?

Só que meu ex-amante e o homem que tentou te matar, o homem que me assombra há anos ...

... Ainda não pode ser feito conosco.

Mas ele não sabia dizer isso. As palavras eram um nó na garganta, que parecia terrivelmente como um grito abafado, como lágrimas reprimidas, como todo segredo que ele já mantinha.

Todo segredo que ele já havia se amaldiçoado, acumulou dentro dele até ficar tão envenenado, por dentro e por fora, que não pôde deixar de manchar tudo o que tocou.

Não.

Ele não diria isso a Malcolm.

Não até ele ter certeza.

Não quando, mesmo que Malcolm raramente falasse de como se sentia, sabendo que Sila pretendia deixá-lo morrer simplesmente para punir e

manipular Seong-Jae, e Malcolm tinha *aceitado* esse destino simplesmente para que Seong-Jae tivesse a chance de viver ...

Às vezes, um certo olhar distante dizia que ele ainda se lembrava.

Ainda se lembrava de ter todo o poder naquele corpo maciço e endurecido e aquela alma sábia e desgastada pelo tempo arrancada por um megalomaníaco cruel e retorcido, disposto a usar a bondade de Malcolm, sua bondade, para levá-lo ao caminho do sofrimento e da ruína.

Ainda se lembrava de ter enfrentado a própria morte, olhando isso de frente ...

... e ainda não tendo certeza de como ele se afastou.

Algumas cicatrizes eram mais profundas que a carne, e Seong-Jae separou seus lábios quando ele mudou seu toque para acariciar o polegar ao longo da faixa de carne que envolvia a garganta de Malcolm, aquela fina linha de tecido cicatricial que ainda tinha um leve toque de rosa fresco, embora já tivesse começado a assumir aquele tom branco-acinzentado tão peculiar às cicatrizes na pele tonificada de azeitona. Ele queria dizer ... algo, algo que apagaria toda a experiência, que deixaria Malcolm viver como se nunca tivesse conhecido Sila.

Mas Seong-Jae não poderia fazer isso.

E mesmo que pudesse, ele egoisticamente não faria.

Porque para Malcolm nunca conhecer Sila, era para Malcolm nunca conhecer Seong-Jae, quando seu destino e o de Sila estavam tão entrelaçados, e sem Sila, então, Seong-Jae como ele era ...

Não existiria.

Um pensamento amargo e odioso. Um doente que ele rejeitou, quando não seria grato a esse bastardo por nada, nem mesmo por colocá-lo nos braços de Malcolm.

– Ei, Malcolm disse, deixando a caneta cair, estendendo a mão para traçar as pontas dos dedos ao longo da bochecha de Seong-Jae, até sua mandíbula. – Você foi embora. Você ainda está comigo, omr-an?

Seong-Jae percebeu que seus lábios ainda estavam separados por palavras que nunca vieram, palavras que ele nunca encontrou, e as fechou antes de assentir, virando-se para aquele toque.

– Estou com você, disse ele, e odiava como sua voz se prendia a palavras que significavam muito mais do que ele poderia dizer. – Estou sempre com você, Malcolm ... mesmo quando pareço distante.

Ele só queria poder fazer Malcolm sentir isso.

Faça com que ele saiba disso com algo mais profundo do que palavras, algo que poderia permanecer gravado nos dois como uma tatuagem, algo

permanente que trancaria seus sentimentos no lugar para sempre, para que eles nunca pudessem mudar.

Para que eles nunca parassem de se amar.

E já que suas palavras sempre lhe falhavam, já que nunca eram suficientes, já que ele nem conseguia *dizer* em voz alta, para admitir essas três palavras que poderiam dar algum tipo de promessa, algum tipo de garantia ...

Ele mostrou Malcolm.

Ele mostrou a ele o único jeito que sabia, curvando-se para capturar os lábios de seu velho lobo, um beijo de cabeça para baixo que uniu suas bocas de maneiras novas e estranhas que a fizeram parecer a primeira vez sem fôlego novamente apenas o primeiro beijo tinha sido uma coisa testadora e cínica, desapegada, desapaixonada, simplesmente parte do impulso e da força entre eles enquanto testavam as forças e os limites um do outro.

Não, ao invés do primeiro beijo, Seong-Jae se lembrou de cada beijo depois, e como cada um se sentiu como uma coisa nova, como sua própria primeira vez, quando todos trouxeram explosões mais profundas de emoção cintilante para percorrer ele, preencher seus espaços vazios, ilumine sua escuridão ...

... e fazê-lo perceber o quão profundo e difícil ele estava se apaixonando por seu velho lobo.

Talvez, ele pensou ao provar a boca de Malcolm, enquanto saboreava a firmeza de seus lábios, do jeito que eles sempre se separavam *só assim* quando Seong-Jae sacudiu a língua apenas dentro da curva sensível da parte inferior, fazendo Malcolm gemer enquanto Malcolm sempre gemia ...

Talvez ele estivesse condenado desde o início.

Desde o momento em que ele olhou para Malcolm do outro lado do corpo de um estudante morto universitário gay e encontrou aqueles intensamente escuros e pensativos olhos azuis ardósia olhando para ele como se aquele homem estranho e selvagem já pudesse ver dentro dele.

Ver dentro dele, e queria mais do que viu.

Seong-Jae entendeu, agora, querendo mais. Porque sempre que ele estava com Malcolm, ele queria mais e mais e *mais*, desesperado por ele, precisando dele, e ele não achava que Malcolm entendesse que mesmo se os homens que amavam Seong-Jae fossem obsessivos ... o mesmo também era Seong-Jae.

Obsessivo, possessivo, destrutivo em seu amor, e ele estava com tanto medo, mesmo quando beijou Malcolm suavemente, ternamente que precisaria tanto desse amor que esmagaria a própria vida dele em suas tentativas de abraçá-lo com força.

E algo desesperado o levou quando ele inclinou a boca contra o mais forte de Malcolm, enquanto cedia ao aumento do calor dentro dele que queria mais do que um beijo, mais do que o toque de dedos ásperos em sua bochecha ou cabelos prateados correndo por suas mãos; queria aquele momento em que *nunca o suficiente* passou a ser *tudo*. Malcolm emitiu sons ásperos e rosnados que roncaram através dele em Seong-Jae, enquanto Seong-Jae mordida sua boca com mais força, machucando, provocando, provocando, desafiando, seduzindo.

Dizendo, com cada toque ...

Me quer.

Deus por favor...

Me quer do jeito que eu quero você.

Como se ele tivesse ouvido esse pensamento, como se ele tivesse sentido, *provado* nos lábios de Seong-Jae, Malcolm soltou um som gutural e faminto, empurrando-se para cima, nunca quebrando a fechadura febril de seus lábios, mesmo quando ele se virava para encarar Seong-Jae, ficando de joelhos até que aquele corpo poderoso pairava sobre Seong-Jae, enjaulando-o contra a cabeceira da cama do quarto de hotel.

Eles se abraçaram como se isso fosse algum tipo de segredo, apressado, urgente, sussurrado, silencioso, algo roubado neste quarto estranho e nessa cama estranha, lábios e dentes mordendo em guerra, luxúria crescendo na queimação no estômago de Seong-Jae e a pressão do pau endurecido de Malcolm contra seus quadris, algo *mais* do jeito que as mãos de Malcolm eram tão gentis, mas tão necessitadas, enquanto ele tirava Seong-Jae da camisa, adoração com fome do jeito que Seong-Jae rasgou a camisa de Malcolm e depois parou para ficar, tocar a cicatriz desgastada e bronzeada, pele sem caroço no peito densamente musculoso de Malcolm com apenas as pontas dos dedos.

Ele sentiu como se estivesse perseguindo o pulso de Malcolm em todas as veias abaixo de seu toque, enquanto percorria os contornos tentadoramente esculpidos e afilados e sulcos dos quadris e do estômago de Malcolm; como ele encontrou os pontos sensíveis com toques de cócegas, de modo que toda vez que ele roçava, acariciava, achatava as palmas das mãos e *acariciou*. A boca de Malcolm ficou frouxa contra a dele com um profundo gemido de barítono e seus quadris estremeceram em um pequeno empurrão trêmulo que iluminou Seong-Jae com fricção.

Malcolm foi o único homem que Seong-Jae já conheceu que poderia destruí-lo com desejo, que poderia mostrar a ele como era estar tão consumido *querendo* que ele não conseguia pensar em mais nada e que não

conseguia pensar em nada além de Malcolm, quando seu lobo o derramou de volta para os travesseiros com as mãos ásperas, arrancou o jeans, tocou seu corpo com os dedos que pareciam moldar Seong-Jae de volta. Quem ele deveria ser, deixando-o limpo novamente como se aquelas mãos santificadas e amadas pudessem purificá-lo com seu toque.

Ele ofegou sob Malcolm, deslizando as mãos sobre as costas, o pescoço, roubando a boca da exploração da clavícula de Seong-Jae para capturá-lo em um beijo mais uma vez, sussurrando – Malcolm, *Malcolm*. Enquanto segurava as coxas contra as de Malcolm e se levantava para triturar os quadris e não deixar nem um segundo de dúvida sobre quem ele queria. Quem poderia fazê-lo sentir esse fogo instantâneo, essa queimadura, essa ignição instantânea que o levou a uma necessidade sem sentido; quem poderia fazê-lo disposto a mostrar seu desejo tão livremente, sem restrições, sem se proteger, tudo o que era e tudo o que queria exhibir, oferecido sem medo.

Ele estava com tanto medo de dizer que as palavras que poderiam prometer Malcolm Seong-Jae era *dele*, para sempre, em todas as coisas.

Mas ele podia se entregar a Malcolm tão descaradamente que ...

Que ele esperava que Malcolm pudesse sentir.

Saber!

Imprima em si mesmo tão profundamente quanto o toque de Malcolm imprimiu em Seong-Jae, deixando linhas abrasadoras em sua carne que ele ainda sentia queimando, tenso, sensível e tremendo muito tempo depois que aquelas mãos se moveram sobre seus quadris, coxas, acariciando e depois segurando sua bunda e afundando dedos grossos contra sua carne com um calor possessivo e animalesco.

Ele nunca soube como isso aconteceu tão rápido. Como um momento eles se enroscaram juntos, levando um ao outro a um ponto febril com exploração acalorada, provando, tocando e provocando um ao outro, procurando o corpo um do outro como se pudessem descobrir cada último fragmento de prazer e agarrá-lo a si mesmos.

E o próximo Malcolm estava duro entre suas coxas, a carne grossa e macia de seu pênis deslizando contra a bunda de Seong-Jae, acariciando-o e provocando-o a tremer, gritando tensão com a antecipação enquanto Malcolm deslizava seu pênis com lubrificante, uma mão grossa trabalhando sobre ele mesmo enquanto cerrava os dentes e assobiava, seu rosto tão fodidamente *lindo* com os olhos escuros de prazer.

Escuro de prazer, e trancado em Seong-Jae.

Malcolm arqueou-se sobre ele, apoiando uma mão na cama, o cabelo selvagem caindo sobre o ombro para deslizar contra o peito e o braço de

Seong-Jae em carícias chocantemente frias e delicadas contra sua pele sensível e picante; ele ofegou, apenas para pegar a língua entre os dentes quando Malcolm guiou o calor da cabeça de seu pau para cutucar a fenda da bunda de Seong-Jae, empurrando parte do músculo até que ele pressionou contra o aperto, a sensibilidade da entrada de Seong-Jae.

Seu estômago se arrepiou, sentindo-se como medo e adrenalina e desejo perfeito, tudo em um, suas respirações sugando.

Malcolm olhou para ele com intensidade devoradora, prendendo ali, suas respirações ficando superficiais. – Você tem certeza que quer dessa maneira? Ele respirou, uma ponta quente e abrasadora escurecendo aquela voz estrondosa e trovejante.

Sempre.

Sempre, Seong-Jae queria tanta dor e tanto amor quanto pudesse suportar, como Malcolm poderia suportar dar a ele.

Porque para ele ...

Dor e amor foram acasalados e casados.

E ele preferia escolher sua agonia, abraçá-la como prazer, do que tê-la forçado.

Ele deslizou os dedos na barba de Malcolm, acariciou profundamente, inclinou-se para embainhar a boca sobre o omr-an.

– Faça, ele sussurrou contra a boca de Malcolm. – Mostre-me como você me ama.

Malcolm parou completamente antes que uma poderosa onda de tensão fluísse através dele, estremecendo da cabeça aos pés, como se essas palavras tivessem *feito* algo para ele.

– Seong-Jae, disse ele irregularmente, capturando a boca de Seong-Jae mais profunda, mais quente, silenciando todos, exceto seus gemidos abafados e necessitados enquanto Malcolm tomava a boca com uma ganância possessiva.

E pegou seu corpo com uma exigência absoluta, capturando Seong-Jae e varrendo-o nisto e não o deixando ir.

A primeira dor veio como uma queimadura de alongamento, quando o pênis de Malcolm deslizou nele uma polegada de cada vez, mas a dor seguinte foi um impulso lancetante, que força esmagadora derramou no estalo agudo e controlado dos quadris de Malcolm, a força necessária para abrir o corpo de Seong-Jae, a força motriz de algo empurrando Malcolm como se estivesse possuído, derramando dele para Seong-Jae.

Seong-Jae quase gritou contra os lábios de Malcolm, quando aquele pau grosso o abriu das maneiras mais deliciosas; ele mal conseguia encontrar

fôlego para o som, mas implorou em sussurros incoerentes enquanto contorcia os quadris e fazia seu corpo se mover em torno de Malcolm, atormentava os dois, transformava isso em uma batalha pela qual lutavam um contra o outro quando batiam, emaranhavam pernas entrelaçadas e o ritmo entre elas, uma coisa errática, onde, em vez de um conjunto perfeito, eram estranhas e novas uma para a outra, surpreendendo-se, fazendo com que cada explosão de sensação abrasadora fosse um choque que apenas amplificava sua intensidade.

Até Seong-Jae se render.

Até que ele desistiu completamente, colocando-se totalmente ao alcance de Malcolm, à mercê de Malcolm, jogando a cabeça para trás e agarrando um punhado de cabelos de Malcolm enquanto ele se deixava arrastar pelos impulsos violentos e animalescos que seu amante, amor, amado batia nele, eletrificando-o com a lâmina escorregadia de carne contra carne e a sensação de seu corpo inteiro *alongando* por dentro, apenas para fechar apertado e travar contra aquela carne ardente e pulsante dentro dele.

Ele deixou Malcolm mostrar o caminho, então.

Como ele deixara Malcolm mostrar a ele o que significava amar e ser amado.

E ele seguiu Malcolm a um ponto vertiginoso, ao tremor lindamente insuportável e à tensão de seus corpos quando aquele pico acenou, puxou-os para uma borda oscilante ... os empurrou.

Seong-Jae caiu, tão voluntariamente, tão avidamente, caindo na pressa.

E apenas alegando que quando eles finalmente chegaram ao fundo do poço...

O acidente não destruiria Malcolm completamente.

E deixe Seong-Jae segurando os pedaços.

9: QUALQUER COISA PARA SE SENTIR VIVO

Outro teto não familiar.

Dessa vez, no escritório do Departamento de Polícia de Portland, em uma sala reservada no térreo do escritório do detetive North, que fora entregue a Malcolm e Seong-Jae para lhes dar um lugar para trabalhar no local.

Malcolm achou que eles poderiam ter trabalhado com a mesma facilidade no quarto de hotel, mas isso era mais sobre política e diplomacia.

Mesmo que ele não se considerasse o FBI, ele ainda estava aqui representando o escritório de campo de Los Angeles.

E mesmo no meio de um caso em que salvar vidas deve ter prioridade ...

Eles tiveram que jogar política e ser bons jogadores de equipe.

O que significava ficar rondando Portland em um escritório empoeirado e sujo com paredes bizarras de cor branca, para que ninguém pudesse dizer que não havia cooperado com a polícia de Portland na investigação.

Ele se recostou em uma cadeira de escritório estridente e pequena demais para ele, testando se poderia suportar seu peso sem quebrar enquanto olhava para o teto desconhecido, desta vez quadrados brancos com aquelas pequenas manchas bege de recortes que tinham foi um grampo da construção de edifícios públicos por uma década ou duas.

– Eu odeio isso, ele murmurou.

Seong-Jae estava parado na janela, uma sentinela silenciosa em preto; ele estava calado, como costumava fazer ultimamente, mas depois de terem desmoronado juntos na noite passada em uma pilha de suor, uma parte da tensão parecia ter saído dele; aquela barreira invisível também parecia ter diminuído, o ar entre eles menos sufocado.

Seong-Jae virou a cabeça, observando Malcolm por cima do ombro.

– Odeia o quê?

– Por que estamos mesmo *aqui*? Malcolm disse. – Estamos encarando as paredes sendo pagos para pensar, e é apenas uma perda de tempo. O corpo de Blake Howard está em um armário refrigerado e em um avião para Los

Angeles enquanto falamos, enquanto observamos os dados que poderíamos ter enviado por e-mail para nós em Los Angeles e fazendo absolutamente merda só para parecer que ficamos o tempo suficiente para satisfazer os policiais de Portland.

Seong-Jae arqueou as sobrancelhas. – Você também não ficaria satisfeito em Los Angeles. Seria uma mesa diferente, mas ainda assim uma mesa.

– Meu cérebro funciona melhor quando estou *fazendo* coisas. Não sou inteligente quando estou parado, Malcolm rosnou, e Seong-Jae bufou.

– Você está sugerindo que é particularmente inteligente em outros momentos.

Malcolm estreitou os olhos, depois arrancou um post-it da pilha no cotovelo, enrolou-o e jogou nas costas de Seong-Jae. – Certo.

O post-it ricocheteou na omoplata de Seong-Jae e caiu, ignorado; Seong-Jae não se mexeu, exceto por erguer as sobrancelhas.

– Fascinante, disse ele. – E altamente imaturo.

– Você nunca se parecia mais com Spock do que agora.

– Eu não aprecio suas referências juvenis à ficção científica.

Malcolm sorriu. – Nem comece. Você lê romances sobre sapatilhas.

– Eu coleciono literatura clássica que está esgotada e é uma marca registrada de sua época, disse Seong-Jae, altivo, cheirando.

– E quando você era garotinho, disse Malcolm, – você sonhava em ser um detetive fervido em um sobretudo, andando de um lado para o outro com uma lupa e procurando pistas enquanto damas em vestidos de lantejoulas o seduziam apenas para se ligar a você e cruzá-lo com uma lança.

A expressão de Seong-Jae instantaneamente se apagou, antes que seus olhos se apertassem, se fixaram ferozmente em Malcolm. — Eu o odeio. Então ele desviou o olhar, clicando no fundo da garganta. – E quando eu era garoto, nos meus devaneios, sempre ganhava porque estava imune às suas sedução.

– Ótima maneira de salvar o dia. Também para admitir que eu estava certo. Malcolm sorriu. – Eu devo comprar um casaco daqui de grandes dimensões.

– Estou absolutamente bem com a jaqueta que já roubei de você. Seong-Jae bufou. – Esta não é uma conversa produtiva sobre o caso.

– Porque é isso que acontece com meu cérebro quando você me coloca atrás de uma mesa e espera que eu faça algo que valha a pena. Eu te disse que odeio isso. Arrastar esse caso de um assassinato para o outro, sem solução alguma. Então, minha mente apenas se desvia para outras coisas. No

momento, a única coisa em que consigo pensar é tentar harmonizar o refrão de ‘Bal Balalam’.

– Eu não sei o que é.

– Porque meu pai ainda não demonstrou seu amor pelas tradições da música folclórica iraniana, disse Malcolm secamente. - Espere aí.

Seong-Jae soltou um suspiro sofrido. – Tenho certeza de que surgirá mais cedo ou mais tarde. Arash parece bastante interessado em me induzir à sua família.

– Você está namorando o único filho dele. Isso faz de você, por procuração, seu filho adotivo até ...

Ele começou a dizer *até você ficar doente de mim.*

Até você ficar doente de mim, e terminar comigo.

Mas, ele...

Merda.

Um mês atrás, ele seria capaz de fazer essa piada, e Seong-Jae teria zombado dele por isso, e lhe disse que Malcolm não era tão irritante para ele. *Ainda.* Uma ameaça lúdica que ambos sabiam que ele não queria dizer, mas agora ...

Agora mesmo, mesmo depois da noite passada, depois daquele tumulto de paixão, toques carentes e emoções calmas?

Parecia que uma palavra errada poderia torná-la real demais.

E eles se entreolharam por vários momentos sem dizer nada; foi Malcolm quem desviou o olhar primeiro, que desviou os olhos para fixar na bolsa de laptop, o HP ainda dentro e desligado; na pilha de impressões dos relatórios de evidências da polícia de Portland da casa de Blake Howard.

– Não há mais nada que possamos fazer aqui, ele murmurou. – Eu odeio isso, mas é verdade. Enquanto isso, é quase o fim do dia no terceiro. Deveríamos estar de volta a Los Angeles, ajudando Joshi.

Seong-Jae estalou a língua. – Você deve estar se sentindo confinado, se preferir estar com Aanga.

– Prefiro o diabo que conheço. Malcolm resmungou, deixando a mão cair sobre a pilha de páginas e tamborilando com os dedos. – Melhor do que apodrecer até a morte, estagnando aqui por causa da óptica.

– O que exatamente está nos impedindo de partir?

– O fato de que apenas um de nós é um bastardo anarquista rude? Malcolm suspirou. – E o fato de Joshi não nos ter dito que precisa de nós de volta, e ainda pode haver algo para encontrar aqui.

Couro e jeans sussurravam e rangeram suavemente, os sons de Seong-Jae se afastando da janela, antes que dedos angulares se enrolassem nas

costas da cadeira de Malcolm, puxando-a para trás. Ele inclinou a cabeça para trás, olhando para cima, quando Seong-Jae se inclinou sobre ele, olhando para ele com sua cabeleira negra caindo sobre os olhos escuros e pegando seus cílios.

– Diga-me honestamente, Malcolm, disse Seong-Jae. – Você acha que nosso suspeito está nas proximidades de Portland?

— Eu... Malcolm considerou, depois balançou a cabeça. – Não. Não com dois locais de matança sequenciais em Portland e Los Angeles, em tão pouco tempo. A menos que ele volte por algum motivo e volte aqui.

– Existe alguma razão convincente para ele?

– Não quando essa é a única morte em seu padrão que acontece fora da Califórnia. Franzindo a testa, Malcolm virou isso. – Não. Blake Howard foi sua razão de vir aqui. Isso foi pessoal. Não há nada que o mantenha aqui.

– Então não há razão para estarmos aqui, disse Seong-Jae com firmeza. – O corpo de Howard e qualquer evidência forense valiosa provavelmente já estão chegando em Los Angeles agora. A cena do crime já está sendo destruída agora que o corpo foi removido. Tudo são apenas dados que podemos trabalhar com a mesma facilidade em LA. Ele passou os braços em volta do pescoço de Malcolm e se inclinou para mais perto, curvando-se até ficarem quase nariz a nariz, aqueles lábios vermelhos sedutores se movendo sobre os de Malcolm. – Pare de deixar seu senso de consciência sobrecarregado torná-lo irracional e arrumar suas coisas. Mandarei Aanga organizar nossos voos.

Malcolm sorriu e pegou o lábio superior de Seong-Jae, beliscando-o suavemente, roçando os dentes ao longo dele antes de soltar. – Não pense que não aprecio sua interferência, para evitar falar com ele o máximo possível.

– Talvez eu seja simplesmente possessivo com você, e não quero que Aanga tenha ideias sobre persegui-lo depois que eu o rejeitei.

Seong-Jae esfregou o nariz no de Malcolm, então, balançando como se ele pudesse roubar outro beijo ...

... Apenas para se endireitar, soltando a cadeira com o encosto dobrado de Malcolm rápido o suficiente para fazer o assento saltar para a frente com força suficiente para rebater Malcolm na vertical com um suave *oof*.

– *Idiota*, Ele rosnou.

E pela primeira vez no que pareceu anos, Seong-Jae sorriu.

– Sim, eu estou, disse ele, já puxando o telefone, os olhos brilhando. – Mas eu sou seu. Agora pegue suas coisas. Estamos dando o fora daqui.



Eles quase escaparam sem um confronto.

Quase.

Seong-Jae esperava que eles fossem, pelo menos, especialmente depois de quase ter mordido a cabeça de Aanga em uma conversa rosnada sobre como organizar voos de volta.

O quê? Você não está voltando?

Você esqueceu que estávamos aqui?

Eu ... porra, talvez. Escute, eu ...

Eu sei. Você está lidando com muita coisa, a operação está em plena aceleração até a execução e você é puxado em um milhão de direções ao mesmo tempo, Seong-Jae tinha cortado. Mas nós somos seus melhores ativos. Você precisa de nós lá. Tratar-nos como uma reflexão tardia apenas, como diria Malcolm, morderá sua bunda.

Sim, Aanga disse fracamente. Morda-me na bunda.

Seong-Jae havia acabado de desligar e aguardou a mensagem de texto com as informações de voo enquanto empacotavam suas coisas e examinavam quais evidências precisavam ser levadas com eles na forma impressa e o que poderia ser acessado digitalmente mais tarde.

Seong-Jae simplesmente esperava poder escapar sem encontrar mais ninguém.

Antes que exatamente o que ele estivesse preocupado acontecesse. *Fez.* Porque ele não estava de bom humor hoje.

Não depois de passar a noite toda, o dia todo, tentando impedir os demônios mentais sussurrando e rindo em seu ouvido, tentando forçá-lo a olhar de frente para a cena do crime de Los Angeles.

Para se fazer perguntas que ele não suportava, sobre Sila.

E, por mais desgastado que estivesse, não podia prever o que poderia fazer se alguém o deixasse hoje.

Mas quando eles entraram no corredor, com suas sujas luzes fluorescentes cinza-branco, o detetive North estava saindo do escritório, fechando a porta atrás de si. Ele lhes deu um sorriso familiar demais, levantando a mão.

– Ei, já está saindo para o dia? Ele chamou, enquanto enfiava as mãos nas calças muito marrons e caminhava mais perto. – Deve ser legal, não ter ninguém passando o tempo.

Se Seong-Jae conseguisse o que queria, ele teria simplesmente concordado sem dizer uma palavra e continuado.

Mas é claro que Malcolm parou.

Pronto.

Aquele breve olhar de culpa brilhando em seu rosto, escurecendo seus olhos.

Oh Deus. *Droga* isto.

Vamos lá.

Malcolm sorriu tristemente e ofereceu a mão a North. – Estamos voltando para Los Angeles. Mas foi um prazer trabalhar com você.

O sorriso de North desapareceu. Ele olhou para aquela mão de dedos grossos, como se ela o tivesse traído de alguma forma, antes que aquele olhar brilhasse entre Malcolm e Seong-Jae.

– Você já está indo embora? Você nem está tentando resolver o caso? Ele acusou.

– Não funciona assim neste caso. Malcolm estremeceu, a mão caindo. – Há muito o que podemos fazer nos assassinatos individuais, uma vez que os vinculamos à grande figura. Não somos úteis aqui.

– Sim. Claro. Não é útil. Você aparece, toma conta da minha cena do crime, tem jurisdição sobre o caso e depois o que ... o quê? North fez um som de escárnio e nojo. – Você vai embora. Enquanto isso, eu tenho um caso aberto, nenhum corpo, uma família que fará terapia pela *vida*, e você apenas seguirá em frente. E se o seu cara aparecer aqui de novo? E se Portland for seu novo campo de matança?

– Não é, disse Seong-Jae com firmeza. Ele estava pondo um fim nisso agora, e caminhou entre North e Malcolm, plantando-se bastante entre o detetive e seu oponente, olhando para ele com a mandíbula apertada. – Nós já temos uma liderança no próximo local de assassinatos, e ele não está aqui. Portland e Blake Howard nos forneceram informações valiosas, mas, se quisermos evitar uma recorrência, *não podemos* ficar aqui. Somos necessários em Los Angeles em uma operação altamente sensível ao tempo.

North revirou os olhos, bufando e virando o rosto. – Com certeza você está. Porra, eu odeio pontas soltas assim.

– Todo esse gabinete serial é, como você diz, um ‘fio solto’, rosnou Seong-Jae. – Se resolvermos um assassinato, resolvemos *todos eles*, mas, no momento, não estamos ajudando ninguém permanecendo em Portland. Estou certo de que existe algum protocolo social entre agências que estamos violando ao sair agora, mas não *importa*.

Ele olhou para North, praticamente desafiando-o a discutir. Para testar Seong-Jae agora, quando ele estava tenso e a última coisa com a qual ele podia lidar era alguém culpando seu amante por política social.

North não disse nada, apenas trabalhando a boca até o bigode tremer para frente e para trás, antes de atacar Seong-Jae com um olhar irônico.

– Vou, disse ele. – Agora você definitivamente está agindo como um alimento. Deixe-me saber quando você conseguir sua grande solução. Talvez eu receba uma nota de rodapé na conferência de imprensa.

Seong-Jae segurou sua língua, mesmo que ele não quisesse.

Mesmo que uma parte feia e cruel dele quisesse eviscerar verbalmente o North, até que ele assumiu seu ego e sua atitude sobre *um assassinato* em face do que poderia se transformar em *dezenas* e empurrou-os absolutamente na parte mais profunda e sombria de sua *bunda*.

Como ele se atreve...

Como *ousa* ele tenta fazer Malcolm se sentir culpado por se concentrar em salvar a próxima vida, em vez daquela que não poderia ser restaurada?

Não era como um homicídio local.

Essa era uma escala totalmente diferente.

E se North não pudesse ver isso, então ele poderia se foder.

Erguendo-se, esperando, Seong-Jae olhou para o norte - até que o homem apenas bufou e se virou, movendo-se com forte orgulho enquanto se afastava pelo corredor. Malcolm assobiou baixinho, movendo-se para o ombro de Seong-Jae, tocando seu braço; um lembrete sem palavras para ele se afastar, acalmar-se, parar de irradiar, como Malcolm diria, uma nuvem sufocante e inefável de *névoa irritada*.

Seong-Jae rosnou para si mesmo, mas desviou o olhar das costas de North que se retiravam, olhando para Malcolm. – Minhas desculpas, ele murmurou.

– Não, eu ... obrigado. Malcolm sorriu fracamente. – Eu poderia ter deixado ele nos convencer a transferir para Portland, se você não tivesse entrado.

Que foi *porque* Seong-Jae entrou em cena.

Ele não estava acostumado a pensar em seu velho lobo como frágil, quando Malcolm era um titã inabalável de paciência, força gentil, fortaleza.

Mas havia algo ao redor dos olhos dele.

Algo que dizia que ele estava perto de quebrar.

E se Seong-Jae pudesse tirar um pouco da pressão dele, ele *faria*.

Virou-se para Malcolm, persistindo naquele olhar sombrio e cansado em seus olhos e suspirou. – Você nem sempre diz não quando deve, Malcolm, ele murmurou, e enrolou a mão na lapela do paletó de Malcolm, puxando gentilmente. – E as pessoas se aproveitam disso.

Eles... O sorriso de Malcolm estava zombando, cheio de auto recriminação. – Você vai me proteger das más intenções das pessoas, ah?

– Se eu pudesse. Seong-Jae pressionou os lábios na testa de Malcolm, fechando os olhos e respirando. – Mas eu vou tentar. Sempre.

Malcolm se inclinou para ele com uma risada murmurada. – E você diz que não faz nada por mim.

Talvez eu não, Pensou Seong-Jae.

Quando talvez eu seja uma dessas pessoas, você também deve aprender a dizer não.

Mas, como tantas outras coisas, ele trancou esses pensamentos atrás dos dentes.

Trancou esses pensamentos atrás dos dentes, atrás das paredes do coração e, em vez disso, pegou a mão de Malcolm, puxando-o em direção à escada.

— Venha, ele disse. – Temos muito pouco tempo para pegar nosso voo.

– Um dia em breve, disse Malcolm, apertando quase com muita força a mão de Seong-Jae, – estaremos entrando naquele voo de volta para Baltimore.

– Pelo nosso bem ... Seong-Jae passou o polegar sobre as juntas de Malcolm e se perguntou por que ele sentia uma sensação de pavor. De algo pairando sobre suas cabeças, brilhando em tons de verde e azul, tentando com tanto esforço abrir caminho até a frente de sua mente. – ... Espero que sim.

Mas a esperança não era realidade, ele pensou.

E na realidade ...

Ele temia que eles estivessem em Los Angeles por algum tempo.



Malcolm desejou que ele poderia dormir em aviões tão facilmente quanto Seong-Jae.

O voo deles ainda não decolara, e Seong-Jae já estava frio, encostado no ombro de Malcolm, a cabeça inclinada no ângulo mais estranho que não poderia ser confortável, mas isso não o impediu de cair instantaneamente.

Às vezes, seu omr-an era um pouco estranho.

E Malcolm não o teria de outra maneira.

Talvez ele devesse considerar não conseguir dormir como uma bênção.

Porque pelo menos ele estava acordado para assistir Seong-Jae dormir; saborear o calor de seu peso contra o lado de Malcolm, pesado e muito relaxado, confiando nele o suficiente para baixar a guarda tão livremente.

Malcolm se demorou nele, na curva dos cílios contra as bochechas, no jeito que ele sempre dormia com a boca levemente aberta, apenas o vislumbre mais fraco dos dentes e a língua vermelha rubi passando pelos lábios rosados e exuberantes.

Antes que ele sorrisse, inclinando-se e pressionando os lábios na testa de Seong-Jae.

– Eu te amo, ele sussurrou, quando Seong-Jae não estava acordado para *gritar* com ele por isso.

Antes que ele se sentasse mais fundo em seu assento e desdobrasse um livro, paginando seu marcador.

E esperando o voo deles decolar, em um tiro só de ida direto para o inferno.

10: QUANDO TUDO ESTÁ DANIFICADO

Pela décima vez essa semana, Adelaide bateu as unhas em ritmo inquieto contra as teclas do ergonômico teclado e se perguntou se poderia inventar uma desculpa válida para caminhar até o nível mais baixo e o vestiário.

Ela realmente não tinha motivos para isso.

A Dra. Stenson enviou seus resultados dos exames toxicológicos de volta por e-mail, com algumas anotações tristes a capitã que Adelaide não deveria ver, mas, bem, quando você gerenciava os servidores de e-mail ...

Mas Adelaide não tinha negócios nos laboratórios forenses no piso inferior.

E ela também não precisava usar os chuveiros ou instalações lá embaixo. Ela nem tinha certeza de que *poderia*, quando ela duvidava que os chuveiros tivessem corrimãos para ela usar sem muletas ou suspensórios ou chuveiros sentados. Portanto, não apenas passeando casualmente lá embaixo, ficando nua, enrolando-se em uma toalha e acidentalmente esbarrando em um certo policial de rua lindo, oh não, não olhe, tão escassamente vestido, então ...

Está bem.

Ela estava prestes a se vomitar, com isso.

Esse tipo de flerte não era o estilo dela.

Mesmo que ela não tivesse certeza de qual era o estilo dela, além das bolas nas paredes agitando com mais confiança do que ela realmente sentia, fingindo até que ela conseguiu ...

Ou explodiu em seu rosto.

Ela olhou para a bagunça de pastas e aplicativos de monitoramento de rede em sua tela sem realmente ver nada disso. Ela não sabia o que fazer. Era fácil ser ousado e descarado quando uma oportunidade se apresentava, e quando ela conheceu Gage Lombardi enquanto ele tentava, e falhou aplicar a injeção de testosterona, a oportunidade estava lá. Entre, ajude, seja um pouco sedutora, saia antes que ela hiperventile, e aproveite o máximo de passar por uma interação social com um cara gostoso sem tropeçar na língua.

Exceto que o problema era que ela estava apanhada demais no momento para obter o número dele.

E agora ela não conseguia pensar em uma razão para voltar lá e acidentalmente encontrar com ele novamente, o que não seria totalmente óbvio.

Ou isso não estaria se preparando para a rejeição.

... Talvez ela pudesse rastejar um pouco nos registros pessoais dele. Pegue o número dele. Jogue-lhe um texto rápido.

Não. Ela fechou os olhos com força, balançando a cabeça como se ele estivesse lá para vê-la, com força suficiente para fazer seu próprio cabelo chicoteá-la no rosto em bobinas elásticas.

Ela pode não estar acima de dar uma espiada no e-mail da capitã quando o Dr. Stenson estava falando sobre *ela*.

Ela tinha pelo menos *alguma* ética quando se trata de bisbilhotar as informações pessoais das pessoas, droga.

Adelaide fez uma careta. Talvez ela ...

Talvez ela fosse pular de sua maldita pele, quando alguém bateu na porta da sala do servidor e se inclinou.

Adelaide deu um puxão forte o suficiente para fazer sua cadeira rolar para o lado, rodízios raspando e respirou fundo rapidamente, enfiando os dedos na borda da mesa e piscando para a capitã.

Quem piscou de volta; A capitã Anjolie Zarate e Salazar estava debruçada na porta aberta da sala, bloqueando a luz do cercado de homicídios do lado de fora até alinhar sua pele marrom com bordas douradas pálidas imponentemente alta e magra como um trilho e afiada como um canivete. Ela apoiou o antebraço contra a porta acima da cabeça, os lábios desenhados naquele tipo de sorriso feroz que ela tantas vezes tinha, apenas uma exibição sutil dos dentes e uma curva que dizia a qualquer momento que ela poderia rir.

Ou ela só pode ir para a jugular.

Embora ela não parecesse particularmente interessada em rasgar a garganta de Adelaide agora; ela apenas olhou Adelaide com ceticismo, olhos castanhos curiosos, uma sobrancelha arqueada tão alto que se misturou aos cachos bagunçados de seu cabelo preto curto.

– Assustada? A capitã perguntou suavemente.

– Me desculpe. Eu estava um pouco distraída. Adelaide respirou fundo, ajeitou o cabelo no lugar e puxou a cadeira de volta ao lugar. – O que posso fazer por você?

Mas a capitã apenas olhou para ela, então gemeu, virando o rosto para o lado, olhando em algum lugar por cima do ombro e xingando a gola da camisa.

Antes de balançar o olhar de volta para Adelaide e dizer: - O quê? Por que você tem essa expressão? Os caras estão te dando merda?

- Hã? Adelaide piscou, mas seu rosto ficou irritantemente quente, uma reação que ela não podia controlar. - Eu não tinha rosto! Falei Merda. Droga. Ela nem sempre conseguia manter suas expressões faciais em sigilo, não do jeito que deveria, ou fazia caretas erradas na hora errada, ou ... ela balançou a cabeça rapidamente, segurando as duas mãos. - Ninguém está me dando merda. Não é nada, nada! Não se trata de trabalho.

A maneira como um dos olhos da capitã apertou os olhos disse que ela não acreditava nela.

Nem um pouco!

- Sobre o quê? Ela perguntou devagar.

Adelaide debateu a mentir por aproximadamente dois segundos.

Antes de desistir, quando se ela mentisse, ela apenas ...

Apenas parece ainda mais suspeita, e a capitã continuaria fazendo suas perguntas até Adelaide ficar uma bagunça confusa.

Então, - Um cara, ela admitiu francamente.

Apenas para a capitã emitir imediatamente um som de nojo, abaixando a cabeça, a outra mão erguendo-se para se enroscar no batente da porta enquanto ela deixava seu peso cair para os braços.

- Não. Desculpe. A sair desta conversa. Não bueno, não, obrigado, não posso fazer.

Adelaide não pôde deixar de abrir um sorriso, mesmo que seu estômago estivesse cheio de nervos. - Não aprova o romance entre escritórios?

- Não aprovo romance, ponto final. Também não gosta de homens. A capitã torceu o nariz, seu rosto feroz ficando ainda mais intenso; ela era *intimidante*, e Adelaide não tinha certeza de que ela sabia o quanto. Mas ela deu de ombros, abaixando os braços, esfregando a parte de trás do pescoço. - Quero dizer, o que você faz é da sua conta. Eu não me importo se é um dos seus colegas de trabalho ou não. Só não quero ver vocês dois chupando o rosto na frente da porta do meu escritório. Ela parou, então fez uma careta, acrescentando quase sob a respiração: - ... Eu finalmente tive uma folga disso. Deixe-me aproveitar.

Adelaide cuspiu, aquele arrepio no estômago se transformando completamente *agulhas*. - Oh, hum ... não! Não é assim... Nós não estamos chupando, hum, qualquer coisa!

Oh.

- Oh, *Bom*.

Isso realmente saiu da boca dela?

A boca da capitã se contraiu e ela emitiu um som abafado atrás dos lábios, antes de pigarrear. – Como é então?

Estremecendo, Adelaide encolheu-se em seus ombros.

Se ela pudesse morrer agora, isso seria bom.

Apenas escorregue da cadeira, desapareça embaixo da mesa e morra.

– ...Eu sei o nome dele, ele conhece o meu, e enfiei uma agulha cheia de testosterona na coxa dele ...?

Com um sorriso, a capitã arregalou os olhos, fingindo admiração.
– Então é Lombardi.

O som que saiu de Adelaide em seguida não poderia ser chamado remotamente humano, mas ela não o fez *sentir* humano agora; ela se sentia como ... como ... como um pudim de mortificação.

Um pudim de mortificação trêmulo e gelificado, dissolvendo-se lentamente em uma poça na cadeira.

– Como você sabia?!

Aquele sorriso carnívoro estava de volta. Uma que dizia que a capitã estava gostando de brincar com Adelaide, mesmo que não tivesse nenhuma malícia real. Ela deu de ombros.

– Você ouviu merda de outros departamentos, disse ela. – Alguns idiotas nas batidas de patrulha continuavam tentando denunciá-lo por sucos, como se ele não tivesse um motivo médico legítimo para o T. Eles foram escritos muito rápido. Então você me diz que gosta de um oficial que se aperta com testosterona ... temos três que se encaixam nessa descrição, mas apenas um perto da sua idade. Assim. Lombardi

Adelaide piscou, depois fez uma careta. Ela sentiu como se suas emoções estivessem em um pêndulo agora, oscilando entre as reações, e essa reação agora era *raiva*, protetora e fervente.

Como se alguém tão pequeno quanto ela pudesse proteger alguém tão grande quanto Gage Lombardi.

Por que fariam isso? Ela exigiu. – Relatar ele assim?

– Porque as pessoas tomam qualquer motivo para serem idiotas. A capitã deu de ombros novamente, seus ombros angulares se movendo com uma espécie de folga rolante, como se os ossos não estivessem bem assentados em suas órbitas. – Ouvi dizer que ele é um cara legal, no entanto. Muito doce. Não intimida civis, o que deve ser um dado, mas essa é a merda em que você tem que pensar agora. Ela bufou. - O que está te prendendo?

– *Eu*, lamentou Adelaide.
– O que há de errado com você?
– Eu não sei. Nada? Tudo Ela gesticulou para si mesma, cabelos, orelhas de gato, óculos. – *Eu sou estranha e algumas pessoas não gostam de estranho.*
– E algumas pessoas fazem, a capitã apontou com naturalidade.
– Algumas pessoas nem acham que você é estranha.
Adelaide olhou para ela. – Você está ... me dizendo para fazer isso?
– Pode ser. Inclinando a cabeça, a capitã comprimiu os lábios. – Na pior das hipóteses, se der errado, eu te demito quando seu período de temperatura acabar, e você nunca mais precisará vê-lo.
– Você não é engraçada.
– Creio que agora estou.
– Você não está, disse Adelaide categoricamente, dando-lhe um rouco latido de riso seco. Ela franziu a testa, estudando a capitã. – Mas ... você não gosta desse tipo de coisa ... você não me diz para não fazer isso?
– Não. Porque não estamos falando sobre o que eu gostaria para mim ou o que eu faria.

A capitã entrou na sala dos servidores e afundou-se, agachado, com movimentos leves, os cotovelos apoiados nas coxas abertas. Ela olhou para Adelaide, com uma pitada de sorriso cruzando seus lábios, mais suave que o sorriso usual de chacal, mas estranho como se ela não soubesse como usá-lo.

– Estamos falando de você, continuou ela. – O que você quer é diferente. Aprender a separar o que você quer do que outras pessoas querem ou até precisa é uma grande parte do crescimento, gatinha. Ela se endireitou, então, seguindo aquele *gatinho* com uma leve pincelada no ar sobre a faixa de orelha de gato de Adelaide, quase carinhosa, mas não cruzando essa linha para não ser convidada ao *toque*. – Parece que você ainda tem um pouco disso ainda.

— Talvez. Adelaide baixou os olhos, agitando as mãos no colo. – Não é que, você sabe, quando crescer, é mais ... ela enroscou a boca para um lado. – Eu só ... preciso que as coisas me sejam explicadas às vezes você está, de certa forma, é só isso.

— Eu sei.

Esse meio sorriso estranho permaneceu, porém, e persuadiu Adelaide a tentar sorrir de volta, inclinando a cabeça para trás e olhando para a mulher alta e esguia. Por mais áspero e abrasivo que a capitã pudesse ser, completamente sem sentido, o último lugar que Adelaide esperava encontrar um conselho afetuoso era daquela boca severa.

– Não se preocupe com isso, disse a capitã, enfiando as mãos nos bolsos de sua calça cáqui, de pernas soltas e elegantes. – Seja um pouco corajosa.

‘Não’ não é tão assustador quanto parece. ‘Sim’ não é tão impossível quanto você pensa.

– Obrigado, Adelaide ofereceu, com toda a sinceridade que pôde reunir; às vezes, sua voz não saiu certa, mas ela pelo menos conseguiu não *ranger* desta vez.

Até que ela percebeu que havia distraído completamente a capitã.

Então

Então, ela chiou.

— Oh! Um Ela mordeu os lábios. – Estamos falando muito de mim. – Você precisa de algo?

– Sim. Para dizer a verdade, gostei. Os olhos da capitã brilharam, e esse sorriso voltou, mas desta vez estavam todos os dentes, prontos e brilhantes.

– Você pode verificar algo em um sistema externo para mim sem deixar nenhum tipo de rastro?



Sade guardou as últimas coisas deles na sacola de merda que era tudo o que eles conseguiam levar quando saíam do radar.

Algumas mudas de roupa, objetos pessoais, livros, um bloco de arte com esboços que eles tentavam tirar da memória e de fotografias antigas, imagens desbotadas do irmão. Suas tatuagens, rodas de medicina vermelhas, pretas e brancas e amarelas emolduradas com bordas em azul e branco irregulares para imitar as camadas concêntricas de uma pinha.

Eles pretendiam recriar aquelas tatuagens na pele, um dia - eles simplesmente não tinham conseguido decidir onde. Onde melhor para homenageá-lo, como guardar sua memória em tinta.

Agora eles talvez nunca mais sejam capazes de mostrar o rosto em público novamente, nem mesmo de entrar e sair de um estúdio de tatuagem

por algumas horas. Eles traçaram os dedos ao longo da encadernação em espiral do bloco de desenho.

Espera muito, e ...

Às vezes, você perde oportunidades para fazer o que precisa ser feito.

Por isso eles não podiam esperar mais.

Eles levantaram a cabeça quando fecharam a mochila e, pela última vez, entraram na casa onde haviam passado tanto tempo nos últimos anos de sua vida. Rindo com Min Zhe, amando Min Zhe, fingindo que, ajudando Min Zhe, eles não eram tão culpados pelas mortes de...tantos.

Muitas vidas arruinadas.

Eles não conseguiram apagar essa mancha, mas ...

Eles poderiam optar por não triturar mais profundamente o sangue em suas mãos, em sua alma.

Já estava na hora.

Talvez já houvesse tempo há algum tempo, mas eles precisavam disso uma noite passada, aquela última vez com o corpo em volta do corpo de Min Zhe e cada impulso penetrante que parecia perfurar seu coração, cortando fundo.

Cortando fundo o suficiente para deixar o amor sair.

Para que pudessem sangrar e estar vazio e limpo.

Mas eles não se sentiram vazios, pois permaneciam nas sombras que se acumulavam nas paredes brancas, móveis, chão; a bagunça emaranhada dos cobertores no sofá, onde dormiam novamente desde aquela noite, sem falar uma única palavra que não fosse necessária.

Eles também não se sentiam limpos.

Não parecia o caminho certo para interromper as coisas.

Mas era assim que sempre foram.

Uma sombra, entrando e saindo.

Causando estragos, semeando o caos, criando confusão aonde quer que fossem.

A aranha tecendo sua teia.

E então desaparecendo.

Eles supunham que agora não seria diferente.

Além disso...

Se eles tentassem conversar com Min Zhe, ele apenas os convenceria a ficar, e eles seriam fracos o suficiente para ouvir e ele ... eles ...

Sade fechou os olhos, engolindo em seco, odiando como seus cílios tremiam, como seus olhos doíam, a umidade se acumulando e parecendo

derramar para trás e escorrer pela garganta, como se estivessem engolindo suas lágrimas reprimidas.

Não.

Não.

Eles não podiam mais fazer isso.

Isso foi o melhor.

Eles não podiam salvar Min Zhe quando Min Zhe não queria ser salvo, e sempre encontravam outro motivo, outra desculpa.

E eles não podiam mais fazer parte disso.

Eles meio que esperavam ser parados, enquanto colocavam a bolsa no ombro e pisavam silenciosamente pela casa, em direção à porta.

Mas apesar de um dos guardas no corredor, vigiando o quarto de Lucas Aleks, virar a cabeça na direção deles, observando-os passar ...

Ele não disse nada, e foi então que Sade soube.

Min Zhe já estava pronto para deixá-los ir.

Eles captaram um som áspero, involuntário, que tentou ser, eles não sabiam. Um grito, um soluço, um gemido. Eles o capturaram na mão, enfiaram de volta, engoliram.

Isso não deve doer.

Eles foram quem escolheram sair.

Mas eles ainda sentiam como se parte de si mesmo se quebrasse, quando abriram a porta e cruzaram o limiar e entraram na noite, no céu, no mundo que os esperava.

E, fechando a porta atrás deles ...

Afastou-se sem olhar para trás.



Jason Min Zhe Huang esperou até que ele ouviu a porta da frente fechar, apenas o som mais suave de furtividade silenciosa, um clique e depois nada.

Nada, exceto uma casa que de repente se sentiu dez vezes mais vazia.
Uma vida que de repente parecia dez vezes menos brilhante.

Ele sabia que isso iria acontecer. De certa forma, ele *procurou* para. O que ele estava prestes a fazer ... poderia destruir muitas coisas. Enterre muitas pessoas nos escombros que ele ia derrubar nos ouvidos de Baltimore, em todos os níveis.

Se Sade poderia escapar sem ser enterrado também?

Bom.

Amar alguém não significava segurá-lo para você, para que quando você se afogasse ...

Eles se afogaram também.

Então Min Zhe deixou Sade ir, e disse a si mesmo que não doía, disse a si mesmo que era o melhor, quando ele saiu da cama e caminhou até a sala de estar para ver nada deixado para trás, exceto os cobertores que Sade havia se transformado em um improvisado ninho, aconchegando-se ali pequeno e abandonado todas as noites, tão lindamente, maravilhosamente teimoso.

Ele começou a se virar. Enterrar-se no sono e tentar esquecer. Ele precisava de seu foco agora; precisava não se distrair com algo tão pequeno como um coração amassado, esmagado em uma bola e jogado fora como se não tivesse significado nada, apenas pedaços de papel inútil.

Mas então ele viu algo na mesa de café.

Um pendrive pequeno e fino, do tamanho de um cartão de crédito.

E embaixo, uma folha rasgada de um caderno de desenho, papel grosso texturizado com um pequeno rabisco da roda medicinal Lumbee.

E abaixo disso ...

— Um bilhete?

Quando você realmente quiser sair, a nota dizia: ***use isto***.

Jason Min Zhe Huang afundou no sofá, a nota naquela caligrafia familiar e espasmódica dobrada entre os nós dos dedos.

E, abaixando a cabeça, engolindo todo o som até que ele ficou em silêncio como uma noite sem lua ...

Ele chorou.

11: VOCÊ NÃO TEM PARA ONDE CORRER

Malcolm sentia como se ele estivesse parado no meio de um ninho de vespas chutado.

Antes do amanhecer desaparecer completamente na manhã do dia 4, a operação 3/5 já estava em pleno andamento e o complemento do pessoal em sua sala de guerra designada no prédio do FBI quase triplicara. Forças-tarefas de outros departamentos, outras agências, LAPD, CIA e NSA e algumas com credenciais sussurradas que Malcolm nunca ouvira falar; mais mesas e estações de trabalho trazidas, telefones saindo sem parar, vários LCDs enormes montados ao longo das paredes, bloqueando a luz escassa através das persianas venezianas.

As máquinas de cópia e fax em um canto zumbiam e cuspiam papel; bules de café borbulhavam, assobiavam e flutuavam o aroma de torrado amargo e escuro pela sala; vozes se misturavam em um borrão sem fim de ruído branco; os telefones tocavam constantemente, enquanto quase todos tinham o fone de ouvido no ouvido; pontos de rolagem de dados brilhavam nas telas, tudo, desde mapas geográficos com caminhos projetados, a imagens de CCTV de Los Angeles, Phoenix, várias outras cidades em potencial, a feeds de vídeo ao vivo de atividades semelhantes de outros escritórios de campo de todo o país e até um no Canadá.

Acima de tudo, havia a foto de Neil Samson, bem como algumas outras fotos recuperadas de seu agora oficial arquivo do FBI.

Mesmo nos seus quarenta e poucos anos, ele ainda era um tanto bonito, seus cabelos castanhos escuros cortados ordenadamente e tingidos de cinza nas têmporas, sua barba grossa, mas cortada rente, seu rosto simetricamente atraente no tipo de maneira branda e despresticiosa de todos os suspeitos estavam. Olhos azuis escuros, com traços de avelã.

Malcolm estava imaginando coisas, ou havia um toque de astúcia por trás daqueles olhos que não estavam nas outras fotos, faltando nos outros suspeitos?

Ele se encostou na parede em um dos únicos pontos claros da movimentada sala, passando essa miniatura para frente e para trás ao longo do lábio inferior e olhando para a caneca.

E lembrando-se de Dale Walters falando sobre como ele esfaqueou Samson, apesar de Samson ter sido gentil com ele, apenas para que Walters pudesse ser colocado em confinamento solitário onde se sentira mais seguro. Aquele pedido piedoso que eles pedissem desculpas a Samson por ele; que precisava saber que ele estava seguro e vivo.

Ao seu lado, Seong-Jae, tenso e quieto disse: – Você está invulgarmente em silêncio.

– Não consigo me ouvir pensar aqui, disse Malcolm. – Eu odeio isso. Não sei por que estamos aqui. É apenas recuar e deixar que os dados façam o trabalho.

Do outro lado, Joshi bufou. Ele também se afastou e ficou observando do lado de fora, mas estava tenso, nervoso e, a cada poucos minutos, alguém o procurava com uma impressão, um tablet ou qualquer outra coisa para mostrar a ele que aprovasse, interpretasse.

Mas era apenas ele agora, e ele estava com as mãos nos quadris, os cotovelos inclinados para trás, balançando ansiosamente das bolas até os calcanhares dos pés, enquanto olhava para as telas com a boca puxada para algo entre uma careta, um sorriso e um soluço.

– É assim que as investigações modernas funcionam, meu amigo, disse Joshi. Mais cedo ou mais tarde estaremos obsoletos. Mas, por enquanto, preciso de você aqui para contextualizar coisas que o software não pode. No momento, ainda não há substituto para a intuição humana.

– E se minha intuição disser que ele não é nosso homem? Malcolm perguntou.

– É melhor você explicar bem rápido, Joshi disse entre dentes. – Porque você é quem fez a conexão com as crianças.

– Eu disse que isso pode ser significativo, replicou Malcolm. – Eu disse que Samson era uma alta probabilidade. Não te disse para fazer toda a investigação sobre ele e somente ele. Este não é o tipo de jogo em que você aposta tudo no preto e perde no vermelho. Você precisa cobrir todas as contingências, quando essa pode ser nossa única chance de algo tão grande. Você ainda deve ficar de olho nos outros suspeitos.

Joshi exclamou – Diga, bastante ácido, seus olhos brilhando. – Adoro saber como fazer meu trabalho.

Malcolm rosnou profundamente em sua garganta. – Não deixe seu ego ou sua ânsia por uma solução tomar o centro do palco aqui, ele disse. Lembre-se de Dale Walters? Lembre-se de que ele disse que não reconheceu nenhum dos suspeitos pelas fotos deles *exceto* Samson?

– Isso não significa nada, Joshi retrucou. – Se Samson falasse com ele enquanto usava a máscara de coelho, ele não o reconheceria.

– E o que a garota Hermosa disse? Malcolm estava lutando para não levantar a voz, não para atacar Joshi, mas maldição, que a teimosia estava fazendo Joshi deliberadamente fechar os olhos para qualquer coisa que contradissesse o que o faria uma prisão fácil e o fim deste caso, apostando alto. Esta operação multi-agência. – Você nos disse que ela disse que ele tinha um rosto feio. Ele apontou para a imagem ampliada de Samson. – Questões de gosto e preferência à parte, eu não o chamaria particularmente feio.

– Essa criança também produziu um esboço suspeito que não se parece em nada com *qualquer* dos nossos suspeitos, enquanto seus irmãos produziam esboços que não se pareciam com os suspeitos *ou* entre si. Joshi se colocou naquela posição quadrada de buldogue, olhando para Malcolm. – Não posso desviar de repente uma operação nacional baseada na palavra de uma criança e na sua mudança abrupta de opinião. De onde diabos isso está vindo?

Malcolm rangeu os dentes; ele se recusou a responder à agressão na linguagem corporal de Joshi, mas seus punhos cerraram contra o seu lado.

– Hora de pensar, disse ele. – Hora de juntar os fatos. É assim que *trabalho*. Eu entendo as coisas, deixando-as infiltrar. Não olhando as tabelas do banco de dados o dia inteiro.

– Não temos tempo para você *infiltrar-se*. Joshi estendeu a mão, esfaqueando em direção às telas. – Esse homem pode matar novamente amanhã. Nós vamos estar lá para detê-lo. Você pode sonhar acordado em outra hora, mas tenho que me concentrar nisso.

– Você não pensou no fato de que talvez, apenas talvez, apesar do fato de ele querer fazer um show ... ele não nos daria um encontro tão facilmente?

Joshi estreitou os olhos, o olhar estalando com o calor. – Não há nada fácil nisso, e estou insultado por você achar que havia algo simples ou sem esforço em juntar tudo isso. Uma data é *nada* para continuar quando ele pudesse estar em qualquer lugar do continente continental, e eu convenci cada maldita agência federal a comprar isso em *sua* palavra. Eu te dei fé. Então você poderia muito bem me dar um pouco.

Malcolm engoliu em seco sua resposta.

Ele não ia dizer nada sobre Joshi pegando teorias e tratando-as como fatos, pulando como se fossem boas evidências.

Ele não ia dizer nada sobre Joshi correndo à frente com esta operação.

Este *foi* sensível ao tempo, e ele só esperava que, apesar dos buracos ...

Estava correto, e eles terminaram isso amanhã.

Ele desviou o olhar, mordendo a língua; era o melhor que ele podia fazer, fixando o olhar na sala e acompanhando os movimentos de um grupo de analistas mais jovens que estavam cochichando sobre algo empolgadamente.

Mas ele olhou para Joshi mais uma vez quando o homem se inclinou ao seu redor, em direção a Seong-Jae. – Da próxima vez que você quiser convidar seu namorado para uma investigação federal, verifique se ele está ...

Então ele parou petrificado.

– ...Seong-Jae ...?

Malcolm ficou tenso, erguendo a cabeça bruscamente, preocupado com a irritação dele como um chicote estalando e empurrando-o para frente e para fora, virando-se para Seong-Jae, pronto para o pior.

Exceto que não havia nada para ver.

Porque Seong-Jae não estava lá.

Malcolm piscou, seu estômago afundando com um toque de pavor, de suspeita, de premonição sussurrada e portentoso.

Enquanto Joshi apenas inclinava a cabeça, fazendo a pergunta que Malcolm adoraria saber a resposta.

Aonde ele foi?



Seong-Jae saiu do seu Uber a um quarteirão de distância de seu destino, na esquina e fora da vista daquela casinha verde e azul.

Fora da vista do lugar que o havia assombrado por toda a sua vida adulta.

Ele precisava ver por si mesmo.

Precisava ter certeza de que ele não estava de alguma forma projetando nas fotos da cena do crime, mesmo que soubesse que isso era uma desculpa.

Ele conhecia aquele endereço.

O número na porta.

E esse número na porta pintada de verde brilhava silenciosamente sob a luz do sol da manhã enquanto ele descia a rua com o ar frio da primavera batendo nos pulmões, dificultando a respiração quando ele parou a alguns metros de distância, fora do cordão policial, fita que ainda designava este site como uma cena de crime ativa em andamento.

E olhou para aquela pequena e aconchegante casa verde e azul, com seu telhado ondulado como vidro de garrafa com brilho esmeralda.

Ele já esteve aqui antes.

Tantas, muitas vezes antes.

E a última vez que ele esteve aqui enquanto uma mulher que ele pensava estar morta agora cavava uma caixa que o esperava há anos; uma caixinha de música, com *Jamjali* de papel de embrulho e sinos suaves de *me ame, me ame*, tocando por dentro.

Ele sentiu como se o chão tivesse caído do seu eixo, *acima* e *baixo* conceitos não mais confiáveis, e a única maneira de evitar cair era ficar completamente imóvel, sem respirar, com a boca seca, os olhos doendo.

Sila o trouxe aqui.

Sila o trouxe aqui para sonhar, morrer, viver, voar, tornar-se algo que ele não era e alucinar sendo tudo o que ele era, como se a pele do garoto que ele era fosse algo irreal que ele havia inventado por dentro, um sonho de febre alienígena.

Mas Seong-Jae nunca questionou *porquê*.

Ele nunca precisou. Por que esta casa, por que aquele quarto, por que olhar para a luz verde através do teto por dias a fio. Ele nunca teve que se perguntar; ele era jovem e alheio e, para ele, bastava que a casa fosse abandonada, arruinada, e ele e Sila e os outros drogados que vagavam dentro e fora de seus corredores podiam reivindicá-la como sua.

Seu próprio esconderijo de sonhos agonizantes, onde ninguém os incomodaria, pois eles se perdiam no nada.

Talvez...

Talvez tivesse pertencido a Sila o tempo todo.

– Que *porra é essa*?

Quão longe isso foi?

Como Sila estava conectado ao Assassino da Proporção Aurea, e como essa conexão se ligava a Seong-Jae?

Ele não entendeu o que estava acontecendo. Ele não entendeu toda a sua *vida* quando ele o colocou neste contexto, e sua cabeça nadou, pensamentos confusos e distantes e sombrios e estranhos, recusando-se a se conectar, mesmo que eles *devessem*.

Embora ele soubesse, agora, o que o estava encarando bem e já estava há algum tempo.

Merda.

Porra.

Isso foi besteira.

Besteira de merda que pode arruinar toda a investigação.

Isso pode arruinar *ele*, se isso trouxe Sila de volta à sua vida.

Ele se afastou.

Ele não poderia estar aqui agora.

E ele não conseguiu responder ao toque silenciosamente melódico do texto sussurrando no bolso, dizendo que Malcolm estava estendendo a mão para ele a distância, as palavras na tela sem dúvida pedindo para ele responder, para dizer a Malcolm que ele estava seguro, ele estava tudo bem, a conexão deles ainda estava lá.

Ele ignorou o som, ignorou tudo, menos o bater do próprio coração, enquanto fugia daquela casa que ainda assombrava seus pesadelos acordados.

E isso ameaçou persegui-lo para outro, quando o espaço escuro dentro dele, onde o perfil do Assassino da Proporção Áurea morava, onde a cópia sombria de sua psique em desenvolvimento assombrou ...

Começou a assumir as cores das paredes em azul e verde pastel.

12: ENTERRE MEU AMOR

Meia-noite.

Malcolm estava sentado, sentado em uma das poltronas do quarto de hotel da cobertura, com um copo meio cheio de whisky na mesa ao lado do cotovelo.

Ele não havia tocado ainda.

Ele pode precisar em breve.

Meia-noite e mais de doze horas desde que Seong-Jae desapareceu do prédio do FBI.

Ele não respondeu a um texto.

Chamada telefônica

Nenhum sinal dele em qualquer lugar do prédio, ou nos pequenos restaurantes e cafés nas proximidades.

Nenhuma sugestão útil de Joshi, que acabara de dar de ombros.

Nem a menor dica de que Seong-Jae estava vivo, lá fora.

E Malcolm não sabia se deveria estar esperando aqui, ou andando por todas as ruas de Los Angeles, tentando encontrar o que ele queria.

Um sorriso amargo curvou seus lábios.

Ele nem sabia por onde começar a procurar.

Essas não eram as ruas dele.

Este não era o lar dele.

E ele poderia passar a menos de um metro e meio de Seong-Jae e nunca saber disso.

Nunca se sabe se o amante dele estava passeando em algum bar de jazz, cantando seus desejos; se ele estava amontoado em um prédio abandonado em algum lugar com uma agulha no braço; se ele estava meditando à beira-mar; se ele estivesse morto em uma vala.

Essa foi a pior parte.

Sem saber.

Você poderia pelo menos responder seus textos, você idiota.

Ele passou o dedo pela borda do copo, depois tomou um gole lento, deixando o whisky suave rolar pela língua, queimando em seu paladar com um calor gradual, mas ele não tinha gosto por isso hoje à noite. Não trouxe consolo, não deixou nada além de uma sensação de mal-estar na boca do estômago, em vez da agradável queimação que normalmente o relaxava.

Mas não vale.

Malcolm jogou o copo na pia do banheiro e caiu na cama enorme e vazia.

Ele esperaria esta noite.

Espere e espere.

Amanhã.

Se Joshi não levou isso a sério o suficiente para ajudar Malcolm a procurar Seong-Jae?

Malcolm teria que seguir sozinho.

Às vezes ele só precisa ficar sozinho, Joshi havia dito, quando o almoço passou e Seong-Jae ainda não havia retornado. *Acontece*.

Malcolm reprimiu cada resposta em sua língua, mesmo que houvesse algumas.

Porque havia algo dolorosamente possessivo na maneira como Joshi explicou seu próprio namorado para ele.

Um lembrete de que Joshi o tinha primeiro e uma implicação tácita de que Joshi o conhecia melhor.

Talvez.

Talvez Joshi soubesse quem Seong-Jae era naquela época.

Mas as pessoas mudam. Crescem.

E Malcolm tinha que acreditar que Seong-Jae tinha um bom motivo para fazer isso, e isso iria ao ar em breve.

A cama estava muito fria, vazia demais para ele dormir, enquanto ele se esticava de bruços e juntava um travesseiro para si mesmo, abraçando-o com força contra o peito no lugar do seu omr-an.

Amanhã seria um inferno.

Uma operação de alto perfil com Joshi agitado e com arestas afiadas em sua cabeça. Lidando com isso sem dormir, sem reservas, a energia emocional de Malcolm completamente esgotada.

Ele só esperava que Seong-Jae aparecesse para tornar um pouco mais fácil de suportar.

Ele checou o telefone uma última vez.

Nada, apesar do status de entrega dizer que o texto foi lido.

Condenação

Ele apenas ... suspirou, enterrou o rosto no travesseiro e tentou dormir.

Ele mal conseguiu dez minutos de abraços tensos, antes de ouvir o clique do cartão-chave do lado de fora e a trava se abrindo, furtivamente, devagar, mas ele rolou, sentando-se bruscamente, encarando Seong-Jae

chegando, deslizando pela porta com os pés silenciosos, movendo-se com a cautela cuidadosa de um homem que não queria ser pego.

Apenas para parar, piscando para Malcolm. Uma expressão estranha atravessou o rosto de Seong-Jae, um daqueles pequenos, dizendo coisas que em qualquer outra pessoa não seria nada, mas ...

Em Seong-Jae?

Sussurrou *culpa*.

Por várias respirações, eles simplesmente se entreolharam, Seong-Jae congelado e inescrutável, Malcolm dividido entre alívio e esse tipo de agitação horrível no peito, esse sentimento de traição absolutamente irracional.

Como se tivesse acabado de pegar Seong-Jae fugindo para casa da cama de outro homem.

Em vez de retornar de qualquer estrada que seus segredos o levassem; estradas que Malcolm, ele estava começando a perceber, poderia *nunca* ser capaz de acompanhar enquanto Seong-Jae estivesse tão decidido a cobrir todas as suas faixas e não deixar rastro.

Esse era o relacionamento deles?

Isso *sempre* seria o relacionamento deles?

Períodos de felicidade, de proximidade, de conforto, de calor, apenas para Seong-Jae recuar dentro de sua própria cabeça e de seus próprios problemas até que ele praticamente tenha uma vida dupla, e em sua outra vida, não havia lugar para Malcolm lá?

Seong-Jae finalmente se moveu, quebrando o quadro imóvel entre eles quando deu o último passo além da soleira e fechou a porta silenciosamente atrás dele.

– Você está acordado, disse ele neutro.

– Você está de volta, respondeu Malcolm, e *porra* ele sentiu que cada palavra era um pequeno espigão de ferro perfurando seu coração repetidas vezes, movido a pistão e furioso. Ele deslizou da cama, levantando-se, dando um passo em direção a Seong-Jae, depois parando. – Onde ... onde você esteve?

Seong-Jae deu de ombros sem se comprometer, mas sua própria indiferença era uma fuga, uma parede entre eles, uma cortina de fumaça tornando tão difícil para Malcolm vê-lo, mesmo que ele estivesse *ali*.

– Lugar nenhum, disse ele, tirando a jaqueta.

A jaqueta de *Malcolm*, aquela jaqueta de couro preta que substituiu o grosso casaco de feltro preto de Seong-Jae depois que acabou sendo apreendida como evidência para testes de respingos de sangue. Tornara-se mais do que isso, de alguma forma, um símbolo silencioso da simplicidade fácil entre eles, do quão casuais estavam compartilhando roupas e espaço, de

suas vidas e de suas vidas, *entre si*. Seong-Jae usava aquela jaqueta tão religiosamente que Malcolm quase não conseguia mais imaginá-lo sem ela, a menos que Seong-Jae estivesse nu debaixo dele, vestindo nada além de toda aquela pele dourada e marfim, gloriosamente tensa e marcada por cicatrizes.

Malcolm apenas olhou para ele, esperando.

Mas Seong-Jae evitou os olhos, concentrando-se em pendurar a jaqueta em um dos ganchos de laca preta polida atrás da porta.

Ele parecia alguém fazendo coisas pequenas, dedicando um tempo à tarefa mais simples apenas para parecer ocupado.

Só para evitar olhar para Malcolm.

Como se tivesse medo do que Malcolm veria.

– Seong-Jae, Malcolm disse suavemente.

Mas Seong-Jae não olhou para cima, não respondeu, com os olhos abatidos quando ele se afundou em um joelho e puxou o manguito de seus jeans pretos e gastos para começar a trabalhar nas fivelas de seu preto empoeirado e desgastadas chuteiras; o cabelo dele caiu para proteger os olhos.

– *Seong-Jae*, Malcolm repetiu, o nome de uma pedra alojada em sua garganta.

Nada.

Merda.

Porra, por que Seong-Jae estava fazendo isso com ele?

Malcolm xingou, soltando algumas palavras calmas, e caiu pesadamente para se sentar na beira da cama bagunçada, apoiando os cotovelos nas coxas e apenas observando os movimentos bruscos, tensos e independentes de Seong-Jae.

– Então você está me dizendo, Malcolm disse lentamente, – que você desapareceu por quase catorze horas, não atendeu seu telefone ou suas mensagens de texto, não disse nada para me deixar ou Joshi saber onde você estava ou por que não estava no trabalho ... para ir a lugar nenhum. Lugar nenhum. Você simplesmente não estava em lugar nenhum no momento. Não seguindo uma pista, sem visitar seus pais, não apenas fodendo para tomar um café sozinho.

– Você sabe que eu não tomo café, Seong-Jae respondeu suavemente, mas seus dedos pararam nas fivelas em que ele estava trabalhando, seus olhos baixos presos em suas mãos.

– *Isso é no que você se apegou?* Malcolm explodiu, então se deteve, controlando-se, forçando seu tom a se manter calmo, calmo, mesmo que isso significasse soar cada sílaba precisamente para garantir que sua voz não

subisse. Deus, ele não sabia se estava lidando com Seong-Jae ... ou se tratando.
– Não é sobre o café. É sobre ... tudo. Sobre o fato de você estar mentindo para mim novamente e desde Portland.

A mandíbula de Seong-Jae se apertou. Os músculos de seus antebraços à mostra ficaram rígidos. – O que eu disse a você que foi uma mentira?

– É o que você não tem dito, omr-an. Uma mentira por omissão ainda é uma mentira. – Por favor! Eu pensei que tínhamos terminado de esconder coisas. Eu pensei que tínhamos terminado com o segredo, o ... você *conhece* do que estou falando, depois do que aconteceu com Sila.

— Tenho?

Seong-Jae parou de soltar as botas e, em vez disso, deslizou a língua de couro da fivela de volta no lugar antes de alisar o manguito do jeans de volta, levantando-se com a fluidez fácil que era tão caracteristicamente Seong-Jae, aquela graça que o fazia parecer tão nítidas e letalmente flexíveis quanto uma folha de esgrima.

Olhos escuros não se fixavam bem em Malcolm, mas em algum lugar além de Malcolm; enquanto as sobrancelhas e a boca de Seong-Jae se enroscavam em irritação, aqueles olhos eram apenas ...

Em Branco

Tão em branco quanto sua voz quando ele disse: – Às vezes tenho dias ruins, Malcolm. E às vezes eu só tenho pensamentos particulares. Você vai me interrogar toda vez que eu simplesmente não sinto vontade de falar sobre o que está em minha mente? Você vai acompanhar todos os meus movimentos porque não pode confiar em mim?

– *Não*, Malcolm mordeu irregularmente. – Não torça isso. Eu estava *preocupado* com você. Estou preocupado com você. Você se apega a tudo, até coisas que podem machucá-lo, e eu só preciso saber que não vamos seguir os mesmos caminhos novamente. Eu só preciso saber isso é tudo. Você só ... precisa de um pouco de privacidade, e talvez você não tenha me dito isso de uma maneira que entendi.

Por favor, deixe que seja tudo o que era.

Por favor, deixe Seong-Jae lutando, estalando, precisando de um pouco de ar, um pouco de espaço para respirar sem pessoas ao seu redor esperando para ele *dizer* coisas, comunique-se com eles sobre seus pensamentos e necessidades. E ele apenas ... *esquece*, porque ele não aguentava mais.

Malcolm aceitaria isso.

Merda aconteceu, e você nem sempre pode dizer *olha, eu não posso lidar com isso agora* quando você estava bem no meio de *não ser capaz de lidar com isso agora*.

O que ele não pôde aceitar foi Seong-Jae olhando nos olhos dele e mentindo para ele sobre o que estava errado mais uma vez.

Como se os últimos meses nunca tivessem acontecido.

Como se eles estivessem entrando em seu relacionamento como se fosse uma guerra de lados opostos.

Em vez de os dois do mesmo lado, travando as mesmas batalhas, juntos.

E, no silêncio que passava entre eles, Malcolm estendeu a mão para Seong-Jae, apenas ... implorando.

Implorando ao seu amigo que voltasse para ele, do outro lado do abismo aberto entre eles e os afastava tanto que Malcolm sentiu como se, dentro de algumas horas, ele não pudesse nem *ver* Seong-Jae mais.

Olhos escuros pousaram na mão dele.

Antes de Seong-Jae dar um passo para trás, e estender a mão para puxar a jaqueta do gancho mais uma vez.

– Talvez você esteja certo, Malcolm, disse ele firmemente, cada palavra cortada com aquela articulação perfeita que deixava as palavras vazias, planas e sem sentido. – Talvez eu precise de espaço. Então agora eu te disse e espero que esteja satisfeito.

Ele se virou e, embora sua expressão fosse fria, sua voz morta, era a rigidez de seus movimentos quando ele encolheu os ombros em sua jaqueta, a força indevida em seu aperto na maçaneta da porta e o puxão de seus braços quando ele puxou a porta aberto, que o denunciou.

Mas, ainda assim, ele parecia tão vazio, como um completo e absoluto estranho, enquanto sua voz pairava sobre o ombro mais uma vez.

– Boa noite, Malcolm.

Malcolm nunca soube que palavras tão fáceis e simples poderiam ter arestas tão agudas e terríveis.

Mas ele pulou da cama como se aquela dor tivesse sido uma bala atingindo-o, jogando seu corpo para frente, uma mão estendendo a mão enquanto ele chorava. *Seong-Jae!*

A porta apenas bateu no rastro de seu omr-an.

Deixando Malcolm sozinho, exceto pela terrível sensação de déjà vu assombrando-o, e o conhecimento de que se ele seguisse Seong-Jae, se tentasse impedi-lo de sair, tentaria convencê-lo a ficar e conversar e ser apenas *honesto* com ele...

Apenas perseguiria Seong-Jae ainda mais longe.

No entanto, quando Malcolm se afundou na cama, enterrando o rosto nas mãos, respirando com força nos dedos e lutando para impedir que suas

emoções explodissem em uma confusão de pedaços em todos os lugares, cada um pingando no sangue do coração ...

Ele se perguntava.

Ele ainda tinha Seong-Jae?

Eles estavam juntos, se todos estavam *juntos* significava andar com casca de ovo para impedir que seu amante mercurial, nervoso e totalmente incompreensível fugisse, desaparecendo como uma raposa na mata.

E um dia, apenas nunca mais voltando?



Alguém estava do lado de fora da janela de Seong-Ja Yoon.

Ela acordou com o som de algo batendo na vidraça, em silêncio o suficiente para que, se não estivesse acostumada a ouvi-la, ela poderia ter esquecido completamente, ter ignorado completamente o ruído minúsculo e minúsculo de pedaços de cascalho do jardim de seus pais do lado de fora. Batendo contra o vidro.

Mas quando ela era uma jovem apaixonada, bem ...

Nem mesmo o sono mais profundo a impedia de acordar com um som que ela sabia que significava que Trai estava do lado de fora, esperando que ela destrancasse a janela para que ele pudesse subir na treliça e entrar furtivamente.

Mas quando ela se levantou, acordando instantaneamente e esfregando as crostas do sono nos cantos internos dos olhos antes de beliscar as bochechas para deixá-las corar bastante, ela parou fria enquanto olhava para o relógio e percebia a que horas eram.

Quase duas da manhã.

Trai não escaparia para vê-la tão tarde, a menos que algo estivesse realmente errado. A menos que ele estivesse com problemas, ou ... ou ...

Ah, não.

Ela não podia realmente preencher um *ou* do alto da cabeça, mas sua mente estava feliz o suficiente para evocar todo tipo de sentimentos sem forma de pavor.

Ela saiu da cama, correndo para a janela, destrancando-a e empurrando-a para que pudesse arremessar-se contra o peitoril e espiar a noite.

– Trai? Ela chamou seu sussurro mais alto. – Você está aí?

– Seu desgraçado criminoso e degenerado namorado não está aqui, disse o irmão, parado embaixo da janela como uma espécie de fantasma escuro e assustador de preto, olhando para ela com a boca em uma linha fina de desaprovação fria, uma sobrancelha distante se arqueou e seu cabelo estava uma bagunça, como se ele estivesse puxando e puxando a noite toda. – Agora você vai me deixar entrar sem acordar mamãe e papai?

13: PORQUE SOMOS MAIS DO QUE NÃO SOMOS

Malcolm poderia muito bem aceitar que Seong-Jae não voltaria hoje à noite.

Ele estava deitado de lado na cama, mantendo-se instintivamente de lado, mesmo que a outra metade estivesse visivelmente vazia e a coisa toda parecesse absurdamente grande demais sem outro corpo para ocupar espaço, o peso de Seong-Jae, o calor dele, àquela altura ridícula que Malcolm secretamente amava, apesar de se queixar de ter que olhar *acima* beijar o namorado de um metro e oitenta e três até o fim de seus dias.

Ou o fim de seus dias.

O que parecia cada vez mais uma contagem regressiva, quanto mais ele se enrolava aqui e olhava aquelas janelas altas e esfumaçadas para o horizonte desconhecido.

Tetos desconhecidos e perfis desconhecidos.

Ele estava fora de profundidade, de muitas outras maneiras.

Ele se sentiu perdido aqui, em Los Angeles. Ele não pertencia a essa estranha cidade de urbanização alienígena, com sua sensação suja de modernismo casual e algo assim. *Outro*, algum tipo de personalidade da cidade em si, que Malcolm apenas ...

Não se sentiu em casa com.

Como se ele fosse uma peça de um quebra-cabeça, empurrado para outro e tentando encaixar quando ele simplesmente não era cortado nos contornos certos.

Ele não foi cortado nos contornos certos para o FBI também.

E ele não parecia estar ajudando nada, quando não trabalhava da mesma maneira que as pessoas como Joshi, e as sugestões de Malcolm se transformaram em tangentes e possibilidades que ele nem sequer considerou, até Joshi estar subitamente na cabeça de uma caçada nacional baseada em uma ideia que Malcolm pensou que poderia cair e queimar.

Ele não queria sentir que a culpa era dele.

Mas ele a viu.

Como se ele tivesse enganado Joshi de alguma forma, e com ele e Seong-Jae realmente não conversando, não se comunicando, não balançando as coisas entre si da maneira como costumavam fazer ...

Malcolm havia acabado de fugir de uma teoria dos animais de estimação, sem ninguém para checá-lo até que fosse tarde demais e eles estavam agindo com dados ruins.

Esse era o problema, no entanto.

Isso foi *todos* dados incorretos.

Eles estavam apenas girando as rodas e fazendo o melhor que podiam.

Nada adicionado.

Nada mesmo. Tudo o que os apontava para um suspeito era neutralizado por coisas que tornavam impossível qualquer um dos suspeitos ser completamente crível como assassino, e o problema com os dois pontos principais de dúvida era que ambos eram baseados em testemunhos não confiáveis e não confiáveis testemunhas.

Uma garotinha traumatizada.

E um preso com TEPT e uma visão instável da realidade, que talvez nem estivesse dizendo a verdade quando disse que Samson foi quem ele esfaqueou para ganhar seu lugar na solitária.

Porém, pelo menos um deles poderia ser verificado, e Malcolm quase aproveitou a chance de fazer algo.

Qualquer coisa para manter sua mente ocupada.

Qualquer coisa para parar de pensar em Seong-Jae em círculos dolorosamente inúteis, questionando, desejando, esperando, *machucando*, se perguntando por que ele estava tão chateado quando Seong-Jae não estava completamente errado.

Malcolm realmente não tinha direito a todos os pensamentos na cabeça de Seong-Jae, ou a todos os aspectos de sua vida.

E talvez Seong-Jae realmente só precisasse de espaço, e estivesse sobrecarregado demais para dizer isso no momento.

Mas Malcolm não pensou que *ele* também estava errado por precisar garantir que não estavam começando os mesmos padrões novamente.

Mas você deixa seus medos fugir de você, ele pensou, enquanto se sentava, sentando-se na cabeceira da cama e inclinando-se para o lado da cama, esticando os dedos o máximo que pôde até que ele mal pegou a alça da bolsa do laptop e a puxou. *Você deixa sua frustração crescer como se a culpa dele fosse uma conclusão precipitada, quando ...*

Não é.

E você poderia ter perguntado a ele antes de acusá-lo.

Ele tinha todo o direito de ficar com raiva, mesmo que ele está escondendo algo.

Merda.

Malcolm deixou a mão cair contra o lado da cama, fechando os olhos e exalando quando ele caiu contra a cabeceira da cama e bateu a cabeça contra a madeira.

Então ele lidou com essa merda.

E talvez os dois estivessem fodidamente aqui em cima.

Assim como o caso, não havia preto e branco em seu relacionamento; apenas uma série de cinzas que os deixavam atrapalhados e confusos e aparentemente estragando a esquerda e a direita.

Droga.

Ele se desculparia com Seong-Jae quando voltasse e esperançosamente tentaria ter essa conversa novamente. Espero que também Seong-Jae entenda seus medos, suas mágoas e talvez se encontre no meio com um compromisso. Um sinal, algo que Seong-Jae poderia usar como abreviação para quando estivesse sobrecarregado demais para falar, para que Malcolm *conheça* e não se perderia dentro de suas próprias dúvidas, ou começaria a atacar Seong-Jae de maneiras que apenas fizeram seu omr-an uma trava para baixo e para trás.

Olhando para trás nos últimos dois dias ...

Sim.

Se ele sáísse e realmente olhasse para as coisas?

Foi ele quem instigou a tensão de confronto entre eles.

Não Seong-Jae.

– Idiota, ele murmurou para si mesmo, depois suspirou, abriu os olhos e abriu a fivela da bolsa de laptop, arrastando o HP fino para fora e em seu colo.
– Jot.

Ele olhou para o telefone na mesa de cabeceira, ponderou uma mensagem, mas ...

Não neste momento.

Dê a eles tempo para esfriar, antes de cutucar as feridas abertas.

Em vez disso, ele abriu o laptop e puxou as resmas de arquivos do estojo, navegando no touchpad com uma mão e com a outra, procurou cegamente na bolsa seus óculos de leitura, bloco de anotações, caneta.

E ele empurrou os óculos pelo nariz enquanto examinava os registros da prisão e os detalhes do incidente a partir da história dos internos dos suspeitos restantes nas instalações correcionais de Phoenix. Se os registros não corroborassem o testemunho de Walters ...

Mas não.

Malcolm verificou os registros médicos de Samson e lá estava, hospitalizado no centro médico da prisão por uma facada com uma faca, na mesma data em que Walters havia sido transferido para a solitária por agredir outro preso. Especificamente, seu colega de cela, Samson.

Merda.

Malcolm franziu o cenho para as imagens digitalizadas das impressões com anotações manuscritas da equipe de enfermagem, guardas, deixando sua mente vagar, batendo a caneta contra a primeira página em branco no bloco apoiado no quadril.

Ou não era Samson ...

Ou Walters, com sua memória nublada por traumas e percepções não confiáveis da realidade, não havia percebido que o homem da máscara de coelho era seu antigo colega de cela. Não reconheceu sua voz, ou Samson havia disfarçado sua voz para que Walters não entendesse.

O amanhã poderia contar, pensou Malcolm, enquanto colocava os óculos no nariz e puxava mais alguns arquivos, examinando e procurando qualquer detalhe que pudesse ter perdido.

Pode ser que não ...

Mas de qualquer maneira, ele pensou quando começou a fazer anotações, coisas para voltar depois, coisas que despertaram seu interesse ...

Aquela noite ia ser longa.

Uma noite longa e solitária.

Ele só podia esperar, onde quer que Seong-Jae estivesse?

Que ele estava seguro.

E não doendo tanto quanto Malcolm, agora.



Seong-Jae se aninhou ao lado na cama de sua irmã, descansando a cabeça no colo dela e deixando-a brincar com o cabelo dele.

Este quarto tinha sido dele, uma vez.

A sala onde ele passara a adolescência tentando ser o filho modelo, e depois a adolescência tentando esconder seu crescente vício. Ele sabia muito bem que Seong-Ja levava o namorado para dentro e para fora desta sala constantemente.

Ele também se perguntou o que isso dizia sobre ele, que ele não sabia se isso fazia parte de uma infância normal.

Só que ele nunca trouxe Sila aqui, quando menino.

Mesmo então, quando ele estava mais escuro e mais baixo, quando não sabia melhor ...

Alguma parte dele tentou manter Sila cercado pelo resto de sua vida. Ele havia dito a si mesmo, naquela época, que queria manter aquela estranha criatura mágica que o enfeitiçara e o fascinara.

Mas ele pensou, no fundo, que talvez, talvez seus instintos soubessem melhor que seus pensamentos conscientes e emoções adolescentes confusas e confusas.

Seus instintos tentaram proteger sua família de Sila.

Esses instintos, no entanto, estavam fodendo tudo agora.

Porque eles estavam tentando protegê-lo mais uma vez, mas em vez disso, eles estavam machucando Malcolm porque Seong-Jae era um *idiota* que parecia incapaz de controlar o modo como, quando suas barreiras defensivas caíram, o peso esmagador bateu em qualquer um que tivesse azar de estar perto o suficiente.

– Você, disse Seong-Ja, ajustando uma mecha de seu cabelo, – está muito tenso.

– Mmph, ele murmurou, e virou o rosto em seu joelho.

– Você está chateado. Havia um beicinho em sua voz, não totalmente sério. – Você nem sequer *elogiou* quão legal meu quarto está agora.

– Percebi. Sinto muito. Parece muito bom, ele brincou, e ela bateu no ombro dele com o punho esbelto e ineficaz.

Idiota.

–Eu sei.

Mas Seong-Jae obedientemente olhou, virando a cabeça para apoiar a bochecha no joelho dela, para que pudesse olhar ao redor do quarto de sua irmãzinha. Seong-Ja assumiu o antigo quarto, e redecorou-o, aparentemente, em tons enevoados de cinza acentuados com rosa coral pálido, tons suaves misturando-se delicadamente e móveis todos em estilos aconchegantes e luxuosos, alguns anos atrás, alegando que era maior e ela gostava de ter seu próprio banheiro.

Mas ele sabia o verdadeiro motivo.

O outro quarto da casa, agora reformado como quarto de hóspedes, ficava ao lado do quarto dos pais, em uma pequena extensão que havia sido construída na casa em um ângulo de noventa graus com o resto do edifício.

E era muito difícil roubar cartão de crédito, acessório de um crime, totalmente apaixonado por adolescentes *idiotas* subir na sua janela quando seus pais puderem olhar pela deles e pegá-lo.

Então ela disse: – Por que você está aqui no meio da noite? E por que você não está em Baltimore?

— Eu... Ele estremeceu. – O FBI me trouxe de volta para um caso de alto nível. Eu trouxe Malcolm comigo.

Ela piscou para ele, seu cabelo preto comprido caindo em serpentinas ao redor de seu pescoço e rosto. – Há quanto tempo você voltou?

Bem.

Ele já havia arruinado seu relacionamento.

Poderia também perder sua vida.

Ainda assim, ele hesitou, antes de murmurar: – ... Quase duas semanas.

Os olhos dela se arregalaram. Ela arfou.

E então empurrou para ele, sibilando. — Eu o odeio. Eu *odeio* você!

O empurrão dela era bastante inútil, quando ela era bastante esbelta e não particularmente forte, mas ele se deixou levar de qualquer maneira, mal poupando-se de cair da beira de uma cama que era pequena demais para ele, recuperando o equilíbrio, apoiando o corpo, pés sobre o lado antes de mudar para sentar em um canto. Ele olhou para sua irmã suplicantemente, mas ela apenas o encarou, seus olhos escuros estalando, altas manchas vermelhas de raiva em suas bochechas.

– Sinto muito, disse ele.

– Odeio você, ela repetiu em um murmúrio fervente.

- Eu sei.

– Você voltou por *semanas* e não ...

Ela agarrou um dos travesseiros com um som frustrado, as mangas compridas do grande pijama rosa abotoado e abotoado sobre as mãos enquanto ela o fazia e bateu no travesseiro. Ele levantou um braço para afastá-lo, deixando-o quicar em seu antebraço antes de pegá-lo e puxá-lo gentilmente para longe.

– Eu sei, disse ele, colocando o travesseiro de lado, e roubando a mão de onde ele havia capturado, envolvendo os dedos magros nos dele.

Ele apertou forte e mudou para coreano; falando inglês na casa de seus pais simplesmente era *errado*, e simplesmente parecia ... mais pessoal, de alguma forma, quando ele pôde falar com a irmã na língua nativa deles.

– *Estou trabalhando em ... um caso muito ruim, pequena*, ele admitiu, e os dedos dela apertaram os dele quase reflexivamente com o apelido que ele não a chamava desde que ela era tão pequena que mal conseguia andar sozinha. – *Um que me assusta. E eu não suporto a ideia de você de alguma forma ser pega nele. Ou em mim, quando sou assim, lidando com isso. Você sabe que eu odeio a ideia desse aspecto da minha vida tocando em você de alguma forma ou prejudicando você.*

Ela olhou-o de mau humor, mas não soltou a mão da dele, as pontas dos dedos contra a palma da mão. – *Mas você apareceu aqui hoje à noite.*

– *Eu sei. Eu sinto muito.*

Seong-Ja fez aquele pequeno *tch* um som no fundo de sua garganta que ele sabia muito bem que ela havia copiado dele, inclinando a cabeça e apertando os olhos antes de proclamar abruptamente: *Você teve uma briga com seu namorado papai quente, não teve.*

Os olhos de Seong-Jae se contraíram.

Por que ela tinha que falar em Malcolm?

Mas, - *sim*, ele admitiu com relutância, antes de suspirar. – *Eu sou um idiota. Um imbecil completo e absoluto. E eu só ... precisava de um lugar para estar hoje à noite, para não continuar machucando-o. E assim eu não acabaria dormindo em um banco do parque ou me hospedando em um motel terrível.*

– *Eu não acho que você seja um idiota é novidade, e ele está namorando você de qualquer maneira.*

– *Desta vez é diferente.*

Mas ele parou, olhando-a. Sua blusa de pijama tinha se inclinado para um lado quando ela o estava batendo, caindo de um ombro magro e escorregando o suficiente para desnudar o braço.

Onde um hematoma escurecia sua pele, amarelo esverdeado com bordas roxas, quase perfeitamente circular em torno de uma pequena crista bizarra no músculo bíceps, algo que parecia quase um inchaço, mas era regular demais para uma espinha ou fervura ou até um machucado com nó. Especialmente quando, no fundo da cordilheira, havia uma pequena linha que parecia um corte meio curado, a carne já começando a formar uma pequena cicatriz.

Ele tocou logo acima dele, tomando cuidado para não bater em nada que parecesse inchado, franzindo a testa e um toque de raiva protetora

atravessando aquele entorpecimento silencioso e dissociativo que, às vezes, era a única coisa que o impedia de quebrar.

– *O que é isso?* Ele perguntou. – *E quem eu tenho que matar?*

– *Hã?* Seus olhos se arregalaram e ela virou a cabeça, torcendo para apertar os olhos para baixo, antes de realmente rir. – *Oh meu Deus, você não vai matar o meu médico.*

Seong-Jae fez uma careta. – *Seu médico? Que aconteceu?*

– *É apenas minha histrelin,* disse ela, sorrindo brilhantemente. – *Você sabe, os bloqueadores de hormônios?*

– *Eu pensei que você estava em Lupron?*

– *Não, esse material é muito legal,* ela disse sem fôlego, seus olhos vincando com seu sorriso largo, inclinando-se ansiosamente. – *É um implante. Não há mais fotos mensais. Dura um ano todo e a incisão já está quase toda curada. E eu digo que sou um cyborg com um implante médico.*

Seong-Jae soltou a respiração tensa e tensa, sacudindo a cabeça com um leve sorriso e puxando o ombro do pijama para cima para colocá-lo no lugar. – *Você é feliz então?*

– Absolutamente, disse ela com firmeza, depois estendeu a mão e cutucou o braço dele, antes de roubar o travesseiro para abraçá-lo contra o peito. – *Você está desviando, idiota. O que você fez com papai Mal?*

– *Pelo amor de Deus, pare de chamá-lo assim,* Seong-Jae rosnou, depois gemeu, e se jogou para trás, deixando-se deitar na cama de costas ao lado dela, com as pernas penduradas ao lado.

Ele olhou para o teto miseravelmente; quantas noites ele olhou para o mesmo teto que um garoto, odiando seus pais por arrastá-lo para esta costa estrangeira, odiando as crianças da escola que o provocavam, odiando que seus pais já estivessem tentando substituí-lo com a pequena sirigaita de sua mãe, a quem ele acabou amando mais que a razão?

Quantas noites, depois, ele desejou poder retroceder sua vida para quando as coisas eram tão simples, e tudo o que ele precisava se preocupar eram noites entediadas e sem sono, olhando para esse teto e se acalmando por coisas que não mesmo assunto?

– *Eu não sei por onde começar a explicar.* Disse ele lentamente. – *É tão complexo e remonta até agora ... mas descobri algo sobre esse caso que pode estar ligado à minha vida pessoal. Para ... lembrar do assustador ex-namorado que veio me procurar?*

Seong-Ja torceu o nariz. – *Ugh. Esquisito pequeno viscoso. Ele era muito bonito, mas ele me enojou.*

– *Bons instintos.* Seong-Jae suspirou. – *Só de pensar nele, lembrando-me dele ... eu só ... fico todo espetado. E eu desliguei. E eu deveria ter dito a Malcolm o que aprendi que está ligado a ele, mas, em vez disso, fugi dele. Então eu o fiz sentir que ele não tinha o direito de bisbilhotar quando ele perguntou sobre isso, depois que eu o havia excluído e lhe dado um ombro frio por algum tempo. Ele fechou os olhos, passando a mão pelo rosto. – E então eu o deixei quando ele estava tentando falar comigo.*

– *Bem,* disse Seong-Ja sem rodeios. – *Essa foi uma jogada de merda.*

Das bocas dos bebês, de fato.

– *Eu sei. Eu me sentia como...*

Ele enfiou os dedos nos cabelos, apertando-os até que puxassem com força o suficiente no couro cabeludo para doer. Talvez se ele se machucasse, parasse de pensar em como, toda vez que virava a cabeça, sentia um cheiro de couro na gola alta da jaqueta de corrida, couro e Malcolm, e esse perfume o enchia de um desejo tão poderoso que era como se isso lhe arrancasse o interior e o deixasse vazio, vazio e desesperado pelo amor de Malcolm preencher aquele espaço cavernoso.

– *... Eu senti como se tivesse mudado para o piloto automático, ele terminou. – Como se Seong-Jae tivesse deixado o prédio e todas as partes ruins, terríveis e dolorosas de mim que tentei apagar estavam lá puxando as cordas para me manter em movimento, mas não muito mais. Era como se eu estivesse do lado de fora de mim mesmo, me vendo destruir tudo, mas não conseguia parar. Eu não conseguia parar de repetir os mesmos padrões, repetidamente.*

Seong-Ja permaneceu quieta por mais alguns instantes, com a boca em uma carranca pensativa, antes de se atirar na cama ao lado dele em uma preguiçosa expansão, enrolada de lado e ainda abraçando o travesseiro, observando-o o topo com o rosto doce sombreado pela preocupação, os olhos escurecidos e quentes.

– *Eu não acho que você destruiu tudo,* ela disse. – *Mal é tão teimoso quanto você. E eu realmente gosto de assistir vocês dois no Facebook. Ele sempre olha para você como se nada pudesse fazê-lo desviar o olhar, em todas as fotos.*

Seong-Jae corou calorosamente, olhando para longe com um bufo. – *Não entendo por que você é tão fã de Malcolm Khalaji.*

– *Eu gosto dele,* ela cantou, depois acrescentou maliciosamente, cutucando o ombro dele novamente – *E você o ama.*

Aquele calor no rosto de Seong-Jae parecia que ele enfiara a cabeça no forno. Ele fez uma careta. – *Cale a boca!*

– *Estou bem.*

Ele estreitou os olhos para ela.

Arrancou o travesseiro de seus braços.

E enfiou direto no rosto dela.

– *Te odeio, ele sussurrou. – Sua pequena pepita, eu te odeio completamente.*

Ela engasgou e riu, os braços agitando; por um momento, sua risada atingiu um tom alto e estridente, antes que ela estremecesse e parasse abruptamente, agarrando o travesseiro e olhando por cima do ombro.

– *Foda-se, eu vou acordar mamãe e papai.*

– *Ah não, disse Seong-Jae sem rodeios. – Você terá muitos problemas, se eles a pegarem no seu quarto com o seu irmão.*

Mas ele também baixou a voz.

Porque agora, ele não estava pronto para responder às perguntas inevitáveis que seus pais fariam.

E ele não sabia como lidar com o amor e a aceitação silenciosos, reservados e suavemente sufocantes.

Tampouco sentiu que merecia, depois de como se comportara em relação a Malcolm.

Seong-Ja estendeu a língua para ele, depois se acalmou, passando a colocar o travesseiro embaixo da cabeça, o cabelo uma bagunça de mechas que se espalhavam por todo o corpo. – *Então, o que você vai fazer com Mal? Você tem que vê-lo trabalhando amanhã, não é?*

Seong-Jae se encolheu, franzindo o rosto. – *Sim. E eu não ... eu não sei o que fazer.*

– *Corrigir parece bem simples, ela apontou. – Explique, conte a verdade e peça desculpas.*

– *Mn. Seong-Jae virou a cabeça na direção dela. – E se não for assim tão simples? E se eu estraguei tanto que ele não quer ouvir desculpas?*

– *Você realmente acha que ele é tão louco?*

– *Eu ... Seong-Jae suspirou. – Eu também não sei.*

Ele se levantou, então, empurrando-se para fora da cama; o colchão era tão macio que parecia que ele estava tentando comê-lo, sugando-o de volta, mas ele se levantou e ajeitou a jaqueta, depois afastou os cabelos do rosto. Seong-Ja sentou-se, franzindo a testa para ele.

– *Onde você está indo?*

– *Eu ... Ele hesitou. – Eu preciso fumar.*

O rosto dela. – *Você está fumando de novo?*

– *É melhor que a alternativa.*

Mesmo que ele não sentisse aquele desejo ardente, naquele momento, aquele desespero venenoso em suas veias ...

Ele precisou de *alguma coisa*.

Algo para impedir isso no passe e manter as mãos ocupadas enquanto ele se dava tempo para pensar, resolver as coisas em seu cérebro, descobrir como forçar suas irritantes respostas de defesa reflexiva a *parar*.

Ele não gostou disso.

Não estar no controle de si mesmo.

Se era heroína dirigindo seu comportamento irregular ...

... Ou suas próprias respostas ativadas quimicamente programadas.

– *Não vou fumar em casa*, ele prometeu.

– *Bom. Mamãe cagaria um tijolo*.

Ele fez uma careta. – *Como você ficou tão malcriada?*

– *Eu aprendi com meu amado irmão mais velho*, ela respondeu docemente, com seu sorriso mais ensolarado.

– *Pirralha*, ele murmurou e caminhou até a janela.

Mas a voz hesitante e lamentosa de Seong-Ja em suas costas o fez parar, quando ela perguntou: – *Você está voltando?*

Ele se virou então e apoiou a mão no topo da cabeça dela. – *Está noite sim. E eu irei visitá-la novamente à luz do dia, em breve*. Ele se inclinou sobre ela, pressionando os lábios nos cabelos dela; ela cheirava limpa, brilhante, jovem e pura, todas aquelas coisas que ele não queria destruir, arrastando os pedaços tóxicos e sujos de sua vida para a presença dela.

Ao se endireitar, porém, ele perguntou: *Posso ficar com você esta noite, pequena? Não diga a mamãe e papai que estou aqui*.

– *Por que não?*

– *É complicado*.

Ela suspirou, os ombros caídos, antes de jogar fora levemente. – Sorte sua, estou acostumada a esconder homens no meu quarto.

Carrancudo, ele apontou um dedo para ela. – *Não explique isso, mas lembre-se de que sou profissionalmente treinado para descartar corpos sem deixar vestígios*. Ele a encarou com severidade. – *Lembre-se também de que você é quinze. Porra, Seong-Ja*.

Ela fez uma careta. – *Você não é engraçado*. Ela parou, no entanto, o olhar cintilante, enquanto o olhava incerto. – *Seong-Jae ...?*

– *Sim?*

Seong-Ja franziu a boca, depois desviou o olhar intencionalmente, erguendo o queixo com uma inclinação orgulhosa. – *Senti sua falta*, ela murmurou rispidamente.

E apesar da miséria dentro dele, Seong-Jae não pôde deixar de sorrir.

– *Também senti sua falta*, Ele disse à irmãzinha.

Antes de sair pela janela e entrar no ar frio da noite mais uma vez,
apoiando os calcanhares na estrutura da treliça abaixo, antes de se deixar cair
na grama.

E saiu à noite para colocar a cabeça em linha reta.

Então talvez, apenas talvez ...

Ele poderia descobrir como parar de foder seu relacionamento.

Antes de machucar Malcolm Khalaji, e o perder para sempre.

14: VEJA SOMENTE O QUE VOCÊ QUER

Na manhã do quinto, Malcolm entrou no escritório de campo de Los Angeles como se fosse apenas mais um dia de trabalho. Outro dia no caso. Outro dia, espero que o último acompanhe os movimentos do Assassino da Proporção Áurea e espere além da esperança de que seus palpites estejam errados, que seu intestino esteja desligado e que sua intuição o desvie.

Mas hoje ele chegou sozinho.

Sozinho e funcionando no piloto automático, após uma noite sem dormir olhando as informações antigas do caso e chegando perto de cair no sono.

Apenas para sacudir toda vez que ouvia o elevador subir em direção ao andar superior, a suíte da cobertura, um zumbido distante cada vez mais alto, fazendo seu coração bater cada vez mais rápido com antecipação.

Esperança.

Espero que isso aconteça sempre que aquele zumbido constante pare antes de chegar ao chão da suíte e recue novamente.

Seong-Jae realmente não tinha voltado.

E quando chegou a hora, Malcolm guardou o laptop e as anotações na bolsa de couro, tomou banho, vestiu-se e preparou uma garrafa térmica inteira de café para mantê-lo em movimento ...

Então, relutantemente, saiu sozinho.

Ele não podia perder o grande dia de Aanga, afinal.

Pelo menos o trabalho manteria sua mente longe de Seong-Jae.

E ele quase se perguntou se seu parceiro se incomodaria em aparecer hoje.

Ele recebeu sua resposta quando saiu do elevador e entrou na sala de guerra. O barulho do lugar o atacou antes mesmo de ele abrir a porta, mas uma vez que ele empurrou para dentro da explosão de caos, foi avassalador. Pelo menos cinquenta pessoas encheram a sala, correndo entre digitando rapidamente, falando em seus telefones, chamando as coisas para Aanga Joshi, que estava na cabeceira da sala e olhou fixamente para uma tela sempre

oscilante que se encaixava entre várias cenas de vídeo tão rapidamente era quase impossível focar antes de desaparecer e passar para o próximo.

O rosto de Joshi estava tão apertado que sua testa havia se enrolado em crescentes concêntricos de rugas, e os músculos de sua mandíbula se contraíram quando ele pressionou os dedos em um fone de ouvido enrolado em seu ouvido, a boca se movendo rapidamente no que pareciam palavras afiadas. Ele não parecia ciente de mais ninguém na sala.

Nem mesmo o corvo alto e imponente de um homem parado ao seu lado.

Seong-Jae ainda estava vestindo suas roupas de ontem, a mesma camiseta preta justa e o amado jeans preto baixo; Malcolm não sabia como saber quando usava a mesma coisa todos os dias, apenas trocando os sujos por limpos, mas ...

Ele sabia.

Ele prestou atenção em pequenas coisas como essa em Seong-Jae, mesmo que isso significasse ser capaz de distinguir suas camisetas idênticas.

Seong-Jae parecia tão cansado quanto Malcolm, seu rosto impassível, mas estava lá no toque de tensão ao redor dos olhos, na queda sutil de seus ombros, em como ele mantinha sua coluna rígida como se doesse. Malcolm também doía, mas estava exausto demais para ser mais do que uma pulsação quieta e persistente que vivia dentro dele, tão onipresente quanto seu batimento cardíaco, tão constante que ele apenas ...

Ficou habituado a isso.

Tomou outro gole profundo de café e entrou na sala, olhando para a tela secundária em que Seong-Jae estava fixado; parecia um satélite transmitido de outro lugar, e Malcolm sinceramente não queria saber como Joshi havia impedido o acesso a *aquela*.

Isso o deixou desconfortável só de pensar nisso.

Com que facilidade aquele satélite poderia ser direcionado para seguir o que parecia ser um fluxo constante de carros descendo a I-10.

Ou qualquer outra coisa que alguém quisesse.

Malcolm afastou os pensamentos de sua mente e percorreu a sala, esquivando-se de pessoas correndo com impressões e telefones nas mãos, até chegar perto de Joshi.

– Bom dia, ele disse.

Joshi olhou para ele, o olhar preocupado mal parecendo vê-lo, depois se afastou, apenas para olhar duas vezes, piscando para Malcolm, seu olhar clareando. – Oh, oi, ele disse distraidamente, antes de se virar. – Eu estarei com você em um minuto.

Seong-Jae nem olhou para baixo da tela.

Mas um agrupamento sutil de músculos em seus antebraços disse que ele sabia.

Ele sabia que Malcolm estava lá.

Malcolm se perguntou se deveria se incomodar; ao menos tente.

Mas ...

Ele precisou.

E ele deslizou ao redor de Joshi, movendo-se para ficar ao lado de Seong-Jae, mantendo distância suficiente entre eles para que ele não sentisse aquela dor se Seong-Jae se afastasse.

Por um breve momento, eles observaram a tela juntos, carros seguindo completamente alheios aos olhos, observando-os de algum lugar alto no céu, os dois os únicos pontos de silêncio e quietude na sala sufocante alta e movimentada; o ruído dos dedos nos teclados caiu ao redor deles como uma tempestade.

Mas finalmente Malcolm se atreveu a murmurar: – Seong-Jae ...

– Não agora, disse Seong-Jae instantaneamente, suave, apenas entre eles, aquela voz áspera deslizando sob o resto do ruído furtivamente, apenas para os ouvidos de Malcolm. Ele não olhou para Malcolm, mas balançou a cabeça sutilmente. - Ainda não.

Malcolm apertou os lábios, fechou os olhos, lembrou-se de respirar enquanto seus pulmões tentavam petrificar-se a ferir pedaços de pedra.

Não agora, não era nunca.

E ele tinha que admitir que Seong-Jae tinha razão.

Talvez no meio de uma operação classificada de alto nível que estivesse começando a funcionar, cercada por dezenas de pessoas, não fosse o melhor momento para iniciar *a conversa*.

E não tinha sido cruel, que *não agora*.

Não estava frio, aquela distância desapaixonada que Seong-Jae poderia usar tão facilmente para cortar.

Apenas ... quieto.

Malcolm desejou não entender tão bem.

Como às vezes, quando você tinha que aparecer e estar presente para coisas importantes quando não tinha energia, não tinha coração ...

A única maneira de gerenciar era ser *quieto*.

Então, ele apenas assentiu, erguendo o olhar para a tela mais uma vez, olhando para vários outros, incluindo um em que algum tipo de software de reconhecimento de padrões estava rastreando pontos sobre pessoas em

vários lugares lotados, agrupando-se um ou outro e depois seguindo em frente. Para o próximo.

– Esta noite? Ele perguntou baixinho.

– Talvez, respondeu Seong-Jae.

Está bem.

Ok, isso foi alguma coisa.

Joshi escolheu esse momento para se inclinar na direção deles, lançando sua voz na direção deles. – Temos gente saindo desde meia-noite no horário do Leste, disse ele. – Prevemos que ele ainda está no Pacífico, mas apenas para o caso de querermos começar na primeira vez em que chegar à quinta nos Estados Unidos. Até agora, não há relatos de cenas de crimes ou dados forenses correspondentes, nem avistamentos, mas as coisas estão começando a acelerar agora.

Malcolm apontou para as telas do vídeo. – Como é possível assistir a todos os locais públicos do país em tempo real?

– Não é, Joshi disse, sentando-se ao lado dele e cruzando os braços sobre o peito. – Estamos tendo que seguir padrões de probabilidade. Alimentamos as informações de onde ele provavelmente estará, se ele permaneceu nas proximidades de Los Angeles, em que direção ele provavelmente seguirá, e o software inclui todos os fatores, do tráfego à construção, às matrizes de decisão ponderadas que incorporam personalidade, pontos de seu perfil para descobrir os caminhos mais prováveis. Em seguida, monitoramos os pontos acessíveis por esses caminhos, percorrendo as imagens de CCTV em tempo real e aguardando o reconhecimento facial para capturá-lo.

Ele acenou com a cabeça em direção ao canto superior direito da tela, onde o fluxo constante de imagens de vídeo entrava e saía tão rapidamente; naquele canto havia um mapa dos Estados Unidos, com vários pontos agrupados em torno da área de Los Angeles em cores de mapa de calor antes de pulverizar para o leste, os grupos de pontos mais espessos e mais quentes em um caminho em direção a Phoenix e à área circundante, mais fino em outras direções, e afinando mais quanto mais os pontos projetados estavam de Los Angeles.

Seong-Jae bufou. - Qual rosto? O suspeito, ou a máscara de coelho?

– Temos digitalizados e mapeados como pontos de dados principais, respondeu Joshi. – Tanto pelas cenas que temos da máscara de coelho quanto por todas as fotos que poderíamos usar para reconstruir o rosto de Neil Samson.

Malcolm franziu a testa. - Você não alimentou os outros suspeitos também? Coulton, Dorcier, Normand, Ecklund?

- Sim, mas eles não são tão pesados. Joshi balançou a cabeça. - A matriz de decisão funciona melhor quando há apenas um perfil e fatores de personalidade associados para trabalhar. Caso contrário, começa a cuspir muitos falsos positivos.

Mesmo que suas respostas fossem calmas, práticas, havia um ar cheio de adrenalina ao seu redor; ele parecia quase *animado* inquieto, um dos pés batendo em um gesto sutil e provavelmente inconsciente, as pupilas um pouco dilatadas demais, as narinas dilatadas em respirações rápidas.

Se Malcolm não soubesse melhor, ele pensaria que Joshi estava gostando disso.

Malcolm tomou outro gole considerando seu café, olhando para aquele mapa de probabilidade. - Isso ainda deixa muitos buracos devido à enorme escala, disse ele. - O CFTV não está em todo lugar. E se ele ficar em áreas residenciais particulares ou simplesmente for parar em algum lugar ... nunca o pegaremos.

- Ele também pode deliberadamente se mover para evitar áreas monitoradas por CFTV, acrescentou Seong-Jae. - Ele já provou que é altamente inteligente e pensa em contingências no futuro de seus planos. Certamente ele deve saber que temos acesso a recursos de vigilância em todo o país e planejará evitá-los.

Joshi inclinou a cabeça, o gesto uma espécie de aceitação cautelosa. - Isso é justo, disse ele. - Mas se ele está mirando uma vítima ou vítimas hoje, ele precisa ir do ponto A ao ponto B em algum momento. Hoje em dia é quase impossível evitar o caminho de atravessar uma câmera de vigilância em algum lugar. Se não estiver no CCTV ... nós o levaremos a algum lugar. Mesmo que seja em um banheiro de posto de gasolina.

Havia um fervor suave lá, enquanto Joshi falava, algo que tornava menos esperança e mais promessa.

Malcolm ou mesmo Seong-Jae, Malcolm percebeu.

Mas um voto quieto e determinado ao suspeito desconhecido.

Eu vou te buscar, esse tom duro na voz de Joshi prometeu. *E eu vou te pegar*.

Malcolm escondeu um sorriso cansado na borda da caneca.

Ele pode não gostar de Joshi, não.

Mas essa parte dele, ele poderia pelo menos admirar.

Ele segurou a língua por mais alguns momentos, apenas deixando isso infiltrar quando ele tomou um pouco mais de café nele, tomando goles lentos e

deixando queimar pela garganta e depois voltar ao seu cérebro cansado e lentamente.

– Então, como o software está fazendo o trabalho pesado, ele finalmente perguntou, – o que fazemos agora?

– Nós assistimos, Joshi disse sombriamente. - E vamos esperar E quando os dados se alinham e ele mostra seu rosto ...

– Nós o pegamos, Seong-Jae terminou suavemente, e Joshi respondeu com um aceno agudo e único, sua cabeça virando para baixo.

– Nós o pegamos, ele repetiu, e trancou o olhar na tela oscilante e rolante.

Malcolm mais uma vez segurou a língua e manteve seu próprio conselho.

Ele não queria destruir o ar da esperança, da antecipação, enchendo a sala como uma nuvem espinhosa e sem fôlego.

Mas suas dúvidas ardiam mais do que seu café.

Ele não achava que eles teriam alguém hoje.

E toda essa operação chamativa?

Era tão pomposo quanto a morte de seus suspeitos.



Aanga Joshi sempre se orgulhou de ser um homem paciente.

Mas hoje, de todos os dias, *não foi* o dia para ficar preso entre Seong-Jae Yoon e Malcolm Khalaji, enquanto os dois evitavam se olhar, seus problemas pessoais estendendo-se entre eles como uma teia pegajosa em que Aanga se sentia completamente preso, quando tudo o que ele queria fazer era maldito bem assistir a tela e esperar e espero que algo apareceu *em breve*, antes que seus nervos se contraíssem completamente.

Ele não queria pensar que Khalaji poderia estar certo.

Que no desespero de Aanga por uma solução rápida, sua quase violenta necessidade de *fim* desse bastardo antes de machucar mais alguém, ele pegou a teoria de Khalaji e correu com ela um pouco rápido demais, até que ele correu para a beira de um penhasco.

Ele poderia culpar o curto prazo.

A possibilidade de que esses números, **3/5**, poderia significar que a data de hoje os deixou com uma contagem regressiva e muito pouco tempo para o tipo de burocracia burocrática que poderia tomar as menores decisões nos casos do FBI, levando semanas de reuniões, discussões e papelada.

Então ele deu um salto de fé.

E agora ele estava caindo.

Mas ele ainda podia esperar que acabasse voando, em vez de cair no chão e queimar.

Ele não achava que o fracasso aqui seria o fim da carreira. Seus superiores em Washington entenderiam, eles haviam assumido um risco, excedido um pouco o orçamento, mas no interesse de evitar um desastre que simplesmente não havia se materializado, apesar de pelo menos estarem preparados para isso.

Não era sua carreira que ele estava particularmente preocupado.

Estava deixando aquele homem livre por mais um dia e deixando-o guiá-los pelo nariz com pistas falsas, brincando com eles e enganando-os de novo e de novo e de novo.

Aanga não podia se dar ao luxo de perder uma única coisa que pudesse sugerir o início, não nos feeds de vídeo, nem no fluxo constante de conversas e chamou pontos de dados, observações, dos analistas que monitoravam vários outros feeds em suas telas individuais.

O que significava que ele não podia se dar ao luxo de ter as besteiras domésticas de Malcolm e Seong-Jae dando nos nervos, depois de uma manhã inteira tentando ignorar a tensão arrepiante ao seu redor.

Era quase meio-dia, hora de observação inquieta, no mesmo lugar, movendo-se apenas para olhar para uma impressão ou tablet ou movendo os lábios quando um ou outro analista ou membro da equipe da força-tarefa chegou a ele com uma pergunta ou alerta - antes dele estalar.

E, voltando de seu lugar na cabeceira da sala, ele bateu os dedos no braço de Seong-Jae. – Você. CORREDOR. Agora.

Seong-Jae era uma estátua imóvel, olhando para as telas com a luz refletindo nas altas cristas de suas maçãs do rosto e na linha afiada de sua mandíbula. Mas agora ele finalmente se mexeu, baixando a cabeça para olhar para Joshi com uma sobrancelha cética arqueada.

— Perdão?

– Você está no meu último nervo e não consigo me concentrar. Precisamos conversar. Ele apontou a cabeça para a porta. – Corredor. Então ele olhou além do ombro de Seong-Jae, pegando Khalaji observando-os com olhos perturbados; Aanga ofereceu um sorriso cansado. – Não se preocupe. Vou trazê-lo de volta inteiro.

Khalaji não disse nada, mas por um momento o curioso tom azul acinzentado de seus olhos escureceu, invadindo com algo não dito.

Antes que ele simplesmente desviasse o olhar, os lábios se afinaram quando ele os pressionou contra o que parecia ser sua sexta ou sétima xícara de café do dia.

Certo então.

Aanga voltou o olhar para Seong-Jae, apenas para encontrar aqueles olhos negros observando-o com um toque de faísca irritante e fervendo neles. – Não desejo falar com você sobre nada além do caso.

– Isso é relevante para o caso. Só me escute. Estou preso por um fio aqui, Seong-Jae.

Seong-Jae soltou um suspiro longo e irritado, os olhos cortando para o lado. – Isso vai te calar a boca?

– Sim. Talvez.

– Sim, ou eu não vou.

– Certo. *Sim*.

Seong-Jae olhou por cima do ombro que quase pousou em Khalaji, mas deslizou, caindo pouco antes de retornar, duvidoso e sombrio, a Aanga. — Muito bem.

Com um aceno de cabeça, Aanga virou-se para tecer a comoção ao redor deles, com Seong-Jae nas costas, uma sombra pensativa. No momento em que eles entraram no corredor, a pressão batendo dentro do crânio de Aanga diminuiu, uma pressão que ele nem percebeu que estava lá, alimentada pelo ruído e pela tensão ininterruptos, até que se acalmou e deixou sua cabeça não parecendo mais que seu cérebro estava, grande demais para o crânio e empurrando contra as paredes internas constantemente.

Mas essa pressão aumentou novamente quando Seong-Jae saiu atrás dele, fechou a porta um pouco demais, depois cruzou os braços sobre o peito e olhou para Aanga.

– *Que?*

– Isto. Exatamente isso, disse Aanga, e apontou para a porta, a sala cheia de pessoas além. – Só porque você está brigando com seu namorado não significa que o resto de nós tenha que sofrer. Vocês dois são como esse

mecanismo do caos, pegando todo mundo ao seu redor durante a tempestade e deixando todo mundo desconfortável.

Seong-Jae tinha um jeito de olhar as pessoas como uma cobra: quieto, esperando, seu silêncio de alguma forma hipnótico, atraindo o espectador cativado para observá-lo com tanta atenção que eles nem perceberam que ele estava construindo o ataque, um aviso tácito, naquele silêncio.

Aanga, no entanto, era completamente imune a esse ponto.

E não aturar as besteiras de Seong-Jae.

Ele encontrou aquele olhar penetrante sem se mexer, esperando Seong-Jae perceber que não, ele *ainda* não foi intimidado pelo ato silencioso, mas mortal. Ele tinha muitos anos e muita experiência em lidar com pessoas *realmente* perigosas a serem excessivamente incomodadas por um lindo e imbecil jovem que gostava de impedir as pessoas de ficar fora do seu espaço pessoal.

E depois de alguns momentos, Seong-Jae desviou o olhar com um suave *tch*. – Estamos deixando todo mundo desconfortável, ou simplesmente você?

– Como sou o chefe desta operação, chego a *estar* todo mundo, se eu quiser, disse Aanga. – Olha, o que aconteceu? Isso vai ser um problema para o resto do caso?

Seong-Jae deu de ombros, apenas um empurrão duro de seus ombros. – Se você está correto em suas suposições, não haverá mais um caso depois de hoje, então você está realmente preocupado com isso quando não será mais seu problema?

Sim, Pensou Aanga. *Sim, eu vou ficar ... porque eu estou preocupado com você.*

Ele apenas permaneceu nas linhas grosseiras e graciosas do perfil de Seong-Jae, como ele era tão afiado que era quase selvagem, mas foi isso que o fez bonito.

E percebeu ...

Não importa o que aconteceu entre Khalaji e Seong-Jae, Aanga não teve uma chance maldita.

Talvez ele nunca tivesse.

Mas mesmo com a história deles, Seong-Jae era um estranho para ele agora, e tudo em sua tensa linguagem corporal, em seu silêncio, no vazio de seus olhos, dizia que nada que Aanga pudesse dizer ... qualquer coisa.

Seong-Jae não estava deixando ele entrar novamente. Ele sabia disso agora.

Ele não tinha certeza do que tinha feito para perder esse privilégio. Se ele tivesse feito alguma coisa, quando talvez Seong-Jae tivesse decidido que já tinha o suficiente sem motivo algum.

Mas foda-se ...

Ele ainda se lembrava de como Seong-Jae estava sozinho, todos aqueles anos atrás.

Assobiando, cuspiando, defensivo, jurando que ele não precisava de ninguém, cheio de tanto temperamento orgulhoso, esse maldito jovem acidente de trem que Aanga não conseguira desviar os olhos.

Ele não era mais essa pessoa.

Mas ele ainda estava tão machucado, pensou Aanga. Tão sozinho.

E se ele perdesse Khalaji ...

Isso poderia quebrar Seong-Jae o suficiente para que ele nunca se abrisse para ninguém novamente.

Aanga fechou os olhos e beliscou a ponte do nariz.

Merda.

Às vezes ele odiava fazer a coisa certa.

Mas isso foi para Seong-Jae.

Por ele.

– Olha, disse ele, abrindo os olhos. – Eu não vou perguntar novamente. Eu vou cuidar do meu próprio negócio. Mas o que quer que tenha acontecido com você e Khalaji ... esse homem ama você, Seong-Jae. Verdadeiramente e honestamente te ama. Ele se transforma em um filhote de cachorro maldito ao seu redor, com o coração na manga, e também não é necessário um perfil do FBI para vê-lo.

Seong-Jae fechou os olhos, mandíbula trabalhando, os dedos apertando contra os cotovelos internos com força suficiente para cavar. – Porque você está me contando isso?

– Porque o que está errado, o que você acha que não pode dar certo ... estou lhe dizendo que o homem te ama o suficiente para que você possa, desde que *você* queira também, disse Aanga. – Olha, eu te conheço. Talvez não tão bem quanto eu pensava, mas conheço você o suficiente para saber que jogaria fora algo bom porque tem medo de quebrá-lo. Não faça isso com ele. Você só encontra um amor assim uma vez na vida. Ele meio sorriu. – Bem. Muitas pessoas fazem isso. Você provavelmente encontraria cinco ou seis vezes, com a maneira como as pessoas ficam obcecadas por você.

– Esse é o problema, disse Seong-Jae, abrindo os olhos, olhando pensativo para Aanga, que parecia pesar. *Ele*, ver dentro dele e questionar o próprio sangue que fez seu coração bater. – Obsessão não é amor.

Aanga não tinha nada a dizer sobre isso.

Nada que ele pudesse suportar dizer em voz alta, pelo menos, quando apenas se chocaria contra aquela parede impenetrável em torno de Seong-Jae.

Então ele só segurou a língua.

E manteve seus sentimentos para si mesmo, quando Seong-Jae deu as costas para ele e voltou para dentro.

15: *HÁ ALGO ERRADO*

Quando o sol, através das persianas começaram a escurecer em profundas sombras douradas, o ar na sala de guerra ficou sombrio, pesado.

À medida que o dia passava, aquela energia frenética diminuía, caminhando para o tipo de trabalho determinado que se seguia em direção à linha de chegada em uma maratona, o fervor apressado daquele primeiro sprint se esgotou. No início, foi substituído por uma perseverança sombria, mas à medida que mais e mais horas passavam sem que nada significativa aparecesse na rede de vigilância, em ligações de todo o país, em videoconferências com outras agências ...

A perseverança se esvaiu.

E desesperança, decepção e frustração entraram em seu lugar.

Malcolm assistiu isso acontecer, pouco a pouco. À medida que a intensidade diminuía do olhar de um jovem analista, deixando o foco da monotonia passando na frente da tela; quando dois outros analistas perto da mesa de café entraram em um assobio, cuspiram, depois se interromperam e voltaram para suas estações de trabalho, envoltos em nuvens de sua própria irritação sufocada; já que outro estava um pouco mais lento do que antes para se levantar e buscar algo na impressora, aguardando alguns momentos, em vez de se arrepiar para arrebatrar as páginas como se fossem vida ou morte.

A cada minuto que passava, todos acreditavam cada vez menos que poderiam encontrar algo que valesse a pena hoje.

E tornou a sala pesada, quando o pôr do sol rolou sem um único avistamento viável; sem que nada aconteça. Malcolm tão pesado podia sentir a sensação de derrota em seus ossos; na dor profunda em seus ombros, a dureza em seus olhos.

Até Seong-Jae estava começando a parecer cansado e esfarrapado, embora tivesse mantido sua posição resolutamente o dia todo, falando apenas para apontar algumas coisas de interesse para Malcolm e Joshi, movendo-se apenas quando Malcolm lhe trouxera uma xícara de café com leite e um sanduíche da mesa de refeições que havia sido trazida por volta do meio dia.

Seong-Jae realmente parecia ... assustado, de alguma forma.

Como se a última coisa que ele esperava era que Malcolm ainda se preocupasse com seu bem-estar.

Malcolm apenas sorriu levemente, e se sentou em sua mesa para pegar no próprio almoço, um sanduíche que tinha gosto de areia seca quando não tinha apetite.

Mas ele não pôde deixar de notar, naqueles poucos momentos em que esteve perto do seu omr-an ...

Seong-Jae cheirava a fumaça de cigarro.

Como cravo, amargo e ainda aromático.

Apenas Aanga Joshi havia mantido algum senso de energia durante o dia, quase vibrando com a tensão, os olhos fixos nas telas com intensidade fixa, como se ele pudesse forçar o suspeito a aparecer, se quisesse com força suficiente. Ele esteve no mesmo lugar na frente dos LCDs o dia todo, esse nó radiante de energia compactado em um único ponto, movendo-se apenas para falar no fone de ouvido ou trocar comentários breves com os líderes da equipe que chegavam de outros estados através de chat por vídeo.

Mas agora, quando as pessoas começaram a andar inquietas, e ao longo de vários links de vídeo que as pessoas começaram a dispensar suas equipes em silêncio, Joshi finalmente se moveu de sua posição em pé na frente da sala como um capitão no comando de um navio condenado.

Ele deu um passo para trás, as mãos nos quadris, e virou-se para varrer a sala com um longo olhar, demorando-se em cada pessoa enquanto ele sorria cansadamente, com tristeza.

– Então, disse ele, inclinando a voz para carregar e a sala se acalmou, as pessoas levantando a cabeça em sua direção. – Beco sem saída hoje, mas isso não significa que acabou. Podemos ter uma cena do crime amanhã quando alguém a encontrar; é possível que a vigilância ativa o levasse à clandestinidade e ele esperaria um dia ou dois e tentaria novamente. Mas quando ele finalmente aparece ... nós *vamos* pega-lo. E será por causa do seu trabalho duro. Você fez um bom trabalho aqui hoje, pessoal. Não importa o resultado ... você fez um bom trabalho. Obrigado.

Ele foi respondido por um coro de afirmativas cansadas, exausto, mas pelo menos um pouco de bom humor.

Joshi bateu palmas, depois as espalhou. – Vá para casa, pessoal, continuou ele. – Descanse um pouco. Em breve teremos uma nova equipe, mas se você quiser ficar para a equipe noturna, me avise. Eu estarei aqui.

Respostas mais murmuradas, mesclando-se apenas em um zumbido ininteligível de acordo, mas as pessoas já estavam se mexendo, cadeiras raspando, o farfalhar de zíperes, bolsas e jaquetas enquanto as pessoas

juntavam suas coisas, o clique e o ruído das estações de trabalho bloqueando, últimos e-mails enviados, arquivos atualizados e salvos. Apesar da agitação repentina, a atmosfera ainda era sombria, quase fúnebre.

E quando o êxodo começou ...

Seong-Jae virou um olhar estranho por cima do ombro, distante e distante, antes de virar e forjar a multidão em direção à porta.

Droga.

Malcolm largou a xícara de café em cima da mesa com força suficiente para fazê-la espirrar, pegou sua bolsa de couro, atirou-a por cima do ombro e empurrou-o, lutando entre nós agrupados de pessoas até pegar Seong-Jae na porta, dobrando-se. apenas o suficiente para bloquear parcialmente seu caminho.

– Ei, ele disse sem fôlego, quando Seong-Jae parou, olhando para ele com aquele vazio cuidadoso que dizia que ele estava tão cansado que poderia apenas quebrar. E Malcolm quase se sentiu errado pressionando, errado perguntando - mas ele tinha que saber. – Você vai voltar para o hotel hoje à noite? Ele perguntou. – Para que possamos conversar.

Muito do seu coração não deveria estar envolvido nessa pergunta ou em sua resposta.

Mas esse coração afundou com o menor movimento da cabeça de Seong-Jae, quieto e arrependido.

Até ele esclarecer: – Ainda não. Silencioso, rouco, quase se desculpando, e por um momento aqueles olhos vazios se suavizaram, olhando para Malcolm francamente. – Eu preciso de mais tempo, Malcolm.

Malcolm procurou o olhar de Seong-Jae, procurando ... qualquer coisa.

Qualquer coisa que pudesse lhe dar esperança.

Mas tudo o que encontrou foi cansaço.

Tudo o mais cuidadosamente trancado, onde nem Malcolm poderia alcançar.

– Tudo bem, disse ele, porque era tudo o que ele podia dizer, se amava Seong-Jae. Tudo o que ele poderia dizer se ele honestamente quisesse que Seong-Jae estivesse bem, mesmo que isso significasse deixar Seong-Jae afastá-lo para ganhar o espaço que ele precisava para respirar. – Ok, Seong-Jae.

Putá merda!

Amar alguém o suficiente para dar a eles o que eles precisavam doeu muito mais do que amá-los o suficiente para exigir o que ele queria.

Quando o que ele queria era estar lá para Seong-Jae.

Mas não se estar perto de Malcolm apenas machucasse seu omr-an e mais.

Ele não disse nada. Não tentou detê-lo, tocá-lo, implorar, nada, enquanto Seong-Jae se inclinava ao seu redor.

E abriu a porta.

E desapareceu no corredor, deixando Malcolm sozinho.

Sozinho e percebendo:

Ele estava certo.

Ele odiava estar certo.

Mas eles não estavam indo para casa em Baltimore.

Não juntos, e não separados.

Este caso ainda não acabou, e por enquanto ...

Eles ainda pertenciam a Aanga Joshi.

Aparentemente, Joshi era como um demônio, pense no nome dele e convoque-o, porque, mesmo quando Malcolm se mexia, ele não estava bloqueando a porta para as pessoas arrumarem as coisas e saírem, Joshi caminhou em sua direção, sua marcha pesada, lenta.

— Então ... Joshi disse enquanto puxava o fone de ouvido, enfiou as mãos nos bolsos e se encostou na parede ao lado de Malcolm, – nenhum eu te disse.

– Eu ainda posso estar errado. Malcolm mudou-se para encostar-se à parede ao lado de Joshi, deixando seu olhar desviar para os LCDs e para o rastreamento constante de dados, mais devagar agora, mas ainda lá, fotos e vídeos passando por lá. – Ausência de prova não é prova de ausência. Só porque ele não se interessou pela teoria, não significa que não estamos nos movendo na direção certa.

– Isso também não significa que somos, disse Joshi. – Vamos ver como isso se desenrola nas próximas vinte e quatro horas. Mas, como está, a teoria dos 3/5 foi um fracasso, e ainda não sabemos o que esses números significam. Ele inclinou a cabeça para Malcolm. — Vai embora?

– Por enquanto? Preciso de um pouco de tempo, mas posso voltar mais tarde esta noite. Vamos ver. Malcolm se endireitou, ajustando a alça da bolsa quando alcançou a porta. – Ligue-me se surgir alguma coisa?

– Claro.

Malcolm deveria ter deixado por isso mesmo.

Deveria ter acabado de se virar e se afastar, mas ...

Algo sobre aquele sorriso minúsculo e persistente persistia nos lábios de Joshi, que insistia em se agarrar a algum tipo de rosto positivo depois de um dia que tinha sido uma decepção completa ...

Malcolm suspirou, demorando mais um momento.

Só para dar ao homem uma pequena companhia, para que ele não tivesse que ficar sozinho com o sentimento de derrota sem esperança.

– Quanto tempo você vai ficar? Malcolm perguntou, deixando a mão cair da maçaneta da porta.

– Não sei. Joshi deu de ombros. – Meia-noite, pelo menos. Ele deixou a cabeça cair contra a parede com um som audível. *Baque*. – Até desistirmos. Ele parou por alguns momentos, depois acrescentou, com mais suavidade: – Toda essa tecnologia, todo esse poder ... e que bem fez realmente?

– Não foi um tiro ruim, Joshi, Malcolm ofereceu. Pelo menos a gente tentou.

O último sorriso teimoso desapareceu, deixando uma linha amarga e tensa na boca de Joshi. – E talvez gastamos todo o nosso tempo e recursos nisso. Uma diversão para nos manter ocupados.

– Mas, Malcolm disse novamente, – nós ainda *tentamos*.

E isso era melhor do que não tentar.

– Ei, Joshi disse, o olhar subitamente flutuando de volta para ele, linhas brilhando ao redor dos olhos. – Você está bem?

– Não. Foi divulgado antes que Malcolm pudesse detê-lo, rejeição instantânea, mas, porra, ele estava tentando fingir que não o incomodou quando Joshi arrastou Seong-Jae para o corredor; estava tentando fingir que Joshi não estava avidamente ciente de que ele e Seong-Jae não estavam bem. Malcolm balançou a cabeça. – Eu sei que você quer dizer bem, mas ... por favor, não.

Joshi suspirou profundamente. – Khalaji. Quase implorando, aquela contrição silenciosa em seu nome. – Apenas dê espaço a ele. Ele é assim às vezes.

– Ele não estava comigo, respondeu Malcolm amargamente. – Não mais.

– Algumas pessoas não mudam. Não permanentemente, e não em seu coração mais profundo, Joshi murmurou. – Nem mesmo se eles quiserem. Seus olhos escureceram, abaixando, afastando-se enquanto suas sobrancelhas afundavam. – E nem mesmo para as pessoas que amam.

Malcolm trabalhou sua mandíbula; sua pele estava muito tensa, pequena demais para segurá-lo, como se a irritação o tivesse transformado em uma nuvem furiosa de frustração pronta para se soltar.

Ele não precisava disso.

Essa dúvida, dita na voz de Joshi, rastejou dentro dele para se plantar, criar raízes e crescer.

Mas depois de um momento, ele perguntou: – Havia alguém que você amava o suficiente para tentar mudar a si mesmo por eles?

– Sim, Joshi respondeu melancolicamente, um sorriso quase zombeteiro tocando em sua boca, mas então ele desviou o olhar. O sorriso desapareceu, nada restando, exceto a luz fraca refletindo de seus óculos e as bordas cansadas de seu perfil quadrado e bonito. – Seong-Jae.

Malcolm gemeu baixinho. – Eu poderia ter vivido sem saber isso sobre você, ele murmurou, e Joshi soltou uma risada rouca e rápida.

– Torna um pouco mais difícil me odiar, não é?

– Algo assim.

Joshi olhou para ele de lado. – Posso oferecer uma palavra de conselho, de um velho para outro?

– Só se ‘vá se foder’ é uma opção agradável para uma resposta, respondeu Malcolm, erguendo as sobrancelhas; Joshi sorriu.

– Eu aceito, disse ele. – É só Ele parou, com as rugas entre as sobrancelhas, os lábios entreabertos, como se as palavras pairassem na ponta da língua e esperassem mergulhar, como um mergulhador em uma prancha. Mas finalmente: – Não desista, Malcolm, disse ele. – Não desista dele.

Malcolm olhou para ele sem responder, procurando, procurando, ele não sabia. Ele não entendia Joshi às vezes, do jeito que ele passava de quente para frio, grave para manhoso, amigável para antagônico, como se ele estivesse constantemente em guerra consigo mesmo para se comportar da maneira que ele sentia que deveria em relação aos outros, enquanto parte dele queria. Somente ...

Desista e deixe suas emoções se enfurecerem.

Mas ele parecia sincero, naquele momento, como se seu cansaço, sua derrota o tivesse deixado espancado e cansado, cansado demais para brincar de picar egos e sugestões não muito sutis.

E nisso Malcolm o entendeu muito bem.

Porque ele tinha a sensação de que Joshi ainda se importava profundamente com Seong-Jae.

Profundamente o suficiente para pressionar Malcolm a tentar fazer Seong-Jae feliz, se o próprio Joshi não pudesse.

– Eu não quero desistir, prometeu Malcolm. – Não dele e não de nós.

Mas não há muito que eu possa fazer se ele quiser que eu pare de tentar.

Por mais que ele estivesse disposto a lutar por Seong-Jae ...

Havia duas pessoas envolvidas nisso. Dois lados dessa equação.

E não deu certo, a menos que as duas pessoas quisessem.

Mas Malcolm não podia ter essa conversa com Joshi. Não podia colocar isso a seus pés, quando, independentemente de qualquer entendimento ...

Ele ainda não confiava em seus motivos.

Então Malcolm apenas balançou a cabeça, recuando. – Boa noite, Joshi. Obrigado pelo conselho.

A voz de Joshi o seguiu quando ele abriu a porta e deslizou para fora, para um corredor onde as luzes pareciam mais brilhantes para os quadrados mais profundos da escuridão através das janelas.

– Sim, Joshi disse, estranhamente abandonado. – Boa noite, Malcolm.

16: UM QUARTO ESCURO DENTRO DA MINHA CABEÇA

Santiago Vasquez não estava esperando companhia hoje.

Particularmente companhia do tipo que contornava suas avenidas típicas de comunicação cautelosa, reuniões silenciosas na parte de trás da área de carga e classificação de estoque de sua loja, mensageiros indistinguíveis dos trabalhadores em roupas e macacões sujos e suados, entrando e saindo do fluxo de trabalho sem sendo notado. Uma nota passou de mão em mão em mão, depois lida e queimada. Um murmúrio em um ouvido atento ao discutir manifestos de remessa. Uma caixa de amostra contendo algo um pouco mais interessante do que doces ou salgadinhos de pólvora que foram *snap-snap-snap* quando você os jogou contra o chão ou a parede.

Discreto Silencioso Não rastreável.

E certamente nem de longe ostentoso como o brilhante Rolls-Royce de pérola estacionado em frente à sua casa, com detalhes cromados brilhando à luz do sol da tarde, jogando de volta estrelas faiscantes.

Um homem estava sentado ao volante, lendo uma cópia do *The Baltimore Sun*, dobrado na seção de quadrinhos. Ele era grosso, seu cabelo preto raspado o suficiente para que seu couro cabeludo marrom escuro aparecesse; seu terno era elegante e forrado com uma fileira dupla de botões dourados na frente. Uma tampa preta de bico brilhante repousava no painel, entre a janela e o volante.

Quando Santiago saiu da caminhonete e se levantou, alisando a gola da jaqueta contra o ar cortante do início de março, o homem do Rolls-Royce olhou para cima, os olhos semicerrados e desinteressados, antes de olhar para baixo.

Motorista, Santiago pensou.

Mas não havia ninguém no banco de trás.

E ninguém esperando na varanda do seu pequeno e modesto condomínio com fachada de pedra.

Mas a porta da frente estava destrancada, o sistema de segurança desarmado.

E ele sabia muito bem que nem sua esposa nem sua filha estavam em casa.

Ele apertou os nós dos dedos contra a porta frouxamente trancada, abrindo-a com quase um suspiro de pressão e entrou a outra mão entrou na jaqueta, procurando o coldre escondido debaixo do braço. Ele era um homem antiquado que gostava de armas antiquadas, e o aperto do Colt era familiar, reconfortante, resistia praticamente ao formato da palma da mão até que seus dedos se encaixassem perfeitamente no punho e ele se sentisse mais aterrado, mais certo, pois escorregou em passos silenciosos pela casa.

De volta a uma parede.

Sempre, de volta a uma parede e com o polegar pronto para armar o martelo.

Ninguém na sala de estar. Nada tocado também, o projeto da escola de palitos de picolé da filha ainda em um estado precário de conclusão meio colada na mesa de jantar; nada jogado, vasculhado.

Todos os papéis em seu escritório no lugar.

A cozinha ainda militantemente arrumada, por conta própria, sua esposa era um desastre que adorava cozinhar, mas odiava limpar, enquanto o próprio Santiago não suportava uma cozinha desordenada, deixando uma constante e afetuosa guerra de empurrões entre eles. Natalique a destruiu, ele a restaurou novamente, noite após noite.

Mas ela não teve a chance de trabalhar seus destroços novamente hoje à noite, ainda a caminho de casa, seu último texto apenas quinze minutos atrás e o tráfego mantendo as milhas de distância quando ela ainda precisava pegar Carmela nos treinos de futebol depois da escola.

Não deveria haver ninguém em sua casa.

E, especialmente, não deveria haver uma senhora branca sentada à mesa da sala de jantar, com as mãos cruzadas sobre os guardanapos de renda feitos à mão que Natalique herdara de sua avó e insistia em deixar de fora o carvalho escuro e lustroso da mesa.

A mulher era alta, elegante e, embora o vestido na altura do joelho e a jaqueta cortada combinando fossem simples e brancos, com sutis tranças douradas na guarnição, eles eram tão finamente ajustados e bem ajustados que ele imaginaria que custariam mais do que o valor mensal da hipoteca no condomínio, taxas HOA incluídas. Seu grosso casaco de inverno de lã também era branco, pendurado sobre a cadeira de madeira da sala de jantar e a pulseira de prata em seu pulso era tão fina e brilhante como seu sorriso calmo e frio.

E quando Santiago entrou cautelosamente na sala de jantar, sua mão pairando quando ele não sabia se deveria estar mais apertado no Colt ou soltá-lo, o sorriso de Lillienne Wellington só se alargou quando ela levantou uma mão para afastar os óculos de aviador, olhos cinzentos, jogando os cabelos caídos pelo sol para trás com uma pequena elevação do queixo.

– Olá, Sr. Vasquez, disse ela agradavelmente, articulando cada palavra com arestas deliberadas. – Presumo que não preciso de introdução?

- Eu sei quem você é.

Franzindo a testa, ele deixou a mão deslizar de dentro da jaqueta por enquanto. Contanto que ele pudesse ver as duas mãos dela; contanto que ela parecesse sozinha, e até que ele descobrisse por que diabos aquele gato branco de mulher estava em sua casa, quando tudo o que ouvira escorrendo pela videira não era um bom presságio para ela ou para que diabos ela estava fazendo neste negócio.

Marion Garvey tinha sido brega, sim. Mas ele sabia como manter um segredo; ele tinha sido tão oleoso que a merda simplesmente não podia grudar nele. Deslizou direto de sua superfície viscosa.

Essa mulher, no entanto ...

Ela era aquele tipo de atrevido que vinha do poder.

O poder de golpear cada maldita mosca com uma marreta.

O problema das marretas era que elas tendiam a destruir não apenas a mosca...

... mas tudo ao seu redor.

Pode deixá-la intocável.

Mas não significava que as pessoas apanhadas em seu rastro saíam intocadas quando o calor veio para ela.

E Santiago sentiu que as correntes puxadoras de sua esteira já estavam puxando-o, quando ele cruzou os braços sobre o peito e se encostou na parede, olhando-a.

– Você não é muito sutil, disse ele. – Todo mundo sabe quem você é.

Se alguma coisa, isso apenas parecia agradá-la; o sorriso dela aumentou. – Bom. Detestaria perder tempo com formalidades e explicações. Ela cruzou as mãos mais uma vez, os arcos brancos de suas pontas francesas se encaixando perfeitamente entre os nós dos dedos. – Então, eu simplesmente tenho uma pergunta a fazer.

Então o que que seria isso?

Só isso.

Ela ergueu o queixo, olhando-o com um olhar que o fez pensar em bolas de gude, refletindo tudo e nada, vazio e ainda assim cheio de mil facetas, tão arrepiantes quanto as palavras que ela falou a seguir.

– Você é mais leal a Jason Huang ... ou a si mesmo?



Cara Stenson foi ficando cansada de madrugada.

Não parecia nada, *mas* noites tardias nas últimas semanas.

Os últimos *meses*, realmente.

Como se houvesse mais e mais corpos todos os dias, e ela não sabia de onde eles estavam vindo.

Se as pessoas estivessem apenas se matando mais ...

... Ou se simplesmente não houvesse pessoas suficientes dispostas a lidar com a constante inundação da morte, então cada vez mais essas carcaças vazias acabavam à sua porta, em seu laboratório, em sua mesa.

Porque não havia mais ninguém para cuidar deles.

Mais ninguém para cuidar dos mortos.

Ela se encostou na parede do elevador, observando os números acima passarem dos negativos para os positivos; com uma mão, bateu com uma pasta cheia de papelada de relatório de autópsia no quadril, enquanto com a outra girou o polegar contra o anel de casamento, circulando-o ao redor e ao redor do dedo; moveu-se com muita facilidade, sem muita flexibilidade. Ela estava perdendo peso por um tempo agora, nunca mais em casa para jantar, e enquanto Rowan a incomodava por pular refeições, ela sabia o que ele realmente queria dizer.

Não que ela estivesse perdendo comida.

Foi isso *ela* estava perdendo *ela*, mas ela não queria se importar porque Rowan gostava dela.

Ela não sabia como se casara com um homem tão malditamente macio; que malditamente passivo e modesto.

Provavelmente porque ele era o único que podia aguentar a boca dela sem explodir a cada cinco minutos.

Hoje à noite, ela pensou enquanto pisava no chão de homicídios.

Esta noite ela iria para casa a tempo.

Passe algum tempo com o homem dela, mesmo que tudo o que eles fizeram foi assistir aquela merda estranha em preto e branco no Turner Classic que ele tanto gostava, aqueles filmes em que todos falavam engraçado, como se tudo fosse meia pergunta e eles só tivessem cinco segundos para entender cada linha antes de morrerem de disenteria ou qualquer outra coisa que matou pessoas naquela época.

Ultimamente, ela não estava com vontade de muito mais.

Ela poderia gostar do seu trabalho, mas não estava exatamente se sentindo bem ao pesar os órgãos das pessoas antes de ensacá-las e identificá-las para toxicologia.

O elevador se fechou atrás dela e ela inclinou a cabeça para folhear a pasta brevemente, certificando-se de que tinha tudo em ordem para que ela não tivesse mais esses idiotas exigentes à sua porta, mas ela congelou quando quase andou à direita em uma laje sólida de músculo bloqueando a porta para homicídios, afastando meia polegada de apunhalar o nariz nas costas de alguém.

Bem.

Pelo menos sua consciência situacional estava melhorando.

Desde aquela pequena *merda* de uma garota derramou urina por cima dela.

– Ei, ela rosnou com as linhas de costura nas costas largas, a alfaiataria preta e nítida da camisa do uniforme de policial, policial esticando sobre os ombros e braços do homem. – Você quer se mudar?

Ele pulou, olhando por cima do ombro, os olhos cinzentos um pouco arregalados; ele parecia um maldito bandido, com o rosto anguloso e a cabeça zumbindo em um corte próximo e músculos densos, mas sua linguagem corporal dizia *garoto pego com a mão no pote de biscoitos*.

Apenas a mão desse cara não segurava um biscoito, mas uma delicada azálea branca de inverno, pétalas onduladas e enrugadas, com o caule curto e lenhoso preso entre as pontas dos dedos.

– Desculpe, ele ralou com um forte sotaque da Nova Inglaterra com o sabor particular de Baltimore, virando a porta e dando um passo para trás no

esconderijo de homicídios; a mão livre passou por cima da cabeça e depois esfregou a nuca. – Eu, hmm, estava procurando por alguém.

– Você não os encontrará bloqueando a porta. Cara passou por ele, apertando a abertura que ele deixou, depois olhou para trás, arqueando uma sobrancelha. Quem é? Provavelmente posso apontá-los.

– Hmm. Não ... um dos detetives. Ele limpou a garganta. O crachá acima do crachá dizia *Lombardi*; se Cara não soubesse melhor, ela pensaria que o oficial Lombardi estava *ruborizado*. O nome dela é Adelaide. Ela disse que é a técnica neste andar?

Adelaide.

Sim, ela sabia esse nome, tudo bem.

Considerando que tinha sido impresso no lado do copo de amostra de urina, ela praticamente pegou o rosto na semana passada como se estivesse fazendo um teste para algum tipo de pornô.

Cara estreitou os olhos, assobiando por entre os dentes. – Para que você precisa dessa pirralha?

– *Ei*. Lombardi fez uma careta. – Ela não é uma pirralha. Ela é apenas ... diferente.

- Você é amigo dela?

– Oh, hmm ... eu não ... eu não a conheço, eu apenas ...

Cristo em um maldito biscoito.

Cara olhou com desgosto a flor na mão de Lombardi, depois revirou os olhos e se virou, gesticulando em direção ao quatinho escondido à direita, a porta entreaberta, as fracas cores piscantes das luzes do servidor mal brilhando através da janela esbelta slots para ambos os lados da porta.

– Entendi a ideia, disse ela. – A sala dos servidores está lá. Você está procurando por ela, ela provavelmente está lá.

– Obrigado, disse Lombardi e ofereceu o sorriso mais idiota que Cara já tinha visto. - Muito obrigado.

Ele se virou, esfregando a mão livre contra a coxa da calça uniforme, depois ergueu os ombros e caminhou em direção à sala dos servidores.

Cara esperou, cruzando os braços sobre o peito.

Às vezes, trabalhar para o BPD era como estar de volta ao ensino médio. Mais drama do que reality shows.

E isso deveria ser *bom*.

Lombardi bateu com os nós dos dedos no batente da porta, inclinándose. Adelaide Ei, ei ...

Uma *batida* veio de dentro da sala do servidor, alto o suficiente para fazer Cara pular, sua pele formigando; Lombardi recuou. Cara inclinou a

cabeça; xingamentos derramaram do interior da sala, antes que ela vislumbrasse um borrito selvagem de cabelos e orelhas felpudas de gato azul passando pelo corpo de Lombardi.

– Você não pode *estar* aqui, Adelaide sibilou, sua voz muito alta, falhando, e ela deve ter feito *alguma coisa* porque Lombardi tropeçou, dando alguns passos para trás como se ela o tivesse empurrado.

Então apenas parei.

Ninguém olhou.

Piscando, sua expressão totalmente chocada.

... Enquanto a porta bateu em seu rosto, o *chk* da fechadura quebrou, e dois segundos depois ...

As persianas cobriam as janelas, bloqueando completamente a sala dos servidores e aparentemente fechando as esperanças românticas do policial Lombardi, exatamente assim.

Cara inclinou a cabeça para o outro lado, arqueando uma sobrancelha.

... *Hã*.



Adelaide agarrou as mãos contra seu peito e tentou *respirar*.

Meu Deus.

Oh Deus, oh Deus, oh *Deus*.

O que ela havia feito?

Bem, não, ela sabia o que fazia.

Ela enlouqueceu quando o policial Gage Lombardi espiou pela porta e a pegou de surpresa quando estava esfregando um hematoma deixado no interior do joelho pelas cintas das pernas, a saia subindo sem jeito e as roupas desarrumadas e ela apenas parecia uma gostosa completa e total *bagunça*, e ela não estava pronta para olhar para cima e ver aquele rosto bonito olhando para ela com um sorriso doce e esperançoso.

E ela entrou em pânico.

Com o coração pingando de um lado para o outro entre as costelas e a coluna, ela pulou da cadeira, pegando o batente da porta para se manter de pé com uma cinta desatada, depois o empurrou para fora da porta e bateu com força no rosto.

Antes de puxar as persianas, recostar-se na cadeira e pressionar o rosto nas mãos com um gemido baixo de mortificação abjeta.

Ela não estava pronta para isso.

E ela *odiava* lidando com coisas para as quais ela não estava pronta.

Tanta coisa para seguir o conselho da capitã e seguir em frente.

Ela respirou fundo várias vezes, até que o aperto no peito começou a diminuir - apenas para se recuperar novamente quando a voz de Gage entrou pela porta, abafada.

- Um ... Adelaide? Tudo bem?

Vá embora.

Mas ela não disse nada.

Vá embora, vá embora, vá embora.

Ela não podia olhar para ele agora. Talvez nunca mais, depois que ela fizera tanto constrangimento.

Mas agora ela só queria que ele *saísse*, até que ela pudesse se acalmar e fazer seu pulso parar de bater tão forte, tão rápido, até que as reverberações em seu corpo a deixassem nauseada.

Adelaide

Vá embora.

Talvez ele a tenha ouvido. Talvez ele tenha descoberto que ela não atenderia a porta.

Mas, depois de mais alguns instantes, a sombra que ele fez contra as cortinas voltou e desapareceu.

Deixando-a sozinha com apenas o zumbido silencioso e o zumbido das pilhas de servidores, e o violento bater de seu próprio coração.

Com um gemido, Adelaide girou em sua cadeira.

E prontamente bateu o rosto na mesa.

- Bem, ela murmurou. - *Porra.*

Havia alguma chance de possivelmente flertar com o cara gostoso.

Ele provavelmente pensou que ela era assim, *assim* estranha agora.

Suspirando, ela se levantou e se inclinou para ajustar e reapertar o aparelho; o ato mecânico fácil de rotina era reconfortante, pelo menos; calmante. As coisas ordenadas sempre foram, padrões familiares que reforçavam os sulcos, sulcos e sequências em que o mundo deveria se

encaixar ... e ela não mais sentiu vontade de ter um ataque de pânico, quando apertou o último fecho e deu um balanço de teste nas pernas para garantir que tudo acontecesse sem problemas.

As pernas dela estavam bem.

A autoestima dela, nem tanto.

Mas ela superaria isso.

Gage provavelmente teria descoberto que ela era estranha, afinal, e disse que ela era *demais* ou qualquer outro número de coisas, então ...

Melhor frustrar suas esperanças agora, antes que pudessem ficar muito altas.

Balançando-se, ela apoiou a mão na mesa para se manter de pé, sem muletas, pelos poucos passos necessários para abrir a porta novamente; ela gostava de mantê-lo aberto, gostava do baixo ruído branco do lado de fora - na maioria das vezes. Às vezes isso a irritava, mas geralmente o murmúrio de vozes se filtrava em uma espécie de zumbido constantemente monótono que a ajudava a se concentrar, confortando e sem sentido.

Apenas por precaução, ela abriu a porta um pouquinho e se inclinou cautelosamente, espiando pelo batente da porta para se certificar de que Gage ainda não estava à espreita em algum lugar do cercado de homicídios.

E quase chiou, recuando, quando ela ficou cara a cara com olhos atentos contra mechas de cabelos loiros, caindo de um rabo bagunçado e em um rosto cínico e severo.

Dra. Cara Stenson.

A mulher quadrada, bastante pequena, cruzou os braços sobre o peito, dando uma nova olhada em Adelaide.

– Então, Dra. Stenson disse com um toque sardônico de seus lábios, e desta vez Adelaide *fez* guinchar, encolhendo um pouco. – O que diabos foi tudo isso?



Ah, ele pensou. Ah, Ah, Ahhh ...

Que noite adorável para uma caminhada.

Mesmo se ele tivesse que usar sapatos, hoje à noite. Ele não *gostava de* sapatos, não gostava nem um pouco, mas ele ainda tinha um longo caminho a percorrer e não havia garantia de que encontraria uma maneira de tirar a carga de suas solas cansadas e cansadas.

Estava bem.

Os sapatos de Blake se encaixam nele *bem*, depois de tudo.

Um lindo par de botas de caminhada que dava o melhor tromp-tromp-*trompete* soa enquanto ele marchava pela lateral da I-10 com o polegar estendido, a outra mão enrolada na alça de sua bela mochila nova na qual Blake devia ter gastado tanto dinheiro e seu rosto voltado para o céu.

Ele estava longe o suficiente fora da cidade para ver as estrelas.

Afastado, às vezes, pelos faróis que se aproximavam ou por aquele brilho particular de luz vindo de trás dele até que ele sentiu como se estivesse lavando água nas costas e fluindo em torno de sua silhueta. Mas ainda assim, entre carros que passam cheios de passageiros, turistas e famílias, e às vezes apenas pessoas solitárias ...

Ele podia ver as estrelas e pensou hoje à noite em todas as noites ...

Isso foi apropriado.

Esta noite, afinal, foi uma noite especial.

Uma noite muito, muito especial, mesmo que não fosse por ele.

Não, não, não para ele.

Mas ele lembrou.

E ele se lembrou do que deveria fazer.

Afinal, algumas promessas foram feitas para serem cumpridas.

E ele podia sentir este dentro dele como uma bússola, dizendo para onde ir; dizendo-lhe qual era o norte, qual era o caminho que o levaria para casa.

Aquela flecha dentro dele girou e girou e *giro*u e, em seguida, trancou e segurou com uma trêmula certeza, enquanto um Honda Passport azul lustroso e novinho em folha diminuía a velocidade, aproximando-se ao lado dele, depois acelerava um pouco como se a silhueta silenciosa do motorista mudasse de ideia ... depois desacelerou quando ele pisou de volta e na grama para dar espaço. O carro desligou o motor e, mais uma vez, as rodas giraram nos eixos para que pudessem sair da estrada e alcançar o acostamento.

A janela lateral do passageiro se abriu. Um homem inclinou-se do lado do motorista, um homem com um rosto perturbadoramente assimétrico, um

homem que parecia estar a caminho de algum lugar, mas não sabia exatamente onde.

- Ei, disse o homem; sua voz tinha um sotaque que dizia que ele não era daqui, que ele era de algum lugar que conhecia o cheiro do ar do oceano Atlântico, espesso e grosso. - Você perdeu. Você acabou de sair de sua casa de repouso ou algo assim?

Ele riu; oh, isso foi um *deleite*, mesmo se esse rosto ... sim, esse rosto precisaria ser *fixo*. - Oh, não, não estou perdido. Estou a caminho, mas não me importaria de andar, se você pudesse me deixar seguir um pouco.

Os olhos do homem se estreitaram. Claro que ele estava desconfiado; claro, de *curso*, era uma época de desconfiança, tantas pessoas com más intenções, tantas pessoas que não sabiam qual o propósito *significava*.

Mas, ele pensou, talvez esse homem deva sentir a força da bússola também. Porque, depois de um momento, ele suspirou, suas mandíbulas morenas e grossas caíram, as rugas profundas em sua testa se abriram. Inclinou-se e destrancou a porta lateral do passageiro, puxou a trava, abriu um pouco *empurrar*.

- Onde você está indo?

- Não chegou a lugar nenhum, disse ele e as vozes de seus filhos sussurraram na mochila, tornando-se vazias e ecoando pelas paredes da caixa, quando ele pegou a porta e a abriu, raspando as botas educadamente qualquer sujeira, por precaução, antes de ele pisar no estribo e sentir que *clique* que disse isso, agora, certamente era dele *norte*; certamente onde ele precisava estar. - Mas para onde você está indo é bom, por enquanto ... por enquanto.

Ah, sim.

Por ora.

E ele era um bom passageiro, afivelou o cinto de segurança e embalou a mochila no colo, sorrindo brilhante e sempre tão satisfeito.

Enquanto as rodas giravam e o motor ronronava.

E seus filhos continuaram a sussurrar, dizendo-lhe o que fazer.

Dizendo-lhe como levar o irmão rebelde para casa.



Anjolie sentou dentro do escritório dela, de costas para o cercado escuro de homicídios, e olhou para as sombras de Baltimore e as linhas brilhantes de estrelas elétricas através do banco de janelas ao longo de sua parede traseira.

O chão de homicídios era quase sinistro, quando a maioria das luzes estava apagada, exceto a dela, as mesas todas sombreadas, até o laptop desligado e fechado. Todo mundo tinha ido para casa horas atrás - mesmo os que geralmente queimavam o óleo da meia-noite. Era algo nessa época do ano; os dias ainda eram mais curtos, as noites intermináveis e os ventos severos do inverno começando a ficar inquietos com a antecipação da primavera; isso fez as pessoas quererem ser *casa*, fez com que as pessoas quisessem estar em algum lugar que se sentisse seguro e acolhedor e com todas as suas, quer estivessem sozinhas ou com as pessoas que amavam.

Anjolie provavelmente deveria estar sentindo isso também.

Provavelmente deveria estar sentindo o puxão para *casa*, em vez de se perguntar quantos outros estavam lá fora agora, como ela sozinhas e solitários e tentando carregar seus problemas por conta própria, em vez de apenas ...

VOLTANDO PARA CASA

Lar era onde ela largava seus fardos para descansar o pouco que podia. Lar era onde Gabrielle estava esperando para manter a cama quente e tornar as longas noites mais curtas com risos e beijos profundos e algo que poderia ser simples e descomplicado se Anjolie pudesse parar de se preocupar, pare de esperar que a bomba-relógio passasse para zero.

Ela pensou, desta vez, não era a outra mulher que estava estragando tudo.

Ela pensou que desta vez poderia ser ela.

Porque Gabrielle era sua melhor amiga, e desta vez se a outra mulher capturasse sentimentos e cobrisse Anjolie naquela horrível sensação de

aperto que a fazia sentir como se estivesse se afogando na obscuridade das necessidades de outra pessoa ...

Ela não podia simplesmente cortar o frio e ir embora, cortando todos os laços.

Mas hoje à noite, se ela fosse para casa, Gabrielle iria querer consolá-la.

E hoje à noite, Anjulie não queria ser confortada.

Não queria nada além de um caminho claro e fácil, um caminho óbvio ao redor da estrada espinhosa e traiçoeira à sua frente.

Ela não achou que a encontraria.

Ela não achava que havia uma maneira fácil de resolver isso.

O passado sempre teve um jeito de sair.

Como fez a verdade.

Pressionando os lábios, apoiou os cotovelos nos braços da cadeira, enrolando as juntas das duas mãos contra a boca e encarando o horizonte pelo que pareceram horas. Revirando os ângulos, perguntando a si mesma onde ela errou - onde ela escorregou, onde deixou algumas evidências cruciais, onde foi descuidada e deixou para trás a única coisa em que não pensou; a única coisa que apontava para ela.

Ela não conseguiu encontrar.

Ela manteve a boca fechada por anos. Por necessidade; como mecanismo de sobrevivência; porque ela foi convidada.

E não fez nenhum bem.

Nada para isso, então.

Ela se inclinou e abriu a gaveta de arquivo inferior da mesa e esticou o braço para dentro, para sentir todo o caminho até as costas, esticando o cotovelo até os tendões se esticarem e as bordas da gaveta de metal morderem dolorosamente seu pulso e antebraço. Até que ela pudesse sentir o espaço na parte de trás da gaveta, normalmente preso entre a gaveta e a mesa; até que ela encontrou as bordas desgastadas de um pouco de fita adesiva que estava lá há anos.

Seguindo a textura da fita, ela se atrapalhou até sentir plástico liso, bordas retangulares arredondadas.

Então rasgou o telefone queimador, rasgando a fita com um puxão forte e torcendo o braço para trás até que se soltasse com a coisinha dobrada e compacta descansando na palma da mão.

Sem custo. Ela a abriu, encaixou o cabo do carregador da mesa na porta, observou enquanto ele acendia e inicializava.

Havia um número salvo nele. Um número, sem nome.

Um número que pode nem funcionar, depois de anos, mas...

Ela teve que tentar, quando a última vez que ela alcançou através de meios padrão, a linha foi desconectada. Não está mais em serviço.

Então era isso, ou nada.

Deus, *porra* ...

Ela estava realmente prestes a abrir essa lata de vermes?

Ela ainda teve uma escolha?

Provavelmente não.

Não se alguém estivesse procurando em seus arquivos antigos.

Ela encontrou os padrões, tudo bem.

Eles não estavam olhando para os casos dela. Não estavam olhando para seus bustos, elogios, criminosos que ela trouxera.

Eles estavam analisando os casos em que ela havia sido promotora, antes de pular da sala do tribunal e entrar no cercado.

Alguém estava muito interessado em quem ela guardaria na cadeia.

E o que ela sabia de prestar testemunho.

Coisas que não haviam entrado no tribunal.

Coisas que certas pessoas matariam para saber.

Ainda assim, seu estômago estava enjoado e tenso com uma certa tensão pronta; um certo chocalho de nervos que ela sempre considerou como energia de batalha, naquela altura de adrenalina que sempre sentira antes de entrar no tribunal ou em uma reunião com um monte de jogadores políticos que queriam transformar a polícia em um jogo de status e comportamento predatório de matilha e quid pro quo.

Essa energia estava nela agora, quando ela pressionou o botão de chamada naquele número do catálogo de endereços, levou o telefone ao ouvido e esperou.

Tocou apenas duas vezes antes de atender.

Ninguém disse nada.

Apenas esse senso silencioso de *presença*, de esperar, que dizia que alguém estava lá, tenso, segurando e preenchendo o espaço entre eles com expectativa.

Ela respirou fundo.

Debate desligado, por apenas um segundo.

Então disse: – Se é você ... ela lambeu os lábios, girando a cadeira, levantando-se. Venha me encontrar. Duas horas Você sabe onde.

Sem resposta.

Um longo silêncio.

Então um *clique*.

Ela fechou o telefone, guardou no bolso e enfiou o casaco.

Antes de desligar as luzes e sair para encontrar o que estava esperando por ela na escuridão da noite.



Gabrielle Leon enterrou o rosto no pêlo de Roscoe, abraçando o Pomeranian com força e esfregando sua bochecha em seu pêlo macio e enferrujado.

A cama era grande demais, sem Anjulie nela.

E Gabrielle pegou o telefone na mesa de cabeceira, sua luz branca e brilhante machucando seus olhos no escuro do quarto vazio.

Seu último texto estava na tela, lido, mas sem resposta.

Ei, eu estou fazendo o jantar, ou você está?

Nada.

Sem resposta, não por seis horas; quando ela voltou para casa depois de outro dia lidando com Matheson e ensinando Daniella a lidar com os pedidos exatos, a casa estava vazia, exceto pelo cachorro.

Ela deveria estar acostumada com isso agora.

Anjulie trabalhava tarde da noite com frequência, muitas vezes em coisas sobre as quais não podia contar a Gabi.

Então, por que isso parecia algo diferente?

Por que isso parecia vazio, vazio ...

... e terrivelmente solitário?

Ela digitou outro texto. ***Ei, é quase meia-noite. Não se preocupe em ficar quieta se chegar tarde. Eu ainda estou de pé.***

Mas ela passou o polegar sobre o pequeno ícone de um avião de papel dobrado que enviaria o texto voando sobre o éter e para o seu destino.

Depois voltou para o espaço vazio, desligou a tela do telefone e colocou-a novamente na mesa de cabeceira, fechando os olhos.

Covarde.

Ela simplesmente não conseguia fazê-lo.

Ela não podia fazer isso mais do que podia sacudir o engate no peito e na garganta, ou a sensação horrível e quente por trás dos olhos.

O nariz de Roscoe pressionou, frio e úmido, a bochecha; com um pequeno movimento, o Pomeranian choramingou, pressionando mais forte nela e lambendo sua mandíbula.

Ela fechou os olhos, descansando a testa no topo do cachorro, entre as pequenas orelhas felpudas.

– Sim, garotinho, ela sussurrou, enquanto o cachorro se encolheu contra ela com um sopro de piedade. – Eu sei eu sei. Ela umedeceu os lábios, respirando fundo. – Eu também sinto falta dela ... mas não sei o que fazer sobre isso.



Malcolm não poderia dormir novamente
Nem mesmo quando ele estava tão deprimido.
Não em uma cama que não era sua.

Não em uma cama que não cheirava a ele, como Seong-Jae, como o amor que eles faziam juntos e a sensação quieta de seus corpos embebidos em lençóis e cobertores bem usados que, de alguma forma, sempre se enrolavam ao redor deles, exatamente para criar seus próprios casulo confortável e quente de um mundo.

E não em uma cama que não tivesse Seong-Jae nela.

Ele estava sentado, sentado em uma das cadeiras profundas e macias do quarto de hotel, em frente às janelas de vidro do chão ao teto que davam para Los Angeles; o frio da noite encharcava o vidro para expulsar o aquecimento central da sala o suficiente para formigar a pele do peito nu de Malcolm. Mesmo depois da meia-noite, a cidade estava iluminada com tanta luz, as ruas repletas de luzes vermelhas de um lado e do outro, luzes mais frias

e brilhantes dos faróis do outro lado, lâmpadas de rua fazendo caminhos ordenados em brilhos brancos e quadrados espaçados de maneira uniforme de brilho iluminado em padrões irregulares do térreo para o céu.

Seong-Jae estava lá fora em algum lugar, olhando pela janela de algum quarto estranho, como se seus olhos pudessem se encontrar através de distâncias infinitas?

Seong-Jae estava lá fora em *todos*?

O telefone de Malcolm repousava sobre a mesa de madeira brilhante ao lado de seu telefone.

Seu telefone ficou em silêncio por horas, desde o último texto que ficou sem resposta.

Você realmente não vai voltar hoje à noite?

Por quê?

Seong-Jae nem tinha lhe dado uma simples *não*.

Ele apenas ...

Deixou Malcolm em silêncio.

De novo.

Silêncio e solidão, sem nada para companhia, além de mil perguntas para as quais Malcolm não tinha certeza de que queria respostas.

Ele fechou os olhos, esfregando os dedos nas têmporas, nos olhos doloridos e doloridos - tão cansados e, no entanto, sabia muito bem que não iria dormir esta noite. Não quando sua mente estava correndo em tantos círculos; não quando seu peito parecia ter sido aberto no esterno com uma incisão quente e dolorosa.

Ele não poderia fazer isso de novo.

Ele não podia fazer isso de novo, sem saber que Seong-Jae estava mentindo para ele, escondendo coisas dele, impedindo-o deste mundo interior secreto composto de partes do passado de Seong-Jae, sua vida, seus pensamentos que ele pensava. Malcolm precisava ser protegido.

Quase matara Malcolm da última vez.

Literalmente.

Ele nem se importava com isso. O que quer que fosse matá-lo, iria matá-lo. Em sua linha de trabalho, ele acordava todas as manhãs com o conhecimento de que talvez não chegasse em casa depois que o dia terminasse.

Era saber que Seong-Jae ainda não confiava nele.

E percebendo que ele não podia confiar em Seong-Jae.

Esse foi o pensamento que sacudiu a merda do ar, que fez sua próxima respiração irregular, sua boca se enrugando em uma careta frustrada e

dolorida que puxou seu rosto de todas essas maneiras erradas, e ele apertou os olhos com mais força, ajeitando uma mão de volta pelo cabelo e tentando, *tentando* apenas deixar sua próxima inspiração lenta e constante, medindo e contando para se acalmar.

Ele queria confiar muito em Seong-Jae.

Ele queria poder aceitar, sem questionar, que, quando Seong-Jae precisasse de espaço, Malcolm pudesse confiar que era tudo o que era e esperar até que a órbita de seu oponente retornasse a ele novamente.

Ele queria que isso fosse algo que ele pudesse ver duradouro pelo resto de suas malditas vidas.

Ele queria *Seong-Jae*.

Mas ele não sabia como isso seria possível, se esse ciclo iria acontecer de novo e de novo e de novo.

Quebrar padrões ruins levou tempo. Ele sabia disso agora. Ele *sabia* isto. E ele amava Seong-Jae o suficiente para esperar.

Para esperar e tente novamente e novamente.

Mas isso não tornou isso menos cru.

Ou menos assustador, quando ele já podia sentir suas bordas se desgastando e sentindo aquela pergunta assustadora no fundo de sua mente.

Que se perguntando como *muitas* vezes que ele seria capaz de tentar.

Antes que ele finalmente quebrou, e se afastou.

Deus pare com isso, pare.

Fazia apenas alguns meses, e ele não deveria estar pegando emprestado problemas que ainda não estavam lá. Esta foi a primeira vez que eles realmente se intrometeram em tudo, menos no espaço do armário, desde que foram liberados do hospital, e só porque ainda estava um pouco rochoso não significava nada.

Não funcionou.

Ele abriu os olhos, olhando sombriamente para a cidade e aquele céu noturno turvo, sempre nublado e lamacento, com as órbitas oculares muito profundas, muito vazias.

Realmente não significa nada?

Ou você está dizendo a si mesmo que para abafar essas perguntas que não suporta fazer?

Ele deveria pelo menos *tentar* dormir um pouco. Durma e espere que, onde quer que Seong-Jae estivesse lá, ele também estivesse dormindo, quando amanhã eles tivessem que tentar mais uma vez perseguir mais becos sem saída no caso, procurando aquele pequeno pedacinho de dados que era a chave para desbloquear toda essa bagunça.

Ele encontraria um momento sozinho amanhã, no escritório.

E eles resolveriam isso.

Eles diriam isso.

Ele.

A respiração caiu como se ele tivesse sido perfurado, quando a trava da porta clicou e virou. Como na noite passada. Ele parou, ouvindo as dobradiças rangerem, passos silenciosos e o som de couro arrastando-se contra a beirada da porta flutuando pela sala, e embora ele tenha dito a si mesmo para não olhar ...

A batida de seu coração o pegou como as correntes de uma corredeira de água branca, impulsionando-o a se mover, virando-o para encarar o ombro com esperança saltando nele, prateada e brilhante mais uma vez, aparentemente ainda não morta.

Seong-Jae congelou como se tivesse sido pego, um ladrão silencioso do coração de Malcolm entrando no quarto.

Parando logo após a porta, ele apenas ...

Olhou para Malcolm, sua expressão pesada, pesada.

Ele parecia um inferno seu cabelo uma bagunça desarrumada, seu queixo alinhado em uma barba bagunçada, suas bochechas afundadas, seus olhos profundamente sombreados e alinhados. Uma pequena sacola de compras da Best Buy, com algo quadrado dentro, pendia de seu pulso.

Malcolm abriu os lábios, mas as palavras preocupadas na ponta da língua pararam quando Seong-Jae também abriu a boca apenas para parar, e juntos eles eram simplesmente ...

Ali.

Silencioso

E Malcolm doía pelo que estava na testa, segundos trêmulos entre eles, imaginando ...

Imaginando se Seong-Jae tinha simplesmente vindo pelo resto de suas coisas e se despedido.

Não, ele implorou silenciosamente, seus pulmões pesados como pedra, rachando a cada tentativa de respirar. *Não diga isso*.

Mas Seong-Jae entrou ainda mais, fechando a porta atrás deles, selando-os como se dissesse *eu vou ficar*.

E ele parecia quase com medo enquanto abaixava as mãos para os lados, os dedos pendendo desamparados e flácidos, enquanto perguntava baixinho: – Podemos conversar? Ele apertou os lábios. — Eu... sua voz fez uma pausa. Ele parou bruscamente, depois tentou: – Sinto muito. Eu sou um idiota e me desculpe, mas há algo que preciso lhe dizer. Eu...

Ainda assim, esse pavor se formou dentro de Malcolm, puxando tantas cordas já desgastadas dentro dele até a ponta trêmula do estalo.

Mas o que ele estava esperando, não era para Seong-Jae fechar os olhos, cerrar os punhos e abrir os olhos novamente ...

... E deixa escapar: – Acho que sei quem pode ser Seth Duvonne.

X: ENTERRADO EM SONHOS QUEBRADOS

Eu tenho minutos até meia-noite.

Ele quase perdeu.

Mas faltavam cinco minutos para meia-noite e ele supunha ...

Isso foi o suficiente.

Sila estava deitado de costas na cama, de cabeça para baixo, com os pés descalços enterrados nos travesseiros e a cabeça apoiada em um braço. O outro braço esticado sobre a cabeça, um isqueiro nos dedos; um belo Zippo prateado que ele roubara de um dos guardas quando destrancaram a porta o tempo suficiente para enfiar uma bandeja dentro para alimentar o animal, quase sem perceber quando sua mão deslizou para dentro do bolso da calça do homem corpulento.

Atum grelhado em uma redução de limão para o jantar, hoje à noite. Ele comeu o que Huang comeu, o chef simplesmente aumentando as porções até que houvesse o suficiente para o selvagem ser mantido em cativeiro a portas fechadas.

Prisão gourmet.

Isso não a tornou menos uma gaiola.

Mas talvez, hoje à noite, ele devesse ter pedido *bolo*.

Ele ligou e desligou o isqueiro; tinha um nome gravado.

Nancy. Que sentimental.

Com as luzes apagadas, a chama do Zippo mergulhou a sala dentro e fora da escuridão, das sombras da luz das estrelas a uma única esfera gritante de luz amarelo-dourada, fazendo silhuetas enormes de seus dedos no teto, o calor chamuscando as pontas dos dedos e os tênues um cheiro faiscante de enxofre subia toda vez que ele batia no volante várias vezes até que seu dedo estava dolorido.

Se ele não tivesse velas, isso faria.

– Feliz aniversário para mim, ele sussurrou, cantando baixinho, cantando na sala vazia que captou sua voz em ecos silenciosos e devolveu a ele em suspiros suaves, como se estivesse cercado por crianças fantasmagóricas cantando uma ode a *ele*. – Feliz aniversário para mim.

Ele lançou sua voz alta, *alto*, até que era quase como ouvir sua mãe, pairando sobre sua cama e esperando com ele naqueles momentos ansiosos em que ele ficava acordado até que uma noite se tornasse o dia seguinte e ele podia dizer que era um ano mais velho.

Fazia tanto tempo desde que ele pensou sobre isso que se esqueceu. Esqueceu-se, ontem à noite, de manter o dia até ele passar e a data mudar e o relógio reiniciar para tornar hoje seu dia, o único dia, um *especial* dia.

Cinco minutos.

Pelo que ele sabia, essa poderia ser a última vez.

Então ele ligou o isqueiro várias vezes, até que dançou como chama de vela.

— Ele cantou.

– Feliz *aniversário*, doce luz das estrelas ...

Doce Luz das estrelas.

Era assim que ela sempre o chamava quando cantava para ele.

Doce Luz das estrelas.

– ... Feliz aniversário para mim.

Ele deixou o isqueiro sair, então.

E não ligou novamente.

Ele deixou o braço cair sobre o estômago, o isqueiro pendendo quieto e frio da ponta dos dedos, e olhou para as sombras do teto com os olhos ainda piscando pelas impressões posteriores da luz queimada contra as pupilas, sozinho na escuridão, no silêncio, sem ninguém para lhe desejar um feliz aniversário, ninguém para lhe desejar mais um ano de alegria, brilho, doçura e admiração. Ninguém para terminar a música, quando ele não tinha mais ninguém.

Somente seus próprios ecos.

O seu próprio suspiro.

Sua própria voz, sussurrando as últimas palavras inúteis.

– ... Mas não muito mais.

Ele jogou o isqueiro no edredom, fechou os olhos e virou-se para enterrar o rosto nos lençóis, bloqueando o mundo, o som do porto abaixo, o som de Huang no telefone na outra sala.

Não há muito mais tempo agora, ele pensou. Não demorou muito mais.

– *Por favor!*

Por favor, deixe isso acabar logo.

FIM

SERIES Q&A WITH THE AUTHOR!

Eu há, Cole aqui. Eu recebo muitas perguntas sobre a série, então vamos responder algumas das mais comuns!



P. Como estamos em três episódios sem resolver esse caso?

Cole. Isso não é como o S1, com uma resolução por episódio. Temos um longo caminho a percorrer para descobrir esse filho da puta, mas a lista de quem poderia ser ficará menor à medida que os episódios avançam.

Honestamente, considerando que nossos possíveis candidatos são todos estranhos, desconectados de quaisquer outros aspectos da trama, a questão de *quem* ele é importante apenas como meio de completar seu perfil e descobrir como pegá-lo. Nós não estamos pessoalmente conectados aos suspeitos; apenas tentando entender o que em suas origens levou a essa bagunça.

Na verdade, é parte do que torna tão interessante escrever O Assassino da Proporção Áurea; obtemos seu ponto de vista, conseguimos ver o interior de sua cabeça, para conhecê-lo em um nível íntimo como alguém com quem estamos conectados de maneiras um tanto trêmulas, ao ver como ele pensa, como se sente, o que o motiva a perturbar mente ... mas ainda existe uma lacuna tão vasta entre conectar essa mente que vemos sob seu exterior insípido com a vida que o protegia na normalidade todo esse tempo.

P. Estou apertando os olhos para Sila.

Cole. Estamos todos apertando os olhos para Sila. *Sila* está apertando os olhos para Sila.

P. Então, isso significa que Sila é ...

Cole. Shhhh. Nem todo mundo está preso ainda.

P. Este episódio me deixou triste. ; _ ; Os relacionamentos de todos estão bagunçados. Você vai acabar com Mal e Seong-Jae?

Cole. Eles estão em uma estrada difícil à frente, pois descobrem que o S1 os deixou com alguns problemas de confiança, com certeza. Onde isso vai levá-los depende deles e como eles lidam com isso. Eles não estão começando bem, mas...

Seong-Jae voltou, desta vez.

Ele voltou e está claramente disposto a conversar.

Então, vamos ver o que eles fazem no episódio quatro, né?

P. Aanga é melhor não estar tentando separá-los. Eu vou matá-lo, porra.

Cole. Seja legal. Aanga tem suas razões.

Q. Não me peça para ser gentil com aquele idiota bajulador.

Cole. ... pelo menos não o mate. Eles precisam que ele pegue o bandido agora.

Q. * resmungo * Beeeemm.

Cole. Obrigado. ^_^

Q. ... picada.

Cole. Ei! Por que estou. *Eu* sou idiota agora?

Você sabe porquê.

Cole. Sim. Sim. Eu sei.

Eu vou compensar vocês em breve. Prometo. <3

PÓS-FÁCIO

Esse é outro episódio onde em vez de falar de política ... vamos conversar sobre relacionamentos.

Nesse caso, falaremos sobre como um dos princípios fundamentais dos relacionamentos monogâmicos é realmente profundamente falho, tóxico e abusivo.

E é a ideia de que precisamos saber o que nossos parceiros estão fazendo e onde eles estão o tempo todo.

Que eles não têm permissão para ter algo privado de nós e, se tentam manter algo em particular, estão escondendo algo, sendo enganosos, trapaceando, algo mais que viola nossa confiança, fé e a santidade do relacionamento.

Quando às vezes, vocês...

Às vezes, um bispo só quer ter algo para si ou tem coisas sobre as quais não quer falar, porque é perturbador ou pessoal, ou simplesmente não quer entrar nisso.

E isso é *normal*.

Olha, vamos ser reais, o que Seong-Jae puxou Malcolm era injusto e imensamente horrível, porque ele *foi* ocultar coisas importantes relevantes para o caso e questões passadas com Sila que impactaram Malcolm; ele também estava voltando a padrões ruins, onde é desonesto ou retém Malcolm porque acha que precisa proteger Malcolm das coisas ruins de sua vida. Essa merda não é boa.

Mas ele não estava errado, pois Malcolm não tem o direito de exigir todo pensamento em sua cabeça.

Parte da confiança em um parceiro é confiar em que eles não o traem de alguma forma quando estão fora de vista.

Não os está a prestar contas de todas as suas ações quando não estão com você. Não está vigiando-os por qualquer sinal de que seus pensamentos particulares ou tempo pessoal sejam gastos fazendo coisas que prejudicam seu relacionamento ou são prejudiciais a você.

É tratá-los como adultos independentes, cujas vidas se cruzam com a sua, mas não são co-dependentes da sua.

Essa confiança precisa ser conquistada e pode levar tempo para construir ...

Mas você nunca o encontrará se estiver sempre olhando por cima do ombro do seu parceiro, esperando para pegá-lo.

Muitas vezes, você encontra exatamente o que procura, quando o exame minucioso faz com que seu parceiro sinta que *tem que* esconder para encontrar até o menor indício de privacidade e independência.

É normal que os parceiros de um relacionamento tenham suas próprias atividades individuais; não precisar estar juntos vinte e quatro sete; para não ter que dar conta de cada segundo de suas vidas juntos.

Qualquer outra coisa está controlando.

Ainda mais, é um sinal de profunda insegurança.

Se você não confia no seu parceiro quando ele está fora de vista, pergunte-se se é por causa deles - ou se é por sua causa.

Se é por causa deles, então você não precisa estar com eles de qualquer maneira. Você também pode terminar o relacionamento, se não puder confiar neles e eles estiverem sendo obscuros. Você não vai consertar isso.

Mas se é por sua causa, se é por causa de seus próprios medos e não por nada que seu parceiro tenha feito?

Desapegue.

Deixe isso ir, ou deixe *eles* ir.

Porque você não encontrará felicidade com alguém, mantendo-o na coleira.

-C